



# VAMPIRATAS

MARÉ DE TERROR

*Continuação de Vampiros: Demônios do oceano*



JUSTIN SOMPER

JUSTIN SOMPER



VAMPIRATAS

MARÉ DE TERROR

Tradução de  
ALVES CALADO



Rio de Janeiro | 2007

Para minha mãe, Thelma Somper, que está sempre em busca de um bom livro. Espero que este esteja à altura!  
Com amor e agradecimento por todo o seu apoio.

## PRÓLOGO

### *O surfista noturno*

Crepúsculo. Uma baía deserta. As ondas se estendem famintas para a areia, que muda de tom, do branco para o mel, dourado e um âmbar feroz à medida que o sol se cansa e mergulha nas águas negras. As ondas famintas engolem depressa a bola de luz.

Agora é um mundo de sombra sobre sombra. Nenhum olhar humano pode discernir as emendas entre terra e água ou entre água e céu. Nenhum olhar humano pode identificar a agitação e as batidas do oceano. Porque essa não é a escuridão desbotada das cidades e metrópoles. É a escuridão real — profunda, intensa e feita de veludo negro.

Onde está a lua? É como se tivesse optado por não sair essa noite, relutante em testemunhar os acontecimentos das próximas horas. Onde estão as estrelas? Também parecem ter decidido manter uma discreta distância. Sem lua. Sem estrelas. Numa noite assim alguém pode ser perdoado por achar que o mundo está no fim. E, para um de vocês, isso pode ser verdade.

Porque as ondas escuras protegem um segredo. Um homem — pelo menos algo que *parece* um homem — surfando numa prancha. Não é um passeio tranquilo. As ondas negras são altas e ferozes, testando o surfista até os limites da força e da resistência. Ele jamais perde o equilíbrio, apesar das ondulações, apesar da falta de luz para guiar o caminho. Seu corpo musculoso se vira e se retorce, grudado à prancha. Ele trava uma batalha pelo respeito com as ondas que adoram zombar. E está se dando bem.

Por fim as ondas parecem se cansar do esporte e recompensam a determinação do surfista levando-o para a parte rasa. Mesmo assim ele se move com grande velocidade, a prancha afiada como faca raspando a fina película de água opalina.

Ele salta da prancha, os pés tocando o fundo arenoso. A água faz uma última tentativa brincalhona de segurar a prancha, mas o surfista enfia as mãos na espuma e a arranca das garras das ondas. Com a prancha embaixo do braço, caminha pela areia seca.

Não pára nem por um instante, apesar do peso da prancha. Nem o ar noturno o faz sentir frio. E, estranhamente, mesmo tendo saído das profundezas da água, sua pele e o cabelo já estão secos. As roupas também estão secas como ossos. Não usa neoprene, apenas roupas comuns — calça e camisa, as mangas arrancadas nos ombros para permitir o máximo de movimento aos braços. Os pés estão descalços.

Chega à base de um penhasco e encosta a prancha na pedra, deixando-a para trás enquanto começa a subir. Parece haver um caminho, mas, à medida que a rocha fica mais alta, ele precisa estender as mãos para se alçar, usando os pés com igual destreza. Agora, seu aspecto é menos de um homem que de animal selvagem. Na verdade, é um pouco dos dois. E um pouco além disso.

Chega ao topo do penhasco e pára um instante, olhando para trás com satisfação, vendo a rocha íngreme que acabou de subir, olhando para além da areia, para o mar

violento através do qual chegou. Nenhum olhar humano pode perceber os limites entre terra e água. Mas seus olhos absorvem tudo. Seus olhos estão à vontade na escuridão.

Ele não perde mais tempo se parabenizando, e se vira para a frente. Há uma cerca alta mas, depois de todos os obstáculos por que passou, este é fácil. Os pés pousam na grama macia. Ele olha adiante, bem adiante, para a casa à distância — janelas iluminadas, mesmo a essa hora tardia. Ela está quase pegando fogo, de tanta luz. Isso provoca um estalo de dor como um relâmpago nos olhos, mas ele supera a dor e continua andando.

Seus passos longos percorrem com facilidade o terreno, de tão grandes que são. Passa por um campo onde há cavalos correndo. Por um momento pára e olha para eles. Não parecem vê-lo, mas sentem, imobilizando-se por um momento. Estão com medo do estranho, e é bom mesmo que estejam. Mas essa noite não precisam temer. Ele vai em frente.

Há uma enorme piscina e, sempre espalhafatoso, ele não resiste em dar um mergulho e nadar com braçadas poderosas de uma borda à outra. Sai de novo, e outra vez suas roupas estão totalmente secas.

Mais adiante há um emaranhado de árvores, um pomar. Enquanto o atravessa, roçando nos galhos, frutas maduras caem no chão. Descuidadamente ele esmaga pêssegos e romãs com as ásperas solas dos pés.

Do outro lado do pomar há outro trecho gramado, este mais macio ainda do que o último. Ele raspa as frutas das solas dos pés à medida que prossegue. Agora está quase na casa. Tudo que há entre ela e ele é um roseiral — uma profusão de galhos entrelaçados, espinhos afiados e flores densas aveludadas. E no centro das flores há uma mulher. Ele sabia que ela estaria ali. Agora fica imóvel para observar a curiosa visão.

É uma mulher de meia-idade, corpo arredondado por uma vida fácil demais. Vestida com um quimono de seda cor-de-rosa, tem um cesto pendurado num braço e, firme nos dedos gorduchos, uma tesoura de poda. Na cabeça usa uma faixa com uma pequena lanterna na frente. Parece absolutamente ridícula, mas está sorrindo, feliz consigo mesma, enquanto segura as rosas e corta as hastes, antes de cheirar as flores e colocá-las carinhosamente no cesto.

Por um tempo ela não percebe nada. Então o pé dele, meio intencionalmente, esmaga um graveto caído.

— O que foi isso? Quem está aí?

Ela gira, com a luz da testa dardejando como um vagalume.

Mesmo assim não o vê. Depois da pequena pausa, ela retorna à sua doce labuta, cantarolando sozinha. Parece um besourão demente. Ele decide se divertir e quebra outro graveto com o pé. Dá certo. Ela dá um pulo alto — bem, o mais alto que seu corpo gorducho permite.

Ele sai das sombras, entrando diretamente sob a luz.

Agora ela o vê. Ergue os olhos para captar todo o seu tamanho. Mesmo assim, verdade seja dita, ela não fica tão apavorada quanto ele poderia esperar. Em vez disso, fica eriçada de raiva.

— Quem é você? — pergunta. — O que está fazendo aqui?

Ele a encara.

— Quem é você? — repete ela.

— Quem é você? — pergunta ele.

— Sou Loretta Busby, claro. E este é o meu roseiral. E você não tem nada que

fazer aqui.

Ele dá um passo na direção da mulher e sorri, estendendo a mão para o cesto e pegando uma rosa. Levanta-a até o nariz. O cheiro é doentio — exageradamente doce. Ele esmaga a flor e a joga longe.

— Como ousa, seu grosseiro! — grita ela. — Sabe quem eu sou? Sabe quem é meu marido?

— Busby — diz ele. Será que ela o acha um idiota? Ele não é idiota.

— Isso mesmo. Lachlan Busby — diretor do Banco Cooperativo Baía Quarto Crescente, presidente da Câmara de Comércio da Região Nordeste, presbítero da Igreja Progressiva de Baía Quarto Crescente e o homem mais poderoso de toda a área. Ela o encara com um clarão, literalmente, quando sua lanterna o acerta nos olhos. — Você entrou no jardim errado esta noite, seu débil mental.

Então, ele se sente insultado. Insultado e irritado. A luz está se cravando em seus olhos e o cheiro de rosas é doce e xaroposo. Ele baixa os olhos para a mulher, que continua latindo como um cachorrinho irritante. Por fim não suporta mais.

Estende os braços musculosos e a levanta, até que o rosto dela fica no mesmo nível do seu. Chocada, as pernas da mulher se sacodem no ar como se ela ainda achasse possível fugir dele. Encara-o indignada, mas agora, pela primeira vez, vê direito os olhos dele. Ou melhor, os buracos onde os olhos deveriam estar. Porque são apenas poços de fogo — poços fundos de chamas que cospem. Não há mais palavras, porque sua voz sumiu. Suas pernas interrompem o movimento inútil. A lanterna escorrega para baixo e a última coisa que ela vê são os dentes. Dois dentes dourados, como adagas, vindo em sua direção.

O sangue dela é bom — ainda que um pouco refinado demais para seu gosto. Ele bebe profunda e rapidamente, com pressa. Depois a deita no centro do roseiral. Um sopro de vento súbito arranca algumas pétalas mais fracas das flores, que redemoinham como confetes, antes de descer para cobrir o cadáver.

O assunto dele aqui está terminado. Afasta-se de volta pelo gramado impecável, retorna pela piscina e pelo pasto dos cavalos, de volta à borda da rocha escura. Como se para recebê-lo, a lua finalmente empurra de lado as nuvens escuras. A luz prateada chove sobre seu corpo enorme. Ele sorri, sentindo-se renascido enquanto o sangue novo pulsa em seu corpo. Então, com um rugido, salta da borda do penhasco dando uma cambalhota no ar suave da noite.

O jorro de adrenalina é enorme. *Isso* é a liberdade, pensa ele. É um mistério pensar em como suportou tanto tempo a bordo daquele navio. Como conseguiu suportar aquele capitão — com suas regras e regulamentos... Para *mim*, chega, pensa ele quando os pés batem de novo na areia. Chega de regras para Sidório. De agora em diante, faço meu caminho no mundo. Sem limites.

Bem no alto, no centro de seu amado roseiral, a lanterna de Loretta Busby pisca brevemente e se apaga. A bateria está tão morta quanto a mulher.



## CAPÍTULO 1

### *Os três bucaneiros*

Cate Alfanje caminhava pelo convés do *Diablo* examinando sua força de ataque de elite. O ataque começaria em menos de uma hora e os piratas escolhidos já ocupavam todos os espaços no convés, preparando-se mental e fisicamente para o desafio. Cate andava lentamente pelo centro do convés, monitorando todos enquanto treinavam, fazendo anotações mentais para repassar aos indivíduos e equipes. Ainda era estranho, mas empolgante, pensar em si mesma como subcapitã. Muita coisa havia mudado a bordo do *Diablo* nos últimos meses. Cheng Li havia deixado o navio — imagine só, para dar aulas! —, deixando com isso vago o cargo de subcapitã, que Cate aceitou sem precisar de muito convencimento. O velho humor do capitão Molucco Wrathe havia retornado agora que Cheng Li havia partido. Ela sempre havia sido uma espécie de pedra em seu sapato. Ele parecia muito mais feliz tendo Cate como imediata. Os dois nem sempre concordavam quanto à estratégia, mas mantinham um amigável respeito e, em questões de planejamento de ataque, geralmente ele a deixava dar a palavra final. Mas, dentre todas as mudanças acontecidas nos últimos meses, para Cate a mais importante fora a chegada dos gêmeos Tormenta a bordo.

O surgimento dos dois havia acontecido nas circunstâncias mais trágicas. Connor apareceu primeiro, cerca de uma semana antes da irmã gêmea, Grace. Nos dias seguintes à morte do pai dos dois, eles haviam fugido de sua cidade — Baía Quarto Crescente — no antigo veleiro de madeira da família. Mas, como um infortúnio nunca vem sozinho, o barco foi apanhado na mais feroz das tempestades. Os gêmeos quase haviam se afogado, porém o destino os levou à segurança, mas os manteve separados por um tempo. Cate sabia como essa separação havia sido um tempo de testes para Connor mas, a bem da verdade, ele havia se lançado à vida a bordo do *Diablo* com cada fibra de seu ser. Ela podia vê-lo agora, no fim do convés, treinando luta de espada com seus dois melhores amigos — Bartholomew “Bart” Pearce e Jez Stukeley. Apressou o passo na direção deles. Bart e Jez eram membros da tripulação havia vários anos e eram dois dos

piratas mais populares a bordo. Ambos tinham 20 e poucos anos, mas haviam assinado o contrato ainda adolescentes. Mesmo quando era adolescente, Bart fora um dos homens mais fortes a bordo. Sob orientação dela, adquiriu habilidade com a espada para complementar os músculos. Jez era menor e mais magro, mas, para dizer a verdade, era um espadachim mais completo. Enquanto Bart usava o montante, uma espada grande e de folha larga, e frequentemente liderava a força de ataque, Jez — como Cate — era um lutador de precisão que, com suas habilidades no uso do sabre, podia determinar o sucesso do dia.

E ali estava Connor Tormenta — ainda com apenas 14 anos. Pouco mais de três meses a bordo e não tinha treinamento anterior como pirata. Cate o havia apresentado ao sabre e ficou deliciada com sua habilidade natural e a vontade de treinar. Agora, enquanto Cate observava os três jovens piratas executando as manobras, havia pouca coisa que os separasse em termos de talento. Cate estava gostando especialmente porque Jez havia posto Connor sob suas asas. Esperava que todo o seu gênio com o sabre passasse para o jovem aprendiz.

— E como vão os Três Bucaneiros neste belo dia? — perguntou ela com um sorriso. Havia bolado o apelido, que acabou pegando. Os três piratas eram inseparáveis. Cada um cuidava dos colegas, nos ataques e fora deles.

Os três ergueram os olhos sorrindo enquanto saudavam a subcapitã.

— Vámos bem, obrigado, senhora — disse Bart rindo. Ele e Cate andavam flertando, coisa de que ela gostava secretamente, mas não encorajava quando estava à ponto de um ataque.

— À vontade, rapazes — disse, chegando perto. Mesmo lhes dando permissão para relaxar, a ordem também servia para demonstrar a autoridade sobre eles.

Bart captou a deixa.

— Então — pediu —, conte mais sobre esse navio que estamos perseguindo.

— É um porta-contêineres. Estamos atrás dele desde o início da manhã. O capitão Wrathe recebeu uma dica ontem de manhã, de uma das nossas fontes mais confiáveis. Parece que está cheio de carga e com poucas defesas. Melhor ainda, está na nossa rota marítima.

— Deve ser uma vitória fácil, então — disse Jez Stukeley.

— Nunca conte com isso — respondeu Cate. — As chances estão a nosso favor, mas não devemos ser presunçosos.

— Não, senhor! — exclamou Jez.

— Não *senhor*? — ecoou Bart. Ele e Connor riram do escorregão do colega.

Jez deu de ombros, ficando vermelho.

— Desculpe, *senhora*. Não sei o que...

— Tudo *bem* — disse Cate, achando engraçado, mas fazendo questão de não demonstrar. Virou os olhos na direção de Connor. — E como o jovem sr. Tormenta está se sentindo hoje?

Connor encarou-a.

— A postos e pronto para o ataque!

— Excelente! E como está Grace?

Connor deu de ombros.

— Bem, acho. Não a vejo desde o café-da-manhã. Acho que estava trabalhando na manutenção de espadas.

— Ela também está fazendo bom progresso como espadachim — disse Cate. E notou que Connor se retesou imediatamente, como sempre fazia quando o assunto envolvendo Grace e espadas era abordado. Sem dúvida não devia estar preocupado com a hipótese de ela rivalizar com ele, não é? Por melhor que Grace fosse, e ela demonstrava um talento natural para o ataque, simplesmente não se dedicava tanto ao treinamento quanto Connor. Era uma pena, pensou Cate. Por que os garotos deveriam ficar com toda a glória? Ela precisaria trocar mais uma palavrinha com Grace e convencê-la a levar as coisas um pouco mais a sério. Talvez um pouco de treino direto com outra mulher pirata... quem sabe Johnna?... fosse o melhor caminho.

— Você não vai chamá-la para atacar, por enquanto, vai? — perguntou Connor.

— Não — respondeu Cate, balançando a cabeça. — Não, ela não está pronta. — Viu os ombros de Connor relaxarem imediatamente. Agora achou que entendia. Ele era simplesmente um irmão, e estava sendo superprotetor. Connor não gostava de pensar que Grace iria correr perigo. Mas não havia passagem grátis num navio pirata e, além disso, Grace mostrara-se capaz de enfrentar perigos significativos. Afinal de contas, fora “resgatada” por um navio de vampiros, ou melhor, de *Vampiratas*... e sobrevivera para contar a história. Apesar da insistência dos colegas de tripulação, Grace havia contado muito pouco sobre o que passou a bordo daquele navio. Havia confidenciado apenas a Connor e, mesmo que ele tivesse guardado com firmeza os segredos da irmã, tinha sugerido que ela enfrentara algumas situações terríveis a bordo. Era compreensível que quisesse protegê-la de mais traumas.

— Você não deve se preocupar com ela — disse Cate a Connor. — Grace é forte como o couro da bainha da minha espada.

Connor sorriu, mas apenas de leve.

— Ela é minha irmã, Cate. É tudo que tenho no mundo.

— Na-na-não, meu chapa — disse Bart pondo a mão no ombro de Connor. — E nós?

— É — acrescentou Jez, dando uma cutucada nas costelas de Connor. — E os Três Bucaneiros?

— Um por todos e todos por um! — acrescentou Bart.

— Muito original — disse Cate, suspirando.

Mas as palhaçadas haviam dado certo. Connor estava sorrindo de novo.

— Certo, rapazes — disse Cate. — Vou fazer os últimos preparativos para o ataque.

— Sim, *senhor!* — disse Bart prestando continência.

Cate tentou franzir a testa, mas não conseguiu conter o riso que vinha chegando.

— Chega de brincadeiras, sr. Pearce. Mais uma gracinha e vai ser posto para limpar as privadas esta noite enquanto o resto de nós vai à taverna de madame Chaleira. — Ela se virou e foi andando, antes que outra onda de gargalhadas rompesse sua postura séria.

— Aaah, eu adoro quando ela fica toda metida a besta — disse Bart aos colegas.

Connor revirou os olhos para Jez.

— Anda, Connor — disse Jez —, vamos deixar o sr. Pearce aqui com suas fantasias amorosas enquanto fazemos algumas manobras sérias com o sabre.

— Falou e disse — concordou Connor.

Depois de passar a manhã limpando espadas, Grace Tormenta também precisava de uma boa lavada. Esfregou as mãos e os braços mas, mesmo que desse para se livrar da maior parte da sujeira, não conseguiu extinguir o cheiro de óleo e metal. Ah, bem, teria de deixar que o cheiro sumisse, concluiu. Despedindo-se dos colegas, voltou à sua cabine para um merecido descanso. Enquanto andava pelo corredor, pôde ouvir os piratas no convés de cima se preparando para o ataque. Connor estaria entre eles. Sentiu uma instintiva onda de nervosismo. Depois de três meses, ainda era estranho pensar no irmão gêmeo como um prodígio da pirataria.

Algumas vezes ficava pensando em como as coisas haviam acontecido. Depois da morte do pai, não havia restado nada para os dois em Baía Quarto Crescente — nada além de uma vida de trabalho enfadonho no orfanato ou ser adotada pelo maluco gerente do banco, Lachlan Busby, e sua mulher demente, Loretta. E assim eles haviam partido para o oceano em seu velho barco, o *Dama da Louisiana*, sem saber para onde iam, mas certos de que qualquer lugar seria melhor do que o que estavam deixando para trás.

Mas nenhum dos dois poderia ter imaginado o que havia adiante, pensou Grace abrindo a porta da cabine. Seu irmão fora resgatado por este navio pirata. E, quanto a ela, bem, ela fora levada aos Vampiratas — criaturas das quais somente ouvira falar na estranha cantiga que seu pai cantava para os gêmeos.

— *Vou contar a história dos Vampiratas,  
História antiga e verdadeira.  
Sim, vou contar sobre um velho navio  
Com tripulação maligna e fatídica.  
Sim, vou contar sobre um velho navio,  
Que veleja no oceano azul...  
Que assombra o oceano azul.*

Por mais que tivessem escutado a cantiga, nunca haviam pensado que o navio pudesse existir de verdade. Mas existia! E ela fora parar a bordo, ficando cara a cara — ou melhor, cara a máscara — com seu enigmático capitão.

*Dizem que o capitão usa um véu  
Para nosso temor aplacar  
De sua palidez mortal  
E de seus olhos sem vida,  
E dos dentes afiados como a noite sombria.  
Ah, dizem que o capitão usa um véu  
E seus olhos nunca vêem a luz do dia.*

O capitão não usava um véu, e sim uma máscara. Esse era apenas um dos pontos em que a realidade do navio Vampirata contrastava com as palavras da cantiga. O navio era tão misterioso quanto Grace poderia imaginar. Mas certamente não era o local de terror absoluto que todo mundo esperava. Pelo menos não havia sido para ela.

“Não era um lugar terrível?”, perguntava um ou outro pirata todos os dias. “Qual

foi a *pior* coisa por que você passou?”, era outra pergunta recorrente. E: “Como eram aqueles *demônios*?”

Diante dessas perguntas, Grace decidiu que a melhor estratégia era dizer: “Prefiro não falar nisso, se você não se importa”. Em geral, a saída estratégica funcionava. Pobre Grace, pensavam eles. Claro, ela não queria atrair as lembranças daquele lugar medonho.

Isso era muito mais fácil do que tentar convencê-los de que na verdade ela fora bem tratada a bordo do navio. O capitão mascarado parecia uma criatura bondosa, interessado no melhor para Grace. E ainda que os Vampiratas — claro — bebessem sangue, faziam isso de modo comedido num Festim semanal. E o sangue era fornecido por doadores, que eram bem tratados em troca da doação. Ela havia contado a Connor, mas até ele tinha dificuldade para entender como ela poderia aceitar tudo isso. A simples idéia de tomar sangue — ou de “compartilhar”, como diziam os Vampiratas — o enchia de horror. Grace sorriu. Por mais que Connor pudesse parecer durão para seus amigos piratas, só pensar em beber sangue o deixava enjoado. Era uma coisa boa que *ela* tivesse ido parar no navio Vampirata, refletiu Grace, e ele na embarcação pirata, e não o contrário!

Por mais estranho que parecesse, Grace havia feito bons amigos no navio Vampirata. Bom, até as roupas que estava usando haviam sido dadas por Darcy Flotsam — que durante o dia era a figura de proa do navio e, em suas próprias palavras, a “figura de diversão à noite”.

Sentada na cama estreita, Grace puxou a cortina fina sobre a escotilha. Lá fora o oceano era de um azul ofuscante. Fazia com que ela pensasse — como acontecia frequentemente — em Lorcan Furey. Ele era o “jovem” Vampirata que a havia salvado do afogamento. Lorcan a escondera a bordo do navio e, quando os piratas a encontraram, protegeu-a uma última vez. Grace deixou o navio muito mais rápido do que gostaria. Nem teve a chance de se despedir direito de Lorcan. Tinha-o perdido de vista depois da chegada de Connor. A chegada do irmão fora uma tremenda surpresa!

Claro, Lorcan devia ter entrado no navio enquanto a luz do dia chegava. Mas, quando Grace foi à sua cabine se despedir, ele não estava lá. Ela fizera Connor esperar enquanto revistava o resto do navio à sua procura, mas não o encontrou. Nem mesmo o capitão Vampirata conseguiu dizer onde Lorcan estaria. Por fim não pôde mais fazer Connor esperar. Despediu-se do capitão Vampirata e retornou pela última vez à sua cabine. Pegou uma pequena caixa com seus pertences — inclusive os cadernos e algumas das roupas dadas por Darcy — e voltou ao convés para ir embora.

Quando abriu a caixa, em sua cabine no *Diablo*, descobriu um pequeno baú de madeira que não se lembrava de ter posto ali. Dentro havia um pequeno embrulho de pano. Quando o desenrolou, um pequeno cartão caiu. Escritas com uma letra familiar, comprida e fina — ainda mais torta do que o normal —, estavam as palavras:

*Querida Grace,  
algo para e se lembrar de mim.  
Viaje em segurança!  
Seu amigo de verdade,  
Lorcan Furey.*

O coração de Grace batia acelerado quando ela pegou o cartão. A simples visão da

assinatura rabiscada de Lorcan bastou para comovê-la. Mas, dobrado dentro do pano, havia um choque ainda maior. Ali estava o anel Claddagh de Lorcan. Ela se lembrou da primeira vez em que o tinha visto, enquanto ele afastava alguns fios de cabelo de sua testa molhada, depois de salvá-la do afogamento.

Olhou o anel — a estranha imagem das mãos segurando um crânio, uma pequena coroa na cabeça do crânio. Pegou-o. Era um presente grande demais, pensou. Era quase uma parte de Lorcan. Mas talvez fosse esse o objetivo, pensou com um arrepio. Ele *queria* que ela ficasse com uma parte sua. Teria de devolvê-lo um dia, concluiu. Enquanto isso seria seu talismã — uma lembrança do tempo que havia passado no navio Vampirata e o presságio de que um dia, no futuro, *iria* retornar.

Por enquanto abriu o cordão que Connor lhe dera e passou por dentro do anel, de modo a deixá-lo junto ao medalhão de Connor. Eram seus dois pertences mais preciosos.

Agora levantou os dedos para tocar o anel. Algumas vezes, quando o tocava, fechava os olhos e tinha uma visão claríssima do navio Vampirata, era como se pudesse vê-lo realmente. Se ao menos fosse verdade!

Como estariam todos: o capitão, Darcy e Lorcan?, pensou. Onde estariam agora? De novo desejou ter tido mais tempo para se despedir. Fora impossível argumentar com Connor quando ele dissera que Grace precisava viver com ele no *Diablo*. Jamais poderia convencê-lo de que os dois deveriam ficar no navio Vampirata. Seria *loucura*, não? Optar por viver em meio a uma tripulação de vampiros? Lembrou-se de uma coisa que seu pai lhe havia dito. “*Algumas vezes a loucura é sabedoria, Grace.*” Grace tinha a sensação de que seu pai teria entendido.

Deixou a mão se afastar do anel de Lorcan. Teria escolhido ficar com eles se tivesse uma chance verdadeira. Só um tripulante a havia ameaçado. Como sempre, estremeceu quando a imagem do tenente Sidório lhe veio ao pensamento — os olhos parecendo poços de fogo, os incisivos dourados afiados como adagas.

Sidório — que havia matado seu doador e mantido Grace como refém em sua cabine até que o capitão a havia resgatado.

Sidório — que lhe dissera ter sido morto pelo próprio Júlio César antes de fazer a travessia.

Sidório — que fora banido do navio e mandado para o exílio.

Ele havia sido o único realmente perigoso a bordo daquele navio, pensou Grace olhando para o oceano translúcido. Mas Sidório havia partido. O perigo passara. Sem dúvida seria seguro retornar agora, se ela pudesse descobrir um modo.



## CAPÍTULO 2

### *Vitória fácil*

— Disparem o canhão! — gritou Cate. O ataque estava começando.

Agora o *Diablo* estava ao lado do navio-alvo. O tiro de canhão anunciou o início do ataque, e o som de metal rangendo sinalizou que as grades que os piratas chamavam de “Três Desejos” haviam descido do alto para formar pontes levando ao porta-contêineres. Connor ainda não havia curado o medo de altura, e seu coração deu uma cambalhota familiar ao ouvi-las baixando, prevendo a corrida iminente por cima das Desejos, bem no alto sobre a água. Por sorte, tudo aconteceu depressa, e hoje houve mais compensação com a calma relativa do oceano.

— Quatros: vão!

No instante em que as Desejos estavam quase na horizontal, as equipes de quatro homens correram pisando forte por elas. Eram as equipes de músculos — na maioria homens adultos, inclusive Bart — que começavam o ataque girando seus montantes e provocando o medo e o caos aparente no outro convés.

— Primeiros oito: entrando!

O grito de Cate sinalizou o movimento de três equipes de oito homens com floretes e sabres pelas grades de metal. Ainda que os montantes parecessem mais temíveis, eram os primeiros grupos de oito que representavam maior ameaça. Como Cate havia dito um dia a Connor, usar o florete era como “lutar com uma agulha”. Se aquela agulha furasse um alvo humano no lugar certo, perfuraria um órgão vital e provocaria uma morte lenta e dolorosa de dentro para fora. Jez era o último dos primeiros oito, à frente de Connor.

— Vejo você do outro lado! — gritou para Connor enquanto pulava na Desejo.

A formação 4-8-8 em que os piratas do *Diablo* lançaram o ataque contra o porta-contêineres era uma das manobras prediletas de Cate, e das mais bem-sucedidas. Era seu modo preferido de atacar uma embarcação de tamanho médio como o alvo atual, e envolvia sessenta piratas divididos em três equipes que se subdividiam em 4-8-8. Cada pirata da segunda equipe era emparelhado com um do primeiro — o segundo agindo

como apoio ao lutador mais experiente e hábil. Hoje Connor seria o apoio de Jez. Os dois vinham trabalhando em par durante cada ataque nas últimas oito semanas, e Connor estava aprendendo um bocado com seu bom amigo e mentor.

— Segundos oito!

O chefe da equipe de Connor deu o grito, e agora as equipes dos segundos oito correram pelas Desejos, juntando-se à batalha. Connor foi o último de sua equipe. De novo pensou em seu primeiro ataque, quando Cheng Li o havia cutucado para avançar. Agora Cheng Li estava longe e havia apenas sua própria vontade para empurrá-lo. Respirando fundo, saltou na Desejo e correu para a refrega. Agora tudo era instinto, noção de tempo e precisão. Agora Connor Tormenta habitava não somente as roupas de pirata, mas também a pele e a alma. Enquanto soltava um grito e tirava o sabre da bainha, sentiu o sangue bombear pelas veias. Sentia-se realmente vivo.

Enquanto corria em meio à confusão a bordo do porta-contêineres, viu que Jez estava fazendo círculos ao redor de dois tripulantes. Eles se vestiam de preto da cabeça aos pés e brandiam espadas curvas com bordas externas afiadas, que Connor reconheceu como cimitarras. Para estarem brandindo aquelas armas, ele percebeu que a carga do porta-contêineres devia ser realmente preciosa. Os riscos da batalha de hoje seriam altos.

— Bem-vindo a bordo! — disse Jez, recebendo Connor com um sorriso tranquilo. — Venha conhecer meus novos amigos!

Ao ver Connor avançando com o sabre na mão, os dois tripulantes se renderam imediatamente, largando as cimitarras no convés.

— Excelente decisão, amigos — disse Jez, rindo de orelha a orelha. — Connor, fique de guarda aqui. Volto num instante.

— Sem problema — respondeu Connor, a postos, com o sabre cobrindo os dois homens. Esse não era o fim da batalha. Ele já fora apanhado antes e sabia que qualquer distração no meio do combate provocaria um resultado muito diferente no fim da luta.

Mas se permitiu um rápido olhar pelo convés. O ataque parecia a favor dos piratas. Ainda que a tripulação de defesa estivesse bem armada, parecia ter pouca habilidade nas técnicas de luta, e os piratas do *Diablo* os mantinham na defensiva, com a manobra de Jez sendo repetida por todo o convés. Os tripulantes do porta-contêineres foram levados ao centro do convés, com as cimitarras caindo como agulhas de pinheiro sobre as tábuas. Connor sentiu um jorro de orgulho. O *Diablo*, sob as instruções de sua nova subcapitã, Cate, era de fato uma máquina de luta de elite.

Connor olhou nos olhos dos cativos.

“Sempre olhe nos olhos de seu oponente”, dissera Bart um dia. “A espada pode mentir, mas os olhos, não.” Em ataques anteriores, ele havia se acostumado a ler o medo nos olhos dos prisioneiros. Essa era a parte da operação que ele achava mais difícil. Bart e Jez haviam dito que, com o tempo, isso mudaria.

“Não há nada de errado”, dissera Jez. “É bom lembrar que seu prisioneiro não passa de outro cara, como você e eu, outro cara com amigos, família e sonhos de glória. Só começa a virar problema se você baixar a guarda por um instante e permitir que ele volte para a luta.” Connor já era um pirata com experiência suficiente para saber que isso não aconteceria aqui.

Tendo o cuidado de não deixar seus prisioneiros fora da vista, olhou rapidamente de novo o convés ao redor. A batalha parecia estar terminando. Podia ver Cate e o capitão Wrathe circulando o núcleo de prisioneiros, todos agrupados ao redor do

mastro no centro do navio. Mais adiante viu Bart e sua equipe com os montantes, guardando a periferia. Tudo estava sob controle. Agora restava apenas uma manobra importante: a rendição do capitão derrotado. Mas onde estava o capitão? Quem era ele — ou ela? Todos os prisioneiros se vestiam de modo idêntico, sem marca ou distinção de posto. Bom, o próprio Connor podia estar mantendo o capitão como cativo.

Connor olhou o rosto dos prisioneiros enquanto ouvia Molucco Wrathe gritar:

— Capitão, mostre-se. Seu navio foi abordado e eu, Molucco Wrathe, do *Diablo*, reivindico sua carga.

Não houve resposta. As palavras do capitão Wrathe pairaram no ar como o resíduo de disparos de canhão.

Jez se juntou de novo a Connor. Connor se virou para ele, esperando ver o colega sorrir, mas o rosto de Jez estava sério.

— Não gosto disso — sussurrou ele. — Não gosto nem um pouco. Foi fácil demais.

— Fácil é bom, não é? — perguntou Connor.

Jez balançou a cabeça.

— Existe o fácil e existe o fácil *demais*. Tem alguma coisa errada.

Connor tremeu ouvindo as palavras.

O capitão Wrathe gritou de novo.

— Venha e mostre-se, capitão. Não faremos mais mal se pudermos concordar rapidamente com os termos. E encher nosso porão com seus tesouros!

Dessa vez houve uma resposta. Chegou com o som de um sino. O sino do navio. Enquanto o estranho som soava três, quatro e depois cinco vezes, os piratas do *Diablo* olharam uns para os outros, imaginando o que estaria acontecendo. Connor só conseguia vislumbrar o rosto de Cate a distância. Dava para ver que ela estava tão perturbada quanto o resto deles.

Agora ele estava *realmente* preocupado. Olhou de novo para o rosto dos prisioneiros. Um deles sorria. Então o sujeito começou a gargalhar. O colega o acompanhou. Connor se virou para Jez, confuso, enquanto a onda de gargalhadas se espalhava de um prisioneiro ao outro, até que um crescendo de risos tomou conta do convés.

De repente Connor percebeu que seus colegas de tripulação não formavam mais a periferia externa do convés. Agora estavam rodeados por um círculo de piratas, vestidos da cabeça aos pés como os prisioneiros, brandindo as mesmas cimitarras mortais. Como os cativos haviam conseguido isso? Agora o convés estava cheio deles. Os piratas do *Diablo* se encontravam em número muitíssimo menor.

— Eles nos enganaram — disse Jez. — Olhe lá!

Connor seguiu o olhar dele até o lugar onde uma fileira de figuras vestidas de preto saía de dois buracos no convés. Alçapões!

— E olhe atrás de você!

Connor girou a cabeça. Mais tripulantes saíam de outros dois alçapões à estibordo do navio. A tripulação de defesa havia atraído os piratas do *Diablo* para uma falsa sensação de vitória deixando apenas uma equipe frágil para a luta inicial. Era um movimento ousado — porque como saberiam que os piratas não partiriam direto para a matança? Mas o arriscado estrategema dera certo e agora um número quatro vezes maior de tripulantes vestidos de preto se espalhava pelo convés, com cimitarras estendidas.

— O que vamos fazer? — perguntou Connor a Jez.

Jez deu de ombros, parecendo derrotado.

— Sabe alguma oração boa, companheiro?

Connor nunca vira Jez tão arrasado. Olhou do rosto pálido de Jez para o dos prisioneiros sorridentes diante dele — ou, pelo menos, dos homens que havia pensado serem prisioneiros. De repente se sentiu muito, muito enjoado.

— Baixem as armas, escória de atacantes!

A voz do capitão finalmente ressoou pelo convés. Mesmo assim Connor segurou com força seu sabre erguido. Nenhum pirata do *Diablo* poderia baixar a arma sem instrução direta do oficial-comandante. Era uma das cláusulas do contrato assinado por Connor quando entrou sob o comando do capitão Molucco Wrathe.

Mas agora, para sua surpresa, Connor ouviu Cate gritar:

— Larguem as armas, companheiros.

Ele mal podia acreditar nos próprios ouvidos. Nos três meses em que estava no navio, houvera algumas dificuldades, mas nada comparado a isso. Ao redor, armas bateram no chão. Virou-se com ar interrogativo para Jez, que assentiu, triste. Juntos os dois largaram os sabres. Ao fazerem isso, num movimento obviamente bem ensaiado, os ex-prisioneiros levantaram suas cimitarras. Agora os tripulantes do *Diablo* estavam mantidos sob espadas pelos dois lados. Não tinham chance de escapar. Mas onde estava o capitão inimigo?

— Que o envergonhado capitão se anuncie! — Era a mesma voz que havia ordenado que largassem as armas. Uma voz que falava sem piedade de violência. Connor e os outros olharam o convés ao redor. Mas não estava claro quem falava. — Que o envergonhado capitão se anuncie! — repetiu a voz.

— Já deixei clara minha presença — gritou Molucco Wrathe em resposta. — O que é mais do que pode ser dito com relação ao *senhor*.

Connor olhou para o capitão Wrathe. Mesmo agora, diante do desastre, Molucco não havia perdido nada de sua grandeza. Ele era — e sempre seria — um personagem imortal.

De repente houve um ruído no alto. Connor olhou para o cesto de gávea. Havia um homem ali — com as mesmas roupas de sua tripulação, pretas da cabeça aos pés. Os outros piratas também começaram a olhar para cima.

Então, para espanto de Connor, o capitão pulou do cesto. Mergulhou no convés, passou voando pelas velas e cordames arrastando um cabo atrás. Enquanto ele se aproximava do convés — e da morte certa —, a corda o prendeu, como um equipamento de *bungee-jump*. Ele balançou por um momento e depois ficou pendurado de cabeça para baixo — perfeitamente imóvel — como um morengo adormecido. Por fim desembainhou sua cimitarra e cortou a corda. Enquanto se soltava, executou uma cambalhota perfeita no ar, caindo no convés a poucos metros de Molucco Wrathe.

O misterioso capitão caminhou até Molucco. Sua cimitarra luzia ao sol como um diamante lapidado. Ele a passou a poucos milímetros do pescoço do capitão Wrathe. Ainda assim Molucco não se mexeu.

O capitão ergueu a outra mão e tirou a cobertura preta de cima do rosto. O pano negro se desenrolou como fitas que voaram para longe na brisa.

Só então o capitão Wrathe empalideceu e pareceu diminuir de tamanho. E pareceu não ter palavras, tentando engolir o ar. Até que, finalmente, conseguiu abrir a boca e

falar.

— *Você?* Mas não pode ser... pode?

Connor se virou para Jez, imaginando se ele saberia o que estava acontecendo. Mas, pela primeira vez na vida, Jez Stukeley estava absolutamente em silêncio.



### CAPÍTULO 3

#### *O diabo e o albatroz*

Os capitães estavam parados cara a cara. Bem, o mais próximo possível, dado que o capitão do porta-contêineres era uma cabeça mais alto do que Molucco Wrathe. Seu rosto era bronzado, anguloso e liso como pedra-sabão, a não ser por uma funda cicatriz que dissecava a bochecha como um rio púrpura.

— Narcisos Drakoulis — exclamou o capitão Wrathe, cheio de espanto. — Achei que nunca mais iria vê-lo.

— Tenho certeza de que sim, Wrathe. — O capitão Drakoulis sorriu sem nenhum traço de cordialidade. — Muitos invernos vieram e se foram desde Ítaca.

Connor olhou de um capitão para o outro, imaginando que história tenebrosa haveria entre eles.

— Sua tripulação se amotinou. Tomou seu navio. Você foi abandonado no mar. Como conseguiu? Tudo isso... — A voz do capitão Wrathe ficou no ar enquanto ele observava o convés, abarcando as hordas de guerreiros de Drakoulis com as cimitarras luzindo como fogo ao sol.

Drakoulis sorriu de novo entre os lábios apertados.

— Sempre tenha um plano B, Wrathe. É a primeira regra para qualquer capitão, não é? — Ele ergueu a cimitarra, instigando a tripulação a repetir o gesto, de modo que as armas rodeavam os piratas do *Diablo* como uma cerca mortal.

— Mantenham as armas imóveis — ordenou Drakoulis — por enquanto.

Connor estremeceu, esperando para ver a reação de Jez, mas não conseguia afastar os olhos do capitão Drakoulis. Havia um perigo grande demais nos olhos frios e na voz chapada do capitão. Connor percebeu que o ataque daquele dia estivera condenado ao fracasso. Xingou-se por ser tão impetuoso. Agora talvez nunca mais visse Grace. Depois do que custara encontrá-la, tudo poderia terminar neste convés — nas mãos de um dos homens de Drakoulis.

— Houve um equívoco, Drakoulis — disse Molucco Wrathe. — Você sabe que eu

jamais ordenaria um ataque contra o navio de outro capitão pirata.

Drakoulis balançou a cabeça.

— Não sei nada disso.

Molucco foi em frente, sem se perturbar com o tom gelado do inimigo.

— Achávamos que este era um porta-contêineres. Fomos mal informados...

— Sim — disse Drakoulis, sorrindo de novo. — Você foi mal informado. — Ele parou, como se avaliasse cuidadosamente as palavras. — É curioso como essas... confusões ocorrem.

Connor olhou para Jez e o descobriu franzindo a testa.

— Nós fomos enganados — sussurrou Jez. — Era uma armadilha.

— Está na hora de pagar por seus erros — continuou Drakoulis. — Há um Código Pirata, Wrathe, que você parece ter convenientemente esquecido. Ou então acha que está acima dele. Você tem alguma idéia fantasiosa, talvez, sobre o nome Wrathe. Você e seus irmãos. Vocês vivem entrando nas rotas marítimas de outros capitães, sitiando aqui, saqueando ali. Ah, tudo isso é esporte para você e seus... companheiros de jogo, não é?

Connor já ouvira outros piratas reclamarem do capitão Wrathe. Pensou na primeira visita que fizera à taverna de Madame Chaleira, quando uma dúzia de outros capitães havia soltado a raiva contra o capitão Wrathe. Aquilo fora apavorante, mas essa era uma situação muitíssimo mais perigosa. Os outros piratas só queriam botar a raiva para fora. O capitão Drakoulis havia planejado e executado uma missão a sangue frio para pôr o capitão Wrathe e sua tripulação numa cilada. Connor sentiu que Drakoulis estava buscando vingança por algum agravo antigo. O que Molucco teria feito com ele? Connor espiou com novos olhos o capitão a quem havia jurado aliança.

— O que você quer, Drakoulis? — A pergunta do capitão Wrathe trouxe Connor com violência para a situação presente. E difícil.

— Já disse, Wrathe. Chegou a hora de pagar por seus atos.

— Então vamos combinar os termos, homem, e ambos seguiremos nosso caminho. — O capitão Wrathe parecia tão seguro de si como sempre.

Drakoulis voltou a falar com sua voz fria:

— Há um preço a ser pago por seus delitos.

— Diga o preço — respondeu Molucco. — E, lembre-me, é ouro ou prata que faz cócegas em seus desejos?

Drakoulis olhou para Molucco enojado, balançando a cabeça devagar. Enquanto ele fazia isso, Connor notou que, em contraste com o capitão Wrathe — praticamente coberto de prata e safiras —, o capitão Drakoulis não usava jóias. Seu uniforme era igual ao do resto de sua tripulação: simples, preto e sem enfeites. Quando falou de novo, sua voz saiu cheia de desdém.

— É típico de sua parte achar que eu desejaria as mesmas recompensas efêmeras de que você gosta, Wrathe. O preço de suas transgressões não será pago em metal, capitão. Será pago na única moeda que importa: o sangue.

Ao ouvir as palavras do capitão, a tripulação voltou a erguer as cimitarras. Era um movimento perfeito, coordenado. Drakoulis os havia ensaiado bem demais. Connor nem conseguia pensar no novo horror que teria início agora. Mas sabia que os piratas de Drakoulis estariam perfeitamente preparados, ao passo que ele e seus companheiros de tripulação seriam deixados à deriva. Sentiu um clarão de raiva contra o capitão

Wrathe por fazer ele e outros passarem por essa situação. Mas a raiva logo se dissipou. Molucco Wrathe o havia recebido a bordo do navio como um pai. Dera abrigo em sua hora mais sombria — lhe restituído a esperança. Molucco poderia ser um bandido desregrado, mas não era um homem mau. Em contraste nítido, tudo levava a crer, com o capitão Narcisos Drakoulis.

— Um duelo — anunciou Drakoulis. — A questão será resolvida num duelo. Até a morte.

Molucco se encolheu. Não era segredo que seus melhores anos como lutador já haviam passado. Ele ainda podia ser visto como uma força, mas já havia delegado a parte da luta propriamente dita aos membros mais novos da tripulação. Connor olhou de Molucco Wrathe para Narciso Drakoulis. À luz nítida e branca do sol, o contraste era óbvio demais. O capitão Wrathe parecia gordo e preguiçoso enquanto, por baixo das vestes pretas e justas, Narciso Drakoulis era magro, rijo, e estava pronto para lutar. Não era uma disputa. Se a situação ficasse por conta das espadas, Connor e seus colegas retornariam ao *Diablo* sem o capitão.

Mas Drakoulis sorriu de novo para Molucco.

— Claro, não estou sugerindo que você e eu travemos um combate direto. Bom, nem valeria a pena lubrificar esta cimitarra para um esporte assim. Não, Wrathe, você vai apresentar seu melhor espadachim e eu farei o mesmo. — Os olhos escuros de Drakoulis se estreitaram. — É melhor decidir depressa quem será.

Molucco franziu a testa. Procurou Cate na multidão. Connor prendeu o fôlego. Será que o capitão Wrathe iria escolhê-la para o duelo? Cate devia ser uma das melhores lutadoras do navio, certamente a que tinha mais conhecimentos. Mas arriscar-se a perdê-la seria uma aposta terrível. E, como amigo e protegido dela, Connor sentiu uma onda de pavor com a idéia.

— Certo — anunciou Drakoulis —, enquanto você pensa, permita-me apresentá-lo ao meu combatente. Gidaki Sarakakino, adiante-se!

Houve gritos uníssonos de comemoração da parte da tripulação de Drakoulis, quando um homem começou a marchar lentamente para o centro do convés. Connor sentiu um jorro de medo enquanto ouvia os passos pesados se aproximando. O homem passou esbarrando nele, e o peso de seus músculos tensos provocou uma dor lancinante no ombro de Connor. Ele se virou e viu um hematoma escuro já se formando na carne. Ao erguer os olhos de novo, viu Drakoulis sorrir e estender a mão para o espadachim que havia escolhido. Sarakakino apertou-a e se virou para saudar seus colegas de tripulação. Connor sentiu o coração se encolher. Poucos piratas do *Diablo* poderiam enfrentar um oponente como aquele.

Molucco estava numa conversa concentrada com Cate. O capitão Drakoulis balançou a cabeça.

— Não é surpresa que você demore tanto para tomar uma decisão sozinho.

Pela primeira vez Molucco cedeu à raiva.

— Meu navio é uma democracia — rosnou ele —, e terei a opinião de minha imediata neste assunto.

Drakoulis lançou um olhar de desprezo para Molucco, mas por instantes não disse mais nada.

Era uma agonia olhar o capitão Wrathe e Cate discutindo a difícil situação. Connor sabia como seria doloroso para eles escolher um pirata para lutar sozinho, assim. A vida

no *Diablo* se baseava no trabalho de equipe, e havia uma verdadeira amizade entre os tripulantes, atravessando a hierarquia sem enfraquecê-la. Não havia no *Diablo* o sentimento de que um só pirata seria dispensável.

Por fim o capitão Wrathe deu as costas para Cate e falou com Narcisos Drakoulis:

— Nossa decisão está tomada.

Junto com o resto de sua tripulação, Connor esperou o veredicto.

— Não submeteremos nenhum integrante de nossa tripulação a um duelo.

Por um momento Drakoulis ficou quieto. Em seguida se virou para Sarakakino. Os dois começaram a gargalhar. Drakoulis se recompôs e se virou de novo para Molucco.

— Você age como se tivesse escolha — disse ele. — Isso não é um jogo, capitão. Eu lhe disse: é hora de pagar o preço.

Molucco se adiantou até o capitão Drakoulis, cheio de uma nova energia.

— Você falou sobre regras, antes, capitão. No entanto, dá sua ordem como uma espécie de semideus.

— Semideus? — zombou Drakoulis. — Bom, cada navio não é seu próprio universo e cada capitão pirata, o deus de todos que ele examina?

Connor sentiu o sangue nas veias virar gelo. Havia loucura em Drakoulis. Aliada à sua violência, quem poderia dizer qual a extensão do perigo que ele representava?

— Informarei à Federação dos Piratas — disse Molucco.

Drakoulis balançou a cabeça.

— Acho que não, Wrathe. Agora você está no *Albatroz*, o meu navio.

*Albatroz*, pensou Connor, sério. Era um nome curioso para um navio. A ave marinha de asas longas era um portento de mau agouro para os marinheiros. E havia se mostrado isso para a tripulação do *Diablo*. Sem dúvida hoje o diabo não era páreo para o albatroz.

— Você está fora de sua via marítima — anunciou Drakoulis com frieza.

— Esta não é sua via também.

— Não importa — respondeu Drakoulis. — A Federação dos Piratas o está abandonando, Wrathe. Eles se cansaram de suas transgressões. Deus sabe que eles tentaram ao máximo corrigi-lo. Até mandaram um espião para a sua tripulação...

— Um espião?

Molucco parou, pasmo.

— Sim: um espião! — Drakoulis imitou a confusão arregalada de Molucco. — A filha de Chang Ko. Você achava que ela estava treinando para ser capitã, mas o tempo todo estava espionando e informando à Federação.

Isso era uma novidade não somente para o capitão Wrathe. Connor viu a perturbadora acusação ricochetear pelos seus colegas. Acertou-o com força também. Ele havia experimentado de perto as frustrações de Cheng Li com o capitão Wrathe, mas jamais pensara nela como *espiã*. Enquanto sua mente rebobinava freneticamente as conversas entre os dois, percebeu que tudo se encaixava. Se ao menos ela estivesse ali para se explicar! Mas ele não a via fazia quase três meses.

O capitão Wrathe balançou a cabeça.

— Isso é mais loucura sua, Drakoulis. A srta. Li estava terminando o treino da academia. E a Federação escolheu o *Diablo* para o estágio.

— Então onde ela está agora? — perguntou Drakoulis com um risinho de

desprezo.

— Voltou à academia, para dar aulas.

— Ah, isso mesmo, não é? Ela se demitiu de seu comando devido a uma *oferta excepcional* da Federação. Ou seria porque fracassou na missão de colocá-lo na linha?

— Não! — gritou Molucco.

— Por que não pergunta pessoalmente na próxima vez em que encontrá-la na Madame Chaleira? Creio que você vai encontrar a srta. Li cheia de histórias interessantes. Isso, claro, se ela se dignar a falar com você.

Molucco parecia totalmente abalado. Connor sentiu-se igualmente perplexo. Sabia pouca coisa sobre a Federação dos Piratas. Seria verdade que a Federação estava espionando Molucco Wrathe e seus piratas? Será que Narcissos Drakoulis estaria agindo de forma independente ou teria sido contratado como assassino? Será que Cheng Li havia realmente tentado — sem conseguir — conter os desvios de Molucco? Parecia que dessa vez todos os problemas de Molucco haviam se reunido.

— Já falamos bastante — cuspiu Drakoulis. — É hora de resolver o assunto. Qual será o seu tripulante que vai duelar com Sarakakino?

Enquanto ele falava, o combatente escolhido tirava a camisa, revelando o peito e o braço com músculos retesados, cheios de veias grossas. Quando a camisa de Sarakakino caiu no convés, ele se virou e retesou os bíceps. Na pele bronzada das costas havia uma enorme tatuagem de pássaro com as asas compridas se esticando sobre as escápulas. Outro albatroz, percebeu Connor. Se algum dia já houve um mau agouro portentoso, era aquela tatuagem de pássaro.

— Já falei — disse Molucco. — Não designarei nenhum pirata meu para lutar.

— E *eu* falei — respondeu Drakoulis explodindo de fúria — para escolher um homem, caso contrário soltarei o inferno sobre sua tripulação.

Por todo o convés as cimitarras curvas foram levantadas.

Os dois capitães ficaram parados, cara a cara, olhares travados.

Então, para sua surpresa — e horror —, Connor ouviu uma voz familiar gritando:

— Eu luto com ele, capitão Wrathe. Deixe-me lutar com ele!



## CAPÍTULO 4

### *A visita*

Grace estava deitada em sua cabine. Acima, o convés do *Diablo* estava silencioso. Isso significava que eles haviam saído — todos os piratas envolvidos no ataque. Agora os que tinham ficado para trás só poderiam esperar. Essa era a hora que ela odiava. Consequia suportar a idéia de Connor indo para a batalha — não podia fazer muita coisa para impedir isso — enquanto não tivesse muito tempo para pensar nisso. Quando ele estava longe, ela gostava de ficar ocupada. Sempre que possível usava esse tempo para fazer suas tarefas, mas hoje estivera no turno da manhã e agora tinha umas duas horas de folga. Sempre poderia se oferecer para ajudar fazendo mais trabalho, mas o tempo de folga a bordo do *Diablo* era um luxo que não devia ser desperdiçado. Além disso, havia dormido mal naquela noite, o que — combinado com o trabalho cedo — a deixou totalmente exausta.

Olhou a pequena cabine ao redor. Era decididamente mais espartana do que a cabine grandiosa que havia ocupado a bordo do navio Vãmpirata. Lá ela dormia como uma princesa de contos de fada numa cama vasta, cheia de travesseiros e cercada por tapeçarias penduradas. Agora deitava num catre simples com um travesseiro que já vira dias melhores. Mas não estava reclamando. Até gostava da nova moradia. Era bastante confortável, e certamente era bom ter a luz do dia entrando, mesmo que fosse por uma escotilha um tanto suja. Além disso era melhor ter uma cabine do que ficar — como Connor — num dormitório onde os roncos, chiados, tosses e peidos dos outros piratas faziam uma estranha sinfonia durante a noite.

Além da cama havia pouca mobília no cômodo — uma pequena cadeira que ela usava principalmente para pendurar as roupas à noite, um armário pequeno e algumas prateleiras. Mas era espaço mais do que suficiente para alguém que tinha tão poucos pertences quanto Grace. Desenrolando-se lentamente, saiu da cama e se ajoelhou no chão. Enfiou a mão embaixo do catre, afastando uma caixa de corda velha e um cobertor que estavam ali simplesmente para esconder a caixinha que ela guardava.

Pegou-a e voltou a subir na cama. Darcy Flotsam lhe dera a caixa. “Porque toda jovem precisa de um lugar para suas coisas secretas,” dissera ela. Era típico de Darcy — o gesto gentil, a racionalização e a caixa propriamente dita. Para falar a verdade, era uma frásqueira. Couro vermelho do lado de fora e forro almofadado de seda rosa-shocking por dentro. Destinava-se a guardar pentes e escovas, pó-de-arroz, batom e coisas do tipo. Grace não tinha nada disso e não desejava ter. Mas, com seus compartimentos escondidos e, mais útil, com a pequena fechadura e a chave, a caixa era o lugar ideal para guardar suas coisas secretas.

Virou a pequena chave e levantou a tampa, sorrindo enquanto examinava o conteúdo. Ali estavam os cadernos e as canetas que havia trazido — por insistência do capitão Vampirata. Enfiou a mão e pegou o pequeno caderno encadernado em couro onde havia começado a escrever as “histórias de travessia” da tripulação Vampirata — relatos de como havia sido a vida deles quando eram mortais e como tinham passado daquele mundo para este. Até agora poucas páginas haviam sido usadas. Tinha apenas a história de Darcy Flotsam — escrita com sua melhor letra — e a narrativa muito mais sombria de Sidório, rabiscada depressa em circunstâncias um tanto diferentes.

Seus olhos passaram sobre essas últimas palavras. Para Grace, a história dele era tão empolgante quanto horrenda. O tenente Sidório revelara que, muitos séculos antes, havia sequestrado Júlio César, e mais tarde tinha sido morto por vingança. Apesar do medo cru que Sidório provocava em Grace, ela gostou de conhecer sua história e de tê-la escrito nesse caderno. Havia colhido um segredo sombrio que poucas pessoas nesse mundo conheciam, e para Grace isso era uma empolgação tão inebriante quanto se tivesse pressionado a mais rara orquídea entre as páginas de seu caderno.

Quando chegou à última página escrita, suspirou. Adoraria acrescentar histórias ao caderno. A bordo do navio Vampirata, havia bolado um plano para relatar as narrativas de travessia de cada membro da tripulação. Essa idéia ainda lhe provocava um tremor empolgado, mas sabia que tinha pouca esperança de fazê-la acontecer.

Os olhos de Grace estavam ficando tão cansados quanto o resto do corpo. Fechou o diário e o pôs ao lado, na cama. Deitou-se nos lençóis e fechou os olhos. Levou a mão ao pescoço, acompanhando a corrente pendurada. Enquanto o indicador seguia o caminho do cordão sob a blusa, encontrou o medalhão em forma de coração que Connor lhe dera. Seus dedos o empurraram para um dos lados e fez contato com o anel Claddagh de Lorcan. Quando o tocou, houve um momento de eletricidade — real ou imaginado — enquanto ela se recordava do presente de Lorcan ao deixar o navio.

Agora era o anel, acima de tudo, que lhe dava esperança. Ele o fazia se lembrar das palavras de Lorcan, seu sotaque suave, o modo como ele a encarava como se houvesse sentimentos tão profundos que ainda não conseguia verbalizar. O anel era o segredo mais bem guardado de Grace, pendurado onde ninguém poderia ver, oculto embaixo do medalhão. Algumas vezes, só algumas vezes, enquanto o aro de metal fazia pressão contra a clavícula, Grace sentia uma coisa estranha — como se Lorcan estivesse falando com ela, garantindo que tudo daria certo e que os dois ficariam juntos de novo. Sem dúvida era a voz dele que lhe falava suavemente agora, puxando-a para longe do navio pirata, para as águas azuis e brilhantes de seus sonhos.

— O quê?

Ela estava flutuando num sonho delicioso. Sentia-se totalmente descansada e tranqüila.

— Grace! — A voz retornou. Mais alta. Reconheceu-a, mas não conseguiu situar. Resistiu.

— Grace Tormental Por favor, acorde!

Enquanto a voz martelava direto em seus ouvidos, Grace abriu os olhos. Conhecia aquela voz — aquele estranho sotaque *cockney*, guinchado.

— Darcy! — exclamou, torcendo a cabeça no travesseiro. — Darcy Flotsam.

Realmente, Darcy estava sentada ao lado da cama. Tinha a testa franzida.

— Bom, devo dizer que você tem o sono pesadíssimo para uma senhorita. — A testa franzida logo deu lugar a um sorriso.

Grace sorriu de volta, sentando-se e girando os pés na direção de Darcy.

— Darcy! Nem acredito que é você! Como chegou aqui?

— É uma longa história. Escute, não sei quanto tempo posso ficar. Mas precisava ver você.

Grace estava rindo de orelha a orelha. Não poderia ter desejado um despertar melhor. Lá estivera, num sonho com o navio Vampirata, e agora uma amiga havia aparecido — não somente no navio, mas em sua própria cabine! Empolgada, levantou-se abrindo os braços para abraçar Darcy. Darcy ficou de pé e deu um passo adiante.

Mas, quando Grace passou os braços em volta da cintura de Darcy, esta deve ter se movido depressa, ou então foi o navio, porque os braços de Grace passaram pelo ar. Ela abriu os braços de novo e os estendeu para Darcy. Dessa vez, as duas estavam cara a cara. Darcy a espiava estranhamente. Grace ficou olhando... enquanto seus braços passavam diretos através de Darcy. Era como se ela fosse feita de ar. Grace levantou a mão até o rosto da amiga, estendendo um dos dedos em direção a seu nariz arrebitado. Passou direto pelo nariz de Darcy, chegando ao nada. Grace se encolheu, olhando-a com curiosidade.

— O que está acontecendo? — perguntou.

Darcy estava séria, cruzando os braços no peito.

— Veja bem, eu estou aqui, mas não estou aqui, Grace.

— Não entendo. Você *consegue me ver?*

— Claro que consigo — disse ela, avançando. — E posso ver que você estragou totalmente essa linda blusa que lhe dei.

Grace olhou para baixo, cheia de culpa. Era verdade — a blusa estava manchada de óleo do trabalho anterior, limpando espadas.

— Desculpe. Tive de levantar muito cedo para trabalhar, e foi a primeira coisa que vesti. Nem pensei.

— Quiet! — disse Darcy levantando um dedo na direção dos lábios de Grace, mas sem tocá-los. — Temos coisas mais importantes a conversar, além de manchas e derramamentos.

— Sim. Claro. — Grace ainda não entendia direito como Darcy havia chegado ali, mas pela expressão ansiosa da amiga podia ver que ela viera por algum motivo. — Vamos nos sentar.

Grace se sentou na cama e Darcy se sentou ao lado. Só que não sentou exatamente, notou Grace, mas simplesmente pairou acima do colchão. Era muito curioso.

— Como está todo mundo? — perguntou Grace. — Como vai o capitão? E Lorcan?

A cabeça de Darcy baixou por um instante. Quando se ergueu de novo, havia gotas de lágrimas nos olhos.

— É exatamente isso — disse ela. — Foi por isso que eu vim. Desde que você foi embora, tudo está horrível, simplesmente horrível.

O coração de Grace se encolheu.

— Como assim? O que houve?

Por um momento Darcy não conseguiu falar enquanto as lágrimas caíam de seus olhos, misturando-se com o rímel e caindo como pétalas escuras na pele fina.

— Só um momento — ela conseguiu fungar, enfiando a mão no bolso. — Acho que tenho um lenço em algum lugar por aqui —, mas a mão voltou vazia.

Grace enfiou a mão em seu bolso e instintivamente ofereceu seu lenço a Darcy. As duas se entreolharam por um momento. Então Grace deixou o lenço cair. As duas olharam o pequeno quadrado de pano flutuar direto através do fantasma de Darcy e chegar ao piso da cabine. De algum modo isso as fez sorrir. Darcy fungou e levou as costas da mão ao rosto, enxugando as lágrimas e depois limpando a mão no vestido. Era um gesto pouco característico para alguém que se importava tanto com a própria aparência. Darcy deu de ombros.

— Como eu disse, Grace, manchas e derramamentos.

Grace assentiu, dando um sorriso tranquilizador.

— Darcy, você precisa dizer o que há de errado. Talvez eu possa ajudar. Vocês todos foram tão bons comigo... bem, quase todos. Eu faria todo o possível para ajudar. Você não sabe quantas vezes sonhei em voltar ao navio. Bom, logo antes de você me acordar...

Uma expressão sombria atravessou o rosto de Darcy.

— Você não pode voltar!

Grace ficou confusa.

— Por quê?

— Não é mais um lugar seguro. Você nem deve pensar em voltar.

— Não é mais seguro? Mas eu estava lá quando o capitão banuiu Sidório. E *ele* era o único Vampirata rebelde, não era?

Darcy balançou a cabeça.

— Não era o *único*, era o *primeiro*.

— O primeiro?

Darcy assentiu.

— Sidório *era* o único rebelde, mas desde que foi banido, desde que você foi embora, há outros que questionam a autoridade do capitão todo dia e toda noite. Não querem aceitar simplesmente tomar sangue no Festim. Querem mais sangue, mais Festins... — Ela parou, com lágrimas nos olhos de novo.

— E o que o capitão diz?

— Diz que não. Diz que esses são os costumes do navio. Sempre foram. Sempre serão.

— Bem, então o capitão vai manter o controle. Ele sempre mantém.

Darcy balançou a cabeça.

— Nunca foi assim antes. Desde que entrei para o navio, sempre houve... sempre

houve respeito pelo capitão. Mas, depois que ele mandou Sidório embora, alguma coisa mudou. Ninguém havia sido mandado embora antes.

Grace lembrou-se de ter pensado, na época, que poderia ser perigoso mandar Sidório embora. Mas o capitão estava decidido. Porém Grace estava mais preocupada com os males sombrios que Sidório poderia causar no mundo do lado de fora do que com o que aconteceria no navio depois de ele ter partido.

— Eu gostaria de poder ajudar vocês. Gostaria de poder voltar e falar com o capitão.

Darcy balançou a cabeça.

— Não, Grace. Não, você deve ficar aqui, com Connor, onde está em segurança.

Grace sorriu.

— É um navio pirata, Darcy. Não é nem um pouco seguro. Agora mesmo Connor foi fazer um ataque.

— Vocês dois têm jeito para se meter em encrenca. — disse Darcy

— Saíndo da frigideira para o fogo — concordou Grace, lamentando.

As duas sorriram uma para a outra. Grace estendeu a mão como se fosse segurar a de Darcy.

— Não podemos nos tocar — lembrou Darcy.

— Eu sei — disse Grace, mantendo a mão estendida. — Sei que não podemos, mas vamos fingir que podemos.

Darcy confirmou com a cabeça, estendendo a mão até que sua palma fantasma ficou quase encostada na de carne e osso, de Grace. Era bastante perto.

— Então — disse Grace. — Fale sobre o Lorcan.

Mas quando abriu a boca para responder, Darcy começou a se dissipar.

— Espere! — gritou Grace. — O que aconteceu com Lorcan?

Darcy balançou a cabeça, com lágrimas enchendo os olhos de novo. Então se dissolveu no ar e Grace ficou sozinha de novo.



## CAPÍTULO 5

### *O duelo*

— Eu luto com ele, capitão — gritou Jez Stukeley de novo.

Connor se virou para o amigo, chocado, mas Jez já estava abrindo caminho através da turba. Mais adiante, Connor se virou na direção de Bart. Ele estava claramente tão chocado quanto Connor. Isso não podia estar acontecendo com os Três Bucaneiros!

Alguns capangas de Drakoulis barraram o caminho de Jez, mas o próprio capitão Drakoulis falou com eles:

— Abram caminho para ele. Deixem que ele se mostre.

As fileiras de guerreiros vestidos de preto se abriram e Jez Stukeley passou bravamente por eles, parando diante dos dois capitães piratas e da montanha de músculos que era Gidaki Sarakakino. Este baixou os olhos para Jez e deu um risinho de desprezo. Não era preciso ser leitor de mentes para adivinhar o que estava pensando.

— Sr. Stukeley — disse Molucco Wrathe, pondo a mão no ombro do jovem pirata. — O senhor é um homem corajoso e honrado, mas não posso deixar que corra esse perigo.

Jez balançou a cabeça.

— É o meu dever, capitão Wrathe. Quando assinei o contrato, concordei em defender o *Diablo*, meu capitão e meus companheiros tripulantes. Não há como sair deste navio até que um de nós concorde com o duelo.

— Ele está certo — interveio Narcisos Drakoulis. — Só exijo que um dos seus piratas trave um duelo com Sarakakino. Se não se submeter a isso, nem você nem o resto de sua tripulação jamais verão o *Diablo* outra vez.

Connor tremeu diante da ameaça de Drakoulis, tornada ainda mais tangível pela visão das cimitarras a postos em todo o convés. Contrapôs isso a sua amizade com Jez. Tinha de haver outro modo. Não era responsabilidade do capitão Wrathe afastar o perigo? Não poderia ser do Jez. Simplesmente *não poderia*.

Molucco balançou a cabeça.

— Nunca gostei de você, Drakoulis, mas antigamente você tinha moral, pelo menos algum tipo de moral. Não sei onde andou apodrecendo todo esse tempo, mas seus anos no ermo o transformaram num vilão pútrido. Seus atos hoje não podem ter sido endossados pela Federação dos Piratas. Você age a partir de seus desejos deturpados e de alguma noção deturpada de vingança por um ressentimento pequeno e antigo.

Apesar desse ataque verbal, Drakoulis não disse nada durante um tempo. Seu rosto era uma máscara que não traía nenhuma emoção. Por fim, disse:

— Caso seu sermão tenha acabado, Wrath, vamos ao que interessa. O duelo começará ao quinto toque do sino do navio. — Ele se virou para seus tripulantes. — Liberem o centro do convés.

Ao ouvir isso, os piratas de Drakoulis recuaram, abrindo uma área de luta no centro do convés, mais ou menos do tamanho de um ringue de boxe. E, como no preâmbulo de uma luta de boxe, Drakoulis foi para um dos lados conspirar com Gidaki Sarakakino, que estava enrolando tiras de pano escuro nas mãos.

“Não!”, queria gritar Connor. Isso era loucura. Por que Jez havia se oferecido para a matança? E por que ninguém o havia impedido?

Jez foi se juntar a Molucco e Cate do outro lado. Connor aproveitou o movimento da multidão para chegar mais perto da área de luta. Encontrou Bart e se enfiou ao lado dele.

— Ei, companheiro. — Bart lançou um sorriso débil para Connor, mas não conseguiu manter o fingimento de tranquilidade por mais de um segundo. Virou-se e olhou para Jez, com os olhos pesados de preocupação.

— Ele tem alguma chance? — sussurrou Connor para o colega.

— Ele vai partir com tudo — disse Bart —, mas olhe só o tal de Sarakakino. Ele faz com que eu pareça um pirralho.

Connor se perguntou se Bart estaria tentado a trocar de lugar com Jez no duelo. Mas lembrou-se de que, ainda que Bart tivesse mais corpo, Jez era o espadachim mais hábil. Era bastante forte, e o que não tinha em tamanho era mais do que compensado em técnica e agilidade. Connor pensou no lema de Molucco Wrath: “bom treinamento e boa sorte”. Nos minutos seguintes, Jez Stukeley precisaria sugar até a última gota das duas coisas.

O sino do *Albatroz* tocou uma vez, e todos os olhos se viraram para os dois homens. Para Connor, os instantes seguintes pareceram se esticar, como em câmera lenta.

Um segundo toque. Sarakakino enfiou as mãos num balde de pó de giz, presumivelmente para dar mais firmeza ao segurar a espada. Enquanto ele se inclinava adiante, os músculos nas costas e nos ombros ficaram ainda mais nítidos — a tatuagem do albatroz se esticou como se fosse voar.

Um terceiro toque. Um dos homens de Drakoulis ofereceu o balde de giz a Jez. Dando as costas para Molucco e Cate, Jez avançou e esfregou o giz nas mãos, sacudindo o excesso. Em seguida envolveu o punho esquerdo com força no cabo de seu florete e olhou para o céu, talvez mandando uma rápida oração através das fitas rosadas de nuvens.

Um quarto toque. Sarakakino estava imóvel, de costas para o oponente — preparando-se, talvez, também com uma prece. Jez esperou, o corpo equilibrado e

pronto para voar em qualquer direção.

O quinto e último toque.

E, então, o inferno se abriu.

Sarakakino se virou e encarou o oponente, a cimitarra cortando o ar num alerta do que faria caso encontrasse a carne de Jez. Sem se abalar, Jez moveu-se de um lado para o outro, mantendo a espada em posição. Até Connor sabia que os movimentos de Sarakakino com a espada eram pura guerra de nervos. Cate treinava seus piratas para ficarem cegos a esse tipo de bravata. Connor se lembrava muito bem de quando ela e Bart mandavam olhar nos olhos do adversário — ainda mais do que para a ponta de sua espada.

A espada de Sarakakino ficou imóvel. Ele encarou Jez como se o interrogasse. *Quer mesmo fazer isso? Acba mesmo que pode lutar contra mim?* Em resposta Jez olhou de volta com frieza mas, ao fazer isso, estocou com o florete, que riscou o antebraço musculoso de Sarakakino e cortou sua pele. O primeiro sangue fora para Stukeley e o *Diablo*. Connor olhou as gotas vermelhas do sangue de Sarakakino pingarem nas tábuas do convés.

— Diabo — sussurrou Bart. — Por *essa* eu não esperava!

Connor riu.

Sarakakino ficou obviamente surpreso, e Jez não perdeu tempo para capitalizar isso, movendo-se habilmente ao redor do grandalhão e partindo para um segundo ataque. Mas agora Sarakakino estava preparado e, como um monstro que despertava, deu um rugido e avançou com a cimitarra contra o florete de Jez. Aço contra aço, e Connor pôde ver Jez lutar para manter a arma na mão enquanto toda a força do adversário se transferia pela espada como um choque elétrico.

As lâminas dos dois oponentes estavam grudadas como ímãs. Quem se afastasse primeiro e ousasse atacar se arriscaria ao expor-se por um instante — um instante fugaz, mas potencialmente decisivo.

Os olhos dos dois estavam travados com tanta força quanto as espadas. Como Connor havia aprendido, o combate era tanto uma batalha de vontades quanto de força. Jez estava se saindo realmente bem. O ferimento no braço de Sarakakino era raso, mas dera um alerta ao lutador presunçoso e sem dúvida o fizera reavaliar o oponente.

E agora, de novo, foi Jez quem avançou o jogo. Levantou o sabre, fazendo Sarakakino e sua espada recuarem por um momento. Jez saltou para cima e para a frente, dando uma estocada na direção do peito de Sarakakino. Mas o oponente se recuperou depressa e girou a cimitarra para bloquear o ataque. Não fazia mal, pensou Connor. De novo, Jez é que fezera o ataque. De novo o grandalhão de Drakoulis estava na defensiva. Seu amigo tinha uma verdadeira chance de vitória.

Connor olhou para Narcisos Drakoulis, esperando ver algum sinal de medo em seus olhos, mas o rosto do capitão nada revelava. Em contraste, Connor viu que Molucco sorria ligeiramente, desejando que Jez mantivesse o ímpeto do ataque. Ao seu lado, Cate também olhava a luta com atenção. Connor sabia que ela estaria examinando cada movimento de Jez. Para ela, tudo tinha a ver com tática — como um jogo de xadrez. Cate podia estar na periferia, mas, em sua mente, ela se encontrava junto com Jez, manobrando a lâmina. Connor imaginou como ela estaria avaliando Jez.

Um estalo agudo de metal atraiu o olhar de Connor de volta aos duelistas. As espadas estavam altas, dando a Sarakakino a vantagem em altura. Sarakakino manteve a posição, sabendo que, quanto mais tempo fizesse isso, mais do ímpeto de Jez iria se

esvaír. Jez teria de fazer alguma coisa espantosa — e depressa — para recuperar a vantagem. Mas será que poderia correr o risco de soltar seu sabre?

No fim, foi Sarakakino quem se separou antes, como se estivesse entediado com o impasse. Recuou a espada e saltou para longe do alcance de Jez. Era sinal de que, mesmo maior, ele também era ágil. Os dois estavam se avaliando e descobrindo a cada movimento que, na verdade, eram bem equiparados. E, com esse conhecimento, a luta prosseguiu com mais fluência. Em vez de se posicionar, Sarakakino deixava a cimitarra fazer a maior parte do trabalho. Jez também percebeu que não podia contar que teria mais agilidade nos pés do que o musculoso oponente.

Connor ficou olhando as espadas que giravam no ar, colidindo e se afastando de novo. Era a demonstração mais brilhante de técnicas de luta que já vira. Sua adrenalina bombeava, e boa parte dele sentia coceiras de vontade de pegar sua espada e testar alguns dos movimentos estonteantes que estava testemunhando. Entre todos os esportes que aprendera, havia algo insuperável na luta de espadas. Mas existia nisso algo mais do que um mero esporte, lembrou-se.

Jez aparou os golpes de Sarakakino por todo o trecho de convés aberto para os dois. Pararam bem na frente do capitão Drakoulis, com Jez sustentando a vantagem. Então Sarakakino se soltou e foi aparando a espada de Jez, seguindo pelas tábuas do convés até onde Molucco e Cate e encontravam. A multidão fascinada permanecia em silêncio absoluto. Os únicos sons eram os dos duelistas. O esforço para respirar. As batidas surdas das botas. O eco infinito de aço contra aço.

Jez e Sarakakino eram como duas feras selvagens, no entanto havia tanta pose e tanto sincronismo nos movimentos como se os dois estivessem dançando. Mesmo sendo adversários, eram parceiros naquela dança estranha. Era uma coisa linda de se ver, cheia de habilidade e graça. Connor marcava cada movimento, hipnotizado. Um dia travaria uma luta assim.

Um novo barulho.

Um grito.

Jez Stukeley está sangrando — profusamente, no peito. Cambaleia em câmera lenta, recuando pelas tábuas do convés. As tábuas parecem se dobrar para encontrar seu corpo, que despenca, braços e pernas se abrindo. Aconteceu tão depressa que só agora Connor vê a lâmina de Sarakakino recuar manchada do sangue de Jez. A dança está acabando. A beleza impalpável se foi. É como uma dança da morte. Connor e os outros olham para Jez Stukeley cujo corpo se sacode como um peixe no anzol — a vida escorrendo para fora num rio escuro e pulsante por todo o convés.



## CAPÍTULO 6

### *A morte de um bucaneiro*

Connor não conseguia acreditar em seus olhos. A luta havia mudado depressa demais. Alguns minutos antes ele estava perdido em admiração pela habilidade de Jez. Agora, o amigo estava caído no convés, ferido fatalmente. Era a mais terrível das visões. O choque e a adrenalina contida subiram por dentro dele e por um momento o garoto achou que iria vomitar. Sentiu a bile subindo na garganta, mas de algum modo conseguiu se controlar.

Connor se virou para Bart, a tempo de vê-lo correr adiante. Dois homens de Drakoulis levantaram as espadas para impedir os passos de Bart, mas Drakoulis sinalizou para baixarem as armas e o deixarem passar.

Bart se aproximou do amigo agonizante, ajoelhando-se e segurando a mão de Jez. A mão do amigo já estava branca — a vida se esvaía numa velocidade terrível. Então Connor percebeu: as mãos de Jez estavam sujas de pó de giz. Foi um alívio momentâneo.

— Você lutou bem, companheiro — ouviu Bart dizer enquanto tentava conter o jorro de sangue do peito do amigo usando um lenço. — Você é um verdadeiro herói.

Connor se virou para olhar Gidaki Sarakakino. Queria odiar o matador, mas descobriu que não podia. A luta poderia ter pendido para o outro lado, e Sarakakino estaria caído no chão numa poça de sangue. O vitorioso não estava cantando vantagem. Só fizera aquilo a pedido de seu capitão, como qualquer pirata. Agora, lentamente, desenrolou os panos do punho e limpou a espada. Parecia ter se recolhido mentalmente, encontrando talvez seu próprio modo de justificar seus atos e as consequências.

Portanto, foi para Narcisos Drakoulis que Connor olhou agora, lavado de ódio. O sangue de Jez estava nas mãos dele, ainda que pudessem parecer perfeitamente limpas e lisas à luz rosada e pálida do crepúsculo.

— Seu preço foi pago, Wrathé — disse Drakoulis, a voz desprovida de emoção. — Você e sua tripulação estão livres para ir embora.

Molucco Wrathé estava numa fúria incandescente e não tinha medo de demonstrá-

la.

— Esse garoto deu a vida em vão, Drakoulis.

— Não — reagiu Drakoulis rispidamente. — Ele deu a vida para lembrar a *voce* que a pirataria não é um mero esporte.

— Não venha com sermões sobre o que significa ser pirata — rugiu Molucco. — Ninguém aqui sabe mais sobre o que significa ser pirata do que eu.

Drakoulis permaneceu calmo apesar da explosão de Molucco. Sua voz, enquanto ele prosseguia, era desapaixonada, robótica:

— Seus atos, suas transgressões, têm conseqüências, Wrathe. Que isso seja um alerta. Permaneça em suas vias marítimas. Obedeça às regras da Federação. Da próxima vez, poderá ser o *seu* sangue fedorento no convés. Agora, junte sua tripulação e saia do *Albatroz*.

— Capitão! — Connor ouviu Bart gritar.

Molucco e Drakoulis se viraram imediatamente.

— Capitão Wrathe — esclareceu Bart. — Jez ainda não está morto. A pulsação está fraca, mas acho que há uma chance de ele ser salvo se pudermos levá-lo de volta ao *Diablo* e cuidar bem dos ferimentos.

Molucco abriu um sorriso, mas Drakoulis entrou na frente dele, o corpo bloqueando o sol poente de modo que pareceu formar um halo de luz em volta de sua figura sombria.

— Partam agora, sem o derrotado.

Molucco não acreditava no que ouvia.

— Você me deu uma bela lição hoje, Drakoulis. E seu capanga quase trucidou esse garoto. Você é realmente tão deturpado que prefere vê-lo morrer em seu convés a deixar que o carreguemos de volta ao seu navio e fazer com que ele aproveite a chance?

O rapaz travou um duelo e perdeu. Ele deveria agradecer porque a morte está chegando para lavar seu fracasso. Molucco ficou momentaneamente sem fala. Connor estava pasmo. Justo quando pensava que havia baixado até as profundezas vis da escuridão de Drakoulis, caía mais e mais fundo no poço.

Bart assumiu a defesa do amigo

— Por favor, capitão Drakoulis. O senhor provou seu argumento. Não creio que ele viverá muito, de qualquer modo. Pelo menos deixe que o levemos para lhe dar uma... despedida decente.

Drakoulis não se abalou. Olhou direto para Molucco.

— Por favor, lembre aos seus subordinados que não devem se dirigir diretamente a mim. — Os dois capitães se encararam com fúria. Drakoulis deu um riso de desprezo. — Leve o derrotado se quiser, Wrathe. Simplesmente saia do *Albatroz*. Estou cansado de você e de sua tripulação infame. — Em seguida se virou e foi andando, dando ordens para seus homens. A tripulação vestida de preto começou a arrebanhar os piratas do *Diablo* em filas para desembarcar.

Connor se adiantou para juntar-se a Bart e ao capitão Wrathe ao lado de Jez. Molucco pôs a mão no ombro de Bart e se inclinou para olhar Jez. O capitão Wrathe havia tirado o chapéu, e Scrimshaw — a cobra de estimação que vivia em seu cabelo — se esticou para ver o que acontecia. A cobra se estendeu acima de Jez. O rosto do rapaz estava tão pálido quanto as mãos cobertas de giz, e, apesar dos esforços de Bart, ele ia perdendo sangue demais, de modo que sua dor não duraria muito tempo.

— O senhor fez um belo trabalho para nós hoje, sr. Stukeley — disse Molucco. — Um belo trabalho, ouviu? Vamos disparar o canhão em sua homenagem. E cada um dos seus colegas vai beber um copo de rum pelo senhor na taverna de madame Chaleira. Como nos velhos tempos, hein? — Havia lágrimas nos olhos do capitão Wrathe enquanto ele forçava as palavras a sair. — E, sempre que tivermos uma chance, vamos falar de Jez Stukeley como sendo a própria matéria de que são feitos os piratas. Ouviu?

— Ouvi, capitão — conseguiu ofegar Jez. Em seguida olhou para Bart e Connor, e um leve sorriso tremulou em seus lábios roxos.

— Hora de este bucaneiro se despedir.

E fechou os olhos. Sua cabeça rolou devagar para o lado.

Scrimshaw se encolheu diante da visão, enfiando-se de novo na segurança dos deadlocks do dono.

— Ele se foi — disse Molucco baixinho, pondo a mão no ombro de Bart.

Connor se virou para o outro lado, incrédulo. Seus colegas já estavam saindo do convés, voltando pelas Três Desejos até o *Diablo*. Não havia sinal de Drakoulis. Mas Gidaki Sarakakino se adiantou, com as botas batendo pesadas no convés.

— Ele lutou bem — disse numa voz surpreendentemente suave. — Ele não leva vergonha.

As palavras não tinham lhe vindo com facilidade, pensou Connor. Talvez até mesmo esse breve discurso pudesse ser considerado um desrespeito ao seu capitão. Sarakakino assentiu brevemente e se afastou.

— Deixe-me ajudar a carregá-lo — disse Connor a Bart.

— Obrigado, companheiro — respondeu Bart, contendo as lágrimas. — Ande, Stukeley, ajete essa perna. Está na hora de levar você de volta para casa, companheiro.

Grace ouviu o barulho no convés acima. Os piratas estavam de volta. Mal podia esperar para ver Connor. Precisava contar tudo sobre a visita do fantasma de Darcy à sua cabine. Abriu a porta e disparou pelo corredor, subindo para o convés de cima.

Quando saiu ao ar livre, sentiu imediatamente que havia alguma coisa errada. O convés estava apinhado com os piratas que retornavam, e a tripulação que havia ficado para trás. Mas, pelo silêncio a bordo, Grace podia ver que o ataque não fora um sucesso. Seu coração afundou como uma âncora mergulhando no piso do oceano. Onde estava Connor? Precisava ver Connor.

Começou a abrir caminho em meio à horda de piratas, tentando conter o pânico crescente. Onde ele estava? Por fim viu alguns piratas que haviam liderado o ataque. Eles pareciam bem. Tinham alguns cortes e hematomas, mas ela havia se acostumado a ver isso em seu tempo no *Diablo*. Cortes e hematomas faziam parte do trabalho dos piratas.

— Onde está o Connor? — perguntou. — Os piratas pareciam atordoados. — Onde está o Connor? — repetiu. — Ele está bem?

Por fim um dos piratas ficou de lado e ela viu Connor parado atrás dele.

— Connor!

A camisa do irmão estava manchada de sangue. Mas ninguém cuidava dele. Alguém precisava cuidar dele...

— Grace!

Ele deu um sorriso débil e abriu os braços. Grace correu, não se importando com a sujeira que o sangue dele pudesse causar. Os dois se abraçaram. Ele a apertou com força. Ela podia sentir a força dos braços e o coração do irmão batendo. Soube instintivamente que ele estava bem.

— Estou bem — sussurrou ele em seu ouvido. — *E, estou bem.*

Depois de alguns instantes ele afrouxou o abraço, mas continuou a segurá-la. Ela olhou para a camisa ensanguentada.

— Achei que você estava... — Ela não conseguiu se obrigar a dizer as palavras. A simples idéia era perturbadora demais. Havia tentado parecer tranqüila, despreocupada em relação ao fato de ele ter ido para a batalha. Mas não estava tranqüila. Jamais queria vê-lo ir para a batalha de novo.

— Estou bem, Grace — disse Connor. — Mas perdemos um homem hoje.

Grace assentiu. Não era Connor. Só isso importava.

Então Connor recuou e ela viu, atrás dele, Bart — ajoelhado no convés, também coberto de sangue. Lamentou instantaneamente o pensamento anterior. Mas Bart a encarou com tristeza e baixou o rosto de novo. Ela olhou para o convés e viu o corpo imóvel e trucidado de Jez Stukeley. Os olhos dele estavam fechados. Agora entendia.

Chegou mais perto.

— Jez — disse. Seu olhar foi de Connor até Bart, e de volta ao colega tombado. Sabia o quanto cada um dos três significava para o outro. — Ah, não — disse. — Que pena, que pena!

Bart olhou-a com tristeza. Ainda segurava a mão de Jez. Connor abraçou-a de novo.

— Nunca me deixe — disse ele. — Você não vai, não é? Nunca vai me deixar.

— Não — respondeu ela. Mas uma imagem de Darcy relampejou na sua cabeça. Depois, uma imagem de Lorcan. Depois, do navio Vampirata.

Connor puxou-a mais para perto. Ela sentiu que ele estava tremendo.

— Não — disse Grace afastando todas as imagens. — Não, Connor, prometo que nunca vou embora. E você também precisa me fazer uma promessa.

Ele assentiu.

— Não quero que você lute de novo. Chega de ataques. Chega de lutas.

Ele não disse nada, mas puxou-a mais para perto, dando um beijo suave no topo de sua cabeça.

Naquela noite — a noite depois da morte de Jez Stukeley, a noite anterior ao seu funeral —, Connor ficou com Grace na cabine. Depois de tudo que havia acontecido, eles precisavam estar juntos.

O catre de Grace era apertado, mas não importava. Era como se fossem crianças de novo. Algumas vezes, quando um ou outro tinha um pesadelo, os dois dormiam na mesma cama no farol. Com o pai lá em cima, cuidando da lâmpada, eles haviam aprendido a buscar consolo um no outro.

Enquanto a vela ao lado da cama ardia numa chama baixa, Connor contou a Grace tudo sobre o ataque e como os piratas do *Diablo* haviam sido enganados pelo maligno Narcisos Drakoulis. Grace escutava com terror crescente. Como o capitão Wrathe e sua imediata Cate podiam ter sido enganados com tanta facilidade? Será que haveria outras

tripulações por aí planejando ataques semelhantes? Aonde isso iria parar? Grace não pôde evitar uma sensação de que o próprio Molucco tinha pelo menos alguma responsabilidade pela morte de Jez — ele havia recebido mais de um alerta sobre se aventurar nas rotas marítimas dos outros capitães. Mas Grace não verbalizou os pensamentos. Haveria tempo para dividir as preocupações. Nessa noite Connor precisava de conforto, e não de confronto.

— Ele foi corajoso demais — disse Connor.

— Jez?

— É.

— Connor. — Ela estendeu a mão e puxou o rosto de Connor. — Se *algum* dia isso acontecer de novo, não seja o corajoso.



## CAPÍTULO 7

### *O anel Claddagh*

A manhã chegou cedo demais. Grace abriu os olhos. Havia dormido apenas um pouco, a mente borbulhando. Connor estava parado junto dela com os olhos remelentos.

— É melhor eu ir — disse ele. — Quero ver se tudo está pronto para o funeral.  
Grace confirmou com a cabeça.

— Vejo você lá, não demoro. — Ela se levantou do catre e o abraçou de novo.

Quando a porta se fechou, Grace sentou-se outra vez. A falta de sono e todas as ansiedades que lhe passaram pela cabeça a haviam deixado com uma sensação de enjôo.

Preparou-se o suficiente para olhar pela escotilha. Havia pouca coisa para ver lá fora, além das ondas batendo, do céu e do mar cinzentos, na maior parte indistinguíveis um do outro. Era um tempo adequadamente triste para o funeral de Jez.

De repente sentiu uma dor lancinante nos olhos. Era tão aguda que a afastou da janela e a fez recuar para a cama. Ficou ali deitada, recuperando o fôlego, a mão cobrindo instintivamente os olhos. O que havia acontecido? Abriu os olhos de novo mas, ao fazer isso, sentiu outra pontada de dor. Fechou-os de novo, tentando não entrar em pânico. Não entendia *o quê* estava acontecendo.

Por instinto, levou a mão ao anel Claddagh, de Lorcan. Quando o polegar e o indicador se fecharam ao redor dele, sentiu-se no mesmo instante mais calma. Seria sua imaginação ou o anel estava ligeiramente quente ao toque? Apertou-o e, ao fazer isso, o calor do metal aumentou.

Nesse momento, começou a ouvir barulhos na cabeça. Ouviu o som de passos e vozes distantes. De algum modo, sem abrir os olhos, sabia que os ruídos não eram do *Diablo*. Ela estava tendo uma “visão” — se é que poderia chamar assim, quando não podia ver nada além de uma escuridão opaca e nevoenta.

O anel ficou ainda mais quente em sua mão. Tinha a sensação de estar se movendo. Seus passos eram muito mais ruidosos do que qualquer um que já tivesse dado. Era como se usasse botas pesadas, batendo irregularmente em tábuas de convés. Sentiu a

mão se estender e empurrar alguma coisa. Uma porta. Sua mão se estendeu. A porta devia estar se abrindo. Pôde ouvir o ranger de uma dobradiça antiga. E então uma voz.

— Lorcan.

O nome a eletrizou.

Prestou atenção, tentando reconhecer quem falava.

— Lorcan — repetiu a voz. Era a voz de uma garota, mas Grace não conseguia situá-la. — O que está fazendo aqui? É manhã. Hora de descansar. — Havia cautela na voz da garota, até mesmo medo.

Agora o anel estava quase quente demais para ser tocado. Mas Grace sentiu um desespero para não soltá-lo, percebendo que, se fizesse isso, a visão desapareceria.

— Desculpe. — Reconheceu imediatamente o sotaque de Lorcan. Era mágico ouvi-lo de novo, em qualquer circunstância.

— Você perdeu o caminho? — Era a garota de novo. O medo dera lugar à pena. Grace podia ouvi-la na mudança de tom. *Perdeu o caminho?* Como assim?

Se ao menos Grace pudesse ver o navio, além de escutar. Apertou o anel no polegar e no indicador, com mais força ainda. Agora ele a estava queimando. Mesmo assim não viu nada além da névoa mas, enquanto o metal parecia cortar sua pele, ouviu com mais clareza ainda os sons do navio Vampirata.

— Desculpe. — Lorcan outra vez.

— Não — respondeu a garota. — Tudo bem, Lorcan. Tudo bem. Me dê sua mão. Vou levá-lo de volta à sua cabine.

— Posso encontrar o caminho de volta — disse ele, a voz com um orgulho e uma raiva pouco característicos.

— Espere!

Mas agora a voz da garota estava mais fraca. Grace teve de novo a, sensação de movimento. Movimento irregular. Mãos se estendendo. E então um tropeço. Sentiu enjôo quando a sensação de queda tomou conta de seu corpo. O anel estava quente demais para segurar. Ofegou e soltou-o. Seus olhos se abriram.

Ficou deitada na cama da pequena cabine no navio pirata, com a respiração acelerada. O polegar e o indicador pareciam feridos e doloridos onde o anel Claddagh havia queimado. No entanto, quando levantou a mão, não existia marca. Nenhuma marca. Não conseguiu entender.

Sabia que tinha feito uma viagem ao navio Vampirata. Não uma viagem como a que Darcy fizera ao *Diablo*. Era mais como uma visão — como a primeira vez em que encontrara o capitão do navio Vampirata e sua cabeça se encheu com a imagem súbita de carne se rasgando e sangue vermelho sobre a pele escura. Mas essa nova visão era mais constante do que aquela, mais *linear*. Era como se tivesse entrado na cabeça de Lorcan. Pôde ouvir sua conversa. Sentira os movimentos dos braços e dos pés dele. Havia sentido — agora percebia — algo da dor dele. Tinha algo a ver com os olhos. Como se... por favor, não... como se ele não conseguisse enxergar direito.

Sentiu um pânico gelado se espalhar pelas veias do corpo enquanto as lembranças fluíam de volta, como a maré retornando. Na manhã em que Connor abordou o navio Vampirata, Lorcan havia permanecido no convés para protegê-la. Tinha ficado mesmo *depois* de Darcy soar o Toque do Amanhecer — quando todos os Vampiratas são chamados para dentro, para longe da luz. A luz era perigosa para eles — extremamente perigosa. Só o capitão Vampirata podia se aventurar na luz. Mas Lorcan havia

permanecido fora, por causa dela. Seria possível que, ao fazer isso, ele tivesse machucado os olhos? Será que ficara cego?

O que dizia o bilhete de Lorcan? *Algo para se lembrar de mim. Viaje em segurança! Viaje em segurança!* Será que Lorcan podia estar lhe mandando uma mensagem através do anel? *Precisava* retornar ao navio Vampirata. Mas como?

Nesse momento soou um tiro de canhão. Grace deu um pulo. O tiro de canhão era o sinal para subir ao convés. O funeral de Jez estava para começar. Ela estava atrasada!



## CAPÍTULO 8

### *Enterro no mar*

A primeira coisa que Cate notou ao sair no convés foi como tudo estava silencioso. Isso era ainda mais incomum, já que toda a tripulação do *Diablo* se encontrava ali. Fechou a porta com cuidado e se juntou à multidão. Os piratas abriram as fileiras para ela passar. Agradecida, a garota avançou até conseguir uma visão clara dos procedimentos.

Na popa do navio estavam o capitão Wrathe e Cate. Estavam à direita do caixão de Jez, que fora coberto com a bandeira do crânio com os ossos cruzados. À esquerda do caixão estavam os carregadores, dentre os quais Bart e Connor. Grace olhou para eles, imaginando como Connor estaria se sentindo. O último funeral a que haviam comparecido fora o do pai. Já parecia fazer tempo demais. Na época os dois ficaram juntos, na frente das pessoas, apoiados um no outro. Examinou o rosto de Connor, mas ele parecia distante. A perda de Jez estava gravada em suas feições.

O canhão soou de novo, e agora o capitão Wrathe, vestido com veludo preto com acabamentos em prata, para o funeral, virou-se para falar à tripulação.

— Piratas do *Diablo*, esta é uma manhã sombria. Mas a escuridão no céu e na água só espelha o negrume no nosso coração. Porque hoje temos de nos despedir de um dos nossos melhores homens, Jez Stukeley.

“Jez veio a nós ainda garoto, há oito anos, e desde o início nos divertiui com sua inteligência afiada e seu amor por uma boa história.” Mollucco sorriu. Houve um bom número de confirmações com a cabeça e risinhos silenciosos nas fileiras de piratas.

— Era um dos tripulantes mais companheiros. Nunca estava ocupado demais para ajudar outro colega necessitado, fosse com uma tarefa a bordo ou no campo de batalha...

Grace se encolheu diante da expressão. *Campo de batalha*. Ele fazia aquilo parecer tão nobre! Não era.

— E foi aí que Jez Stukeley se destacou, repetidamente, como um dos nossos homens mais capazes, corajosos e eficientes. — Mollucco olhou para Cate, que assentia solenemente. — Ontem, por infelicidade, meus atos nos puseram a todos diante de um perigo mortal...

As orelhas de Grace se eriçaram. Não esperava essa franqueza da parte do capitão, mas talvez o houvesse subestimado.

— Lamento isso profundamente. Deixem-me garantir a cada um de vocês que estive revirando a alma e que continuarei a examiná-la quando os acontecimentos deste dia terminarem. Mas, sejam quais forem as circunstâncias, o corajoso e honrado sr. Stukeley veio em nossa ajuda. Lançou-se na fogueira para que pudéssemos nos salvar. Travou uma bela luta, cheia de talento e determinação. Poderia muito bem ter vencido. — De novo Cate assentiu. — Mas o destino tirou o sr. Stukeley de nosso convívio...

Grace ficou pensando nisso. Onde seria possível riscar o limite entre o destino e nossas ações? Seria simplesmente o destino de Jez morrer naquele outro convés ou teriam sido as ações de Molucco que o levaram até lá?

— Estamos sofrendo uma perda terrível, sabendo que não poderemos mais nos divertir com suas piadas e não contaremos mais com um dos nossos homens mais capazes. — Molucco levou um grande lenço aos olhos e enxugou as lágrimas que estavam crescendo ali. — Corajosos e queridos camaradas, sei que todos vocês têm suas lembranças do sr. Stukeley. E agora eu pediria que passassem um ou dois minutos se lembrando dele como desejarem.

O silêncio caiu de novo sobre o convés. Os únicos sons eram da água borbulhando embaixo e os estalos das velas ao vento. Grace olhou para o cesto de gávea, pensando no momento em que conhecera Jez.

Foi um dia depois de ter chegado ao navio. Por mais que estivesse empolgada em encontrar Connor, sentira-se desorientada por deixar o navio *Vampirata* — e seus amigos de lá — de modo tão brusco. Havia subido ao convés do *Diablo*, como fazia algumas vezes no navio *Vampirata*. Ficou perto da amurada sozinha — até que Jez se juntou a ela, trazendo duas canecas de chá. Os dois ficaram sentados batendo papo — ou melhor, ele havia falado com ela sem parar. Grace não conseguia lembrar exatamente o que ele dissera, mas foi gentil, caloroso e divertido. Como sempre. Lembrou-se de como, naquele momento, havia percebido que poderia se sentir em casa no *Diablo*.

Essa lembrança trouxe lágrimas aos seus olhos. Enfiou a mão no bolso do casaco e encontrou um lenço de renda. Enxugando os olhos, espiou Connor. Ele lhe sorriu de volta debilmente. Estava tentando ser forte, ela sabia. Mas viu que havia lágrimas nos olhos dele também. Como sempre sem um lenço, Connor simplesmente levantou a mão e afastou as lágrimas.

— Bem, então — disse Molucco baixinho, interrompendo o feitiço do silêncio. — Chegamos à segunda parte. O velho colega e grande amigo de Jez, Bartholomew Pearce, fará agora a Oração do Pirata. Bartholomew...

Molucco se virou. Bart avançou lentamente, segurando um pedaço de papel. Ergueu os olhos para a tripulação reunida e começou a falar.

— *Mãe Oceano, pai Céu,  
Levem este pirata para descansar.  
Ele era um dos melhores...  
Liberte seu espírito para voar.*

*Irmão Sol e irmã Lua,  
Banhem-no em sua luz fugaz.*

*Ele não precisa mais lutar...  
Vocês o chamaram depressa demais.*

*Raio, trovão, vento e chuva,  
Deixem enferrujar sua espada,  
E seu corpo virar poeira...  
Livres de toda dor suportada.*

*Maré de primavera, maré morta, manhã, noite,  
Todas as coisas que cercam nossa jornada,  
Façam para ele um lugar de descanso...  
Onde todas as suas preocupações sejam nada.*

*Riacho e porto, golfo e recife,  
Águas rasas, águas de navegar,  
Dêem-lhe sono eterno...  
E ancorem a nós, e ao nosso pesar.*

Bart não tivera de olhar nenhuma vez para o pedaço de papel em sua mão. Grace achou que era um poema antigo, mas, pelo modo como Bart falava, cada palavra parecia nova e poderosa. Houve até mesmo uma interrupção temporária no vento, como se os próprios elementos estivessem prestando atenção aos pedidos do pirata em favor do companheiro morto.

Então Bart se virou e sinalizou para Connor e os outros quatro piratas ao lado. Os seis, todos com faixas pretas nos braços, se dispuseram ao redor do caixão de Jez. Numa contagem silenciosa, ergueram-no como se fossem um só e caminharam de modo lento e solene até a proa do navio. A bandeira do crânio com as tibias cruzadas balançava na brisa.

Seguraram o caixão no alto por um momento e depois o largaram na água. Ele bateu com um som oco e terrível. O coração de Grace se encolheu ao ouvir aquilo. Mas logo o ruído foi suplantado por uma salva de tiros de canhão, durante a qual Bart, Connor e os colegas retomaram suas posições.

Ao fim dos disparos, Molucco Wrathe se virou para a tripulação.

— Este foi um dia triste, amigos, mas há duas partes quando se lamenta uma morte: primeiro a tristeza e depois a celebração de uma boa vida. Esta noite vamos à taverna de madame Chaleira fazer um ou dois brindes ao Sr. Stukeley.

Houve sons de aprovação pelo convés — e, ainda que estivessem mais silenciosos que o usual, o barulho foi sinal de que logo as coisas se normalizariam no *Diablo*. Isso pareceu terrivelmente súbito para Grace, mas talvez fosse apenas o modo como as coisas aconteciam a bordo de um navio pirata.

— E agora — disse o capitão — vão cuidar de suas tarefas. Que ninguém diga que o *Diablo* não é o melhor navio pirata de todos os mares.

Connor estava parado, com Bart de um dos lados e Grace do outro. Precisava deles agora, mais do que nunca. Sempre soubera que a vida de pirata poderia ser breve. Em sua primeira noite a bordo do navio, Bart dissera: “Terei sorte se chegar aos 30 anos”. Connor havia registrado as palavras, mas só agora entendia de fato como eram

verdadeiras. Os Três Bucaneiros deveriam ser invencíveis. Jez tinha apenas 23 anos — jovem demais para morrer. Mas, pensou Connor, quando você assina o contrato para ser pirata, aceita que nunca é jovem demais para morrer. Tinha apenas 14 anos, mas podia perder a vida com a mesma facilidade na próxima batalha. Não podia arriscar-se a deixar Grace sozinha no mundo. Teria de cair na real e parar de sonhar acordado. E precisaria observar o capitão Wrathe com um pouco mais de atenção, também. Não conseguia afastar o sentimento de que, apesar do belo discurso do capitão, Jez Stukeley havia morrido desnecessariamente.



## CAPÍTULO 9

### *O presente*

Crepúsculo. Depois de um dia de tempo ruim, com vendavais, o mar está bom esta noite. O surfista solitário está lá fora de novo, lançando-se contra as ondas. A cada noite fica mais forte — a cada noite fica mais eficiente. E a cada noite, mesmo contra a vontade, mais solitário. É, agora ele pode admitir isso. Não foi feito para ficar sozinho. Foi a vida — e a morte — que tramaram para separá-lo dos outros. Mas ele não admite ser guiado pelo destino. Neste momento pode depender do fluxo e refluxo da maré, mas logo começará a dirigir o rumo dos acontecimentos. Dessa vez a espera vai acabar. A lua está subindo, lançando dardos dourados sobre a água escura. Ele tem o cuidado de evitar a luz, guiando a prancha na direção dos lugares escuros no meio. Agora luta tanto contra o puxão da maré quanto contra as setas chamejantes da lua, mas, musculoso como é, sustenta-se contra os dois. Seus pés estão firmes enquanto vira a prancha da esquerda para a direita, sentindo a energia das ondas embaixo, impelindo-o em direção a outra enseada vazia.

Enquanto penetra na água rasa, há rochas a evitar. Ele pula da prancha, agora com a água um pouco acima dos tornozelos. Tira a prancha da água antes que ela se despedace nas rochas que esperam, e caminha os últimos metros até a terra seca. Como sempre, no momento em que sai da água, suas roupas e sua pele estão totalmente secas.

A enseada é tão rochosa acima d'água quanto embaixo. Ele encosta a prancha de leve contra um pedregulho pontudo e sobe até uma laje. Ali, envolto confortavelmente pela escuridão, pode examinar o local com calma.

Um navio entra em seu campo de visão, à distância. Isso o deixa cheio de desejos, pensando nos navios que deixou para trás. Mas haverá outros navios em seu futuro. E dessa vez ele será o capitão. Este é o seu destino — disso tem certeza.

O navio atravessa sua linha de visão com tochas flamejando no convés. Elas iluminam a bandeira com o crânio e as tíbias cruzadas. Um navio pirata — o que não é incomum nessas águas. No entanto, o navio lhe parece familiar. Ele fecha os olhos,

afastando a luz para pensar com mais clareza. Na escuridão vê a garota. A estranha garota que lhe escapou. Grace. Esse era o nome dela. Por que a está vendo? — uma garota insignificante a quem contou uma vez sua história? Esmaga a imagem mental dela — como se fosse um inseto que ousou pousar na palma de sua mão, e abre os olhos.

O navio passou, mas agora algo muito mais perto atraiu sua atenção. Algo que bate contra as rochas na água rasa embaixo. Algo que é sacudido pela espuma das ondas, entrando e saindo dos raios de luar. Ele se inclina adiante. Sua visão atravessa as sombras escuras e ele vê a caixa de madeira que lhe foi trazida pela maré. Decide olhar mais de perto o presente que o oceano lhe entregou.

Salta da laje de pedra e volta para a água, os pés evitando habilmente as rochas pontudas embaixo. Agora a caixa está a seu alcance. Presa entre duas pedras, como uma bola de futebol chutada de uma para a outra. Suas grandes mãos encontram as bordas. É maior do que parecia de cima, do tamanho de um homem. Para outros seria impossível soltá-la, mas, para ele, a caixa é manobrável. Liberta-a das pedras que duelam e ergue o caixão — é isso que é — da água, e o carrega sem esforço até o abrigo do pequeno trecho de praia.

Ele o põe na areia e, em dúvida quanto ao próximo passo, procura algo em que possa sentar e pensar. Então percebe que o próprio caixão será o banco perfeito, por isso se acomoda sobre ele e olha de novo para o mar. Sob seu peso, a madeira fraca começa a estalar e rachar. Rapidamente fica de pé, examinando o dano que causou.

O caixão não está em boas condições. De onde quer que tenha vindo, sua viagem pela água não foi tranquila. Mais de uma pedra se chocou contra ele, a julgar pelas marcas nas laterais. Num canto há um buraco, e o surfista encosta o olho ali, espiando a escuridão lá dentro.

É difícil enxergar grande coisa. Um pouco de água do mar entrou — não o suficiente para afundá-lo, mas o bastante para confundir a visão. Ele se afasta de novo, contemplativamente quebrando mais um pedaço de madeira. *Plac.* A tábua se parte como uma barra de chocolate em seus dedos, e agora ele tem visão clara do que há dentro. Seus olhos ficam diante de uma bota. É uma bota de marinheiro, ainda com o nó apertado. Depois de espiar durante cinco minutos, não é a visão mais interessante do mundo.

Se ao menos a outra ponta do caixão estivesse quebrada, pensa ele, erguendo a cabeça. Mas a outra extremidade continua intacta. Depois de mais um minuto na água, a madeira certamente teria se partido ali também. Porque na verdade, se você encostasse o dedo e apertasse com alguma força, poderia rachar essa madeira, sem nem mesmo tentar, e...

*Plac.* A frágil madeira se partiu em suas mãos grossas e um prego se entortou. Ele se inclina adiante. Agora está olhando para um pedaço de rosto — um olho bem fechado, cílios compridos e molhados repousando no travesseiro branco de uma bochecha.

Claro, ele quer ver mais, e como a madeira já está quebrada mesmo, não há problema em soltá-la para ver o rosto inteiro. Agora pode ver que é um rapaz com as feições totalmente descansadas. A boca se ergue num pequeno sorriso congelado, como se ele estivesse sonhando. Com quê poderia estar sonhando? Se ele ao menos pudesse falar de novo, seria possível fazer essa pergunta — e mais algumas outras.

Os pensamentos dispararam, rápidos e furiosos como a maré. Sua mão se estende e

arrebenta o resto da tampa, até que lascas de madeira se empilham na areia como cascas de laranja abandonadas. Agora o caixão está aberto às forças da natureza. E ali jaz o jovem marinheiro, refrescado de novo pelo ar noturno, como já estivera em vida.

Isso não é só um presente. É um sinal. Um sinal de que a maré está virando a seu favor — que seu plano é o correto. Ele sorri, revelando de novo os dentes de ouro.

Há coisas que o surfista sabe — coisas que de algum modo lhe foram contadas, se ao menos puder se lembrar. Coisas às quais agora desceria ter prestado mais atenção. Gestos e encantamentos que — se ele ao menos puder se concentrar e espreme-los de volta à linha de frente da memória — poderiam dar resultado. Olha para o homem à sua frente. Só pela roupa dava para dizer que havia sido um pirata, mesmo que as mãos não estivessem envolvendo um alfanje e mesmo que a bandeira com o crânio e as túbias não estivesse enrolada em seu pulso.

Se ao menos conseguisse lembrar os procedimentos certos! Coça a cabeça raspada. Precisa tentar. Agora deve isso a esse pirata. Agora que invadiu o descanso dele, deve-lhe uma tentativa. Fecha os olhos, afastando todas as distrações enquanto examina as passagens escuras da memória em busca das palavras corretas.

É transportado de volta a um antro sombrio e cheio de fumaça, onde um dia o incenso permeou seus sentidos. Agora está de volta àquela escuridão. De novo o cedro e o sândalo atraem sua mente. Vê de novo aquele outro rosto através da semiescuridão, ensinando o ritual. As palavras estão retornando. Ele não fala, apenas ouve, deixando que o outro lhe diga agora como lhe disse antes.

Sente uma pressão crescente na mão. Ainda não pode abrir os olhos porque o ritual não está completo. Mas a pele de sua mão está sendo comprimida por todos os lados. Como se... não... como se... *sim* — como se outra mão estivesse agarrando a sua.

Por fim abre os olhos. E, sim, sua mão está dentro do caixão e, sem dúvida, outra mão saiu do escuro e pegou a sua, muito mais carnuda. E agora elas pulsam juntas como se tivessem os batimentos cardíacos comuns.

Olha a figura dentro do caixão, em busca de outros sinais de vida. Acha que vê algo se remexer por baixo da máscara do rosto adormecido, mas não tem certeza de que não é simplesmente sua imaginação. Acha que sente vida — ou alguma coisa desse tipo — começando a fluir nos músculos do pirata morto. Imagina a vida — ou sua alternativa — tomando conta dos órgãos adormecidos engaiolados no peito dele. E continua sentindo cheiro de cedro e sândalo, e sente que o ritual ainda não está completo.

Por fim ouve um suspiro. A princípio fraco como as ondas batendo nas rochas à distância. E então vem de novo, mais alto. Com a boca aberta de curiosidade, vê os cílios tremerem e se separarem. Globos oculares brancos aparecem como pérolas brilhantes numa ostra escura.

Então os lábios de um roxo pálido se abrem também. Eles tosem para expelir um pouco de ar e água do mar. E uma voz vem em seguida, surpreendentemente clara e forte.

— Já é hora de acordar? Eu estava tendo um sonho ótimo!



## CAPÍTULO 10

### *O tenente Stukeley*

— Você está bem, companheiro? Parece que viu um fantasma!

Sidório olha para o caixão do pirata, morto há apenas alguns instantes, agora se remexendo, se espreguiçando e rindo como se ele fosse um amigo perdido há muito.

— Estou todo molhado — diz o sujeito. Há uma fina camada de água no caixão, que encharcou suas roupas. Ele tem cheiro de mar.

— Aqui. — Sidório estende a mão de novo. O pirata segura-a e Sidório o puxa para que fique de pé.

O pirata fica parado um momento, então suas pernas bambeiam e ele cambaleia. Sidório precisa agir depressa para impedir que ele despenque de volta e se machuque nas bordas afiadas do caixão quebrado.

— Obrigado, companheiro — diz o pirata, ainda segurando com força. — Estou me sentindo meio esquisito. Como se tivesse tomado rum demais!

Sidório o sustenta até que ele pareça se aguentar nas próprias pernas.

— Ah, está bem melhor. Pronto. Vamos lá!

Mas, quando Sidório afasta a mão, de novo as pernas do marinheiro se dobram e ele cai feito uma trouxa na areia.

— Acho que vou ficar sentado aqui um pouquinho e me orientar.

— Boa idéia.

Sidório se afasta e olha o pirata, ainda pasmo com seu próprio feito. Trouxe-o de volta dos litorais das trevas. Ele, Sidório, realizou o ritual. É sinal de que seus poderes estão crescendo. A maré está começando a virar.

— Você é um cara grande, hein? — diz o pirata, olhando-o.

Sidório encolhe os ombros.

— Qual é o seu nome?

— Meu nome é Sidório, mas você deve me chamar de capitão.

— Tudo certo, capitão. Sou Stukeley, Jez Stukeley. Pode me chamar de Jez.

— Daqui em diante você será conhecido como Stukeley — diz Sidório. — Serei

seu capitão e você será meu tenente.

— Tenente? Que bela promoção! — Ele parece satisfeito.

Sidório hesita. O pirata parece não se abalar com o que lhe aconteceu. Ele se lembrou do ritual, mas não dessa parte. O que deveria ser dito aos que retornam? Até que ponto são frágeis? Agora que Stukeley está se acostumando a respirar de novo, não parece nem um pouco frágil. Está mais empertigado e suas roupas molhadas secaram. Agora ele começa a desabotoar a camisa.

— Só quero ver — diz ele. — Antes não tive chance.

— O que ele está falando? Sidório fica olhando enquanto Stukeley abre os primeiros botões da camisa e revela a pele do peito, pálida como mármore a não ser por um profundo talho azul-índigo.

— Então é isso — diz Stukeley, assentindo. — Este é o ferimento fatal. Preciso confessar que estou meio desapontado. Esperava uma coisa mais impressionante.

Sidório se agacha perto dele.

— Então você sabe... sabe que foi morto?

Stukeley o encara com os olhos brilhando ao luar.

— Eu... morto? Não, eu... O que você está falando, companheiro?

Sidório está perdido em confusão até que Stukeley começa a gargalhar.

— Claro que sei que morri, companheiro. Não costume ficar em caixões só de brincadeira. Não sou nenhum vampiro, você sabe.

— Bem... — começa Sidório.

— Não! — exclama Stukeley. — Você está brincando comigo! Eu, um vampiro? Impossível. Sério? Tenho dentes compridos e coisa e tal?

— Ainda não, mas terá. Se tudo der certo.

— Sinistro! Acho que você não tem espelho, tem?

— Vá se olhar na água, se quiser.

Stukeley pára um momento, depois fica de pé e cambaleia até a beira do oceano. Sidório o observa enquanto ele se curva tentando captar um reflexo claro nas águas agitadas. O pirata se vira, chocado.

— Não consigo ver meu reflexo.

Sidório assente, sorrindo.

— Isso mesmo. Você *mudou*. Certo?

— Sim, capitão. — Agora a voz está diferente: cheia de respeito e espanto.

Sidório fica pensando em seus atos. Tudo está acontecendo depressa demais. Há apenas uma hora estava pensando em como as coisas poderiam mudar, como poderia ter companhia. Agora tem um tenente, mas a empolgação com seu próprio poder deu lugar a um sentimento do fardo da responsabilidade. Stukeley dá as costas para a água e corre para ele, sorrindo.

— Não acredito que voltei! Obrigado — diz sorrindo. — Obrigado por me trazer de volta.

— Como foi, lá?

— O senhor também já esteve lá, não esteve? Deve saber.

— É diferente para todo mundo.

Stukeley dá de ombros.

— Honestamente, não lembro grande coisa. Só que perdi o duelo, o que foi bastante injusto, caso queira saber. E que fiquei caído no convés, como se fosse puxado

para longe dos meus companheiros, as vozes deles ficando cada vez mais fracas. Mas, depois disso, não sei. É tudo um vazio. — Ele se vira e olha para os restos do caixão. Sorri de novo. — Devem ter feito um enterro decente no mar. Nem todo mundo recebe um desses, companheiro. Fico morrendo de satisfação com isso. Ah, e me lembro de que o capitão disse que eles iam fazer uma festa para mim na taverna de madame Chaleira.

— Que capitão? — pergunta Sidório. — Que navio?

— O navio do capitão Wrath. O *Diablo*.

— *Diablo*, hein? — Sidório ri de novo. — Meu tipo de navio.

Uma expressão curiosa atravessa o rosto de Sidório.

— Quanto tempo fiquei de fora?

Sidório balança a cabeça.

— Não sei. Mas acho que seu caixão não duraria muito tempo mais.

— Que dia é hoje?

— Não tenho nenhum interesse pela passagem dos dias.

— O senhor diz umas coisas estranhas, companheiro. Só estou tentando deduzir há quanto tempo eu me fui.

— Eu acho que você não... se foi... há muito tempo. Mas que interesse tem isso?

— Conhece um lugar chamado taverna de madame Chaleira?

Sidório pensa um momento.

— Sim, já estive lá.

— Bem, acho que há toda a possibilidade de que meu velório esteja acontecendo lá, esta noite mesmo.

Sidório sorri.

— E você gostaria de ir?

Stukeley ri de volta.

— Parece uma grosseria faltar, não acha?

Sidório faz uma pausa.

— Se formos, ninguém deve ver você. Nada deve ameaçar meus planos. *Nossos* planos.

— Quais são exatamente nossos planos?

— Tudo a seu tempo, tenente. Tudo a seu tempo.

— Como quiser, grandão.

— Como quiser, *capitão*.

Stukeley confirma com a cabeça.

— Como quiser, capitão.

— Este é o início, esta é a virada da maré. Estive esperando por tempo demais. Antes que eu acabe, o oceano ficará vermelho de sangue. Agora, finalmente, tem início a maré de terror!



## CAPÍTULO 11

### *Reunião na Taverna de Madame Chaleira*

Grace estava junto de Connor enquanto o *Diablo* ia na direção de um afloramento rochoso.

— Lá está! — disse Connor.

Uma luz de neon surgiu, piscando de modo irregular através da escuridão.

— Taverna de Madame Chaleira — leu Grace.

— Espero que você esteja preparada para isso — disse Cate, que estava do outro lado dela.

— Alguém, *algum* dia, pode estar preparado para o boteco da Madame? — perguntou Bart, com um sorriso.

Depois das tristezas do funeral de Bart, os piratas já pareciam mais animados. Grace ainda achava difícil pôr de lado a tristeza, mas talvez o capitão Wrathe estivesse certo ao dizer que havia duas partes quando se lamentava uma morte — o adeus doloroso e a celebração da vida. Só que era insuportavelmente triste que a vida em questão tivesse sido apagada tão cedo.

Quando o navio atracou, a tripulação empolgada avançou até a frente do convés para desembarcar, e Grace teve de concentrar toda a atenção para ficar junto de Connor e dos outros. Por um tempo estivera de cabeça baixa, lutando para encontrar espaço para os pés em meio à turba. Connor estendeu a mão e puxou-a em meio à tripulação para se juntar a ele na frente. Quando ela olhou para cima de novo, a taverna de madame Chaleira estava bem à frente — com a gigantesca roda-d'água iluminada pela lua. Acima, uma bandeira com o crânio e as tíbias cruzadas balançava a meio mastro.

— Por respeito a Jez — disse Bart com orgulho. Grace assentiu, apertando o braço dele para confortá-lo.

Subiram a escada até a primeira plataforma.

— Observe bem onde pisa, Grace — disse Connor.

Ela olhou para baixo e viu as fendas traiçoeiras no piso de madeira, abertas para o

oceanos abaixo. Agora a água escura estava plácida e ela podia ver o rosto refletido, como se houvesse outra Grace presa sob a superfície, esperando para ser resgatada. A miragem tinha força suficiente para levá-la até mesmo a mergulhar a mão na água para verificar, mas os outros prosseguiram e ela não quis ser deixada para trás.

A tripulação avançou mais para dentro da taverna, em direção a uma área isolada por cordas, onde suas mesas os esperavam.

— Olhe — disse Connor apontando para a placa de madeira onde estava escrito *Diablo*, marcando o território deles. — Só os capitães VIPs têm isso. — E riu para Grace de orelha a orelha. Ela sorriu de volta, levemente. Este mundo parecia fazer sentido com muita facilidade para seu irmão. Ele aceitava as regras com muita tranquilidade.

Os piratas se ajuntaram ao redor das mesas, e o volume de conversas aumentou enquanto começavam a cantar vantagem uns para os outros e para as outras tripulações nas mesas vizinhas.

Um homem de aparência distinta, com bela barba e bigode brancos, apareceu ao lado do capitão Wrathe.

— Lamentei ao saber o que houve, Molucco — disse ele.

— Bom, obrigado, Gresham.

— Aquele Drakoulis é um sujeitinho nojentão. Achei que nunca mais iríamos vê-lo.

— Eu também — respondeu Molucco balançando a cabeça. — Eu também.

— Deixe-me pagar uma rodada de rum para sua tripulação — disse o capitão Gresham. Em seguida se virou e gritou: — Alguém pode servir aqui? Eu disse: alguém pode...

— Que bagunça é essa?

Uma mulher apareceu entre os dois capitães. Usava um vasto vestido de tecido preto com estampas de crânios e tíbias brancas. Connor cutucou Grace.

— Esta é...

Mas Grace não precisava de apresentação. Soube imediatamente que era madame Chaleira. Hoje a madame usava um véu de renda preta, que ergueu, para oferecer primeiro uma bochecha, e depois a outra, ao capitão Wrathe.

— Lamento *tanto*, Sortudo — disse ela. — Estes são tempos sombrios.

— Sombrios mesmo, Gatinha — respondeu Molucco, abraçando madame Chaleira com força. E madame Chaleira se virou para o resto da tripulação.

— Esta noite as bebidas são por conta da casa, garotos e garotas. Sinal de meu amor e respeito por Jez e todos vocês. — Houve aplausos trovejantes e madame Chaleira jogou um beijo para a tripulação que aprovava. Antes que ela terminasse de falar, as garçonetes haviam enfileirado doses de rum ao longo de cada mesa. Grace olhou para o copo que fora posto à sua frente. Nunca havia bebido rum. Mas não olhou por muito tempo. Madame Chaleira era intrigante demais para que ela afastasse os olhos.

— Bartholomew — dizia ela agora, apertando Bart contra seu peito amplo. — Este deve ser um golpe especial para você. Os dois eram como irmãos, eu sei.

Bart assentiu.

— Para todos nós, madame. Mas em especial para mim e para o Connor.

A Madame assentiu triste, voltando o olhar para Connor.

— Olá de novo, sr. Tormenta. Bem, que diferença alguns meses fazem! Olhe para você, Pirata! E tenho ouvido muitas coisas a seu respeito. Dizem que é um superastro

em formação!

Connor ficou da cor de um tomate maduro demais. Grace imaginou se madame Chaleira iria abraçá-lo também — sabendo que Connor morreria de embarço —, mas em vez disso a madame simplesmente estendeu a mão e pôs no ombro do garoto.

— Não tenho dúvida de que você está sentindo um caldeirão de emoções — disse ela. — É terrível quando perdemos um colega íntimo, um amigo. Terrível demais.

Connor assentiu. Mas a madame ainda não havia terminado com ele.

— Agora a madame vai lhe dar um conselho grátis, que você tem liberdade para aceitar ou não, meu doce. Primeiro: a morte. Ela nunca é fácil. Quer a gente tenha 14 anos como você ou... bem, quer seja velha como os recifes de coral, como eu, perder alguém próximo sempre será um golpe muito amargo. Segundo: não guarde as emoções. Você tem de soltá-las. Este é um motivo pelo qual fazemos uma festa. — Ela girou a mão indicando o panorama da taverna. — Quando um bom pirata como o Jez é perdido, devemos celebrar sua vida. Devemos beber, ficar alegres e contar histórias do tempo que passamos juntos. Alguns acham que isso é *de mau gosto*. Prefeririam que ficássemos em silêncio, andando de preto da cabeça aos pés dia e noite. Mas temos de celebrar a vida, sabe? A vida! É o tesouro mais maravilhoso, meu doce. E Jez Stukeley podia ter apenas 23 anos, mas deixou sua marca. Deixou pessoas que o amam, que vão se lembrar dele. No fim, isso é o máximo que qualquer um de nós pode esperar. Não concorda, Sortudo?

Molucco se levantou atrás dela e segurou sua mão, beijando-a com ternura.

— Você sempre foi muito eloquente, Gatinha. Nem eu poderia ter falado palavras mais verdadeiras.

A Madame sorriu para Connor.

— Desejo-lhe uma vida longa, Connor Tormenta. Porém, mais importante do que isso, desejo uma vida de amor e risos, amizade e aventura, e nem um minuto de tédio. — Ela beijou a própria mão e passou no rosto dele. — Uma velha tradição pirata — disse sorrindo.

Em seguida se virou para Grace.

— E quem é esta jovem beldade? — Agora foi a vez de Grace ficar vermelha.

— Esta é a irmã gêmea do sr. Tormenta, Grace — respondeu Molucco.

— Sim — disse madame Chaleira, chegando mais perto —, agora vejo a semelhança. Que jovem linda você é. — Ela estendeu a mão e passou um dedo pelo rosto de Grace. — Que pele maravilhosa! Lisa como seda. E pensar que já tive uma pele assim. E agora olhem para mim, um velho monstro do mar encarquilhado.

Imediatamente toda a atenção retornou a madame Chaleira, quando Molucco, Bart e os outros a cobriram de elogios. Grace ficou olhando, fascinada com aquela mulher extraordinária.

— Pronto, pronto, rapazes, parem de se preocupar com um velho destroço de naufrágio como eu. Agora chega de conversa fiada. Por que não ficam à vontade? As garotas e eu montamos uma pequena diversão para vocês, para afastar as tristezas. — Ela se virou e chamou, ou melhor, berrou, por cima do ombro: — Docinho de Coco, está preparada?

— Estou sim, Madamel — respondeu uma voz muito mais suave.

— Então venham. Sentem-se todos. Isso mesmo. Sortudo, você ao meu lado. — Madame Chaleira ajoitou as saias vastas enquanto as luzes da taverna diminuíam

subitamente e a escuridão baixava ao redor.

Então houve um som de acordeão e de repente um poço de luz surgiu num palco, revelando a frente de um navio com a linda figura de proa. Aquela devia ser Docinho de Coco. Usava um chapéu de capitão pirata e olhava para a platéia através de uma luneta. Grace não conseguiu evitar pensar em Darcy Flotsam, em especial quando a figura de proa guardou a luneta e piscou para a platéia.

Mais dois poços de luz apareceram de cada lado, revelando mais duas figuras de proa. Cada uma jogou um beijo para a platéia e as duas foram recompensadas por gritos de aprovação. Agora outros instrumentos se juntaram ao acordeão enquanto as três figuras de proa se soltavam dos navios e escorregavam através de fitas azuis e brancas até pousar no deque abaixo. Formas de ondas haviam sido postas entre as pranchas de madeira. Era um cenário bastante elaborado. Parecia que estavam num teatro de verdade, e não numa taverna rústica, pensou Grace.

A multidão irrompeu em aplausos. A figura de proa central, ainda usando chapéu de capitão, pôs um dedo nos lábios. Imediatamente houve silêncio.

— Aquela é Docinho de Coco — sussurrou Connor a Grace, com expressão sonhadora.

— Ah, verdade? — respondeu Grace, sorrindo para o irmão. — E quem poderia ser?

— Só... — começou Connor, mas ficou sem palavras.

— Uma velha amiga — disse Bart.

Grace sorriu, confirmando com a cabeça e curtindo o embarço de Connor.

E agora Docinho havia posto as mãos nos quadris e começou a cantar.

*— Fiquei meio cansada de navegar no oceano.  
Para mim o oceano não traz mais vantagens.  
Prometeram saques e muito metal, mas me dei mal.  
E agora questiono meus sonhos de viagens.*

*Disseram que o mar era o lugar certo para ação...*

Nesse ponto ela piscou.

*— Grandes aventuras, no peito e na raça.  
Dia e noite viajei, o capitão certo procurei,  
Mas só vi baías e recifes sem graça.*

*Fiz tudo que meu oficial ordenou:  
Alfanje brilhante e pronto a atacar.  
Mas uma garota não pode ficar esperando!  
Assim abro as velas e vou navegar.*

Houve gritos da platéia.

*— Sonhava em capturar um bom capitão  
que me levaria a bordo de sua bandeira.*

*Navegaria os sete mares, saquearia navios e lares  
E partilharia seus tesouros comigo a vida inteira!*

*Sonhava em me casar com um capitão  
E ser sua melhor oficial.  
A tripulação me respeitaria sem mágoa — ou eu jogaria todos na água!  
Mas seria justa, ainda que firme, com minha banda de piratas sem igual.*

Nesse ponto madame Chaleira gritou:

— É isso aí, garota!

*— Mas meus sonhos de amor deram em nada.  
Parece que nenhum capitão pirata quer casar.  
Então vou pular deste navio, da vida de pirata me extravio.  
É, estou cheia da vida no mar!*

*Tinha sonhos de viajar no oceano  
Mas tudo isso não passa de engano.  
E, estou cheia da vida no mar!  
Totalmente cheia da vida no mar!*

Cantando isso, Docinho de Coco tirou da cabeça o chapéu de capitão, sacudiu o cabelo louro e comprido e riu para a platéia.

Grace sorriu, mesmo contra a vontade. Ela e Docinho de Coco tinham algo em comum, pensou secamente. Se fosse tão fácil assim abandonar a vida de pirataria!

A pouca distância dali, um bote chega ao cais.

Há três pessoas dentro: o barqueiro e dois passageiros.

— Este é o lugar — anuncia o barqueiro.

— Excelente — diz o passageiro mais alto. — Stukeley, saia enquanto pago a passagem.

Stukeley não precisa ser instigado.

— Taverna de Madame Chaleira — diz com espanto enquanto os pés pisam no cais. — Nunca pensei que iria ver você de novo.

— Não vá muito na frente! — grita o outro passageiro. — Precisamos ter cuidado.

— Não, capitão. Vou esperar o senhor aqui.

— Bom, tenente — diz o outro, voltando a atenção para o barqueiro. — Este ouro compra o seu silêncio. Mas será que você é de confiança?

O barqueiro assente ansioso, a mão se estendendo para o pagamento. Mas o punho do outro se fecha subitamente sobre o ouro.

— Acho que minhas dúvidas com relação à confiança venceram de novo — diz ele com um suspiro.

O barqueiro olha-o surpreso. Há algo errado aqui. Logo a surpresa vira indignação, depois puro terror.

Stukeley está perdido em pensamentos enquanto olha a gloriosa roda-d'água girando à distância e ouve o conhecido chacoalhar da água. Mas logo há um som mais alto, de algo caindo no mar, ali perto. Vira-se e vê o capitão Sidório vindo em sua direção.

— Que barulho foi aquele? — pergunta Stukeley.

Sidório dá de ombros.

— Que barulho?

— Aquele não é o bote em que viemos? Onde está o barqueiro?

Sidório se vira.

— Ah, sim. Parece que o barqueiro sumiu. É realmente estranho — diz ele enxugando a boca e palitando algo entre os dentes. Virando-se de volta, bate firme no ombro de Stukeley — Venha, tenente. Não vamos nos demorar aqui para não perder sua festa.

Stukeley tem uma sensação incômoda. Mas sabe que Sidório não gosta de ser questionado. E, afinal de contas, foi Sidório que o trouxe de volta. Sidório é seu capitão. E é certo que ele cumpra as ordens do capitão — quaisquer que sejam. Esta é uma segunda chance. E Stukeley pretende ser o próprio modelo de tenente bom e confiável.

Os piratas deram vivas e aplaudiram entusiasmadamente Docinho de Coco, mas ela ergueu um dedo junto aos lábios para silenciá-los. Segurou o chapéu no alto, pronta para jogá-lo.

— Quem pegar isso ganha um beijo de Docinho de Coco!

Ela mandou o chapéu num arco alto pelo ar, acima dos piratas que gritavam com os braços e as mãos balançando como juncos para pegá-lo. O chapéu escapou da maioria, indo em direção às mesas dos piratas do *Diablo*. Todos os olhares se viraram quando o chapéu finalmente desceu. Foi caindo na direção de Connor e Bart, cujas mãos se estenderam para ele. Grace se inclinou para trás, dando mais espaço aos dois. Bart tinha a vantagem do tamanho e pegou o chapéu antes que Connor conseguisse.

— Mais sorte na próxima, companheiro — riu Bart, pondo o chapéu de capitão na cabeça e empurrando Connor de lado enquanto ia reivindicar o prêmio.

— Tão perto e ao mesmo tempo tão longe — disse Grace, cutucando as costelas de Connor. Agora ela estava se divertindo. Sentiu um jorro de culpa ao pensar em Jez. Mas então se lembrou das palavras de madame Chalcira. Eles estavam ali para celebrar a vida de Jez. E em sua mente não havia dúvida de que era isso que Jez teria desejado. Bom, se ele estivesse aqui, estaria lutando com Bart e Connor pelas atenções de Docinho de Coco!

O show terminou, as luzes se acenderam e Grace viu que uma nova rodada de bebidas havia sido enfileirada na mesa. Um gole de rum era mais do que o bastante para ela, mas os outros piratas levantaram os copos, alegres, e jogaram o líquido incandescente pela goela abaixo.

— Vou tomar um pouco de ar — disse ela a Connor.

— Certo. — Ele apertou sua mão. — Se precisar de mim, é só gritar.

Ela concordou com a cabeça, afastando-se da mesa. Quando olhou de volta, viu que uma das moças que dançavam com Docinho de Coco tinha ido até a mesa, e

Connor, junto com os outros, pareciam absolutamente fascinados. Balançando a cabeça, divertida, Grace se virou e foi andando.

Retornou à entrada da taverna, tendo o cuidado de evitar as fendas no piso. Mais uma vez olhou para a água abaixo. Ali estava ela de novo, olhando para si mesma. Como se estivesse se afogando outra vez. Lorcan a havia resgatado.

*Loran.* Instintivamente levou os dedos até o cordão no pescoço, encontrando o anel Claddagh. A princípio o metal estava frio ao toque. Mas, enquanto o polegar e o indicador se demoravam, começou a ficar mais quente. Será que teria outra visão? Sentiu um arrepio de empolgação, mas também de medo. Mais do que qualquer coisa, queria saber como ele estava e o que lhe havia acontecido. Mas tinha medo do que poderia descobrir.

Enquanto o anel continuava a esquentar, ela sentou no deque e fechou os olhos, esperando a onda de náusea que havia experimentado da outra vez. Mas, ainda que o anel ficasse cada vez mais quente, não houve dor ou sensação de enjôo. Além disso, não escutava nada e não havia uma névoa opaca na cabeça. Que tipo de visão seria esta? Estaria fazendo alguma coisa errada? Perplexa, abriu os olhos.

Ao fazer isso, ofegou. Lá na água, embaixo do deque, viu Lorcan. Ele estava cambaleando pelo corredor do navio Vámpirata, as mãos estendidas para se firmar. Grace ofegou. Era como se experimentasse a mesma cena de antes, mas dessa vez como observadora externa. Era doloroso ver Lorcan lutar daquele jeito. Queria demais estender a mão e ajudá-lo. Instintivamente baixou uma das mãos para a superfície da água. Continuava segurando com força o anel, que se tornava cada vez mais quente. Era uma manobra desajeitada, para dizer o mínimo, entretanto ela se sentia dominada por uma ânsia gigantesca de tocar a água.

Mas, no instante em que seus dedos roçaram a superfície escura, a visão de Lorcan desapareceu. As águas se tornaram um espelho de novo, refletindo seu rosto perturbado e as luzes da taverna atrás. Franziu a testa.

Então as águas escureceram de novo. Ela se inclinou chegando mais perto, esperando que a visão de Lorcan retornasse. Mas, em vez disso, viu outro rosto. Estremeceu. Era Sidório. Ele a estava olhando diretamente — assim como havia feito no convés do navio Vámpirata naquela noite fatídica. E agora, como na outra ocasião, subitamente seus olhos ficaram vazios, depois cheios de fogo. Ele abriu a boca num sorriso terrível, com os incisivos iguais a adagas parecendo subir, saindo da água.

— Não! — gritou Grace.

Agora o anel Claddagh queimava seus dedos. Queria soltá-lo, mas de algum modo não conseguia. De repente sua mão saltou adiante. O anel havia se soltado do cordão. Ela continuava a segurá-lo entre o polegar e o indicador, mas não sabia quanto tempo conseguiria mantê-lo. A qualquer momento o calor a obrigaria a soltá-lo na água. *Não!* Por mais doloroso que fosse, não poderia perdê-lo. O anel era sua última ligação com o navio Vámpirata, com Lorcan. Se o soltasse, talvez nunca pudesse retornar, nunca pudesse ajudar o amigo. Foi esse pensamento que, apesar da dor, permitiu que ela continuasse segurando o anel, mesmo com o calor insuportável rasgando os dedos.

Na água abaixo, Sidório a olhava. Estava rindo para ela. O que isso significava? Seria outra visão? Será que ele estava perto? Estaria voltando para pegá-la?

De repente sentiu uma mão no pescoço. A mão a puxou com firmeza para trás. Nesse momento ela sentiu a temperatura do anel finalmente esfriar. Deixou-se cair de

costas no deque, ofegando de alívio e fraqueza. E puro medo.



## CAPÍTULO 12

### *Confissão*

— Ora, ora, ora. O que temos aqui?

Grace abriu os olhos e espiou um rosto familiar.

— Cheng Li! — exclamou ela.

— Olá, Grace — assentiu Cheng Li, agachando-se ao lado dela. — Que prazer encontrar você, ainda que em circunstâncias um tanto curiosas. Se está pretendendo praticar acrobacia, consigo pensar em lugares melhores.

Grace a olhou. Cheng Li parecia mais afável do que ela recordava. Mas haviam se conhecido apenas brevemente no *Diablo*, e sua memória talvez tivesse sido manchada pelas palavras ásperas de Molucco Wrathe sobre sua ex-subcapitã.

— Eu não estava praticando acrobacia.

— Não achei que estivesse. Mas, o que quer que estivesse fazendo, você está bem pálida. Acho melhor pegar alguma coisa para você beber.

— Será que servem bebidas não-alcóolicas neste lugar? — perguntou Grace. — Tomei um gole de rum e estou meio tonta.

— Humm, talvez você descubra que é isso que acontece quando a gente se pendura de cabeça para baixo sobre água estagnada! O que, exatamente, estava fazendo ali embaixo?

Grace sorriu.

— É uma longa história.

— Meu tipo predileto. — Cheng Li sorriu para Grace e estendeu o braço, firme mas gentil. — Venha, querida. Vamos dividir um bule de chá de Lírios do Mar. Isso, como dizem, deve trazer um pouco de cor de volta ao seu rosto.

Cheng Li guiou Grace de volta para dentro da taverna. Mais adiante, na seção VIP, os piratas do *Diablo* ficavam mais espalhafatosos a cada minuto. Grace viu Connor ali no meio, mas ele evidentemente estava envolvido demais para notá-la. Cheng Li pegou a mão de Grace e levou-a até uma escada escura num dos lados da taverna. Subiram a escada estreita, saindo numa galeria superior. Era cheia de reservados. Painéis de

madeira com intrincados relevos de navios e ondas separavam cada reservado do outro.

O reservado onde entraram fez Grace se lembrar de um confessional de igreja. Ficava acima do bar, mas havia uma cortina de veludo vermelho que podia ser fechada para manter longe os olhares curiosos e abafar parte do burburinho de baixo. Cheng Li fez isso, com um puxão forte.

— Pronto — disse ela. — Agora podemos ter privacidade.

Estava escuro dentro do cubículo, e o rosto de Cheng Li era iluminado por uma única vela que tremeluzia num lampião de vidro no centro da mesa. A luz fraca suavizava as feições de Cheng Li, fazendo Grace lembrar que, apesar da aura e do posto, sua acompanhante era apenas alguns anos mais velha que ela.

Cheng Li estava bem diferente de como Grace recordava. Seu cabelo preto e brilhante havia crescido nos meses que se passaram, e ela fizera um corte um pouco menos sério. Então Grace notou que Cheng Li não estava carregando as duas *katanas* às costas. Agora, que era professora na Academia dos Piratas, teria abandonado as armas?

— O que é preciso para ser servida aqui? — perguntou Cheng Li, estendendo a mão para fora do reservado e estalando os dedos. Grace viu as *katanas* deitadas sobre o banco. Então não estavam abandonadas, apenas descansando.

Um empregado de madame Chaleira veio ao reservado. Grace ficou surpresa ao ver que era um garoto. Ele fez uma reverência.

— Em que posso ajudar?

— Traga um bule de chá de Lírios do Mar — disse Cheng Li.

— Agora mesmo, srta. Li! — Ele saiu correndo.

Cheng Li sorriu para Grace.

— É realmente uma bela surpresa encontrá-la. Andei pensando muito em você.

Grace ficou ruborizada.

— É bom ver você também — disse, meio sem graça.

O garçom voltou rapidamente com uma bandeja cheia de jarros, copos e caixinhas de vários tamanhos. Será que tudo aquilo seria somente para as duas? Sem dúvida havia um tremendo ritual nesse negócio de tomar chá.

Grace pôde sentir o olhar de Cheng Li sobre ela enquanto observava o garoto servindo. Ele colocou sobre a mesa dois copos de chá com uma bela pintura. Depois pôs um bule alto de vidro no centro. Estava vazio, notou Grace. Fazendo uma reverência, o garoto abriu uma pequena caixinha de ônix. Estava cheia de botões de flores. Pegando uma pinça de prata, ele largou cuidadosamente dois botões no bule de vidro. Fechou a caixinha, pegou um elegante pote de prata e derramou água quente num arco alto sobre as flores, até que o bule estivesse quase cheio.

— Agora sejam pacientes! — sorriu ele, retirando a caixinha e a bandeja. — Ah, quase esqueci, há um pouco de mel. — Ele pousou um pequeno frasco preto com uma colher minúscula se projetando da tampa.

Cheng Li pôs uma moeda na bandeja.

— Feche a cortina depois de sair — disse ela.

Ele sorriu e fez outra reverência, depois desapareceu, puxando a cortina ao redor do reservado. As duas jovens estavam totalmente isoladas.

— Agora veja — disse Cheng Li, indicando o bule de vidro.

Grace acompanhou seu olhar. A água límpida havia se transformado num tom de rosa-claro — com uma mancha de cor mais intensa se espiralando pelo líquido como se

um pincel usado tivesse sido mergulhado dentro. Então, muito lentamente, os botões começaram a se abrir. Pétalas se projetaram em leque, gradualmente, de cada botão, como braços se estendendo gentilmente depois de uma noite de sono. À medida que as pétalas se espalhavam, as duas flores se tocavam. O tempo todo a água ia ficando num tom de rosa cada vez mais profundo — como o sol durante o crepúsculo.

Agora as flores estavam totalmente abertas e começaram a subir para o topo do bule — até flutuarem juntas na superfície de um oceano rosa-jóia.

— Uau — exclamou Grace, intrigada por aquele pequeno teatro.

— Agora está pronto para beber — disse Cheng Li, pegando o bule e derramando o chá quente no copo de Grace. O vapor subiu em espiral até as narinas de Grace. O perfume do chá era muito incomum e inebriante.

— Alguns gostam de pôr uma colher de mel — observou Cheng Li, assentindo para o pequeno frasco sobre a mesa —, mas prefiro o meu puro.

Grace decidiu acompanhar Cheng Li e levou seu copo aos lábios.

— Espere — disse Cheng Li. Grace fez uma pausa, imaginando o que mais haveria naquele ritual.

— Um brinde — continuou Cheng Li, levando seu copo para perto do de Grace. — Às novas amigas!

— Novas amigas! — repetiu Grace.

Bateram delicadamente os frágeis copos. Então Grace tomou um gole do chá de Lírios do Mar.

— E então? — perguntou Cheng Li, com os olhos turvos piscando para Grace. — Qual é o veredicto?

— Acho que é a bebida mais deliciosa que já tomei.

Cheng Li assentiu e deu um sorriso.

— Achei que você gostaria. Os Lírios do Mar são uma iguaria rara, cheia de coisas boas. São difíceis de encontrar. Mas Matilda Chaleira é muito bem relacionada.

— Matilda? — Grace ficou surpresa. — Todo mundo só a chama de “madame”.

Cheng Li balançou a cabeça.

— Mas o nome dela é Matilda.

— E antes Molucco a chamou de Gatinha.

— As pessoas a chamam de muitos nomes, mas o verdadeiro é Matilda.

Grace percebeu que Cheng Li sabia muitos, muitos segredos. Tomou outro gole de chá, sentindo o doce calor fluir pelo corpo. Era como se toda a tensão que estava carregando tivesse se esvaído. Será que apenas alguns goles do chá delicadamente perfumado pudessem provocar um efeito tão imediato e forte?

— Agora — disse Cheng Li. — Conte-me tudo.

Por onde ela deveria começar? Havia muita coisa que poderia dizer. Muitas idéias e experiências que de repente sentia ansia de pôr para fora do peito. E muitas perguntas também.

Mas será que poderia confiar em Cheng Li? Sabia da reputação dela — a bordo do *Diablo*, falava-se da ex-subcapitã com uma mistura de medo e desdém. Mas Connor havia falado bem dela — descrevendo-a como dura, porém justa —, e a opinião dele importava muito mais que a do capitão Wrathe ou de seus subordinados, muito facilmente influenciáveis. Mas uma coisa que Connor havia dito lhe dava um verdadeiro motivo de preocupação. Ele havia falado da insinuação feita pelo capitão Drakoulis de

que Cheng Li estivera espionando Molucco — este era o motivo para sua chegada ao *Diablo* e para sua partida súbita.

— O que você gostaria de saber? — perguntou Grace finalmente, decidindo deixar que a companhia determinasse o rumo da conversa. Seguiria com cautela e tomaria as decisões segundo a confiabilidade de Cheng Li.

Cheng Li deu de ombros.

— Bem, para começar, o que está achando da vida a bordo do *Diablo*?

— Gosto bastante.

Cheng Li observou Grace com seus grandes olhos amendoados. Sem dúvida, esperava ouvir mais. Grace decidiu arriscar-se.

— Não sei se quero ficar lá para sempre.

— Verdade? — Cheng Li ergueu uma sobrancelha interrogativamente. — Desculpe se estou errada, mas Connor já não assinou o contrato?

Grace assentiu.

— Já — respondeu em voz baixa.

Cheng Li tomou um gole de chá.

— Isso representa um pequeno problema.

Grace não precisava ser lembrada. As cláusulas do contrato eram um espinho constante em seu pé.

— Em geral, o contrato é considerado um elo por toda a vida — disse Cheng Li. Em seguida olhou para Grace. — Mas sempre há um modo de passar ao largo dos probleminhas.

O coração de Grace se animou. Será que Cheng Li iria lhe jogar um salva-vidas?

— Diga: como Connor está se saindo no navio?

— Bastante bem.

Cheng Li sorriu.

— Só *bastante* bem? O que se diz nos noticiários náuticos é que ele é um prodígio entre os piratas!

— Ele está se saindo muito bem. Ficou abalado com a morte do Jez. Todos ficamos. Mas Jez e Connor... e Bart... eram especialmente íntimos.

— É. — Cheng Li bebericou o chá, ruminando pensamentos. — Claro, os Três Bucaneiros e coisa e tal.

Grace confirmou com a cabeça.

— Connor vai se recuperar. Ele se sente bem feliz com a vida de pirata.

— Mas não parece que *voce* se sinta feliz.

— Gosto bastante.

— Você já usou essa expressão, Grace. Por que está tão cautelosa? Não confia em mim?

Uau! Isso é que é ir direto ao ponto.

— Você *não* confia em mim — continuou ela. — Dá para ver. Tudo bem, Grace. Estou acostumada a ser o “policial mau” do *Diablo*.

Grace ficou impressionada com a franqueza da outra. E era ótimo poder falar com alguém sobre todas as suas preocupações. Apesar das dúvidas com relação à confiabilidade de Cheng Li, já sentia uma espécie de ligação com a garota mais velha. Também sentia que Cheng Li talvez pudesse ajudá-la.

— É só que... — começou Grace. Era melhor ir ao ponto. — É só que o capitão

Drakoulis fez uma acusação contra você.

— Sei. O quê, exatamente, Narcisos Drakoulis disse? E a quem?

— Ele disse ao capitão Wrathe... bem, na verdade a todos os piratas, que você era uma espã disfarçada no *Diablo*... enviada pela Federação dos Piratas para vigiar o capitão Wrathe. Que o capitão Wrathe achava que você estava fazendo um estágio normal como subcapitã, mas que o tempo todo você atuava como agente da Federação.

Cheng Li assentiu, enchendo de novo o copo de Grace.

— Por favor, continue, querida.

— Sua função era pôr o capitão Wrathe na linha, mas a missão fracassou. E por isso você foi chamada de volta de repente. Para a Academia dos Piratas.

Cheng Li olhou atentamente para Grace. Grace ficou nervosa. Teria falado demais?

— É tudo verdade — respondeu Cheng Li.

Grace não podia acreditar nos próprios ouvidos.

— Estou dizendo isso porque acho que você vai entender. Eu trabalho mesmo para a Federação dos Piratas. Eles me recrutaram há alguns anos na Academia dos Piratas e desde então trabalho para eles.

— O quê, exatamente, é a Federação?

— Já chego lá. A Federação existe para apoiar a causa da pirataria em todo o mundo, para consolidar o poder que temos nos oceanos e desenvolver uma rede global de frotas piratas, trabalhando em cooperação pacífica.

Parecia um negócio admirável, pensou Grace.

— Para a Federação, Molucco Wrathe é uma dor de cabeça que não passa — continuou Cheng Li. — Ele é um homem do passado, mas só que não quer sair de campo discretamente. Apesar de nossa insistência, ele não entra na linha. Na verdade, age isolado por pura obstinação. Não respeita as rotas marítimas dos outros capitães. É motivado apenas pela atração do dinheiro rápido e de uma aventura espalhafatosa para inchar o ego ainda mais. — Ela fez uma pausa. — Isso pode parecer exagero para você, Grace, mas acho que o desrespeito de Wrathe pela Federação foi o gatilho que resultou na morte de Jez Stukeley.

Grace confirmou com a cabeça. Havia chegado à mesma conclusão sozinha, ainda que — até agora — sem a vantagem de conhecer o quadro geral.

— Narcisos Drakoulis é outro desgarrado — continuou Cheng Li. — Se eu fosse dada a uma linguagem mais drástica, diria que ele é “psicótico”. Certamente ele também não representa uma boa imagem para a Federação. Mas tinha motivos legítimos para discutir com Molucco Wrathe. Wrathe deixou muitos outros capitães piratas com raiva, devido ao seu comportamento leviano. Havia duas diferenças aqui. Primeiro, Drakoulis e Wrathe têm uma história antiga, uma disputa por causa de um tesouro na Grécia, que levou Wrathe a afundar o navio de Drakoulis. Segundo, Drakoulis decidiu fazer alguma coisa com relação aos delitos recentes de Wrathe. Não me entenda mal. Certamente não endosso o que Drakoulis fez. Nem a Federação. Mas o capitão Wrathe atraiu esse ataque. Se não viesse da parte do Drakoulis, cedo ou tarde viria de uma das centenas de outros capitães piratas que ele prejudicou. E, não se engane, se ele não tomar jeito, isso *vai* acontecer de novo. — Cheng Li olhou intensamente para Grace outra vez. — E na próxima vez em que acontecer, Connor pode se machucar.

Grace sabia que Cheng Li estava falando a verdade.

— Eu sei — disse ela. — Acredite, eu sei. Mas o que posso fazer? Connor está

decidido a seguir a carreira de pirata.

Cheng Li balançou a cabeça.

— O problema não é Connor querer ser pirata. O problema é quem ele escolheu como capitão.

Cheng Li fora muito direta com Grace e havia confiado nela ao dar todas essas informações. Mais importante, estava claro que poderia ajudar. O tempo era essencial. Grace conduziu que também precisava confiar nela. Respirou fundo.

— Há *algum* modo de livrarmos Connor do contrato com o capitão Wrathe? Há algum modo de nós dois sairmos do *Diablo*?

— Claro — respondeu Cheng Li em tom casual. — Eu já ia chegar lá.



## CAPÍTULO 13

### *Decisões*

— Academia dos Piratas? — repetiu Connor. — Você quer que a gente abandone o navio e vá para a *Academia dos Piratas*?

— Não é uma questão de abandonar o navio — respondeu Grace. — Seria tudo legal. E só por uma semana. O capitão Wrathe assinaria nossa liberação...

Connor olhou incrédulo para a irmã, por cima do bule agora vazio de chá de Lírios do Mar. Cheng Li desaparecera, indo em direção ao bar, e Grace havia chamado Connor para o reservado.

— Mas *Academia* dos Piratas, Gracie? Você sabe que eu e a escola... não formamos uma combinação boa.

Grace deu um sorriso.

— Sei, Connor. Mas não estamos falando da escola secundária de Baía Quarto Crescente. Estamos falando da *Academia dos Piratas*. Esqueça as provas chatas e as listas de leitura obrigatória. Estamos falando de aulas de combate, navegação, comunicações, SME...

— O que é SME?

Grace sorriu.

— Sobrevivência Marítima Extrema! — anunciou com orgulho.

Connor gargalhou.

— Uau! Cheng Li fez um bom trabalho de vendas com você. — Ele parou. — E isso é outra coisa. Suponha que eu *realmente* achasse que é uma boa idéia, e não estou dizendo que acho, mas *suponha*... Como, diabos, vamos fazer o capitão Wrathe concordar, sabendo que Cheng Li nos convidou e que ela estaria cuidando de nós lá?

Grace assentiu.

— Já pensei nisso. Não podemos fingir que Cheng Li não está envolvida. O capitão Wrathe não é idiota. Mas vamos diminuir a importância do envolvimento dela. Só vamos dizer que gostaríamos da chance de ver como é a *Academia*; e de trazer

algumas novidades para o *Diablo*. Quem sabe até mesmo um ou dois novos recrutas?

— Não sei se ele vai topa isso. — Connor balançou a cabeça.

— Você o conhece melhor do que eu, mas só estamos pedindo uma semana longe... inicialmente.

— Inicialmente? Como assim, “inicialmente”?

Grace respirou fundo.

— Connor, eu queria falar com você há um tempo. — Ela pôde ver uma onda de cautela passar pelo rosto do irmão, mas trincou os dentes e prosseguiu: — É sobre o seu contrato.

— O que é que tem?

— Eu só queria... Bem, só queria que você não tivesse assinado com Molucco Wrathe tão depressa.

— Ele salvou minha vida, Gracie.

— E agora a está pondo em perigo.

— Como assim?

Ela não queria dizer a coisa de modo tão direto. Mas agora não existia mais volta, portanto era melhor ser franca.

— Cheng Li me disse que é apenas questão de tempo até que outro dos capitães se volte contra Molucco...

— Drakoulis é um doido, Grace, um pirado, um psicopata. Nós tivemos azar...

— Jez teve um pouco mais do que *azar*. — Grace viu o rosto de Connor desmoronando. — Desculpe, Connor, mas estou preocupada com você. Estou preocupada conosco. Acho que estaremos correndo perigo sério se ficarmos a bordo do *Diablo*.

Connor riu para ela.

— Ei, garota. Nós dois rendemos bem diante do perigo.

Ela não conseguiu devolver o sorriso.

— Por favor, Connor. Você tem de me levar a sério. Não tenho nada contra Molucco Wrathe pessoalmente. Sou grata. Ele lhe deu um lar e agora me ofereceu um, também. Mas Cheng Li diz que é apenas questão de tempo até que outro navio pirata ataque o *Diablo*. Com você na linha de ataque, fico preocupada, preocupada de *verdade*, com a possibilidade de você ser morto.

Connor estendeu a mão para a dela.

— Entendo como você se sente. E, só para constar, andei tendo os mesmos pensamentos desde que Jez foi morto. Molucco não é um sujeito mau, mas o modo como se comporta atrai encrenca. Eu nunca diria isso a mais ninguém, mas acho que Jez morreu desnecessariamente.

Grace segurou a mão de Connor com força. Não esperava que ele dissesse aquilo. Depois da separação dos dois, e de tudo que havia acontecido com eles em seguida, algumas vezes era fácil demais esquecer a profunda ligação mútua. Era bom saber que ela continuava ali.

— Então, vai pedir ao Molucco? — arriscou ela.

— Licença de uma semana para visitar a Academia dos Piratas?

Grace confirmou com a cabeça.

— Vou pedir. Mas não sou muito otimista quanto à aceitação dele.

— Obrigada, Connor. Antes de mais nada, vai ser ótimo a gente se afastar do

navio só por um tempo. Podemos conversar direito sobre o futuro. Sobre aonde queremos ir, o que queremos fazer.

— Gracie, vou pedir que o capitão Wrathe nos dê uma semana de licença, mas quando isso acabar terei de voltar ao *Diablo*.

— E eu terei de voltar com você. — Ela não conseguiu impedir que as palavras saíssem.

Connor franziu a testa.

— O que isso significa?

— Você assinou o contrato. Eu, não.

— Ainda não. Mas vai assinar, não é? A única coisa que importa não é ficarmos juntos?

Grace soltou a mão dele.

— Nós *não* ficaremos juntos se você for morto num ataque, Connor. E você me conhece o bastante para saber que não vou ficar parada esperando isso acontecer.

— O que vai fazer, então? Aonde você vai? — ele a encarou.

Grace não podia dizer, mas não foi rápida o bastante para disfarçar os pensamentos.

— Ah, não, Grace. *Não!* Você não está pensando em retornar ao navio Vampirata! Ela suspirou.

— Há pessoas que precisam de mim, lá.

— Não são pessoas — disse ele balançando a cabeça. — São vampiros. Monstros.

Demônios.

— Você pode pensar o que quiser — respondeu ela em voz baixa.

Agora Connor estava com raiva.

— Você me faz um sermão sobre segurança, e o tempo todo está planejando pegar outra carona num navio onde todos dormem o dia inteiro e bebem sangue a noite inteira.

— Você não sabe o que está falando. — Agora ela também estava ficando com raiva. Connor não sabia praticamente nada sobre o navio Vampirata. Se ao menos seu irmão entendesse a dor de Lorcan, o quanto ele precisava dela!

— Grace, não acredito. Nem acredito que estamos tendo essa conversa.

— Olhe — disse ela, com a voz cortante —, não quero brigar com você, Connor. Você é a pessoa mais importante do mundo para mim, e sabe disso. E está certo, nós deveríamos ficar juntos. Mas há coisas das quais não falamos, coisas que não tivemos *tempo* de falar, com tudo que anda acontecendo. Se você pudesse convencer o Molucco a nos liberar do navio durante uma semana, teríamos a chance.

Connor fez que sim com a cabeça, resignado. De algum modo ela sempre conseguia argumentar e fazer suas idéias prevalecerem.

— Certo — disse ele. — Certo, vou pedir. Mas não espere milagres.

Connor puxou a cortina que separava o reservado do balcão. Inclinando-se na balaustrada, viu Molucco sentado com madame Chaleira e dando tira-gostos do bar a Scrimshaw.

— Capitão Wrathe! — gritou Connor. — Capitão Wrathe! Posso trocar uma palavrinha com o senhor?

— Claro, meu garoto. Desça aqui!

No reservado ao lado, Sidório e Stukeley ouvem o grito de Connor.

Stukeley se empertiga totalmente.

— É o Connor — diz ele — e Molucco. — Instintivamente estende a mão para a cortina que os separa do bar embaixo.

Sidório segura seu pulso.

— Eu já disse. Não.

— Certo, certo. Ai, o senhor está me machucando.

— Desculpe — murmura Sidório, soltando-o mas puxando sua mão de volta para a mesa. — Deixe essa cortina aí.

— Bom, isso não é divertido. Nem um pouco divertido.

— Não? — Sidório examina o tenente outra vez.

— Bom, eu não posso beber nada — diz batendo em sua caneca, que ainda está quase cheia de cerveja, e o resto foi cuspidado e derramado na mesa. — Não consigo engolir.

— As coisas estão mudando dentro de você — diz Sidório. — Seja paciente.

Stukeley franze a testa e levanta a caneca outra vez.

— Não! — exclama Sidório enfurecido.

Em desafio, Stukeley toma um gole de cerveja. Sidório balança a cabeça, frustrado, enquanto Stukeley começa a engasgar de novo. Ele se inclina e bate nas costas do companheiro.

— Ai! Pare de me atacar!

— PARE de tentar beber. Você não consegue.

— Mas por quê?

Sidório dá um suspiro pesado.

— Seja paciente.

— *Seja paciente! Seja paciente! Não olhe para ninguém. Não fale com ninguém.* Deixe a cerveja para lá. Capitão, o senhor está parecendo um bocado com minha mãe.

Sidório balança a cabeça. Será que é hora de cortar o barato desse idiota? Mas não. É o início para o rapaz. Faz tanto tempo que ele passou pela metamorfose que não pode prever o que virá em seguida. Se puder simplesmente esperar, tratar isso como uma experiência, certamente as coisas serão mais fáceis com o próximo que trouxer de volta. E o próximo. E o próximo. O exército de Sidório. A tripulação de Sidório. Essas são palavras reconfortantes. Exatamente do que ele precisa para se animar.

— Esqueça a cerveja. Vamos embora.

Com ar decidido, Sidório fica de pé.

— Por quê? Por que estamos indo? Que emoções o senhor ainda tem para mim?

Sidório gargalha.

— Emoções? Vou lhe dar emoções! Sei do que você precisa.

Ele sai intempestivamente do reservado. Stukeley pega o casaco e segue seu novo comandante.

— O que o senhor está falando? Aonde vamos? Do quê eu preciso?

Sidório chegou à escada. Imobiliza-se por um momento e se vira para encarar seu cansativo tenente.

— Sangue, Stukeley. Você precisa é de sangue.

— Bem — disse Connor, juntando-se de novo a Grace. — Está tudo decidido.

— Ele concordou?

— Sim! — estrondeou Molucco Wrathe, aparecendo ao lado de Connor. — O capitão concordou.

Grace ficou vermelha, sem graça.

— Desculpe, capitão Wrathe. Não vi o senhor aí. Mas obrigada... por nos deixar ir. É uma ótima notícia.

O capitão desconsiderou os agradecimentos.

— Os últimos dias a bordo do navio têm sido difíceis — disse ele. — Tenho certeza de que uma pausa vai fazer bem aos dois.

Grace mal podia acreditar que ele estivesse tão tranquilo com relação ao pedido.

— Bom, devo dizer — disse Cheng Li, retornando do bar — que é um pensamento animador de sua parte.

— Srta. Li — respondeu o capitão Wrathe. — Que desprazer inesperado!

— Ha! Ha! Ha! Ha! — gargalhou Cheng Li, sarcástica. — É bom saber que os acontecimentos recentes não estragaram sua inteligência afiada como um sabre.

Molucco a encarou.

— O homem que não consegue rir, srta. Li, é um homem muito pobre.

Juntaram-se a ele Cate, de um lado, e madame Chaleira, do outro. Mais piratas começaram a se virar na direção deles, levantar-se e se aproximar. Todo mundo percebia que aquele era o primeiro encontro entre o capitão e sua ex-imediata desde que Drakoulis fizera a acusação de espionagem.

Sem se intimidar, Cheng Li ignorou a turba e dirigiu-se diretamente ao capitão Wrathe e Cate.

— Lamentei muito quando soube o que aconteceu com Jez Stukeley — disse ela. — Ele era um ótimo pirata. — Em seguida fixou o olhar turvo em Cate. — Parabéns, por sinal, pelo cargo de subcapitã. Espero que as responsabilidades adicionais não estejam sendo onerosas demais para você.

As duas se entreolharam — a ex-subcapitã e sua sucessora. Grace havia notado que Cate estava crescendo no novo papel, demonstrando mais confiança e autoridade a cada dia. Mas agora, cara a cara com a predecessora, pareceu um pouco insegura.

Molucco pôs o braço ao redor dos ombros de Cate.

— Cate é uma ótima imediata. Pelo menos tenho ao lado alguém em quem posso confiar.

Cheng Li sorriu.

— O senhor sempre pôde confiar em mim, capitão.

— É — gargalhou Molucco. — Sempre pude confiar em quem você teria alguma objeção aos meus planos, que poria obstáculos no meu caminho, que questionaria meus motivos e minha autoridade. Em questões assim, você era cem por cento confiável.

— Ah, capitão — sorriu Cheng Li. — De novo seu bom humor me vence. Mas agora preciso pedir licença. Há preparativos a serem feitos para a chegada de Grace e Connor à Academia dos Piratas. Isto é... desde que o senhor tenha certeza de que pode confiá-los a mim.

O que Cheng Li estava dizendo? Grace ficou alarmada. Era o mesmo que levantar

um pano vermelho diante de um touro! Porém Molucco permaneceu numa compostura pouco comum.

— Não confio nem no seu cheiro — disse ele. — Mas confio implicitamente em Connor e Grace. Eles querem visitar a Academia e não vejo motivo para recusar o pedido.

— Temos idéias muito diferentes sobre pirataria — retrucou Cheng Li. — Você não se preocupa com a possibilidade de eu corromper as mentes jovens dos dois?

— Metais vagabundos como você, srta. Li, são corrompidos com mais facilidade do que ouro puro, como estes gêmeos. — Ele tirou o braço dos ombros de Cate e estendeu as mãos, pousando uma nos ombros de Grace e outra nos de Connor. — Vão se divertir, meus amigos. Vocês são jovens. Merecem. Há algumas pessoas boas na Academia. Mantenham a mente aberta ao que elas ensinarem. — E apertou os ombros dos dois. — Em seguida voltem ao *Diablo* e continuaremos com a tarefa de sermos piratas.

O capitão Wrathe segurou a mão de madame Chaleira e começou a se afastar. Então parou e se virou.

— Eles são meus tripulantes, srta. Li, mas não são meus escravos. Eu encorajo o pensamento individual e a liberdade de expressão no meu navio. Você, seu precioso diretor Kuo e os outros podem dizer o mesmo? — Ele a encarou, depois segurou de novo o braço da Madame.

— Bem — disse Cheng Li —, veremos, não é? Ah, capitão Wrathe, quase esqueci. A capitã Quivers pediu que eu mandasse lembranças.

— Lisabeth Quivers — disse ele, com o rosto se iluminando imediatamente. — *Este* é um nome que não ouço há uma ou duas luas cheias! — E se virou para os gêmeos. — Lisabeth Quivers! Não havia melhor capitã em seu tempo.

Madame Chaleira deu um risinho.

— Não havia melhor capitã nem maior *destruidora de corações*. Com aqueles olhos e os cabelos vermelho-fogo. Ah, Sortudo, ela certamente mantinha você e seus irmãos na linha! Não era fantástica? Como a gente se divertia naquela época!

— É — respondeu Molucco, a voz tingida de tristeza. — É, aqueles foram tempos fantásticos. — Em seguida se virou para Cheng Li. — Por favor, dê minhas melhores lembranças à capitã Quivers.

— Melhores lembranças! — exclamou madame Chaleira. — Bobagem! Mande a ela o nosso *amor*! E diga para ela dar uma passadinha e tomar uma bebida uma noite dessas. — A Madame passou o braço pelo de Molucco e o levou para longe.

Os piratas começaram a se dispersar, percebendo que os fogos de artifício haviam acabado. Cate segurou Connor e foi procurar Bart. Grace se virou para encarar Cheng Li.

— Por que você o provocou daquele jeito?

— Olhe e aprenda — respondeu Cheng Li com uma piscadela. — Ele disse que você podia ir, não disse? Bem, quem imaginaria que isso iria acontecer? — Ela sorriu para Grace. — Venho pegar você e Connor às nove da manhã em ponto. Cada um prepare uma bagagem leve e estejam prontos no convés.

Apesar da severidade na voz de Cheng Li, Grace não conseguiu evitar um sorriso.

— Vamos mesmo fazer isso, não é?

Cheng li assentiu.

— É, Grace. A esta hora, amanhã, você e Connor estarão livres do *Diablo* e se acomodando para a primeira noite na Academia dos Piratas.



## CAPÍTULO 14

### *Academia dos piratas*

O porto da academia era cercado por uma muralha de cais, com a entrada definida por um alto arco de pedra que se erguia da água. Enquanto o pequeno barco de Cheng Li se aproximava, os gêmeos viram que o arco tinha uma inscrição. Grace leu.

#### **Fartura e Saciedade Prazer e Conforto Liberdade e Poder**

— É o lema da Academia — disse Cheng Li com grande sentimento de orgulho. — As palavras são de um famoso capitão dos velhos tempos.

— O que significa “saciedade”? — perguntou Connor.

Cheng Li sorriu.

— Tomar tudo que você quer, e depois todo o resto. — Os olhos de Connor se iluminaram, mas Grace não conseguiu evitar a testa franzida, pensando na sede implacável de Molucco por tesouros. — Claro que hoje em dia a pirataria é um negócio muito mais complexo e sutil. — Grace manteve os olhos fixos nela, esperando mais explicação. — Vocês verão o que quero dizer depois de alguns dias na Academia. — Cheng Li se virou e se ocupou com as velas.

Enquanto ela guiava o barquinho pelo arco, entrando no porto, Grace e Connor ficaram boquiabertos ao ver o ambiente ao redor. A Academia era um oásis colorido — uma enorme massa de prédios antigos pintados em amarelo, rosa e laranja luminosos, situados em meio a jardins luxuriantes que vinham até o cais. À medida que se aproximavam do cais, uma flotilha de pequenos barcos à vela passou por eles, cheios de crianças — com uma exceção.

— Capitão Avery! — gritou Cheng Li. O velho se empertigou e levantou os olhos, depois sorriu e ergueu o quepe para acenar. — Ele está levando os mais jovens para a aula de vela — explicou aos gêmeos. Agora os jovens alunos notaram Cheng Li e

começaram a acenar. Quando fizeram isso, alguns barcos começaram a sair da linha.

— Concentração! — gritou o capitão Avery, exasperado, para os alunos. — Agora vamos prestar *menos* atenção à srta. Li e um pouco *mais* à nossa navegação, certo? Ande, sr. McLay, vamos acordar! E você, srta. Conescu, puxe o pano agora. Isso. Ah, sim, srta. Weber, bela recuperação. Melhorou muito! Melhorou muitíssimo!

Grace e Connor ficaram olhando enquanto os aprendizes de pirata tentavam — com variados graus de sucesso — trazer os barcos de volta à fila. Enquanto isso, Cheng Li colocava sua embarcação no atracadouro certo. Já ia pular para prender as amarras quando um homem surgiu no cais, estendeu as mãos e disse:

— Aqui, deixe comigo.

— Obrigada, comodoro Kuo — disse Cheng Li, jogando o cabo na direção dele. O homem pegou a corda numa das mãos e habilmente a enrolou no pino de amarração. Em seguida estendeu a mão para ajudar Cheng Li a sair do barco.

O comodoro Kuo estava vestido com elegância, com calções de algodão enfiados em altas botas de couro preto que pareciam brilhar ao sol. Usava uma camisa branca impecável — aberta para revelar o início de um peito forte e bronzeado — e um colete de seda vermelha. No pescoço havia um cordão com quatro penduricalhos. Usava o cabelo cinza-prateado comprido até os ombros, como Molucco, mas — em contraste com o capitão Wrathe — o cabelo era liso, bem cuidado e notavelmente livre de répteis. O rosto bonito era bronzeado e os olhos castanho-escuros luziam brilhantes como o sol na água.

Parada junto dele no cais, Cheng Li se dirigiu aos gêmeos.

— Grace, Connor, tenho o enorme prazer de apresentá-los ao comodoro John Kuo, diretor da Academia dos Piratas.

Connor saltou do barco para o cais.

— Bem-vindo, sr. Tormenta — disse o comodoro Kuo, apertando sua mão com firmeza. — Connor, já ouvi falar muito de você, através da srta. Li e por outros. É um prazer absoluto tê-lo aqui.

E o comodoro Kuo estendeu a mão para ajudar Grace a descer à terra.

— Srta. Tormenta, bem-vinda à Academia dos Piratas.

Enquanto o diretor se inclinava adiante, Grace viu mais de perto o cordão em seu pescoço. Suspensos no fino fio de ouro havia quatro pequenos objetos: uma espada, uma bússola, uma âncora e uma pérola. O diretor a surpreendeu olhando.

— Vejo que notou meu cordão — disse ele, passando um dedo pelos objetos pendurados. — Cada objeto desses tem um significado importante. Simbolizam os quatro principais talentos exigidos para ser um pirata de sucesso. A espada representa a capacidade de lutar e foi moldada a partir da minha própria Lâmina de Toledo. A bússola representa a capacidade de navegar. A âncora reconhece que devemos nos firmar na história da pirataria. E a pérola... bem, a pérola talvez seja o mais importante. Marca a capacidade de pegar as situações mais sombrias e pouco atraentes e parti-las para encontrar o tesouro que há dentro.

Grace sentiu que sabia alguma coisa sobre o que o diretor estava falando.

— Bem — disse o diretor, pondo a mão de leve nos ombros dos gêmeos e os empurrando para a frente. — O que estamos esperando? Vamos entrar!

Os quatro seguiram pelo caminho sinuoso através do terreno da Academia. Os perfumes do jardim eram maravilhosos. Depois de respirar pouco mais do que o ar

marítimo durante semanas, o cheiro do alto pé de jacarandá perto do cais era inebriante a ponto de nocautear. Os galhos eram baixos, sob o peso dos cachos de flores azuis. Ao redor da árvore havia um banco circular, onde dois garotos estavam sentados, ambos concentrados no mesmo livro.

Enquanto eles passavam, os garotos levantaram os olhos e empertigaram a postura.

— Sebastian, Ivan — disse o comodoro Kuo. — Aproveitando um pouco de leitura?

— Sim, senhor! — disse o primeiro garoto, levantando a capa do livro.

— Ah, *O livro dos cinco alfajés* — disse o comodoro Kuo. — Um clássico da pirataria!

— A srta. Li o recomendou — respondeu o garoto, empolgado.

— Foi mesmo — disse Cheng Li. — Sebastian teve um progresso excelente na Oficina de Combate, e achei que ele consideraria a biografia do capitão Makahazi um tema interessante.

— Leitura ambiciosa, e violenta, para um garoto de 10 anos — exclamou o diretor. — Mas parece ter interessado ao Sebastian, e ao que tudo indica o jovem Ivan está igualmente fascinado.

— Sim, *senhor* — exclamou o outro garoto.

— Muito bom — disse o comodoro Kuo, sorrindo. — Bem, não vamos atrapalhá-los mais, jovens *piratas*.

Os garotos riram de orelha a orelha ao ouvir a palavra e retornaram aos estudos sob a copa azul. Poderia haver um lugar mais perfeito para ficar sentada?, pensou Grace — à sombra dos galhos, imersa no perfume, olhando o porto luminoso.

— Andem logo, seus molengas — gritou Cheng Li, já bem à frente, parada diante de uma fonte maravilhosa, feita de vidro colorido e conchas do mar.

Grace correu para alcançá-la.

— É tudo tão bonito! — disse, com um suspiro.

— Então está satisfeita por ter vindo?

— Ah, estou — respondeu Grace, os olhos arregalados de espanto e prazer.

— Agora vocês estão bem longe do *Diablo* — disse Cheng Li, pegando o braço de Grace. Caminharam lado a lado, passando pela fonte onde os borrifos de água fria bateram no rosto de Grace. A sensação era deliciosa em sua pele bronzeada, aquecida pelo sol da manhã. Pela primeira vez em séculos ela se pegou começando a relaxar de verdade.

Connor e o comodoro Kuo haviam andado mais depressa e agora conversavam animadamente junto à entrada de um alto prédio cor de cerâmica, coberto por uma cúpula. Grace podia ver que Connor e o diretor já se davam muito bem. Sentiu um enorme otimismo. Esse era um novo início. Com a ajuda de Cheng Li, tinha certeza de que havia resgatado Connor da morte certa como pirata sob o comando do capitão Wrathé.

Cheng Li e Grace se juntaram a Connor e ao comodoro Kuo perto da entrada do prédio — duas enormes portas de madeira elaboradamente esculpida.

— Estas portas foram saqueadas por um dos nossos capitães fundadores — disse Cheng Li aos gêmeos — depois de um ataque especialmente bem-sucedido no litoral do Rajastão. — Ela encostou a mão nos relevos intrincados. — Sempre que vejo estas portas, sinto que estou chegando em casa.

— A Academia é de fato um lar para todos os nossos alunos, antigos e novos — disse o comodoro Kuo, empurrando as portas. — E, aonde quer que vocês viajem neste mundo, nossas portas sempre estarão abertas para recebê-los de volta de suas aventuras.

Quando terminou de falar, ele recuou, e Grace e Connor se viram na entrada de uma enorme sala circular, banhados numa fria luz azul.

— Esta é a Rotunda — disse o comodoro Kuo —, mas o apelido afetuosamente dado por nossos alunos é “o Polvo”, por causa de todos os tentáculos. — Ele sorriu, indicando os vários corredores que partiam do centro.

A atenção de Grace foi atraída para o alto. O teto em cúpula da Rotunda era cravejado de painéis de vidro em tons de azul — desde o turquesa pálido até um brilhante lápis-lazúli e um índigo profundo. A luz do sol atravessava os filtros de vidro, enchendo o Polvo e quem estava dentro em azuis aquosos. O efeito era estonteante, como andar no fundo do oceano.

Seguindo o olhar de Grace, Connor também virou a cabeça para cima. Mas seus olhos foram atraídos por outra coisa.

Penduradas em cabos de aço presos ao topo da Rotunda havia caixas de vidro que formavam um gigantesco móvel. As caixas chegavam uns dois metros acima da cabeça deles e, enquanto examinava, Connor viu que cada caixa continha uma espada. Era estranho — e um bocado desconcertante — olhar para todas aquelas armas nadando no oceano de luz azul como um cardume de peixes lindos mas absolutamente mortais.

— Uau — disse Connor. — Qual é o negócio de todas essas espadas?

— Impressionantes, não são? — perguntou o comodoro Kuo. — Na Academia, temos a felicidade de possuir espadas pertencentes a alguns dos mais célebres capitães piratas de nosso tempo. A maioria das espadas nos são doadas quando o capitão se aposenta, mas, em algumas situações, é a espada que se aposenta primeiro! Aquela ali, por exemplo, já foi usada por seu amigo, o capitão Molucco Wrathe. Está vendo?

O comodoro apontou para três espadas penduradas juntas, em grupo.

— Qual delas? — perguntou Connor.

— Ah, bem, é verdade que são quase idênticas. Veja bem, aquelas três espadas já pertenceram aos três irmãos Wrathe: Molucco, Barbarro e Porfírio. Mas aquele sabre ali, do meio, já foi de Molucco. Se você olhar atentamente, verá a safira no punho.

Connor ficou meio surpreso ao saber que Molucco havia doado uma espada à Academia, pensando na pouca consideração com que ele falava sobre o lugar. Mas conhecia o capitão o bastante para saber que ele era um homem imprevisível. Além disso Bart lhe havia dito, quando se conheceram, que Molucco e seus irmãos faziam parte da realeza pirata — de modo que, claro, as espadas dos Wrathe eram bem-vindas na Academia.

— E *esta* espada? — perguntou Connor, os olhos subitamente atraídos por uma espada mais simples, comprida, cujo punho era coberto de couro e brilhava ligeiramente.

— Você preparou nossos convidados, srta. Li? — perguntou o comodoro Kuo com um sorriso.

Cheng Li devolveu o sorriso, balançando a cabeça.

— Como assim? — perguntou Connor.

— Aquela é a *minha* antiga espada — respondeu o comodoro Kuo. — Minha Lâmina de Toledo. Foi minha aliada em muitos conflitos. É uma arma bastante

incomum. — Ele parou ao lado de Connor, os dois com os olhares fixos na espada que pairava no alto.

— Foi forjada do modo mais excepcional — explicou o comodoro Kuo. — Os ferreiros ibéricos são mestres em sua arte e se superaram com esta espada. A lâmina de aço tem um núcleo de ferro, o que a torna extraordinariamente dura. Por isso o próprio Aníbal escolheu uma espada de Toledo, além de outros grandes reis e líderes por toda a história. — O comodoro Kuo olhou para Cheng Li. — Até os samurais japoneses viajavam a Toledo para que suas *katanas* e *nakizashi* fossem forjadas lá. E foi o que eu fiz.

A mão do comodoro Kuo pousou no ombro de Connor.

— A criação da arma é um processo complexo. Os ferreiros devem forjar aço duro e macio simultaneamente, a temperaturas altíssimas. Então a espada é esfriada com água ou óleo para soldar a emenda. O mestre ferreiro que forjou esta espada soprou sobre a lâmina 20 mil vezes para alcançar a consistência perfeita. Imagine só! Ele só faz três lâminas por ano. E está vendo o punho? É amarrado com pele de arraia-lixia — excepcionalmente dura e à prova d'água. Minhas botas são feitas do mesmo material.

Grace olhou para as botas dele, percebendo que não eram feitas — como havia pensado de início — de couro. Lembrou-se de seu erro semelhante com a capa do capitão Vampirata e as misteriosas velas do navio. Ainda que as botas do comodoro Kuo brilhassem à luz, ela não esperava que tivessem veias como a capa do capitão Vampirata ou as velas de seu navio. Mesmo assim, a Academia era semelhante ao navio Vampirata pelo menos em um aspecto: parecia ter muitos segredos empolgantes a descobrir.

Connor não conseguia afastar o olhar da Lâmina de Toledo. Era incrível. Um pensamento lhe passou pela mente.

— Comodoro Kuo, será que eu poderia experimentá-la?

— Infelizmente não — respondeu o diretor em tom definitivo, ainda que sua voz continuasse suave e macia. — As espadas só são retiradas das caixas uma vez por ano, no Dia das Espadas. É quando comemoramos a fundação da Academia e os feitos de nossos alunos. Os que mais brilharam durante o ano são recompensados com a honra de lutas de exibição com estas espadas. — Ele se virou para Connor. — Mas, infelizmente, esta é uma oportunidade que só abrimos aos *alunos* de nossa Academia, e não aos convidados.

Connor sentiu um desapontamento e uma frustração. Nesse momento daria tudo para segurar aquela espada, mesmo que isso significasse assinar o contrato para passar um ano na Academia.

— A Academia tem muitos tesouros diferentes, que atraem todos os gostos — prosseguiu o comodoro Kuo, a voz ecoando pela Rotunda. — Nos próximos dias vocês devem se sentir livres para explorar qualquer coisa que atraia seu interesse e sua paixão. Peçam qualquer coisa de que precisarem e, sempre que possível — ele olhou para a Lâmina de Toledo —, ela será sua. A srta. Li será sua guia, e a porta da minha sala está sempre aberta para vocês. Mas agora, infelizmente, devo ir finalizar as revisões de nosso currículo de navegação. Srta. Li, posso deixá-la para mostrar os alojamentos de Grace e Connor?

— Sim, diretor.

O comodoro Kuo começou a se afastar por um dos corredores. Então, aparentemente tomado por um novo pensamento, deu meia-volta — os olhos

chamejando de paixão.

— Já fui capitão de uma tripulação de mil homens. Agora sou capitão das mais brilhantes futuras estrelas do mundo da pirataria. Se, depois de alguns dias aqui, vocês sentirem que podem querer se juntar a nós, bem, tenho certeza de que poderíamos descobrir um modo de resolver isso. Não acha, srta. Li?

— Sim. Sim, claro, senhor diretor.

O comodoro Kuo se virou e dessa vez desapareceu num dos tentáculos sinuosos do Polvo, com as botas de arranha-lixo ressoando nos ladrilhos axadrezados.

Connor olhou para o alto, para as espadas de uma centena ou mais de capitães piratas. Cada espada vira muita ação e aventura. Se elas pudessem contar suas histórias!

Enquanto os olhos de Connor captavam, empolgados, os detalhes das diferentes espadas, as caixas começaram a se mover. Todo o gigantesco móbil girava lentamente como um carrossel mortal, as espadas subindo e descendo como cavalos de parque de diversão, ganhando ritmo. O olhar do garoto bebia sedento as marcas identificadoras dos diferentes capitães — uma jóia preciosa num punho aqui, uma gravação misteriosa na lâmina ali. Mas logo as espadas giravam depressa demais para que os detalhes pudessem ser captados. Aquilo estava fora de controle. As espadas giravam cada vez mais depressa até que as caixas de vidro em que estavam se despedaçaram e cacos de vidro choveram sobre Connor. No entanto ele continuava ali parado, no coração da chuva de meteoros, fascinado demais para sentir alguma dor. E então, enquanto olhava para cima, viu e ouviu o coração de uma batalha. Viu o clarão do sol em lâminas de aço; velas brancas se enfunando; a madeira dos conveses e dos mastros. Ouviu espadas se entrechocando; cordame sendo arrebentado; canhões disparando e os gritos de piratas entrando e saindo da refrega. Ouviu os gritos com mais atenção.

— Capitão — ouviu ele. — Capitão Tormenta.

Não. Não podia ser.

— Venha. Capitão Tormenta.

De novo, claro como o dia.

— Venha. Capitão Tormenta. Ele está ferido. Ele precisa...

Connor tentou entender o que via, mas sua visão havia ficado turva. Os gritos iam sumindo. Então viu de novo as espadas no alto, retornando às posições originais e parando — cada uma ainda dentro da caixa de vidro. Afastou o olhar, virando-se para o piso da Rotunda. Estava perfeitamente limpo. Nenhum caco havia caído sobre ele.

— Venha, capitão Tormenta.

Connor levantou os olhos e viu Cheng Li fixando-o com um sorriso. Piscou. Ela havia dito “*Capitão*”?

— Você vai ficar tonto, olhando essas espadas — continuou ela —, e Deus sabe o dano que pode estar causando ao seu pescoço. Vamos almoçar alguma coisa.

Connor viu que ela estava falando, mas as palavras faziam pouco sentido. Sentia-se confuso com a visão que tivera através das espadas acima. Será que havia simplesmente imaginado ou seria um vislumbre de seu futuro? Será que se tornaria um capitão pirata?

— *Almoço*, Connor — disse Cheng Li, com apenas uma leve exasperação. — Até os piratas prodígios precisam comer de vez em quando. E o cozinheiro chefe da Academia prepara os bolinhos mais deliciosos que já provou na vida.





## CAPÍTULO 15

### *Não é uma escola comum*

— Bom — disse Cheng Li, erguendo a xícara de chá de jasmim. — Bem-vindos de novo à Academia dos Piratas. — Connor e Grace levantaram suas xícaras e bateram contra a de Cheng Li.

Estavam almoçando no terraço da Academia, rodeados pelos outros alunos e professores, ao calor agradável do sol do meio-dia. Enquanto Grace batia papo animadamente com Cheng Li, Connor examinava o ambiente ao redor. Aquela não era uma escola parecida com nenhuma outra que ele já vira. Se bem que, para ser justo, a única escola que ele já vira era a de Baía Quarto Crescente — e era preciso andar muito para encontrar uma instituição pior, mais sem graça e tacinha.

— Quantos alunos estudam aqui? — ouviu Grace perguntar a Cheng Li.

— Cento e cinquenta — respondeu Cheng Li —, desde crianças de 7 anos até jovens de 17. Há apenas 15 alunos em cada uma das dez turmas. Com a alta relação alunos/professores na Academia, cada aprendiz de pirata recebe a melhor oportunidade de progredir. Nesse sentido — e em muitos outros —, a Academia dos Piratas não é uma escola comum.

— De onde vêm os alunos? — perguntou Grace.

— Boa pergunta. Nossos alunos vêm das melhores famílias de piratas. E, acredite, não é fácil garantir uma vaga na Academia dos Piratas. Temos rigorosos exames de admissão e entrevistas. Não é possível comprar a entrada simplesmente doando um novo barco de treinamento ou uma caixa de alfanjes. Cada aluno tem de passar pela porta através de seus próprios méritos.

— Mas parece que é preciso ser rico — disse Connor.

Cheng Li deu de ombros.

— Por definição, as famílias de piratas mais bem-sucedidas são ricas. Você não seria um bom pirata se não ganhasse o suficiente para educar os filhos, não é? Claro que em casos raros como o de vocês, por exemplo, há bolsas disponíveis.

Connor encolheu os ombros.

— Bem, nós só estamos de visita, de qualquer modo.

Cheng Li assentiu.

— Isso mesmo. Por um momento esqueci! — Mas havia algo na voz de Cheng Li que indicou a Grace que ela não havia esquecido. Nem por um segundo.

— E os piratas realmente preferem que os filhos venham para cá, em vez de treiná-los a bordo de seus navios? — perguntou Grace.

— Pense bem — respondeu Cheng Li. — Pense em como é difícil a vida a bordo de um navio como o *Diablo*. Não há tempo real para um pirata ativo educar os filhos. Claro, todos os navios devem treinar seus jovens piratas no uso de espada, mas simplesmente não há oportunidade para a formação mais ampla que damos aqui: em história, navegação, estratégia e capacidade de comando. Nossa proposta aos piratas é a seguinte: dê-nos seus filhos durante dez anos e vamos devolvê-los não somente prontos para ser membros integrais da tripulação, mas também para assumir o papel de comando.

— Faz sentido — disse Grace. — Não acha, Connor?

Connor não respondeu. Estava absorto em pensamentos. Pensava na visão que tivera na Rotunda — a visão de se tornar capitão.

— Não acha, Connor? — repetiu Grace.

— O quê? Ah, é... é, sem dúvida. — Ele não sabia muito bem o que Grace havia perguntado, mas ela pareceu bem satisfeita com a resposta. .

— Vejam só — disse Cheng Li —, eu trouxe para vocês um quadro de horários da Academia. — Ela entregou um cartão dobrado a cada um dos gêmeos. — É a programação das aulas que vocês teriam se fossem alunos do oitavo ano aqui — junto com os outros de 14 anos. Marquei as matérias que imagino que vocês acharão mais interessantes, mas a decisão é totalmente sua. Vocês são meus convidados. Estão aqui para sentir o gosto do lugar, de modo que podem se sentir livres para comparecer às aulas que quiserem.

Grace desdobrou seu horário, mas Connor já havia desligado a voz de Cheng Li e estava examinando empolgado a programação de aulas. Não havia matérias chatas! Desde História dos Piratas numa manhã de segunda-feira até a Oficina de Combate na tarde de sexta, cada dia parecia atulhado de coisas interessantes. Certo, talvez ele pudesse pensar duas vezes antes de encarar uma dose dupla de Biologia Marítima nas manhãs de terça-feira, mas as três aulas seguidas de Pirataria Prática e Navegação Oceânica pareciam fantásticas, e ele mal podia esperar para ir à aula de Sobrevivência Marítima Extrema. Connor riu de orelha a orelha para Grace — tinha de admitir que ela estava certa na sugestão de virem para cá. Ela sorriu de volta.

A única coisa incômoda no horário era a duração de cada dia de aulas. Toda manhã começava às sete horas com algo chamado “Força, Energia e Motivação” e o dia na Academia só terminava às oito da noite — se bem que a última hora depois do jantar era separada para estudos particulares, clubes ou acontecimentos sociais. Também havia aulas nas manhãs de sábado e até mesmo uma — uma aula de Meditação, dada por Cheng Li — no fim da tarde de domingo. Mesmo assim, pensou Connor, se os alunos aqui estavam se preparando para a vida a bordo de um navio pirata como o *Diablo*, fazia sentido que se acostumassem a dias bem longos. Ele nunca fora uma “pessoa matinal” quando estava em Baía Quarto Crescente, mas, desde que havia assinado o contrato no

navio de Molucco Wrath e passara a, cumprir suas rotas de tarefas, desenvolvera uma timidez bastante razoável com o nascer do sol.

Connor comeu um último bocado de tira-gosto chinês — aproveitando os sabores deliciosos de gengibre e capim-limão —, depois colocou os pauzinhos de comer sobre o suporte de louça. Cheng Li estava certa. A comida ali era deliciosa — e as porções eram generosas. Levantou a xícara de chá de jasmim aos lábios e sentiu um bem-estar inebriante. Por um momento seus pensamentos saltaram de volta ao *Diablo*, mas o navio já estava exercendo uma atração menor sobre suas emoções. Ele voltaria em pouco tempo, e enquanto isso havia muita coisa para distraí-lo aqui — desde a comida deliciosa e farta até as aulas extremamente legais.

— Não acha, Connor...? Connor!

Ele ergueu os olhos e descobriu sua irmã e Cheng Li o encarando. Estivera tão envolvido em seus pensamentos que havia se desligado completamente.

Cheng Li sorriu.

— Eu estava dizendo que não precisam ir a nenhuma aula esta tarde. Em vez disso, vou lhes mostrar tudo e vamos acomodá-los em seus quartos. Esta noite vão acompanhar todos os professores num jantar especial. Todos são ex-capitães, cada um é uma lenda da pirataria, e todos estão muito ansiosos para conhecer os dois.

Connor riu de orelha a orelha.

— Posso ficar mal-acostumado com esse tratamento VIP — disse, esticando os braços num bocejo contente.

Grace e Cheng Li balançaram a cabeça. Secretamente, Grace estava adorando ver Connor tão entusiasmado com a Academia. E sentia-se grata por todos os preparativos feitos por Cheng Li num tempo tão curto. O jantar com os capitães piratas era um toque especial. Grace conhecia o funcionamento da mente do irmão, e, quanto mais ele sentisse que fazia parte da Academia dos Piratas, melhor a chance de ela convencê-lo a prolongar a estada e nunca mais voltar ao *Diablo*. Sentiu-se um pouco culpada ao pensar nos amigos a bordo do navio — em especial Cate e Bart —, mas só estava pensando na segurança do irmão. Não estava preparada para vê-lo sofrer o mesmo destino de Jez Stukeley. Todo mundo acabaria entendendo.

Os gêmeos deixaram as malas em seus quartos e os dois voltaram a se encontrar com Cheng Li para um passeio completo pela Academia.

— Então, o que acharam dos alojamentos? — perguntou Cheng Li. — Espero que sejam satisfatórios.

— Ah, são — respondeu Grace. Ela jamais esperaria receber um quarto tão grande e bem-arrumado. Tinha até uma varanda própria, dando para o porto. O de Connor era igualmente generoso, mas ficava do outro lado do prédio, dando para o “círculo interno” — um pátio cercado, com gramado impecável, onde uma turma de alunos treinava artes marciais.

Por mais que o terreno da Academia tivesse parecido grande, visto do terraço, quando os gêmeos e Cheng Li saíram caminhando eles pareceram se abrir ainda mais.

Árvores e arbustos que, de cima, pareciam formar os limites da Academia, na verdade escondiam novas partes da escola — cada uma pintada com os mesmos tons suaves e ensolarados do conjunto de prédios principais.

Cheng Li apontou para os vários prédios — desde dormitórios de alunos e alojamentos de professores até a oficina de combate, desde o arquivo até os anfiteatros de palestras e salas de aula. A Academia era um mundo em si, e era muita coisa para se ver, em especial ao calor solenito do início de tarde. Grace descobriu que alguns detalhes do monólogo empolgado de Cheng Li passavam despercebidos, mas ficou impressionada com o profundo orgulho que ela sentia pela Academia. Connor também notou. Esta era uma Cheng Li muito diferente da que ele havia conhecido a bordo do *Diablo*. Parecia mais calma — como se aquele fosse o seu lugar.

— Uau! — exclamou Connor. Havia corrido um pouco adiante, mas se virou e esperou Grace e Cheng Li. — O que é *aquilo*?

Quando as garotas o alcançaram, Grace viu que ele estava apontando para um grande anfiteatro um pouco afastado do porto, mas era um anfiteatro com uma diferença. Em lugar de palco havia uma piscina brilhante. E, no centro, havia um navio — um galcão não muito diferente do *Diablo* ou até mesmo do navio Vampirata.

— Aquilo — disse Cheng Li, os olhos brilhando tanto quanto a água — é a lagoa da perdição! — Ela riu. — Bem, pelo menos é assim que os alunos chamam. Usamos o navio para treinos de ataque e demonstrações de combate. É um dos meus lugares prediletos na Academia!

Connor olhou para o convés. Agora estava vazio, como um navio-fantasma. Mas era fácil demais imaginar piratas correndo pelas tábuas. Pensou de novo em sua visão na Rotunda. O convés que tinha visto se parecia um bocado com este. Talvez ali, naquele convés — na “lagoa da perdição” —, ele aprendesse a se tornar um capitão pirata.

— Hora de um refresco — anunciou Cheng Li, parando junto à densa folhagem de um pé de romã. Em seguida estendeu a mão e arrancou dois frutos do galho, pondo-os nas mãos dos gêmeos. A fruta ainda estava quente do sol quando os dedos de Grace a envolveram.

Cheng Li tirou outra romã. Levantou uma de suas *katanas*, jogou a fruta no ar, partiu-a e pegou as metades na mão. Com um sorriso, fez a mesma operação hábil para Grace e depois para Connor. As sementes expostas brilhavam ao sol, como jóias. Os três sentaram na grama para saborear. Grace sentiu a fruta explodir em sua língua, surpreendentemente fresca e matando a sede no calor. Virou o olhar para os barcos no porto abaixo. O capitão Avery se preparava para velejar com outra turma. A perspectiva, notou Grace, não parecia o deixar muito satisfeito.

— Não, não, *não*, sr. Webb! — ouviu-o gritar para um dos jovens alunos.

Mais perto deles, um grupo de alunos mais velhos caminhava objetivamente pelo caminho do porto até um prédio cor de ouro pálido.

— Aquele é o principal teatro de palestras — explicou Cheng Li. — E esta é a turma do décimo ano, os alunos que vão se formar, indo para uma palestra do capitão Larsen, se não estou enganada.

— Boa-tarde, srta. Li — gritou educadamente um aluno. Outros se viraram e assentiram com respeito na direção dela.

— Sr. Blunt — gritou Cheng Li. — Sr. Blunt, venha cá um momento.

Um garoto alto e bonito, de bochechas vermelhas e cabelo claro cor de palha, virou-se na direção deles, as sobrancelhas erguidas interrogativamente. Caminhava imerso em conversas com alguns amigos, mas então se separou e atravessou a rua para falar com Cheng Li.

— Andou roubando romãs de novo? — perguntou ele a Cheng Li, com um sorriso. — Que moça levada! Mas prometo que não vou denunciar aos jardineiros.

— Quero apresentá-lo a Connor e Grace Tormenta — disse Cheng Li, ignorando a provocação dele. — Lembra-se de que falei sobre nossos convidados?

— Ah, sim, claro! — respondeu o garoto, estendendo a mão para Connor. — Olá, Connor, sou Jacoby Blunt. — Ele sorriu. — A srta. Li disse que você é um espadachim *brilhante*.

— Jacoby talvez seja o melhor lutador da Academia — disse Cheng Li. — Acho que vocês dois seriam um bom páreo em combate.

Connor encarou os olhos azul-acinzentados de Jacoby Blunt. Pareceram frios e vítreos por um momento. Connor sentiu o coração se encolher: Cheng Li os havia estabelecido como rivais desde o primeiro instante. Sabia, por experiência, em que isso iria dar. Era como a escola de Baía Quarto Crescente de novo! Mas então, para sua surpresa, Jacoby Blunt abriu um largo sorriso.

— Seria realmente fantástico ter alguma oposição decente, para variar — disse ele.

Cheng li deu uma gargalhada satisfeita.

— Bem, Jacoby, tenho certeza de que você e Connor terão uma chance de testar isso. Connor ficará aqui a semana inteira e, como mencionei antes, eu gostaria que você cuidasse dele e da irmã, Grace.

Cheng Li indicou Grace, e Jacoby se inclinou e apertou a mão dela.

— Certamente não será trabalhoso cuidar de você, Grace — sorriu ele. Grace ficou vermelha diante das palavras e do sorriso bonito.

— Bem, vá para a sua palestra — disse Cheng Li a Jacoby — Mas lembre-se de que está convidado a jantar esta noite com Grace, Connor e os capitães. O comodoro Kuo achou que talvez você pudesse pegar os gêmeos e levá-los ao escritório dele às sete e meia, em ponto.

— Sem problema — respondeu Jacoby com um sorriso tranquilo. — Curtam a tarde, gêmeos Tormenta... vou pegá-los pouco antes das sete e meia! Vistam-se nos trinquês!

Rindo, ele foi correndo alcançar os colegas.

— Venham, então — disse Cheng Li, ficando de pé. — Acabou a folga! Vamos continuar com o passeio. Vocês têm de ver a piscina de água doce!

— Com certeza! — Connor levantou num salto e começou a seguir Cheng Li. Já estavam a alguma distância pelo caminho quando percebeu que Grace não vinha junto.

— Grace? — chamou Connor.

— Grace! — gritou Cheng Li. — Onde você está?

Pararam e se viraram. Ela continuava parada na colina coberta de grama, olhando para o porto. Mal movia um músculo. A única coisa a indicar que era uma pessoa e não uma estátua eram os fios do cabelo comprido, subindo e descendo à brisa do porto.

— Grace! — gritou Connor, cada vez mais impaciente. A irmã nem se virou.

De repente o corpo de Grace ficou frouxo e ela caiu na grama.

— Grace! — gritaram Connor e Cheng Li ao mesmo tempo. Voltaram correndo pela grama para ver o que, afinal, havia de errado.



## CAPÍTULO 16

### *Jornada*

— Estou bem. Estou bem — disse Grace, abrindo os olhos para encontrar Connor e Cheng Li a encarando fixamente.

— O que aconteceu? — perguntou Connor. — Num minuto você estava aí parada, olhando o porto. No outro, estava caindo.

— Não sei — respondeu Grace, balançando a cabeça devagar. A queda a havia pegado de surpresa. Tinha sido precedida por um jorro de sensações; algumas familiares, outras novas. Mas não estava preparada para contar aos outros.

— Deixe-me sentir sua cabeça — disse Cheng Li. — Deveríamos levá-la à enfermaria.

— Estou bem, verdade — insistiu Grace enquanto os dedos de Cheng Li sondavam sua nuca. — Acho que só preciso ficar sentada um pouquinho.

— Não *parece* haver nenhum calombo — disse Cheng Li —, mesmo assim eu ficaria mais feliz se a enfermeira Carmichael desse uma olhada em você.

— Não se preocupe comigo, já vou recuperar o fôlego. Continuem com o passeio pela Academia. Sei que Connor está doido para ver a piscina de água doce.

— Não importa — reagiu Connor depressa. — Posso ver mais tarde. — Mas não fez um trabalho muito bom ao esconder a frustração na voz.

— Não, não. Vão agora. Está tudo bem. — Logo à frente deles viu o pé de jacarandá com o banco em círculo. Teve uma idéia. — Se me ajudarem a ir até lá, posso ficar sentada à sombra um pouquinho.

— Está bem, sem problema — respondeu Connor. Em seguida estendeu a mão para ela. — Cheng Li, pode me dar uma mãozinha?

Os dois ajudaram Grace a ficar de pé. Com os braços ao redor dos ombros deles, caminhou até o jacarandá.

— Estou meio envergonhada — disse Grace.

— Não se preocupe. — Cheng Li balançou a cabeça. — O dia está quente. Isso poderia ter acontecido com qualquer um de nós.

Acomodaram-na no banco. Grace se sentiu instantaneamente melhor, sentada sob a suave sombra azul da copa, fora da claridade do sol.

— Aqui — disse Cheng Li, enfiando a mão na mochila e pegando uma garrafa d'água. — Tome uns goles.

— Obrigada — respondeu Grace, pegando a garrafa com ar agradecido. Os outros a observaram atentamente enquanto ela tomava um gole. A água fresca estava boa. — Agora me sinto ótima — disse ela. — Só vou ficar aqui sentada um pouco. Podem ir.

Cheng Li pôs a palma da mão na testa de Grace.

— Você ainda parece meio quente. Vou com Connor, mas em menos de uma hora voltamos para ver como você está.

Grace confirmou com a cabeça, irritada pela intensidade do olhar de Cheng Li. Verdade, ela só precisava de um pouco de paz e silêncio.

Depois que Cheng Li foi embora, Grace se recostou, aprofundando-se mais entre os galhos do jacarandá, os braços roçando as flores em forma de trombeta e liberando mais perfume doce. Sentia-se abrigada, olhando para o porto onde o capitão Avery finalmente havia conseguido guiar os alunos para fora dos atracadouros em direção à muralha do porto. O olhar de Grace pousou na água brilhante. Era como se estivesse afundando. Havia experimentado a mesma sensação logo antes de cair. Dessa vez não lutou, simplesmente se entregou à sensação.

Fechou os olhos e sentiu o corpo se afrouxar de novo. Dessa vez pôde aliviar a queda deitando-se no banco antes que a consciência a abandonasse. Logo era como se estivesse flutuando numa superfície mais maleável do que o banco de madeira — talvez o próprio oceano.

Seus olhos permaneciam fechados, no entanto podia ver que viajava pelo ar numa velocidade furiosa — passando sobre o cais e o porto, sobre a muralha do porto e pelo arco da Academia, indo para o oceano aberto.

A velocidade era ao mesmo tempo empolgante quanto inebriante. O litoral pedregoso passou rapidamente num borrão, o tempo mudando de sol para nuvens e chuva, e depois, com igual velocidade, retornando ao sol. Continuou a respirar profundamente, deixando essa estranha maré carregá-la aonde quisesse. Não sabia se deveria temer ou se empolgar com a viagem.

Chegou a um ponto em que perdeu toda a sensação de velocidade e sentiu-se banhada numa suave névoa branca, através da qual nada era visível. A sensação de tontura deu lugar a uma profunda calma. Sentia-se em segurança. Sentia que estava sendo cuidada, segura e guiada por mãos invisíveis. Esperou.

Aos poucos a névoa se dissipou e ela se encontrava exatamente onde esperava — no convés do navio Vampirata. Estava de pé, no entanto não conseguia sentir as tábuas do convés nem o balanço do navio. Isso a fez entender que não se encontrava de fato ali, não estava totalmente ali — não em algum sentido normal. Pensou na visita de Darcy à sua cabine no *Diablo*. De algum modo conseguira fazer seu próprio espírito viajar! Como conseguira? Com iria voltar? Deixou as perguntas de lado por um momento, simplesmente empolgada por estar ali.

Era dia e o convés estava deserto, como ela imaginava numa hora dessas. Ficou parada por um momento sob as velas escuras, parecidas com asas. Havia uma brisa soprando e as velas se enfunavam no alto. Grace estendeu a mão para o estranho

material parecido com couro. Não conseguiu tocá-lo — assim como as mãos de Darcy não podiam tocar nada durante a visita feita ao *Diablo*. Os dedos de Grace passaram através da vela, como se aquilo fosse um holograma. Mesmo assim, enquanto passavam, uma fagulha de luz saltou através das veias daquele material. Grace viu a luz subir e brilhar como um fogo de artifício. Isso a encheu de espanto e prazer. Era tão bom estar de volta!

Caminhou pelas familiares tábuas vermelhas do convés até a frente do navio. Abaixo dela, Darcy — em sua encarnação diurna como a linda figura de proa do navio, feita de madeira — estendia-se sobre as águas, olhando o horizonte com seus largos olhos pintados. Grace se inclinou sobre a amurada, mas havia ali um anteparo invisível, que a impedia de encostar na amurada propriamente dita. A brisa era forte e fios de seu cabelo batiam nos olhos. Afastou-os, olhando para o cabelo pintado, perfeito, da figura de proa do navio.

— Olá, Darcy — gritou ela, sem saber se a amiga poderia ouvi-la acima do rugido da brisa e dos estalos das velas do navio.

— Grace! — ouviu o sotaque londrino de Darcy e seu coração deu um salto. — Grace, você voltou. Não deveria! Eu lhe disse para não... mas fico feliz por você ter vindo!

— Eu também — respondeu Grace, a voz subitamente embargada de emoção. — Como você está? Como está todo mundo?

Houve uma pausa. E então talvez um soluço — ou poderia ter sido a água chacoalhando abaixo.

— As coisas estão cada vez piores, Grace.

— Por quê? O que aconteceu, Darcy?

— Não é... não sou eu que posso dizer, Grace. Além disso, mal consigo ouvi-la agora. Minha cabeça fica cheia do som das ondas durante o dia. Meus ouvidos e minha boca são apenas de madeira até o escurecer. Não é fácil falar antes da noite. E mais, o capitão ficou furioso quando descobriu que fui visitá-la.

— Furioso? Por quê?

— Ele diz que devemos deixá-la em paz. Este navio é para criaturas como nós, não para garotas como você. Diz que devemos deixá-la livre para continuar com a vida.

— Mas como posso? Como posso continuar quando sei que vocês estão sofrendo... que Lorcan está sofrendo?

— Foi o que eu disse a ele, Grace, mas ele ficou cada vez mais furioso, até que me expulsou de sua cabine e disse que eu era... encrenqueira. Que eu não passava de um... — soluçou ela — de um destroço encrenqueiro!

Grace ficou chocada. Nunca poderia esperar que o capitão falasse palavras tão cruéis. Imaginou, com um tremor, o que ele diria quando descobrisse que ela havia retornado ao navio. Talvez já soubesse. Pouca coisa acontecia no navio sem que ele percebesse. Quanto tempo ela ainda teria ali?

— Darcy, vou procurar o Lorcan.

— Certo, Grace. Mas tenha cuidado!

— Com o quê?

— Só tenha cuidado, Grace.

Grace teve um profundo mau presságio. Mas de que adiantaria vir até ali se não visse Lorcan?

— Veja você mais tarde, Darcy — disse ela, retornando pelo convés.

A porta da cabine do capitão estava fechada, notou ela. Passou em frente e abriu a porta que dava no corredor principal- As luzes estavam acesas — ainda que fracas — e ela seguiu até a cabine de Lorcan. Quando virou a esquina viu dois rostos desconhecidos — um negro alto e forte, com cabelos curtos prateados, e um sujeito mais magro, amarelado, com a cabeça coberta por um capuz. Identificou-os rapidamente como vampiros, não doadores. Estavam entretidos em conversa e pareceram não notar quando ela passou por eles seguindo pelo corredor estreito. Que estranho!

Parou diante da cabine de Lorcan, subitamente nervosa. Juntando todas as forças, levantou a mão para bater. Não conseguiu fazer contato com a madeira, mas, mesmo assim, a porta se abriu. Ela entrou na escuridão mais absoluta.

— Olá? — disse, com os olhos lutando para se ajustar à escuridão.

Houve uma pausa e então uma voz familiar disse:

— Olá, estranha.

— Lorcan! — respondeu ela, sentindo um forte jorro de emoção mas tentando lutar contra. — É tão bom escutar sua voz!

— A sua também — respondeu ele. — A sua também. Como você está?

— Bem. Só sinto saudade de você, de todos vocês. Muita saudade.

— Sentimos saudade de você também, Grace.

A voz dele se esvaiu.

Os olhos de Grace estavam se acostumando com a escuridão, mas ainda assim ela só conseguia perceber a silhueta da cabeça e do corpo de Lorcan. A cama dele era de dossel, o que tornava difícil enxergar dentro. Andou ao redor mas, de qualquer ângulo que olhasse, era como se ele não quisesse que ela o visse. Hesitando, Grace sentou-se na beira da cama. Como quando Darcy havia se sentado na cama de sua cabine, ela se surpreendeu pairando — ainda que confortavelmente cerca de um centímetro acima da superfície.

— Darcy disse que as coisas andam difíceis desde que fui embora.

— Algumas vezes Darcy deveria pensar mais e falar menos. — As palavras de Lorcan estavam subitamente despidas do tom ensolarado que ele havia adotado antes.

— Não, Lorcan. Se há alguma coisa errada, eu quero saber. Quero ajudar.

— Você é muito gentil, Grace. — Agora a voz dele estava cansada. — Mas acho que dessa vez você não pode ajudar. Até mesmo os poderes do capitão estão sendo testados como nunca.

— Como assim? Tem a ver com os Vampiratas rebeldes?

— O que você sabe sobre eles?

— Darcy me contou que Sidório não foi o único Vampirata a se rebelar contra o capitão. Que foi apenas o *primeiro*. Que agora outros desafiam a autoridade dele. Querem mais sangue. Querem mais Festins.

— Grace, você não deve se meter nesses assuntos. Nem deve pensar neles.

Se ao menos ele se virasse na sua direção, ou pelo menos acendesse uma vela!

— Mas quero ajudar — disse ela. — Vocês foram tão bons comigo! Todos... mas especialmente você e o capitão.

— É melhor nos deixar em nosso caminho. — A voz de Lorcan estava pesada com a derrota. — Você foi apenas uma visitante. Sabe muito pouco sobre nosso mundo.

— É, mas quero saber mais.

— É perigoso demais. Você chegou mais perto do que qualquer outro mortal. Nem sei como conseguiu voltar... assim.

Grace respirou fundo. Será que havia retornado por causa da *vontade*?

— Acho que viajei de volta aqui porque me importo. — Sua voz se embargou de emoção.

Lorcan suspirou.

— Então precisa parar de se importar, Grace. Deve nos deixar em paz.

— Como? Como posso fazer isso? Será que devo simplesmente apagar qualquer sentimento que tenha e esquecer tudo sobre vocês?

— Deve. — A voz dele ia ficando mais fraca a cada vez que falava. A ânsia de ver o rosto dele era irresistível.

— Lorcan, você tem uma lamparina? Está escuro demais aqui. Se pudesse acender uma vela...

— Não, Grace — respondeu ele com ferocidade súbita — Nada de velas. Esta é a diferença entre nós. Eu preciso da escuridão, não da luz.

— Lorcan, por favor, não fale assim. Achei que você ficaria feliz em me ver.

A única resposta foi outro suspiro. As palavras agora pareciam ser um esforço grande demais para ele.

— Lorcan, não está nem um pouco feliz em me ver?

Ainda não houve resposta.

De repente o aposento se encheu de fumaça. Não, era fria demais para ser fumaça. Era a névoa outra vez. E, por mais que ela lutasse contra, a névoa só foi ficando cada vez mais densa. Cheia de frustração, Grace balançou os braços, tentando cortar a cortina que a separava do amigo querido.

Mas não adiantava. Ela era apenas uma visitante e, a despeito do modo como havia chegado, a permanência não estava sob seu controle. A névoa a dominou, enchendo os olhos, os ouvidos e as narinas. E então estava viajando de novo, dessa vez para trás. Partindo do convés do navio, leve como uma pena de gaivota — puxada sobre o oceano, de modo que as rochas, os recifes e as lagoas passavam correndo num borrão que fazia sua cabeça girar. Até que finalmente houve escuridão e imobilidade de novo, e um cheiro inebriante que, mesmo familiar, ela não conseguiu situar de imediato.

Grace abriu os olhos e se viu olhando para o azul. Isso a levou de volta à primeira chegada ao navio Vampirata, quando olhou pela primeira vez para o azul intenso dos olhos de Lorcan Furey. Mas esse azul era diferente. Enquanto seu olhar se firmava, viu a cor se separar em flores com forma de trombeta. Agora lembrava. Estava deitada no banco sob o jacarandá. Sentou-se soltando o ar, pensando na estranha jornada. Teria mesmo estado no navio ou apenas imaginado? Tudo havia parecido real demais.

— Grace.

A voz era suave, mas estava próxima. Grace girou a cabeça.

Cheng Li estava sentada ao lado, segurando um pequeno saco acima de sua testa.

— Trouxe esta bolsa de gelo — disse ela. — A enfermeira Carmichael achou que poderia lhe fazer bem. Ela recomendou que eu a levasse de volta ao quarto para descansar um pouco. Acha que pode andar até lá, com minha ajuda?

Grace ficou de pé. Na verdade, não se sentia muito mal, só um pouco chocada e confusa, a cabeça nadando com perguntas sem resposta.

— Estou bem, consigo andar — anunciou.

— Bom — respondeu Cheng Li segurando sua mão. — Venha, então. — As duas ficaram cara a cara por um momento. — E, no caminho, pode me contar exatamente o que está acontecendo.

— Como assim? — perguntou Grace, olhando chocada para Cheng Li.

— Você *não* está sofrendo de insolação, Grace. Há uma coisa muito mais complicada acontecendo. Você vai se sentir melhor se puser para fora. Os segredos acabam comendo a gente por dentro.

Grace estremeceu ao pensar nisso, imaginando todos os segredos do tempo passado no navio Vampirata — segredos que só havia compartilhado com Connor — comendo-a com voracidade por dentro. A sensação era verdadeira demais. E também havia os segredos mais novos, que nem Connor conhecia: que ela era capaz de se comunicar com o navio Vampirata e viajar até ele, pelo menos na mente.

Cheng Li deu um sorriso suave e passou o braço pelo de Grace.

— Não fique tão ansiosa, querida. Não vou *forçá-la*. Tudo bem, se você não *quiser* contar, se ainda não acha que pode *confiar* em mim. — Os olhos nevoentos de Cheng Li se cravavam diretamente nos de Grace. — Acho que você deveria saber, Grace, que sou uma excelente ouvinte, ainda que seja eu que esteja dizendo. Se, e quando, você decidir falar, não seria mal que falasse comigo.

Será que ela poderia confiar em Cheng Li? Seria um alívio enorme dividir seus segredos. E até agora a garota mais velha havia demonstrado apenas gentileza.

— Obrigada — disse Grace enquanto começavam a andar. — Não vou me esquecer disso.

Subiram o morro em silêncio. Grace ainda se sentia exausta mas empolgada com a primeira jornada de retorno ao navio Vampirata. Também estava empolgada com a possibilidade de dividir o fardo dos segredos com Cheng Li. Precisava muito de alguém com quem falar — nem que isso servisse apenas como uma caixa de ressonância para suas perguntas. Mas os pensamentos ficavam circulando e voltando, como um cardume de tubarões, para uma pergunta muito grande. Será que podia confiar em Cheng Li?

Quando chegaram à porta de Grace, Cheng Li se despediu.

— Descanse um pouco, Grace. Sem dúvida você passou por algum tipo de dificuldade hoje, mas vai querer estar em ótima forma para estar com os capitães esta noite. — Ela deu um tapinha no ombro de Grace, depois se virou e foi andando.

— Espere! — disse Grace. A palavra saiu com mais força do que ela pretendia. Cheng Li se virou, uma sobranceira erguida com surpresa. Grace respirou fundo. — Por que não entra? Há de fato algumas coisas que eu gostaria de conversar com você.

Cheng Li assentiu, parecendo subitamente muito séria.

— Considero sua confiança um grande presente — disse a Grace. — E, claro, não preciso dizer, mas direi mesmo assim: tudo que você falar ficará em sigilo absoluto. Só entre nós duas.



## CAPÍTULO 17

### *A boa ouvinte*

Assim que começou a falar, Grace achou incrivelmente fácil conversar com Cheng Li sobre os Vampiratas. Para falar a verdade, era um alívio gigantesco falar com qualquer pessoa que não fosse Connor, que era protetor demais e sempre pronto a condenar os Vampiratas — absolutamente todos —, sem nem mesmo tentar entender seus motivos.

Ao contrário de Connor, Cheng Li não interrompeu Grace com seus julgamentos. Em vez disso, ouviu com atenção, só interrompendo muito ocasionalmente para pedir esclarecimento sobre uma coisa ou outra. Na maior parte do tempo Grace falou e Cheng Li escutou, assentindo para dar apoio e encorajando Grace a dividir mais suas experiências.

Olhando o relógio ao lado da cama, Grace percebeu que estivera falando sem interrupção por mais de uma hora e meia. Ainda havia muita coisa a dizer. De início havia pretendido censurar as coisas mais extremas que haviam acontecido na época, mas concluiu que, se iria confiar em Cheng Li e pedir sua ajuda, precisava contar toda a história. Ou a gente confiava cem por cento em alguém ou não confiava nem um pouco.

Assim Grace se pegou narrando tudo, desde a chegada ao navio até a descoberta de que Lorcan, o querido Lorcan, não era um garoto de 17 anos e sim um vampiro de 709 anos! Contou a Cheng Li sobre quando saiu da cabine e foi enfrentar o próprio capitão Vampirata — e descobriu que ele nem de longe era o monstro imaginado. E então contou a Cheng Li toda a história do Festim, dos doadores e do horrendo encontro com Sidório.

— *Ele* parece fascinante! — disse Cheng Li. — Aterrorizante, mas ao mesmo tempo fascinante. Onde estará agora?

— Morro de medo só de pensar. Eu esperava que, quando o capitão o banisse, ele simplesmente desaparecesse. Mas tenho a sensação de que isso não aconteceu. E agora há outros rebeldes a bordo do navio. Eu só gostaria de poder ajudar.

— Mas, Grace, o que você pode fazer?

Era uma pergunta que valia a pena ser feita. Grace pensou intensamente.

— Não sei. Não sei. Mas só tenho a sensação, bem no fundo, de que eu *podia* ajudá-los. Realmente quero. Veja só, acho que, em muitos sentidos, eu sou responsável pelo que está acontecendo.

— Como?

— Bom, Sidório foi expulso porque me atacou. Se eu não estivesse a bordo do navio, talvez ele continuasse lá.

Cheng Li balançou a cabeça.

— Não, Grace. Você está sendo injusta consigo mesma. Sidório não foi banido somente porque a manteve como refém e a ameaçou. Ele matou o doador, lembra? Esse foi seu desafio explícito à autoridade do capitão. Pelo que você me disse, o capitão o teria exilado por isso, quer você estivesse a bordo ou não.

Grace sentiu um alívio com as palavras de Cheng Li, mas então o peso retornou.

— Pode ser verdade... mas e o Lorcan?

Contou a Cheng Li sobre como Lorcan a havia protegido quando Connor e os piratas voltaram para pegá-la, como ele havia ficado do lado de fora depois do Toque do Amanhecer. E agora contou sobre as duas misteriosas visões envolvendo Lorcan e o modo como ele havia agido durante sua viagem em espírito ao navio.

— Bem, sei que não é isso que você quer ouvir, mas concordo — disse Cheng Li.

— Parece que Lorcan de fato prejudicou a visão ao ficar sob a luz do sol.

— Se isso aconteceu, a culpa foi minha.

— Você está sendo dura demais consigo mesma. Ele tinha consciência dos perigos, Grace. Devia conhecer. Ele fez uma escolha...

— Para *me* proteger!

— Mesmo assim, a escolha foi *dele*.

Ficaram sentadas em silêncio por um tempo, cada uma pensando nas palavras da outra. Então Cheng Li falou de novo.

— Como você achou que os olhos dele estavam quando fez a jornada ao navio?

Grace balançou a cabeça.

— Era difícil enxergar. A cabine estava escura e ele mantinha a cabeça virada para longe de mim, escondida sob o dossel da cama. — Ela deu um sorriso triste. — Era como se eu tivesse um problema de visão.

— Grace — disse Cheng Li depois de um tempo —, acho que sua jornada ao navio a pegou de surpresa, e não é para menos. Você fez bem em ir até lá. Mas, para sua própria tranquilidade, na próxima vez em que for de novo, deve fazer mais perguntas. Descubra a verdade sobre a visão de Lorcan. Descubra se pode ajudar. Talvez ele saiba de um modo. Talvez por isso eles a estejam chamando de volta, assim.

Grace olhou curiosamente para Cheng Li.

— Acha mesmo que *eles* estão me chamando de volta?

— Acho, claro. Você, não? Primeiro Darcy faz uma viagem em espírito para contatá-la. Então você tem as duas visões com o Lorcan...

— Mas elas vieram através do anel — lembrou Grace. — Eu toquei o anel Claddagh, ele ficou quente e foi então que tive as visões. Na verdade, o anel ficou quente antes de Darcy aparecer, também. Eu me senti muito enjoada. E, quando abri os olhos, ela estava lá.

Cheng Li pensou por um momento.

— Então, o primeiro contato que você fez depois de sair do navio foi através do anel de Lorcan. Quando tocou o anel, parece que, de algum modo, provocou uma reação de seus amigos a bordo do navio.

Grace confirmou com a cabeça.

— Tenho certeza de que eles planejaram isso — disse Cheng Li. — Tenho certeza de que foi por isso que Lorcan lhe deu o anel.

— Ele me deixou um bilhete. Disse que era uma coisa para me lembrar dele. Disse... disse para eu “viajar em segurança”.

— Bom, aí está, Grace — respondeu Cheng Li em triunfo. — Ele praticamente lhe disse o que esperar. Foi seu modo, o modo dos Vampiratas, de ajudá-la a viajar de volta ao navio. — Ela fez uma pausa, deixando uma nova idéia chegar e florescer na mente. — Quando você fez sua jornada ao navio, podemos dizer uma jornada em espírito, ou uma viagem astral, você tocou o anel para iniciar isso? Ele esquentou como antes?

Grace balançou a cabeça.

— Acho que dessa vez não teve nada a ver com o anel.

— Fascinante. Certo. Então parece que sua conexão está ficando mais forte. É como se eles tivessem usado o anel só para atrair sua atenção, para prepará-la, por assim dizer. E agora...

— Agora o quê? — Grace estava ansiosa para ouvir as idéias de Cheng Li.

— Agora parece que eles estão preparados para chamá-la de volta com mais força.

Então agora só preciso esperar que eles me chamem novo?

Cheng Li pensou um momento.

— Vamos tentar uma experiência, certo? Tente tocar o anel agora.

Grace levantou o polegar e o indicador até o anel.

— Está frio — disse ela.

— Continue segurando. Avise no momento em que a temperatura começar a mudar.

Grace continuou segurando o anel Claddagh, como fizera tantas vezes. Cheng Li ficou sentada, olhando. Por fim, depois de alguns minutos, perguntou:

— Alguma coisa?

Grace balançou a cabeça.

— Então é certo — disse Cheng Li. — Acho que o anel já é passado. Agora você tem de esperar até que a chamem. Mas esteja preparada. Isso pode acontecer a qualquer momento.

— Mas como posso voltar ao navio de *verdade*?

— Não pergunte a mim — respondeu Cheng Li com um sorriso. — Pergunte a *eles*! Na próxima vez em que se vir naquele navio, é a primeira pergunta que deve fazer.

Grace confirmou com a cabeça. Fazia sentido.

— Está ficando tarde — disse Cheng Li. — Isso foi fascinante, Grace, mas acho que você deveria descansar um pouco antes do jantar. Falaremos mais sobre isso. Vou ficar pensando. Sempre que quiser conversar comigo de novo, é só dizer.

— Obrigada. Obrigada por ouvir.

— Não, Grace. Obrigada a você por confiar em mim. Isso significa muito. — Ela sorriu enquanto ia para a porta, então se virou. — Acho que seria bom falar muito pouco aos outros capitães sobre isso. Sem dúvida eles vão querer saber do seu passado. Quando perguntarem, eu não contaria nada sobre os Vampiratas. Nem todo mundo tem

a mente tão aberta quanto eu.

Grace assentiu. Cheng Li ficou parada junto à porta, observando-a com ar curioso.

— O que foi? — perguntou Grace. — O que está pensando?

— Estou pensando que a parte mais fascinante de tudo isso é a conexão que você sentiu, que ainda sente, com eles. Outras pessoas agradeceriam por ter escapado daquele navio com vida. Mas você... você retornaria por vontade própria.

— Claro! Você não?

Cheng Li pensou na pergunta.

— Quer a resposta honesta? Não sei. Sou uma sobrevivente, Grace. Como você, sou curiosa com relação ao mundo e seus mistérios. Mas me lançar voluntariamente no perigo... realmente não sei se faria isso. — Ela fez uma pausa. — Lembro que uma vez perguntei ao seu irmão sobre você. E, pelo modo como ele falou, fez você parecer a pessoa mais extraordinária.

Grace ficou ruborizada de surpresa e prazer.

— E, agora que a conheço, Grace Tormenta, vejo que é verdade.

Com essas palavras Cheng Li finalmente saiu, sorrindo, para o corredor. Grace estava exausta — da viagem, de falar tanto e do alívio de dividir os segredos. Quando a porta se fechou com um estalo, deitou-se na cama, a cabeça procurando os travesseiros macios, e caiu imediatamente no sono.



## CAPÍTULO 18

### *A mesa dos capitães*

Às sete e meia em ponto, Jacoby Blunt bateu à porta do comodoro Kuo.

— Entre — gritou o diretor.

Jacoby empurrou a porta, deixando Grace e Connor entrarem no escritório do diretor, antes de acompanhá-los.

— Boa-noite a todos — disse o comodoro Kuo, erguendo o olhar de cima da mesa, onde ainda parecia estar trabalhando intensamente. Vestia a mesma roupa de antes, mas com o acréscimo de um pequeno par de óculos.

— Estarei com vocês num instante — disse, baixando os olhos para um documento. Aparentemente satisfeito, rabiscou a assinatura com um floreio de tinta turquesa e pôs o documento na bandeja de saída. Depois tampou a caneta de novo, tirou os óculos e os pôs sobre a escrivaninha.

— O trabalho de diretor jamais termina — disse, levantando-se, empurrando a cadeira para trás e se afastando da mesa imaculadamente arrumada. — Depressa, vamos escapar antes que brote mais alguma coisa que exija minha assinatura.

Vestindo um blazer sobre o colete, lançou um sorriso para Grace e Connor.

— Espero que tenham gostado da primeira tarde na Academia.

— Gostamos! — respondeu Connor. — Demos uma boa olhada em tudo. Fiz uma longa caminhada pelo porto e vimos a “lagoa da perdição” com o navio de treinamento. Depois fui nadar na piscina. Foi incrível.

— Excelente — disse o comodoro Kuo. — E você, Grace?

Grace ficou vermelha, lembrando-se do conselho de Cheng Li.

— Ah, sim, é tudo maravilhoso — respondeu, esperando se livrar mantendo um jeito relaxado. Aparentemente, nessa ocasião, conseguiu.

— Ótimo — disse o comodoro Kuo, levando-os até a porta dupla, no fundo do escritório. — Achei que poderíamos jantar no terraço, já que a noite está tão bonita. — Ele abriu a porta e todos ouviram imediatamente o zumbido de conversas.

— Agora não há como recuar — sussurrou Jacoby atrás dos gêmeos.

O comodoro Kuo saiu ao terraço. Grace, Connor e Jacoby foram atrás. Uma mesa comprida havia sido arrumada ali, com fileiras de velas e cheia de comida — desde montanhas de camarões gigantes até pratos de caranguejo com molho, lagostas e, borbulhando em fogareiros portáteis, tigelas com ensopados de cheiro inimaginavelmente agradável, arroz e macarrão.

Os outros professores já estavam apinhados ao redor da mesa, tomando vinho e beliscando canapés. Connor notou que havia apenas quatro lugares vazios — dois à cabeceira e dois ao pé da mesa. Apenas o bastante para o diretor, Jacoby, ele e Grace.

— Agora, Jacoby — disse o comodoro Kuo —, por que não ocupa este lugar aqui, enquanto eu apresento Connor e Grace a todo mundo?

Jacoby obedeceu, sentando-se. Ao mesmo tempo, o comodoro Kuo batia palmas.

— Pessoal, posso ter sua atenção?

Os homens e mulheres se viraram. A maioria ficou em silêncio, olhando os gêmeos com interesse. Uma das mulheres ainda estava terminando uma conversa.

— ...certamente *não* no meu tempo. É um absurdo completo, se você quer saber.

O comodoro Kuo sorriu para ela.

— Capitã Quivers, estou muito ansioso para saber do que a senhora está falando.

— Tenho certeza de que *sim*.

— Bom, talvez possamos retornar a isso mais tarde, mas primeiro permita-me apresentar a todos vocês Grace e Connor Tormenta.

Houve vários cumprimentos de cabeça e sorrisos dos dois lados da mesa. E então o comodoro Kuo juntou as mãos e começou a aplaudir. Os aplausos foram acompanhados pelos professores sentados, mas não uniformemente. Grace notou que a capitã Quivers foi a última a participar e não demorou muito. Desejou que os outros também tivessem sido tão pouco entusiasmados. Isso realmente estava ficando embaraçoso! Notou que Connor parecia muito menos sem graça. Na verdade, ele estava adorando a atenção.

— Bom — prosseguiu o comodoro Kuo —, como vocês sabem, os gêmeos Tormenta são nossos convidados na Academia durante esta semana. A srta. Li fez o convite em nosso nome e Connor e Grace concordaram em tirar uma folga de seus valiosos serviços a bordo do *Diablo* para verem o que fazemos. E tenho certeza de que todos nos sentimos muito agradecidos a Molucco Wrathe por concordar com a licença destes jovens piratas.

— Ao Molucco! — gritou loucamente a capitã Quivers, levantando sua taça de vinho e derramando um pouco do líquido na toalha branquíssima. — Epa!

— Sim — disse com afabilidade o comodoro Kuo. — Ao Molucco. — Ele ergueu sua taça, deu um risinho e prosseguiu rapidamente.

— Bom, acho que está na hora de cairmos neste festim tentador. Mas antes, claro, eu gostaria de fazer algumas apresentações pessoais.

Ele pôs as mãos nos ombros dos gêmeos e começou a apresentar cada um dos capitães enfileirados ao longo da mesa.

— Grace, Connor... este é o capitão René Grammont ex-comandante do *Trubador*...

— *Bonsoir, Monsieur et Mademoiselle Tormenta*. — O capitão Grammont assentiu formalmente na direção dos gêmeos.

— Ao lado do René; o capitão Francisco Moscardo, ex-comandante do *Santa Ana* e

do *Inferno*...

— *Buenas noches*, gêmeos Tormenta.

— Em seguida — continuou o comodoro Kuo —, temos a capitã Lisabeth Quivers, ex-comandante do *Flor de Maracujá*.

— Olá, Grace. Olá, Connor. É um grande prazer...

— E ao seu lado o capitão Pavel Platonov, do *Moscovita*.

— *Dos svadanya* — disse o capitão Platonov, levantando-se e fazendo uma reverência exagerada. Grace notou que a capitã Quivers deu um risinho diante daquilo.

— Espero que vocês estejam acompanhando — riu o comodoro Kuo. — Em seguida temos o capitão Apostolos Solomos, do *Seferis*.

— *Kalisperu*, Connor e Grace. — O capitão Solomos deu um sorriso largo.

— E em seguida a srta. Li, que dispensa apresentações. — Cheng Li assentiu formalmente para os dois. Era como se ela e Grace jamais tivessem tido a recente conversa de coração aberto. Grace ficou satisfeita: Cheng Li estava cumprindo sua parte para que ninguém suspeitasse. — Bom, a srta. Li ainda não comandou um navio, claro, mas sabemos que seu futuro será tão ilustre quanto o de qualquer um de nós que está sentado aqui hoje. De fato, devo dizer que ela pode muito bem eclipsar uma reputação ou duas.

— Aqui, aqui! — gritou a mulher sentada ao lado de Cheng Li.

— Quero apresentar a capitã Kristin Larsen, do *Krönborg Slot*.

A capitã Larsen tinha o cabelo mais branco que Grace já vira, intensificado por um bronzeado intenso e olhos azuis como uma fonte de montanha. A capitã Larsen ergueu uma taça para os gêmeos, depois a esvaziou num gole.

— Em seguida temos o capitão Floris van Amstel, do *Kob-i-Noor*.

— Boa-noite.

— E o capitão Shivaji Singh, do *Nataraj*.

O capitão Singh fez uma reverência. Grace ficou tentada a repetir o gesto, mas sentiu-se inibida demais, por isso apenas inclinou a cabeça em resposta. Olhou para Connor. Ele estava sorrindo de orelha a orelha. Dava para ver o quanto o garoto gostava de conhecer aqueles capitães que, segundo Cheng Li, estavam entre os piratas mais bem-sucedidos do mundo. Melhor ainda, eles pareciam ansiosos para conhecer Connor e Grace!

— E, por fim, o capitão Wilfred Avery, do *Corsário Bárbaro*.

Claro. Eles tinham visto de longe o capitão Avery por várias vezes desde que haviam chegado à Academia, mas agora ele estava do outro lado da mesa, diante deles, o rosto bronzeado coberto com fiapos brancos de bigode e barba.

— Vamos testar se vocês recordam todos os nossos nomes antes da sobremesa — riu ele para os gêmeos. Grace sentiu uma simpatia instantânea pelo capitão Avery. Sorriu de volta.

— Agora sente aqui, Grace — disse o comodoro Kuo puxando uma cadeira para ela entre Cheng Li e o capitão Solomos. Então o diretor foi até a outra extremidade da mesa e indicou que Connor ocupasse a cadeira entre ele e o capitão Grammont. Jacoby já estava sentado do outro lado e havia começado a mexer na comida.

— Connor, posso servi-lo um pouco deste molho verde? — disse o capitão Avery. — É muito bom.

— Sim, por favor — respondeu Connor.

— Que tal uma *crevette*? — perguntou o capitão Grammont, em seguida.

Uma *crevette*? Do que ele estava falando?

O capitão estendeu uma grande palito de madeira com um gorducho camarão gigante na direção de Connor.

— Uma *crevette* — repetiu ele.

— Ah, ótimo, sim. Obrigado.

Aos poucos o prato de Grace também foi se enchendo, e ela se juntou aos capitães no farto banquete. Perguntou-se se comeriam assim todas as noites. Mais tarde perguntaria a Jacoby Imaginou que os outros alunos, que haviam comido cerca de uma hora antes, teriam recebido uma refeição um tanto mais simples.

— Então fale-nos de você, Connor — disse o capitão Grammont. — Sabemos pouco, a não ser o início impressionante que teve a bordo do *Diablo*.

— É mesmo, conte — acrescentou o vizinho de Grammont, o capitão Moscardo. — Você sempre quis ser pirata?

— O que ele realmente quer saber — exclamou o capitão Avery — é se você leu tudo sobre nossos feitos e sonhou em ser um de nós.

Connor balançou a cabeça.

— Não, na verdade não.

O capitão Moscardo pareceu desapontado, mas o comodoro Kuo riu da resposta de Connor.

— Continue, Connor, conte a eles de onde você vem.

— Bom, nós nascemos em Baía Quarto Crescente...

Houve um coro de suspiros amigáveis.

— Vocês conhecem?

— Connor, é nosso negócio conhecer cada baía, recife e riacho do mapa — disse baixinho o capitão Avery.

— Ah, claro. Bem, meu pai era o faroleiro de lá. Mas morreu e nós não tínhamos mais ninguém, por isso Grace e eu...

— E a mãe de vocês? — disse a capitã Quivers, direcionando a pergunta a Grace.

— Não chegamos a conhecer nossa mãe — respondeu Grace com tristeza. — Ela morreu... ao nos dar à luz.

— Que terrível... para todos vocês.

— Então — disse o capitão Moscardo —, vocês dois não tinham mais nada naquela baía abandonada por Deus.

— Não — respondeu Grace. — Por isso pegamos o veleiro do nosso pai e fomos embora.

— Mas iam para onde? — perguntou o capitão Grammont.

— Na época não sabíamos — respondeu Connor. — Só sabíamos que precisávamos ir embora. Pensamos em navegar descendo o litoral e ver aonde poderíamos chegar.

Os olhos do capitão Avery piscaram para ele.

— O primeiro sinal de que vocês têm sangue pirata nas veias.

— E onde foram parar? — insistiu o capitão Moscardo.

— Fomos colhidos por uma tempestade — respondeu Connor. — Nosso veleiro foi destruído e pensamos que íamos morrer afogados.

— Ah! — exclamou a capitã Quivers. — Coitadinhas, crianças coitadinhas.

— Mas — prosseguiu Connor — eu fui resgatado pela srta. Li e levado a bordo do *Diablo*.

— E você, Grace? — perguntou o capitão Larsen, virando os olhos azuis cristalinos para Grace.

Sem olhar, Grace pôde sentir que Cheng Li a estava observando atentamente. Agora os outros capitães também a encaravam. Ela respirou fundo, depois falou:

— Fui resgatada por outro navio.

— Qual? — pressionou o capitão Larsen. — Conhecemos praticamente todos os navios piratas destas águas.

— Não era um navio pirata — respondeu Grace.

— Então o que era? Uma embarcação particular?

— Algo assim — disse Grace, rezando para que Cheng Li viesse salvá-la. Mas a ajuda veio de um lado totalmente diferente.

— Detalhes, detalhes — disse o capitão Avery com um sorriso. — O importante é que os dois *foram* resgatados. E foram parar a bordo do *Diablo*. E quais foram suas primeiras impressões sobre o capitão Wrathe?

Connor sabia que precisava pisar com cuidado, sem saber o que os outros achavam do capitão do *Diablo*. Molucco não era grande fã da academia, de modo que talvez os professores poderiam também não gostar muito dele. Por outro lado, a antiga espada de Molucco estava num lugar de honra na Rotunda.

— O capitão Wrathe foi muito bom comigo... conosco — respondeu.

— Ele sempre teve bom olho para jovens talentos — disse a capitã Quivers.

— Connor — pressionou Moscardo outra vez —, você não ficou com medo tendo de aprender a lutar com espadas?

Grace sentiu que a atenção retornava ao irmão. Parte dela ficou um pouco ressentida, mas no geral se sentiu aliviada. Quanto menos perguntas fizessem, melhor, suspeitava. Aproveitou a oportunidade para trocar um breve sorriso com Cheng Li.

Cheng Li piscou para ela, dando apoio, depois lhe ofereceu o prato de lula com sal e pimenta.

— Não. — Connor balançou a cabeça. — Eu queria aprender. Foi minha recompensa.

— Recompensa?

— Por ter ajudado o capitão Wrathe num ataque.

— Os senhores se lembram, capitães — exclamou o comodoro Kuo. — Wrathe pilhou a casa do governador Acharo, em Port Hazzard. E os dois filhos de Acharo montaram um ataque de vingança contra o *Diablo*.

— Ah, sim. — O capitão Grammont assentiu. — Lembro.

— E Connor defendeu o capitão Wrathe — acrescentou o comodoro Kuo. — Salvou a vida dele, segundo todos os relatos.

— Que pena — murmurou o capitão Singh. Connor fez uma anotação mental de que ali havia pelo menos um capitão definitivamente contrário a Molucco.

O comodoro Kuo captou a expressão de Connor e foi rápido em responder.

— Você ouvirá algumas opiniões conflitantes sobre o capitão Wrathe, mas tenho certeza de que já viu esse tipo de coisa.

Connor precisava admitir que era verdade.

— Para falar a verdade — continuou o comodoro Kuo com um sorriso —, o

capitão Wrathe sempre atraíu opiniões conflitantes. Como acontece com qualquer personagem tão grande. Você devem saber da Federação dos Piratas e da regra das rotas marítimas, não é?

— Sim — assentiu Connor. — Claro.

Grace prestava muita atenção e observava com cuidado as expressões de Connor. Queria ver se a afinidade dele com o capitão Wrathe continuaria de pé ou se ele poderia estar hesitando.

— Bem, a Academia trabalha intimamente ligada com a Federação — prosseguiu o comodoro Kuo. — De fato, muitos de nós, aqui, estamos envolvidos na hierarquia da Federação. E temos idéias comuns e as ensinamos, como o respeito inequívoco pelas rotas marítimas de nossos capitães.

— Além disso — acrescentou o capitão Grammont —, lutamos para construir e desenvolver relacionamentos produtivos com as autoridades terrestres, como o governador Acharo, que sempre foi tolerante conosco. Foi um grande... bem, digamos que foi um grande *inconveniente* o capitão Wrathe atacá-lo assim. Desde o ataque, Acharo mudou consideravelmente de atitude e de política com relação a nós. E isso não causa problema apenas ao longo do litoral de seu território, ele tem aliados poderosos também no norte. De modo que esse ato aleatório por parte do capitão de vocês provocou reações que chegaram até aquelas águas.

Connor entendia o que eles estavam dizendo, mas não trairia o capitão Wrathe, principalmente depois de tudo que Molucco havia feito por ele. No entanto os outros capitães estavam gostando do tema.

— Quanto mais o capitão Wrathe age como um desgarrado — disse o capitão Singh —, mais expõe a si e as outras tripulações piratas ao perigo. Ora, veja o que aconteceu há apenas alguns dias com o capitão Drakoulis.

Connor baixou a cabeça com tristeza.

— Eu estava lá — disse ele. Grace podia ver que o irmão pensava em Jez. Claro que sim.

— Que terrível! — comentou, triste, o capitão Avery.

— Eu estava lá — repetiu Connor —, e vi meu colega, meu bom amigo... ser morto.

— É um marco na vida de qualquer jovem pirata assentiu com tristeza o capitão Avery.

— Estes são tempos de mudança — observou o comodoro Kuo, enquanto empurrava um prato vazio. — O mundo está progredindo rapidamente e a pirataria está mudando e crescendo a cada virada da maré.

— O sol de Wrathe está se pondo — anunciou o capitão Singh. — O futuro não reside em ataques individuais, e sim em coordenação, alianças e estratégia de verdade.

Connor ouvia as palavras de Singh. Era uma tensão que ele havia percebido desde a chegada ao *Diablo*, quando Bart lhe falou sobre as diferentes filosofias do capitão Wrathe e da srta. Li. Agora via até que ponto os ventos estavam a favor de Cheng Li e dos capitães reunidos — e, mais importante, contra Molucco. Isso o fez temer pelo capitão Wrathe e sua tripulação — e o fez questionar o próprio futuro. Mas havia assinado o contrato com o *Diablo*. Não havia como escapar disso. Havia ligado seu dever, sua própria vida, a Molucco. Uma decisão que — como Grace havia dito — agora começava, talvez, a parecer um pouquinho apressada.

De repente o comodoro Kuo bateu palmas.

— Chega desta conversa, pessoal. Acho que estamos deixando o Connor numa situação difícil com nossas... observações sobre o capitão Wrathe.

Connor deu de ombros.

— Não é nada que eu não tenha ouvido antes. Na taverna de madame Chalceira.

A capitã Larsen deu um riso seco.

— Há alguma diferença entre o papo furado que você capta numa taverna e as opiniões que recebe aqui nesta augusta companhia.

*Certo*, pensou Connor, *ela é outra com quem não devo me embolar. Estou aprendendo.*

— Ora, ora, Kristin — disse o diretor. — Não vamos jogar nossos ressentimentos em cima do jovem Connor. Queremos que ele goste da estada na Academia dos Piratas, não é?

— É — responderam em coro a capitã Quivers e o capitão Avery. Outros ao redor da mesa confirmaram com a cabeça.

— E — acrescentou o comodoro Kuo —, quando sua estada chegar ao fim, Connor, veremos como você se sente com relação ao futuro.

Grace mordeu o lábio. Não esperava que o diretor fizesse uma oferta tão explícita. Como Connor reagiria? Ficou olhando, mas o irmão apenas sorriu, sem dizer nada.

— E agora um brinde — disse o diretor. — A Connor e a Grace. Por favor, encham as taças, pessoal.

Uma jarra de líquido preto como nanquim foi passada rapidamente ao redor da mesa. As taças foram enchidas.

— Todo mundo pegou a aguardente de siba? — O comodoro Kuo verificou. — Excelente. Bom, por favor, ergam os copos para Grace e Connor Tórmenta, que triunfaram sobre as circunstâncias mais sombrias para entrar no mundo dos piratas. Grace e Connor, agradecemos por Se juntarem a nós aqui na Academia durante esta semana. Brindo a uma estada agradável, esclarecedora e, nas palavras de um capitão pirata muito maior do que eu: Fartura e Saciedade, Prazer e Conforto, Liberdade e Poder para vocês dois.

Os outros capitães se juntaram ao brinde. Connor e Grace reconheceram as palavras como sendo o lema da Academia. Ficaram observando enquanto os piratas esvaziavam os copos de aguardente. A aparência e o cheiro eram nojentos. Grace ficou feliz por não ter recebido uma taça daquilo.

Depois do brinde, Connor e Grace ficaram fora da berlinda e os capitães começaram a conversar sobre o dia na Academia, como qualquer outro grupo de professores — ainda que aqueles tivessem alfanjes na cintura.

Por fim o comodoro Kuo olhou para o relógio.

— Está ficando tarde — disse ele. — É melhor que os jovens durmam um pouco.

— Em especial se estiverem planejando se juntar a mim na aula de FEM amanhã de manhã — disse o capitão Platonov com um sorriso.

— FEM? — perguntou Grace.

— Força, Energia e Motivação — explicou o capitão russo.

— É a primeira aula nas manhãs da Academia — acrescentou Cheng Li. — Todos os capitães se revezam como professores, de modo que varia desde formas de ioga até discursos inspiradores e...

— Uma rápida corridinha de dez quilômetros! — exclamou o capitão Platonov. —

Partimos do terraço às sete em ponto.

— Parece maneiro! — disse Connor. Jacoby riu.

Grace sorriu também, mas percebeu que talvez começasse *seu* dia na Academia de modo mais tranquilo.

— Vou para a cama — anunciou, levantando-se. — Obrigada pelo jantar. Foi maravilhoso conhecer os senhores.

— Você também, querida — disse a capitã Quivers. Os outros capitães assentiram.

Connor ficou de pé.

— Em nome de minha irmã e em meu nome, quero agradecer a todos por nos convidarem à Academia dos piratas.

Grace sorriu. Não estava acostumada a ouvi-lo falar de modo tão formal.

— O prazer é todo nosso, Connor — disse o comodoro Kuo. — E, por favor, não se deixem abalar por nossas briguinhas com o capitão Wrathe. Sabemos como ele tem sido bom para você e sua irmã. E admiramos sua lealdade a ele.

Connor conseguiu sorrir, mas sua expressão mascarava os pensamentos cada vez mais complexos que nadavam na cabeça. Estava ansioso para chegar ao quarto, onde poderia pensar em tudo que ouvira naquela noite. Começava a experimentar uma verdadeira ansiedade com relação ao contrato que o ligava ao capitão Wrathe. De repente os medos de Grace faziam todo sentido. Olhou ao longo da mesa. Reunidos ali estavam os piratas mais influentes de seu tempo, e todos pareciam achar que o sol de Molucco Wrathe estava se pondo. Também pareciam achar que ele, Connor, era alguma coisa muito especial. Connor se lembrou da visão que tivera, de se tornar um capitão. No futuro, talvez tivesse de escolher seus aliados e mentores com muito mais cuidado.

— Venha — disse Grace, aparecendo junto dele. — Vamos voltar aos quartos.

— O quê? Ah, sim. É, claro. Jacoby, você vem também?

— Na verdade — disse o comodoro Kuo —, preciso trocar uma palavrinha com o sr. Blunt.

Jacoby assentiu para o diretor. Grace e Connor se despediram do novo amigo. Depois partiram pelo terraço em direção ao prédio onde estavam instalados. Os gêmeos não trocaram nem uma palavra enquanto caminhavam ao luar, cada um trancado em seu próprio mundo de pensamentos secretos.



## CAPÍTULO 19

### *O riacho da Pólvora*

A lua está alta, cheia, e ilumina o pequeno bote, que segue firme pelo riacho.

— Vejo terra, capitão — diz Stukeley. — É este o lugar?

— Sim — responde Sidório. — Por quê? Está com fome?

— Estou, capitão. Com muita fome.

Um riso maroto.

— Bom.

Sidório rema o bote até a parte rasa, depois pula na água, puxa o barco, com Stukeley dentro, para a pequena praia de pedrinhas. Agora Stukeley pula também.

— Que lugar é este, capitão?

— Riacho da Pólvora.

— Mas que diabo, capitão: o senhor conhece todo lugar neste litoral. — Stukeley está impressionado.

Nesse momento Sidório avança. Atrás dele há uma placa de madeira balançando na brisa.

**BEM-VINDO AO RIACHO DA PÓLVORA — “DEIXE SOMENTE PEGADAS, LEVE APENAS LEMBRANÇAS”.**

— Venha — diz Sidório bruscamente. — Não vamos perder tempo. — Ele começa a andar pela praia. Parece saber aonde vai. Stukeley vai atrás, lutando para acompanhar os passos largos do capitão. Algo atraíu o interesse do capitão, e Stukeley já aprendeu que, nesses casos, é melhor acompanhar como for possível e esperar outras instruções.

Até agora — pensando bem —, as coisas não foram tão ruins. Ainda que houvesse muito papo sobre um futuro glorioso, um exército de homens e uma frota de navios, parece haver apenas um bote roubado, duas pranchas de surfe e os dois. Mesmo assim, era necessário começar em algum lugar, supõe Stukeley. Pelo menos o capitão tem sonhos. Sonhos *grandes*.

Sidório está imóvel. Será que espera que Stukeley o alcance? É decente da parte dele, pensa Stukeley. Em geral ele não exhibe esse tipo de cortesia. Corre até o capitão — e sente água entre os dedos dos pés, pensando que suas velhas botas já viram dias melhores.

Quando chega perto de Sidório, vê que o capitão está falando com alguém — na verdade com duas pessoas. Duas jovens. Quando Stukeley chega, uma delas olha e ri.

— Ah, é? Então quem são estes: o pequeno e o grande?

— Este é o meu tenente — diz Sidório. — Seu nome é Stukeley.

— Como vão? — cumprimenta Stukeley, fazendo uma pequena reverência.

— Bem, vocês são uma dupla curiosa, sem dúvida — responde a garota, cutucando a amiga, que começa a dar um risinho.

— Tudo certo? — diz Stukeley, rindo. — O que as duas garotas lindas estão fazendo aqui a esta hora?

— Não é óbvio? — respondeu a primeira, com voz entediada. — Estamos esperando nosso navio chegar.

Sidório sorri e aponta por cima do ombro, em direção ao oceano.

— Talvez o seu navio *tenha* chegado.

Stukeley vê alguma coisa naquela sorriso. A garota não percebe. Claro que não. Mas Stukeley já viu antes. É um sinal. O jogo começou.

— Não vejo navio nenhum — diz a garota, não percebendo o que está para acontecer. — Só um barquinho a remo vagabundo.

— *Vagabundo?* — diz Sidório, sempre rápido em sentir raiva. Stukeley é que terá de fornecer o charme. Sempre é Stukeley que fornece o charme.

— Tem tamanho suficiente para levar duas damas lindas numa viagem ao luar — diz ele. — Bem, assim que a gente tirar as pranchas de surfe.

— Vocês surfam? — pergunta a primeira garota, com o interesse subitamente estimulado.

— Surfamos — confirma Stukeley com orgulho, já que somente há pouco tempo aprendeu isso.

— Vamos ver os dois em ação, então. — Ela gosta dele. Dá para ver. As damas costumam gostar dele.

— Não — diz Sidório, balançando a cabeça. — Nada de surfar.

— O que o capitão quer dizer — intervém Stukeley — é que preferiríamos levar vocês numa viagem primeiro. Enquanto a água está tão calma.

— Está mesmo, não é? — diz a garota, indo na direção de Stukeley.

— O barco é pequeno — observa ele —, mas tem tamanho suficiente se você se espremer bem.

— Assim todos ficamos bem quentinhos, não é? — pergunta a garota, segurando o braço de Stukeley. Ele treme. No passado estaria sentindo uma centena de outros desejos nesse ponto, mas agora há apenas um.

— Venha, Lily — diz a garota olhando para trás por cima do ombro. — Eu pego o Davi e você fica com o Golias, e vamos dar um giro no rio.

Sua amiga, Lily, dá um risinho e vai na direção de Sidório. Ele sorri, a boca se abrindo para revelar os dois dentes de ouro. Lily arfa, sentindo subitamente o perigo ao qual sua amiga esteve cega. Lançada no silêncio pelo medo, Lily permite que Sidório a empurre na direção do bote.

Stukeley chega primeiro, tira as pranchas de surfe e as joga na praia de cascalho. A outra garota o olha, sem perceber o alarme de Lily.

— Eu sou Pérola — diz — e esta é minha prima Lily. De onde vocês vêm?

— Do inferno — diz Sidório, levando a aterrorizada Lily para o bote.

— Seu colega é um piadista, não é? — diz Pérola a Stukeley enquanto ele a põe no barco e o empurra para a água.

— Ah, sim — responde Stukeley. — O capitão é um tremendo gozador.

O som de dois corpos frouxos caindo na água não chama atenção num riacho escuro e deserto, nas profundezas da noite. Uma hora dá para vê-los, outra, não, enquanto as águas mansas os sugam para seu local de descanso. Lá embaixo, onde é melhor que elas fiquem. Não vale a pena pensar muito nisso.

De volta à superfície, o bote flutua ao luar.

— Correu tudo bem — diz Stukeley, lambendo os lábios para sugar a última gota de sangue.

— Você aprende depressa.

— Percebo que formamos uma dupla ótima.

— Talvez — responde Sidório.

— E como eu poderia ficar solitário junto de alguém tão espirituoso e que gosta tanto de conversar?

A ironia de Stukeley não é percebida por Sidório. Provavelmente é melhor assim, pensa o tenente. Agora Sidório está calmo. Logo irá dormir.

Ficam deitados, de cada lado do bote, balançando suavemente nas águas oleosas do Riacho da Pólvora. Outra noite, outra pequena aventura. Stukeley ergue o braço, pousando a cabeça na mão. Olha para a lua, observando enquanto o globo de luz é encoberto pelas nuvens. Agora não há luz para rasgar a escuridão da noite. Tentando não ouvir os roncoss de Sidório, ele fecha os olhos e cai num sono feliz.



## CAPÍTULO 20

### *Participando*

Connor fechou o zíper de seu agasalho de ginástica preto e dourado da Academia e olhou o relógio da mesinha-de-cabeceira. Dez para as sete. Já estava acordado fazia vinte minutos. Nunca teria saltado da cama às seis e meia para um dia na escola de Baía Quarto Crescente. Mas aqui na Academia, mesmo depois de ter ido dormir tarde, acordou com muita disposição. Exatamente como no *Diablo*. Talvez, pensou com uma ligeira pontada de culpa, mais ainda do que no *Diablo*. Será que só fazia dois dias que havia deixado o navio? Já parecia a um mundo de distância. Agora se sentia ainda mais desleal. *Mas*, lembrou-se, o capitão Wrathe havia concordado com a ida à Academia.

Talvez tivesse sido melhor se não tivesse vindo. Então tudo que conheceria do mundo dos piratas seria o *Diablo*. Mas as idéias de Connor sobre pirataria estavam mudando depressa. Agora percebia o que Cheng Li lhe havia falado repetidamente. *Havia* um grande mundo da pirataria lá fora. E agora esse mundo estava se abrindo para recebê-lo. Se ele tivesse coragem de entrar.

Uma batida na porta o arrancou dos pensamentos. Abriu-a e encontrou Jacoby vestindo o mesmo tipo de roupa esportiva. Tinha o brasão da Academia — com a adaga, a bússola, a âncora e a pérola, como os penduricalhos no cordão que o comodoro Kuo usava no pescoço.

— Manhã excelente! — disse Jacoby. — Espero que esteja pronto para o sofrimento.

— Sempre — respondeu Connor com um sorriso.

— Vamos pegar Grace? — perguntou Jacoby, enquanto iam pelo corredor.

Connor balançou a cabeça.

— Minha irmã não é grande fã de exercícios de manhã cedo.

Jacoby assentiu.

— Bem, nesse caso certamente não vai gostar do que Platonov tem para nós.

Enquanto seguia Jacoby para fora, Connor viu que Platonov e um grupo de outros alunos estavam reunidos no terraço, todos vestidos do mesmo modo, com

roupas de corrida — fazendo alongamento e aquecimento. Uma garota bonita sorriu e acenou para os dois.

— Oi, Jasmine — disse Jacoby dando um sorriso pateta. — Este é Connor Tormenta. Connor, esta é Jasmine Pavão. — E acrescentou num sussurro: — A maior gata da Academia dos Piratas.

Jasmine sorriu para Connor. Ele ficou fascinado pelos olhos verdes e pelo cabelo preto e sedoso. Lutou para encontrar algo para dizer e esconder a falta de jeito.

— Tempo perfeito para uma corrida, hein?

Era débil, mas pelo menos eram palavras.

Ela sorriu, depois dobrou o corpo e sorriu de novo por entre as pernas esticadas. Connor ficou vermelho. Jasmine pôde ver que ele não conseguia afastar os olhos, mas não pareceu se incomodar. O embaraço de Connor foi aliviado pelo capitão Platonov, que soprava o apito e batia palmas. Depois o capitão partiu numa corrida rápida pelos gramados da Academia e os alunos se enfileiraram atrás. Jacoby estava logo atrás de Connor, perto o bastante para sussurrar em seu ouvido.

— Ela quer você, Tormenta! O Pavão chama por você.

Connor balançou a cabeça e aumentou a velocidade. Começaram a corrida ao redor dos jardins da Academia. Como estava previsto, Platonov estabeleceu um ritmo desafiante. Connor sentiu as pernas acordando e o coração bombeando. Havia poucas maneiras melhores de começar o dia do que uma corrida.

Enquanto desciam a colina em direção ao porto, ele olhou para trás, para a varanda do quarto de Grace. As cortinas da porta dupla estavam fechadas. Riu sozinho. Grace devia estar dormindo a sono solto. Preguiçosa!



Cinquenta minutos depois, os corredores de Platonov estavam chegando ao final. O capitão os havia reunido de modo que eles corriam num grupo bem organizado, três em cada fila. Connor tinha Jacoby à esquerda e Jasmine à direita, os passos perfeitamente entrosados. O fim da linha estava à vista. Connor podia sentir-se no limite, mas sabia que conseguiria ir em frente. Era apenas uma questão de força de vontade

— Agora vamos cantar — disse o capitão Platonov.

Era exatamente a distração de que Connor precisava. Ouviu o capitão e seus colegas alunos começando a cantar enquanto corriam:

— Capitães piratas dominam o mar — começou Platonov.

— *Capitães piratas dominam o mar* — cantaram de volta os alunos.

— Um navio pra você e um pra mim!

— *Um navio pra você e um pra mim!*

— Minha espada pronta para atacar.

— *Minha espada pronta para atacar.*

— Ninguém consegue me dar fim.

— *Ninguém consegue me dar fim.*

Connor ria de orelha a orelha enquanto começava a participar da cantoria.

— Nossa bandeira balançou.

— *Nossa bandeira balançou.*

— Pra você saber que o fim chegou.

- *Pra você saber que o fim chegou.*
- Não se meta com minha tripulação.
- *Não se meta com minha tripulação.*
- Ou cortamos você com nosso facão!
- *Ou cortamos você com nosso facão!*

Connor olhou primeiro para Jacoby, depois para Jasmine. Era ótimo correr fazendo parte do grupo.

- Nós dominamos todo o mar.
- *Nós dominamos todo o mar.*
- Nosso poder não vai acabar.
- *Nosso poder não vai acabar.*
- Botamos pra quebrar durante todo o ano.
- *Botamos pra quebrar durante todo o ano.*
- A hora é nossa em nosso oceano.
- *A hora é nossa em nosso oceano.*

Agora os outros ficaram quietos mas o capitão Platonov gritou:

— Quem são os terríveis?

Sem hesitar, os alunos gritaram de volta:

— *Nós somos os terríveis!*

O capitão Platonov continuou:

— Quem são os maus?

Connor se juntou aos outros, cantando:

— *Nós somos os maus!*

Platonov gritou de novo:

— Quem manda no oceano?

Connor, Jacoby, Jasmine e seus colegas berraram de volta:

— *Nós mandamos no oceano!*

Nesse momento Connor se sentiu poderoso, impossível de ser contido. Eles *eram* o futuro da pirataria. Nos próximos anos, se tudo corresse de acordo com o plano, cada um teria uma frota de navios e milhares de piratas sob seu comando. O oceano *seria* deles — e boa parte da terra também. Era um pensamento inebriante.

Platonov se virou.

— Certo, turma. Foi uma boa corrida. Agora cuidem de voltar à calma. Depois o banho e em seguida o café-da-manhã. E *não* se atrasem para a primeira aula do dia!



## CAPÍTULO 21

### *O ferimento*

Grace abriu os olhos e foi lançada numa confusão terrível. Havia dormido um sono pesado, mas durante quanto tempo? Que horas seriam? E onde estava?

O quarto onde se viu era grande e desconhecido. Uma vastidão de ladrilhos de mármore preto e branco se estendia na direção de uma porta dupla, aberta, com cortinas transparentes balançando à brisa fraca que vinha da varanda do outro lado. Onde estava? Seria possível que nem tivesse acordado direito e estivesse presa num daqueles estranhos sonhos que se abriam como uma boneca russa — fazendo a gente pensar que havia acordado quando de fato ainda estava bem aninhada no sono?

Apoiou-se numa grande pilha de travesseiros para ver melhor o ambiente. Ao fazer isso, sua cabeça pareceu pesada. Por mais tempo que tivesse dormido, o sono não a havia revigorado. Sentia-se grogue. Havia uma jarra d'água ao lado da cama e ela encheu um copo. A água estava deliciosamente fresca na língua. Tomou todo o conteúdo do copo em alguns goles e encheu de novo. Enquanto bebia outra vez, olhou o quarto ao redor.

Era claro e arejado. Havia um armário alto cor de marfim, com espelhos na frente refletindo uma cômoda que combinava. Do outro lado do quarto havia uma penteadeira feita totalmente de vidro espelhado, onde a luz ricocheteava de volta para o centro do cômodo. Um armário alto estava cheio de livros, mas tinha a frente de vidro, também banhado de luz, o que tornava os vidros opacos e impedia que Grace lesse os títulos nas lombadas. Nas paredes havia mapas de navegação e pinturas de belos navios antigos. Acima da cômoda pendia uma gravura em madeira, particularmente imponente, de um navio.

Grace empurrou as cobertas para olhar mais de perto. Sua cabeça continuava pesada, mas ela havia se recuperado o bastante para perceber que se encontrava no quarto da Academia dos Piratas.

Levantou-se olhando o navio, com uma lembrança antiga se agitando por dentro.

Ao pé da imagem estava a palavra *Pequod*. Claro! Grace o reconheceu como o baleeiro do *Moby Dick*. Era um dos livros prediletos de seu pai, e ele o lera várias vezes para os gêmeos. Seu pai tinha uma maravilhosa edição antiga, com gravuras como esta. Talvez houvesse um exemplar no armário de livros. Foi até lá, com o piso de mármore frio sob os pés. As portas de vidro do armário estavam fechadas e havia uma pequena chave na fechadura. Ela a girou e a tranca se abriu. Mesmo assim a madeira havia empenado um pouco e Grace teve de puxar a porta com força.

As prateleiras estavam atulhadas de livros, alguns familiares — inclusive o *Moby Dick*, numa edição que parecia a mesma de seu pai —, mas outros eram menos conhecidos. Seu olhar foi atraído para um antigo volume chamado *Vida dos piratas mais notórios*. O livro era encadernado em tecido azul-marinho com a silhueta dourada de um crânio com tábias cruzadas e um navio no mar, decorando a lombada. Enfiou a mão na estante e pegou o livro, descobrindo que ele estava numa caixa de três lados. Devia ser antigo e valioso, pensou. Delicadamente o retirou da caixa e abriu com cuidado as páginas amareladas.

Então houve um barulho súbito, como passos. Grace virou-se, num susto, e encontrou uma garota do outro lado do quarto. A garota pareceu igualmente surpresa ao ver Grace ali. Por um momento as duas ficaram imóveis e em silêncio, avaliando-se. Lentamente Grace percebeu que estava apenas olhando seu reflexo na porta espelhada do armário. Sentiu-se uma tremenda idiota. Ainda devia estar meio dormindo. Chegou mais perto do espelho, examinando o próprio reflexo. Estava horrível — os olhos vermelhos e o cabelo espetado em cem direções diferentes. Ainda segurando o livro, levantou a outra mão e tentou pôr os fios de cabelo em algum tipo de ordem.

Mas era um trabalho para as duas mãos, de modo que pôs o livro cuidadosamente no chão e voltou ao espelho. Continuou a repuxar o cabelo até ficar satisfeita. Não estaria bom o bastante para Darcy, pensou com um sorriso. “Uma jovem dama deve realmente dar cem escovadas no cabelo a cada noite”, dissera ela a Grace uma vez. Grace havia aceitado o conselho, mas ficou chateada, perdeu a conta e sentiu-se incrivelmente sonolenta. Como agora.

Mesmo depois de estar de pé durante alguns minutos, sentia-se tão cansada quanto antes. Era como nos primeiros dias ao navio Vampirata. De fato, se não pudesse ver, para além das cortinas transparentes, a varanda e a paisagem do porto mais adiante, poderia ter se imaginado de volta ao navio. Seus olhos bebiam sedentos a água turquesa do porto, brilhando tentadora ao sol. Percebeu, pela direção do sol, que era manhã.

Sentindo-se tonta de novo, percebeu que teria de sentar-se ou deitar-se de novo. Bom, talvez pelo menos pudesse ler, em vez de simplesmente se deixar levar de novo pelo sono. Abaixou-se em direção ao livro e, depois de pegá-lo, cambaleou de volta para a cama. Quando jogou o corpo sobre a coberta e fechou os olhos, sentiu como se estivesse em movimento. A cama em si parecia se mover.

Enquanto estava ali deitada, os membros ainda pesados como pedras, o movimento da cama aumentou. Era uma sensação ao mesmo tempo familiar e nova. Percebeu, com empolgação, que estava sendo levada de novo ao navio Vampirata. Mas dessa vez parecia que a cama iria carregá-la!

Para seu espanto, a cama de ferro se levantou do piso de mármore, pairou alguns centímetros acima da superfície e então, ganhando velocidade, voou na direção da varanda. Não seria larga demais para a passagem estreita? Prendeu o fôlego e fechou os

olhos, esperando o impacto, mas a cama se estreitou ou a porta se expandiu, porque logo ela estava vendo a varanda pelo outro lado, enquanto a cama subia mais alto e continuava seu voo sobre o terraço da Academia, lá embaixo. Sentou-se na cama, sentindo-se mais firme do que quando ela ainda estava enraizada no piso. Sua energia pareceu restaurar-se de modo semelhante e Grace pôde desfrutar o sopro da brisa no rosto e da visão espantosa dos jardins da Academia. Lá estava o pé de jacarandá e o teatro de palestras junto ao porto. E lá, correndo junto ao cais, estava um grupo de alunos. Grace lembrou-se do capitão Platonov falando sobre a corrida matinal. Procurou Connor no grupo, mas todos os alunos se vestiam do mesmo modo e ela estava muito no alto para identificá-lo. Imaginou o que os alunos pensariam se olhassem para o alto e a vissem. Parte dela esperava que não fizessem isso, mas outra parte a fez desejar que Connor olhasse para o céu e testemunhasse sua viagem extraordinária.

Dentro de segundos, sem ser notada, a cama voou para além da borda da terra e estava acelerando sobre o porto, saindo para além do alto arco de pedra, em direção ao oceano aberto. A velocidade da viagem aumentou. A paisagem passava correndo, como havia acontecido na sua última jornada. O oceano se fundia com rocha e céu num único fluxo contínuo de luz.

Então a névoa a engolfou, nítida e densa como neve recém-caída. Era fresca, e ela cruzou os braços sobre o peito instintivamente. Mas não ficou fria demais. Grace se deleitou na névoa, deixando seus braços macios a envolverem. A névoa começou a se dissipar rápido demais. Grace descobriu que estava de novo num recinto fechado, ainda numa cama, mas não totalmente deitada — pairando alguns centímetros acima. Quando olhou para o alto, havia um tecido de seda pendurado sobre sua cabeça. Percebeu que não estava mais na cama da Academia, e sim em sua cama na cabine do navio Vámpirata. Como se jamais tivesse ido embora.

Só que as velas não estavam acesas. Pelo menos não todas. Quando Grace ocupou a cabine, ficava rodeada por velas acesas todas as horas do dia e da noite. Agora apenas uma vela alta estava acesa. Queimava dentro de um vidro posto na mesinha-de-cabeceira. Isso a fez pensar. As velas sempre haviam sido um mistério. Nunca pareciam se gastar e, mesmo quando pensava que as havia apagado, elas se acendiam de novo. Havia percebido que elas não estavam sob seu controle. Mas o que poderia significar o fato de que agora — agora que deixara o navio — apenas uma permanecia acesa?

Desceu da cama, ansiosa para retomar o contato com o resto do aposento. Ali estava a pequena escrivaninha. Havia tirado várias canetas e cadernos dela, e os que restavam estavam desarrumados. As canetas estavam espalhadas sobre a escrivaninha e ao redor, e o vidro em que haviam sido guardadas, caído no chão. Instintivamente Grace se abaixou para pegá-lo. Mas, como antes, não conseguia tocar nada no navio. A bagunça permaneceu.

Havia mais desarrumação do outro lado da cabine, onde a escova e outros itens haviam caído da penteadeira. O navio devia ter passado por águas revoltas para provocar todo esse caos. Almofadas haviam sido jogadas da cama no chão. Grace estendeu as mãos de novo, numa última tentativa de arrumar a bagunça. Mas, em vez de pegar almofadas, suas mãos se fecharam no ar.

Seu olhar pousou no gramofone, com a pilha de discos antigos ao lado. De fato, um disco estava girando agora, mas de algum modo ela não havia registrado o som antes. Uma voz de mulher — estranhamente familiar — cantava acima de um fundo de

violinos e dos estalos da gravação antiga:

*Gostaria de esquecer você, gostaria, sim,  
Mas esquecê-lo seria como esquecer meu próprio nome...*

Como não tinha ouvido isso ao chegar à cabine? Talvez a névoa não somente atrapalhasse sua visão, mas também a audição, deixando-a num estado suspenso enquanto tecia sua curiosa magia ao redor. Mas agora a canção e a cantora enchiam sua cabeça. A voz da mulher era aguda e suspirada.

*Mas esquecê-lo seria esquecer como sorrir  
Não lembrar como falar...*

Chegou mais perto do gramofone, vendo o disco preto girar e tentando ler o que estava escrito no rótulo. Não estava muito certa, mas pensou ter reconhecido o nome ali. Sentou-se na beira da cama, esperando que a canção terminasse.

*... Sim, esquecer você  
seria pior, bem pior do que não o ter conhecido.*

Por fim o disco ficou mais lento e acabou parando de girar. Grace olhou o rótulo e viu que estava certa.

*Srta. Darcy Flotsam, acompanhada pela Orquestra Palmeira Real, canta Canções de Amor.*

Grace sorriu. Então Darcy Flotsam já havia gravado um disco. Era estranho ouvir a amiga cantar no disco antiquíssimo. O disco de vinil tinha mais de quinhentos anos! Sem dúvida era um espanto ter sobrevivido. Imaginou o quanto a gravação teria distorcido a voz de Darcy, e percebeu que ainda não havia escutado a amiga cantar de verdade. Teria de pedir na próxima vez em que a visse.

Nesse momento notou, pela primeira vez, que não estava sozinha na cabine. Dessa vez seus olhos não a enganaram — não havia espelhos ali. Estava totalmente alerta, talvez até num estado de sensações ampliadas. E ali, clara como o dia, estava a poltrona e, sentado nela, Lorcan. Parecia estar dormindo, enrolado num cobertor que ela reconheceu como tendo sido retirado da cama. Ele não parecia nem um pouco confortável, um dos braços pendendo ao lado da poltrona, o outro cobrindo os olhos e a testa.

Grace chegou mais perto. A respiração de Lorcan era irregular, saindo em espasmos como se ele estivesse nas garras de um sonho sinistro. Será que deveria acordá-lo? Ele parecia profundamente adormecido, apesar de sua chegada e da música de Darcy. Olhou-o, esperando que ele acordasse sozinho. Como desejava ver de novo seus olhos azuis! — sempre haviam sido um conforto para ela. Mas, quando visitara o navio pela última vez, o rosto dele permaneceu de lado e nas sombras. Agora Grace também ficou frustrada porque o braço estava sobre os olhos. Ah, se ao menos ele acordasse!, pensou.

Deu um passo atrás, sentando-se na beira da cama, olhando Lorcan como, em

outra época, sabia que ele a havia olhado. Era estranho espiar alguém dormindo. Parecia uma intromissão, como se a gente pegasse a pessoa numa situação indefesa. E, enquanto a gente olha a pessoa imóvel, não consegue deixar de imaginar — nem que só por um momento — que ela pode ter morrido, e procura furiosamente sinais de vida.

A voz de Cheng Li encheu a cabeça de Grace, lembrando-a das perguntas que deveria fazer a Lorcan. Sentada com Cheng Li em seu quarto na Academia, parecia totalmente lógico fazer a Lorcan e aos outros algumas perguntas muito minuciosas. Mas, agora que estava aqui, a importância das perguntas diminuía. Só queria vê-lo abrir os olhos.

De repente Lorcan deu um gemido profundo e todo o seu corpo se retorceu. Teria acordado? Não, simplesmente havia alcançado algum novo estágio do sono, porque assumiu outra posição na poltrona — mas depois se imobilizou tão rápido como se estivesse brincando de estátua. Sua mão havia caído do rosto e agora pendia do outro lado poltrona. Uma sombra escura caiu sobre seu rosto. Grace se inclinou mais perto, percebendo com um choque que na verdade não era uma sombra. Havia um hematoma arroxeadado se espalhando ao redor dos olhos de Lorcan, roxo nas bordas porém mais escuro, quase preto, perto do centro. Suas pálpebras estavam chamuscadas e — Grace sentiu um enjôo ao ver —, sobre as pálpebras e a testa, a pele clara de Lorcan estava com bolhas, queimada. Parecia uma coisa incrivelmente dolorosa.

Sentiu um aperto no coração, lembrando-se de que, na última vez, ele havia tentado impedi-la de ver essa devastação. Era por isso que, mesmo tendo permitido que ela entrasse em sua cabine, ele permanecera no escuro, mantendo o rosto escondido. Ele a protegera, como sempre fazia.

Grace mal podia olhar para aquela terrível desfiguração. Olhou rapidamente de novo, mas era demais. Virou-se de costas com um soluço. Ao fazer isso, uma mão se estendeu para seu ombro.

— Grace?

— Ah, Lorcan — disse ela, virando-se lentamente de volta para ele.

Havia esperado que os olhos se abrissem mas, mesmo ele estando acordado, permaneceram fechados com força.

— Grace, o que está fazendo de novo aqui?

Ela ficou confusa. Então *ele* não a havia chamado de volta?

— Não se preocupe comigo — respondeu. — E *você*?

Grace não conseguia conter as lágrimas que cresciam nos olhos. Mas precisava lutar contra isso. Precisava ser forte para ele. Procurou palavras que a distraíssem, que distraíssem os dois.

— O que está fazendo na *minha* cabine? — perguntou, tentando sorrir.

Ele deu um sorriso débil, a boca subindo dos dois lados, mas os olhos permanecendo bem fechados.

— Nossa, como você é possessiva! Venho aqui algumas vezes... pensar em... coisas.

— E ouvir discos antigos? — perguntou Grace, o coração ainda fraco de tristeza.

— Darcy tem uma voz ótima, não é?

— É. Tem sim.

— Você deveria ouvi-la cantando de verdade.

— Lorcan... — Ela não conseguia mais adiar. — Lorcan, o que aconteceu com

seus olhos?

Ele não disse nada. Apenas deu de ombros.

— Conte — pediu ela.

— Não é tão mau assim. Com o tempo vou ficar bem.

Grace se obrigou a olhá-lo de novo.

— Seu rosto parece tão queimado! Não consegue abrir os olhos ao menos um pouquinho?

— Ainda dói um pouco. Mas não vale a pena você se preocupar com isso.

— Há quanto tempo eles estão assim? — perguntou ela, mesmo tendo certeza de que sabia a verdade. — O que aconteceu? — Como se precisasse perguntar.

Ele não falou, apenas ergueu a mão de novo por cima do ferimento. Grace não sabia se Lorcan estava fazendo isso para poupá-la da perturbação ou porque até mesmo a luz fraca de uma vela era demais para que ele suportasse.

— Foi há três meses, não foi? — Ela não conseguia se conter mais. — Aconteceu na manhã em que Connor chegou ao navio. Darcy souou o Toque do Amanhecer mas você ficou no convés, mesmo com o dia clareando. Você ficou do lado de fora... para me proteger. — Grace estava à beira das lágrimas. — A culpa é minha.

— Não, Grace. Não é culpa de ninguém.

— É, sim. Você não pode ficar na luz. Só o capitão consegue. Mas você saiu e ficou lá fora. Para me proteger.

— Você precisava de mim.

Ela balançou a cabeça. Lorcan era um homem muito honrado. Só que, lembrou-se, ele não era um homem. Era um imortal. Os vampiros viviam para sempre, não era? E, graças a ela, talvez ele estivesse cego para toda a eternidade. Então outro pensamento sombrio a dominou. O que acontecia se um vampiro tivesse um ferimento tão ruim como aquele? Será que Lorcan poderia morrer pela segunda vez?

Seu coração estava disparado e a cabeça girava. Precisava ver o capitão agora. Ele teria a resposta. Mas, se tivesse, como poderia deixar que Lorcan sofresse assim? Quando ela visitara o navio pela última vez, Lorcan disse que os poderes do capitão estavam sendo testados. Será que isso significava que nem mesmo ele poderia ajudar Lorcan? Isso era terrível, terrível demais.

Olhou de novo para Lorcan, mas a névoa já havia começado a separá-los. Mesmo que ele não pudesse ver, devia ter sentido, porque suas mãos se estenderam para as dela. Mas os dedos dos dois não podiam se tocar. Uma cortina invisível ainda os mantinha separados. A névoa começou a baixar mais densamente.

— Não! — gritou ela. — Ainda não. Não posso ir agora.

Mas agora a névoa era tão densa que ela nem conseguia mais vê-lo. Mesmo assim estendeu as mãos para as dele, ainda que soubesse, no coração, que isso era inútil. Então o movimento começou e ela foi jogada para trás, arrancada para longe dele. Sentiu-se disparando para longe, dessa vez sem a cama, como se estivesse pegando jacaré no maremoto mais inoportuno.

Mas por quê?, pensou. Por que sou arrancada justo quando preciso ficar?

Os pensamentos ainda giravam em sua mente quando ela abriu os olhos e se viu de novo no quarto da Academia. Estava esparramada na cama, em cima dos travesseiros e da colcha.

Houve uma batida na porta e, pelo barulho e pela urgência, ela sentiu que a pessoa

estaria batendo havia um tempo.

— Entre — gritou, obrigando-se a ficar sentada.

— Grace! — Connor entrou intempestivamente no quarto, passando direto por ela e abrindo a cortina da varanda. — Grace, o que ainda está fazendo na cama? A manhã está gloriosa. Eu fui correr e...

Finalmente Connor olhou de volta para a irmã.

— Grace, você está péssima. Qual é o problema?

Grace suspirou, sentando-se.

— Dormi demais. Deve ter sido... deve ter sido toda aquela comida no jantar de ontem.

Connor riu.

— Bem, vá tomar uma chuveirada. Depressa! Fomos convidados a assistir à aula de nós, da capitã Quivers, depois do café-da-manhã. É para os mais novos, mas deve ser divertida. Venha, Grace. Ande logo! Não queremos perder o café!

Grace olhou para o irmão. Connor não fazia absolutamente nenhuma idéia das coisas pelas quais ela estava passando. Ela morria de vontade de contar, mas não podia. Ainda não. Ele não entenderia. Era muito melhor concentrar todas as energias de Connor na Academia. Uma batalha de cada vez, disse a si mesma. Assim que tivesse certeza de que ele não retornaria ao *Diablo*, então — e somente então — tentaria contar sobre suas aventuras.



## CAPÍTULO 22

### Nós

Jacoby Jasmine e dois outros alunos se juntaram a eles no terraço para um café-da-manhã rápido. O dia já estava luminoso e quente, e Grace se sentiu grata porque teve a idéia de pegar seus óculos escuros enquanto Connor a empurrava em alta velocidade para fora do quarto.

Jacoby batia papo com Grace em tom amigável, e ela fazia todos os ruídos certos em resposta mas, claro, sua mente ainda estava longe da Academia. Isso não pareceu incomodar Jacoby nem um pouco. Ele era uma companhia extremamente fácil. Grace ficou brincando com um bolinho e um pequeno copo de suco de laranja enquanto os garotos ao redor trucidavam panquecas, ovos, bacon, salsichas e frutas.

— É melhor irmos andando — anunciou Jacoby enquanto o sino da escola começava a tocar. Grace não conseguiu evitar um pensamento no Toque do Amanhecer a bordo do navio Vampirata — o toque de sino que manda os vampiros para dentro. O toque de sino que Lorcan havia ignorado para salvá-la. Sentia-se culpada por estar usando óculos escuros, pensando na segurança em que se encontrava, comparada ao amigo. O amigo a quem causara tanta dor.

— Onde você disse que era seu primeiro porto de parada, Connor? — A voz luminosa de Jacoby atravessou os pensamentos sombrios de Grace. Era solitário sentir-se tão triste junto de pessoas tão radiantes.

— A aula de nós da capitã Quivers — respondeu Connor.

Jacoby riu.

— Vejo que estão fazendo vocês começarem pelo básico. Certo, vou mostrar a vocês onde é. Venha, Grace. Por sinal, como é o seu lais de guia?

Grace olhou interrogativamente para Jacoby, através dos óculos escuros.

Ele riu.

— Humm, não sei se você tomou café suficiente para isso.

Alguns minutos depois Jacoby levou Grace e Connor através de um dos afluentes do Polvo até uma sala pequena e iluminada, cheia de carteiras e crianças pequenas,

agitadas, fazendo o tipo de barulho agudo que as crianças fazem numa manhã de sol. Grace percebeu que provavelmente deveria tirar os óculos em ambiente fechado. Ao fazer isso, seus olhos foram atacados pelas cores fortes que saltavam de cada superfície da sala — desde as pinturas e colagens das crianças que cobriam as paredes até os modelos de criaturas marinhas expostas orgulhosamente nas estantes. Ao levantar os olhos viu que os alunos até mesmo haviam feito seu próprio móvel de espadas, imitando as caixas de vidro da Rotunda. Cada um havia pintado sua espada de imaginação e pintado o nome com orgulho ao lado. Capitã Samara Pescudo, do *Meltemi*, leu Grace com um sorriso.

Na frente da turma, a capitã Quivers entregava pequenos cestos com cordas coloridas a crianças que teriam entre 6 e 7 anos, supôs Grace. Ao lado da professora, um dos jovens alunos entregou a cada um dos colegas algo parecido com um pequeno rolo de pastel. Cada coleguinha correu de volta às carteiras com um daqueles pinos e um cesto de corda.

Nesse momento a capitã Quivers olhou para os dois e sorriu.

— Bom-dia, Grace e Connor. Como vão, neste lindo dia?

— Muito bem — respondeu Grace, dando um sorriso luminoso apesar de tudo. Gostava da capitã Quivers. — Obrigada por deixar a gente assistir à sua aula.

— Pois é — disse a capitã Quivers. — Quinze crianças pequenas e esta quantidade de corda! Espero que vocês sejam bons em *desfazer* nós! — Ela deu um risinho. — Arranjem uma carteira vazia, queridos. — Em seguida se virou de novo para a turma. — Assim que tiverem seus pinos de nós, por favor, prendam nas carteiras. Andem, vocês já são capazes de fazer isso sozinhos. Vamos tentar mostrar aos nossos convidados como somos todos espertos e auto-suficientes.

Os gêmeos ficaram olhando as crianças prenderem os pinos em posição, nas carteiras. Cada pino virava uma pequena barra se projetando na frente. Agora as crianças mais organizadas estavam enfileirando pedaços de cordas de cores diferentes sobre a carteira. Grace podia sentir um espírito competitivo surgindo entre alguns dos futuros piratas. Ela e Connor riram um para o outro enquanto ocupavam seus lugares. Grace já começava a se sentir de volta à vida, à Academia.

— Certo, então — disse a capitã Quivers. — Todo mundo já se arrumou? Ótimo. Então, peguem uma corda azul e me façam um nó de escota.

Imediatamente mãos minúsculas entraram em ação, pegando os pequenos pedaços de corda e amarrando-os habilmente ao redor da barra na frente das carteiras.

— Belo trabalho. Agora peguem uma corda vermelha e façam um nó de trempe.

De novo as mãos pegaram a corda e habilmente a enrolaram no pedaço de madeira. A capitã Quivers olhou ao redor, assentindo e encorajando.

— Lembrem-se, bem apertado, Nile — disse sorrindo para um dos meninos mais novos. Ele assentiu, sério, puxando a corda com mais força.

— E agora — continuou a capitã Quivers, parando para olhar ao redor. As crianças estavam em silêncio, prendendo o fôlego, empolgadas, esperando para saber que cor de corda e que tipos de nó seriam pedidos em seguida. Grace conteve um risinho. Era maravilhoso ver aquela exuberância infantil — de repente se sentiu muito velha. Só tenho 14 anos, pensou. Não faz muito tempo *eu* era uma criança numa sala de aula assim. Mas agora... agora era como se fosse tão velha quanto a capitã Quivers, havia um enorme abismo de experiência entre ela e aquelas crianças de olhos brilhantes.

— ...peguem uma corda verde e façam um nó de aboço.

Imediatamente o ar estava cheio de cordas verdes, girando e se retorcendo enquanto dedos minúsculos cumpriam com facilidade o último desafio da capitã Quivers.

— Lindo, lindo, lindo! — disse a capitã Quivers. — Agora, turma, temos dois visitantes especiais no dia de hoje. Todo mundo diga olá a Grace e Connor Tormenta. Grace e Connor vêm do famoso navio pirata *Diablo*. É, isso mesmo. Do *Diablo*. Quem pode dizer quem é o capitão desse navio?

No mesmo instante mãos se levantaram, com algumas crianças perigosamente perto de distender os membros com o esforço.

— Sim, Mika?

— O capitão Molucco Wrathe — anunciou a garota, com dicção perfeita.

— Isso mesmo, Mika. Muito bem. Baixem as mãos de novo, todo mundo.

Houve um zumbido de conversas empolgadas enquanto as crianças observavam Grace e Connor pela primeira vez.

— Agora, como temos Grace e Connor conosco hoje, achei que vocês poderiam dar uma pausa no trabalho com as cordas e fazer algumas perguntas sobre a vida num verdadeiro navio pirata. Tudo bem para vocês? — Enquanto ela se virava para Grace e Connor, as mãos das crianças já estavam erguidas e se esticando.

— Como é o capitão Wrathe? — perguntou um menino pequeno com cabelos vermelhos, na frente da sala.

— Boa pergunta, Luc — disse a capitã Quivers.

— É um homem incrível — respondeu Connor. — Imagine todas as histórias empolgantes que você já ouviu sobre ele e aumente mais ainda!

— É verdade que ele tem uma cobra de estimação? — perguntou uma garota no centro da sala.

— É isso mesmo — assentiu Connor. — O nome dela é Scrimshaw, e ela mora no cabelo do capitão Wrathe.

Houve um suspiro de espanto geral na sala, e um sibilo alto:

— Eu disse a você!

A capitã Quivers assentiu para a outra garota.

— Sim, Samara. Quer fazer uma pergunta?

— Quero perguntar a Grace. Você sempre quis ser pirata?

Grace balançou a cabeça.

— Na verdade, não. Tudo aconteceu por acaso.

A garota ficou desapontada.

— E *voce*, sempre quis ser pirata? — perguntou Grace a ela.

— Ah, sim. — Samara assentiu muito rapidamente. Meu nome é Samara Pescudo e um dia serei uma capitã pirata, como minha mãe e meu pai. — Outros ao redor dela concordaram com a cabeça. Eles já haviam sido bem treinados, pensou Grace.

— Você já lutou muito? — perguntou um dos meninos a Connor.

— Já — respondeu Connor. — A gente precisa estar a postos para se defender e atacar o tempo todo, no navio.

— Que tipo de espadas você usa? — perguntou outro garoto, empolgado demais para se lembrar de erguer a mão.

— Uso um sabre — respondeu ele.

— Só um sabre? — insistiu o garoto.

Connor assentiu.

— Só um sabre.

— Em geral ensinamos o combate com duas espadas, aqui — explicou a capitã Quivers. — Você verá esse grupinho em ação mais tarde.

Grace ficou pasma. Aquelas crianças não eram pequenas demais para usar espadas?

— Esta tarde temos Oficina de Combate — disse um dos meninos a Connor. — Vocês vão ver a gente?

Connor deu de ombros.

— Não sei. Vocês gostariam?

— Gostaríamos! — gritou o menino, rindo de orelha a orelha. Os outros se juntaram em coro.

— Hoje é uma Oficina de Combate muito especial — disse a capitã Quivers a Connor e Grace. — Vale a pena ir. Temos uma pequena surpresa para nossos jovens piratas.

— Que surpresa, capitã Quivers? — Era a pequena Samara outra vez.

— Bem, se eu contasse, não seria surpresa, não é?

— Vamos receber nossas espadas hoje!

— É uma boa suposição, Luc, mas não vou dizer nada. Meus lábios estão lacrados.

— A capitã Quivers fingiu fechar a boca com um zíper.

— Ou vamos receber nossas espadas ou então o sr. Tormenta vai fazer uma demonstração, ou alguma coisa assim.

— Bem — disse a capitã Quivers. — Vocês terão de esperar para ver, não é? Agora, temos alguma outra pergunta para Connor e Grace ou devemos retornar aos nossos nós?

Uma mãozinha subiu de novo.

— Sim, Mika?

— Por favor, Connor, que nós você usa no *Diablo*.

— Para ser honesto — disse Connor com um sorriso —, só sei alguns básicos: um nó de trempo, um nó direito... e um nó de escota. Vocês provavelmente seriam capazes de me amarrar inteiro.

As crianças riram.

— Bem — disse a capitã Quivers —, vamos testar isso, certo? — Sorrindo, ela entregou a Connor um cesto e um pino. — Aí está um pouco de corda, Connor. E um pouco para você, Grace, querida. — Ela entregou outro conjunto a Grace. — E vou mostrar a todos um novo nó, muito útil. Chama-se lais de guia...

Havia coisas piores numa manhã ensolarada do que estar numa sala com crianças espertas, brincando com cordas coloridas, pensou Grace. Era um grupo animado e divertido, e Mika, com quem ela estava sentada, era deleite — com apenas 7 anos já era uma professora nata mostrando pacientemente a Grace como dar cada nó que a capitã Quivers anunciava — o lais de guia, a volta de fateixa, o nó de laço.

Grace não sabia muito bem se era o fato de estar aninhada na sala quente, a atmosfera amigável criada pela capitã Quivers ou simplesmente a energia irreprímível das crianças, mas percebeu que estava se divertindo para valer — pela primeira vez em muito tempo. O desafio dos nós lhe permitia esquecer por um momento os grandes dilemas que enfrentava. Talvez fosse a simplicidade de pegar cordas coloridas e torcê-las

fazendo nós. Algumas vezes dava para pegar de primeira; algumas vezes, não. Mas mesmo assim não havia problema — era só desfazer o trabalho e tentar de novo. Ah, se sua vida fosse sempre tão simples assim!

Teve um enorme sentimento de proteção com relação a Mika e seus jovens colegas de turma. Olhou a sala ao redor, vendo os ansiosos aprendizes de piratas, as cabeças cheias de sonhos de oceanos ensolarados e aventuras fáceis. Tudo parecia seguro demais ali — fazendo nós coloridos, criando modelos de argila de polvos, móveis de espadas ou mesmo andando de barco com o capitão Avery no porto. Mas, para além das muralhas do porto, outro mundo os esperava — um mundo que Grace nem poderia ter imaginado quando era da idade deles. Aquele mundo iria mudá-los, assim como havia mudado Grace e Connor.

Olhou para Connor, achando divertido vê-lo remexer nas cordas coloridas. Ele parecia ter se embolado totalmente, e estava sendo ajudado por dois alunos da capitã Quivers. Talvez estivesse apenas dando trela para as crianças. Era bom vê-lo rir e brincar com elas, numa sala onde as espadas só eram feitas de papelão e, na pior das hipóteses, provocariam um corte de papel. De repente Grace percebeu que não estava cheia de tristeza pelo que aconteceria com as crianças da sala. Era por duas outras crianças que lamentava — duas crianças que, pela força das circunstâncias, haviam precisado crescer depressa demais.



## CAPÍTULO 23

### *Pombinhos*

Enquanto o sino tocava chamando para as aulas da tarde, Jacoby levou Grace e Connor através do terreno ensolarado até o complexo do ginásio. Dentro do ginásio luminoso, de teto alto, encontraram Cheng Li, que havia trocado as roupas usuais e estava toda vestida de branco, com os pés descalços. Como sempre, não levantou os olhos para cumprimentá-los quando entraram na sala. Seu rosto estava abaixado sobre uma tigela de incenso. Nas mãos havia um pequeno livro encadernado em couro.

— Por favor, ocupem um assento na lateral — disse ela, sem levantar a cabeça.

Jacoby tirou os sapatos e encorajou Grace e Connor a fazer o mesmo. Então os três foram até uma fileira de assentos na lateral.

Cheng Li andou com cuidado pelo piso forrado de tatame. <sup>11</sup> Acendeu uma segunda tigela de incenso e esperou que a fumaça subisse.

O sino da escola tocou de novo. Pouco depois, a porta do ginásio se abriu e entraram as 15 crianças da turma dos pequenos, todas vestidas de branco como a professora, pareciam tão doces — como pombinhos, pensou Grace, enquanto elas ocupavam as posições, espalhadas sobre os tatames, mas as asas às suas costas eram apenas dois pequenos pedaços de bambu presos por tiras. Enquanto as crianças se posicionavam em silêncio, Cheng Li se virou para elas e começou a falar baixinho.

— Primeiro verifiquem a cabeça. Não está inclinada para cima nem para baixo. Não tomba para o lado nem está torta. Flutua perfeitamente, como a esfera da lua cheia. — Ela fez uma pausa. — Seus olhos não olham para a esquerda nem para a direita, permanecem no centro. Sua visão se estende do centro para os dois lados, sem que os olhos se movam. Atrás de seus olhos que observam, atrás das pálpebras, há um olho que vê mais profundamente em todas as situações que vocês encontram. Sem agora esse olho que tudo vê.

As crianças pareciam estátuas de pé enquanto a professora as examinava friamente, movendo-se entre elas como uma brisa por entre as flores.

— Agora, deixem a atenção baixar para o pescoço e os ombros... — Cheng Li foi guiando os jovens alunos através de mantras semelhantes até que os corpos estivessem totalmente concentrados. De vez em quando parava para virar suavemente um pescoço ou corrigir a postura de uma coluna. Grace estava pasma com o controle dos pequenos alunos. Ou tinham talento natural ou já haviam sido rigorosamente treinados. De qualquer modo, era sem dúvida impressionante, mas ao mesmo tempo meio assustador. Na aula de nós da capitã Quivers, elas ainda pareciam crianças. Aqui era como se Cheng Li estivesse moldando pequenos guerreiros de barro.

— Agora baixem os dois ombros, mantenham as costas retas. *Não* projetem o traseiro. E ponham a força desde os joelhos até a frente dos pés. Estendam a barriga para que os quadris não se dobrem.

De novo os jovens piratas fizeram os ajustes infinitesimais na postura para satisfazer Cheng Li. Assentindo, ela voltou à frente da turma.

— Estou impressionada. Todos aprenderam bem as lições. Estabeleceram os alicerces para não se tornarem apenas piratas, mas também guerreiros.

Ela se virou e pegou o livro de couro que estava segurando antes.

— E agora — anunciou — vamos trabalhar numa nova estratégia de ataque. Dividam-se em seus grupos de combate...

Com essas palavras, as crianças se organizaram habilmente nos tatames, e Cheng Li começou a dar as instruções.

— Hoje começaremos a ver outra técnica de desviar a espada de um inimigo. Vou mostrar como fazer um corte diagonal para baixo.

Houve um zumbido de empolgação enquanto Cheng Li continuava a instruir.

Grace se inclinou para Jacoby.

— Essas crianças não são meio pequenas para aprender sobre cortes diagonais? — perguntou.

Jacoby sorriu, mas balançou a cabeça.

— Essa é uma coisa fundamental. Quando essas crianças voltarem aos navios dos pais, terão de ser capazes de se defender.

— Bem, sim. Entendo isso. Mas essas crianças têm somente... o quê, 7, 8 anos? Não deveriam ter direito a apenas brincar, como crianças normais?

Jacoby balançou a cabeça de novo.

— Elas não são crianças *normais*, Grace. Essas crianças foram escolhidas para ser os futuros líderes dos oceanos. Um dia cada uma delas controlará uma frota! Elas têm de começar ainda pequenos. Além disso, elas *parecem* que não estão gostando?

Longe disso! E talvez fosse o que mais incomodasse Grace. Diante de seus olhos, Mika, Samara, Nile, Luc e todos os outros haviam se transformado das alegres crianças da aula da manhã em minúsculas máquinas de matar. Enquanto giravam os pedaços de bambu para cima e para baixo, pareciam brinquedinhos de corda leitais.

— O que *voce* acha de tudo isso, Connor? — perguntou Jacoby.

Connor não respondeu. Estava olhando atentamente as crianças, usando as mãos para imitar as manobras que Cheng Li demonstrava com suas *katanas*.

Jacoby sorriu, mas Grace franziu a testa. Recostou-se em sua cadeira, continuando a olhar a aula em silêncio. Enquanto fazia isso, refletia sobre seus próprios atos. Havia trazido Connor à Academia para resgatá-lo da morte certa a bordo do *Diablo*. Queria que ele ficasse enfeitado pela Academia, e ele estava dando todos os sinais disso. Mas,

pensou com um tremor, será que o havia tirado da frigideira para o fogo? Será que não haveria como escapar da morte diante de outra espada?

Não era a luta de espadas em si que ela via como problema. Havia trazido Connor para cá porque a Academia treinava seus piratas para agir de modo estratégico, coordenado. Se Connor permanecesse aqui e abraçasse os ensinamentos da Academia, se tornaria um pirata mais consciente. Era quase certo que retornaria aos oceanos como capitão, e não como um mero lutador com sabre. Mas, mesmo assim, Grace sentia pouco alívio com esse pensamento. Quer Connor ficasse a bordo do *Diablo* ou viesse morar na Academia dos Piratas, o mesmo destino o esperava. Ele estaria usando espada diariamente e sua vida correria perigo com a mesma frequência. A única chance de salvá-lo era dissuadi-lo de ser pirata. Mas agora esta parecia uma possibilidade remota.

— Não é incrível? — disse ele, subitamente se virando para ela. — A Academia é um lugar maneiro *demais*. Muito obrigado por me ter feito vir até aqui. Isso *realmente* abriu meus olhos.

Grace sorriu, porém se sentia enjoada. Mas coisa pior ainda estava por vir.

— Excelente trabalho — disse Cheng Li diante dos alunos. — Aprenderam bem os ensinamentos. Mas nem por um momento fiquem vaidosos. Vocês são como pássaros jovens iniciando uma longa jornada. Ainda que o dia de hoje leve vocês um passo adiante de seu destino, ainda há muito a voar.

Com essas palavras, as portas do ginásio se abriram de novo e o comodoro Kuo entrou, vestindo um elaborado roupão de seda vermelha com o brasão da Academia, em que apareciam a adaga, o compasso, a âncora e a pérola. Atrás dele vinham dois alunos da turma avançada, empurrando um grande baú de laca sobre rodas.

As crianças nos tatames se viraram empolgadas. Houve um zumbido de conversas, mas Cheng Li as silenciou com um olhar.

— Comodoro Kuo — disse ela. — Acabamos de ver um trabalho exemplar da turma de iniciantes.

— É um enorme prazer ouvir isso — respondeu o comodoro Kuo, sorrindo. Em seguida avançou para falar com os jovens alunos, mas não antes de cumprimentar Grace e Connor com um gesto amigável de cabeça.

— Agora, meus jovens guerreiros — disse ele para as crianças nos tatames —, chegou a hora de passarem ao próximo nível de aprendizado. Os monitores vão passar entre vocês trazendo faixas de seda. Elas devem ser amarradas com força sobre seus olhos.

Enquanto ele falava, os dois alunos mais velhos que haviam chegado juntos andaram por entre os tatames, levantando cada criança e a vendando. Todos os pequenos alunos foram vendados com faixas de seda vermelha, do tom exato do roupão do diretor.

— Agora se lembrem do que eu disse antes — alertou Cheng Li. — Existe observar e existe ver. As pálpebras dos seus olhos não precisam estar abertas para vocês verem. Vocês devem sentir a espada do inimigo mesmo quando não podem observá-la.

Enquanto ela dizia as palavras, o diretor pegou uma chave e abriu o baú de laca que fora trazido. Os dois monitores o ajudaram a levantar a tampa, que se virou, revelando fileiras de espadas brilhantes.

— Agora — disse Cheng Li —, usando seus olhos que tudo vêem, e sem fazer nenhum som, preparem-se.

Connor se virou para Jacoby.

— Uau! — disse ele. — O que está acontecendo?

Jacoby simplesmente sorriu.

— Olhe e aprenda, amigo. Olhe e aprenda! — Com essas palavras, um tremor desceu disparado pela coluna de Grace. Ela sentiu um mau presságio intenso. Apesar disso, não conseguia afastar o olhar do comodoro Kuo.

O diretor chamou Connor. Instintivamente Connor se levantou e foi até ele. Grace ficou olhando enquanto o diretor sussurrava algo no ouvido de Connor. Connor assentiu e o comodoro Kuo tirou um par de pequenas espadas de dentro do baú de laca. Connor levou as espadas até uma das crianças nos tatames, estendendo-as pelo punho.

Depois de um momento, as mãozinhas dispararam para a frente, cada uma segurando uma espada pelo punho. Connor as soltou. Agora a criança segurava uma *daisbo*  em cada mão, com um sorriso no rosto.

Os garotos mais velhos e os adultos deram o mesmo presente para cada criança. Por fim todas estavam em fila, ainda vendadas, com as mãozinhas segurando os punhos das lâminas de aço afiado. Grace podia vê-las lutando para conter os sorrisos empolgados.

Os monitores fecharam o baú de laca. Connor sentou-se ao lado de Grace. O comodoro Kuo permaneceu diante dos diminutos guerreiros enquanto Cheng Li passava rapidamente atrás deles, tirando as vendas. Os olhos das crianças brilhavam como jóias ao ver pela primeira vez as *daisbo* nas mãos.

— Que estas espadas sejam seus pertences mais preciosos — disse o comodoro Kuo. — Elas representam nossa confiança em vocês e a crença de que vocês são o futuro da pirataria. Usem estas armas não durante um ataque de raiva nem para ganho rápido, mas com precisão e honra, como seus professores ensinaram. Estas lâminas em suas mãos agora os conectam pelo tempo à nobre linhagem de piratas que vieram antes de vocês. Conectam vocês com o futuro, com a linhagem de piratas que virão. Porém, mais importante, suas *daisbo* conectam cada um de vocês com os outros — com seus colegas da Academia e da Federação dos Piratas.

Ele fez uma reverência para as crianças, depois foi até Connor e Grace.

— Fico feliz porque estão aqui para ver isto — disse ele. — É um dos momentos mais empolgantes no ano da Academia.

Grace assentiu, incapaz de falar, por medo de dizer a coisa errada.

Diante dela os monitores estavam enfilerando as crianças de novo.

— O que vai acontecer agora? — perguntou ela.

— Ah, bem — respondeu o comodoro Kuo. — Agora elas vão ser levadas ao depósito de espadas. Nessa idade, as crianças não ficam com as espadas. Não queremos nenhum acidente!

Tendo feito seu trabalho, Cheng Li veio pelo tatame até eles.

— Eu estava falando como me sinto feliz porque Grace e Connor puderam estar aqui para testemunhar isto — disse o diretor.

— É, de fato — concordou Cheng Li.

— Bom — disse o comodoro Kuo —, parece que foi ontem que uma menina de 7 anos, especialmente talentosa, estava naquele tatame estendendo as mãos para pegar suas *daisbo*. — Ele sorriu. — E agora olhe para você, Cheng Li.

Ela sorriu como fazia quando estava só um pouco sem graça.

Agora o camarote Kuo se virou para os gêmeos.

— E então, Connor e Grace? Talvez vocês não tenham vindo para cá a tempo de receber todo o treinamento que podemos oferecer, mas ainda há muita coisa a compartilhar com os dois, caso queiram ficar.

Grace olhou para Connor. O que ele estaria pensando? Ela não sabia mais para onde desejava que o irmão pulasse. Talvez fosse hora de parar de interferir e deixar que ele decidisse sozinho. Lembrou-se de ter pensado que ele fizera besteira ao assinar o contrato com o capitão Wrath. E que ela havia acreditado que, dos dois, era quem tomava melhores decisões. E aonde isso os trouxera? A uma Academia que criava máquinas de matar a partir de crianças de 7 anos. E havia a pequena questão de seu negócio inacabado com o “navio de demônios”. *Ah, sim*, pensou. *É, realmente sou abençoada com grande capacidade de decisão.*

— Grace, você está meio pálida — disse Cheng Li.

Ela se virou e viu Cheng Li sorrindo.

— Gostaria de dar um passeio? — perguntou Cheng Li.

Grace pensou um momento. Sabia que Cheng Li estava oferecendo mais do que um passeio. As duas teriam chance de conversar e ela poderia contar a Cheng Li a última viagem ao navio Vampirata. Era uma oferta tentadora, mas de repente Grace ansiava por ficar sozinha.

— Obrigada — respondeu. — Na verdade pensei em ir nadar um pouco, antes do jantar.

— Nadar? — perguntou Cheng Li, achando divertido.

— É. Eu perdi a corrida do capitão Platonov hoje cedo e seria bom fazer um pouco de exercício.

— Grande idéia! — disse Connor. — Vamos com você, não é, Jacoby?

— Claro — respondeu Jacoby. — Podemos pedir a Jasmine para ir junto. — Em seguida sussurrou para Connor. — Nunca deixo escapar a chance de vê-la de biquíni.

O camarote Kuo deu um largo sorriso para os três

— Excelente — disse ele. — Excelente. Divirtam-se pessoal.

Eles se viraram e saíram do ginásio. Enquanto a porta se fechava atrás, o camarote Kuo se virou para Cheng Li.

— É bom ver Connor e Grace fazendo novos amigos não é?

— Ah, sim, diretor — respondeu Cheng Li sorrindo. — É mesmo, não é?

— Será que posso desafiar você para uma luta de espadas antes do jantar? Em nome dos velhos tempos?

— Eu faria picadinho de você, John — respondeu ela sorrindo.

O camarote Kuo gargalhou.

— Pelo menos eu morreria feliz.

— Morte é morte, John. Quer você morra sorrindo ou com lágrimas nos olhos, é a mesma coisa. Um enorme monte de coisa nenhuma.



## CAPÍTULO 24

### *Exílio*

Grace nadou mecanicamente e, mais tarde, jantou mecanicamente com Connor, Jacoby e Jasmine. Não foi um jantar tão elaborado como o da véspera com os capitães, mas foi mais relaxado e a comida da Academia ainda era deliciosa. No entanto, Grace não estava ali — não de verdade. Sentia que estava se afastando da Academia e deixando todos os pensamentos voarem até o navio Vampirata. Talvez, se fizesse as coisas certas lá, poderia se acomodar direito aqui. Não era assim que o carma funcionava?

Depois do jantar, Jacoby sugeriu um torneio de sinuca. Connor concordou e Jasmine disse que iria se juntar a eles mais tarde, depois de terminar algumas leituras para as aulas do dia seguinte.

— Tem cérebro, além de beleza, veja só — disse Jacoby a Connor enquanto Jasmine ia para seu quarto. — E você, Grace? Vai jogar um pouco de sinuca com a gente, não vai?

Grace sorriu, mas balançou a cabeça.

— Estou exausta. Acho que vou dormir cedo.

Jacoby ficou um pouco desapontado.

— Então somos só nós — disse a Connor. Grace se despediu dos dois. Enquanto ia para o alojamento, ouviu Jacoby dizendo a Connor: — Vamos tornar isso mais interessante com uma aposta...

Ela sorriu. Os dois eram incorrigíveis.

Enquanto atravessava o terraço, Grace viu uma silhueta familiar ali parada, olhando para o porto.

— Cheng Li.

Cheng Li se virou para ela.

— Olá, Grace. Já vai para a cama?

— É. Foi um longo dia.

Cheng Li balançou a cabeça.

— Você não está falando com o diretor, Grace. Não precisa tentar me esconder

nada. Nós dividimos *tudo*, lembra? — Em seguida estendeu a mão e segurou o ombro de Grace. — Venha, um passeio rápido pelo jardim da Academia não vai matar você. Pode pôr para fora o que a está incomodando. E o ar puro vai garantir uma ótima noite de sono. Venha.

— Cheng Li, não sei se eu me encaixo neste lugar. Connor se encaixa, mas acho que eu não. E estou preocupada com o Connor. Pensei que, se o tirasse do *Diablo*, ele estaria em segurança. Mas, desde que estamos aqui, ele parece cada vez mais decidido a ser pirata. Não estamos mais seguros aqui do que com o capitão Wrathel!

— Nós duas trouxemos o Connor para cá porque sabemos que isso é o melhor para ele. Ele terá um futuro glorioso se ficar na Academia dos Piratas. Dentro de alguns anos voltará ao mar como subcapitão, como aconteceu comigo.

— Mas ele estará em segurança? — insistiu Grace.

Cheng Li parou, sorrindo.

— Cada um de vocês dois têm um desejo admirável de proteger o outro. É compreensível, depois de tudo por que passaram. Mas você não vê, Grace, que não existe isso de segurança neste mundo, o *nosso* mundo?

— Você quer dizer o mundo dos *piratas*. Mas nós não nascemos neste mundo. Talvez ele não seja para nós.

— E o que mais? Diga que outro plano você tem. Preferiria que você e Connor retornassem a uma vida de trabalho sem graça em Baía Quarto Crescente? É isso? É disso que você gostaria? Porque, se for isso, eu posso pegar um barco da Academia e levá-la pelo litoral amanhã de manhã. Podemos deixá-la no orfanato na hora do jantar.

Grace olhou intensamente para Cheng Li.

— Não — respondeu depois de uma pausa longa.

— O quê, Grace? Eu tenho um pouco de dificuldade para ouvir.

— Eu disse que NÃO — repetiu Grace. — Não é isso que eu quero.

— Claro que não é! Vocês podem não ter nascido no mundo dos piratas, mas ele os chamou... bom, pelo menos chamou o Connor. Ainda temos de deduzir exatamente onde *voce* se encaixa. Mas deduziremos. *Deduziremos*.

Grace suspirou. As palavras de Cheng Li eram revigorantes, além de tranquilizadoras.

— Vá dormir um pouco — disse Cheng Li. — Foi um longo dia e amanhã não será diferente. A vida na Academia não é um passeio grátis. Quem sabe amanhã você queira fazer um pouco de treinamento de combate comigo? Ouvi uns boatos de que você é bem talentosa nessa área, e isso pode ajudá-la a diminuir um pouco a tensão.

Grace sorriu.

— Pode ser divertido — concordou.

— Certo. Bem, veremos como você se sente de manhã. Agora vá. E prometa que vai parar de se preocupar com o Connor. Tudo vai prosseguir como eu planejei.

— Como *nós* planejamos — corrigiu Grace.

— É, claro, foi isso que eu disse.

Em seu quarto, Grace tentou dormir mas, por mais cansada que estivesse, no minuto em

que pôs a camisola e se deitou, sentiu-se totalmente desperta. Fechou os olhos, forçando a mente a descansar, mas não adiantava. Instintivamente pegou o anel Claddagh, de Lorcan. Ele a havia ajudado a se acalmar, antes. *Antes* que as visões começassem. Mas agora, enquanto o apertava entre o polegar e o indicador, nada mudou. A temperatura permaneceu constante. Não houve nenhum tipo de visão. Parecia que Cheng Li estava certa. O anel havia servido ao seu propósito. Mesmo assim, tocá-lo a trazia mais para perto de Lorcan, em sua mente, e isso, concluiu ela, só podia ser uma coisa boa.

Lembrou-se de alguém ter dito que, se a gente não consegue dormir, a pior coisa a fazer era ficar na cama. Por isso empurrou as cobertas e foi até a varanda. Abriu os postigos e saiu ao ar frio da noite, levantando o rosto para a brisa e depois olhando o porto, para além dos gramados. A Academia era linda à noite. Alguns alunos haviam levado instrumentos musicais para o terraço e estavam tocando. Na verdade eram bastante bons — a música persistente, rítmica, quase tribal, era calmante e combinava totalmente com a noite quente. Grace olhou-os tocar, depois fechou os olhos, deixando a música fluir pelos sentidos e deixar transparecer suas próprias imagens.

De repente sua cabeça estava cheia de uma música diferente mas similar — a música que escutara a bordo do navio Vampirata como abertura para o Festim. Ficou totalmente imóvel, reconhecendo o início de outra visão. A cada vez parecia que a visão chegava de modo um pouco diferente.

Agora sua visão interna estava cheia dos vampiros e doadores indo para o salão de banquetes, vários conveses abaixo do nível do mar, vestidos com suas melhores roupas. Esta não parecia ser uma visão nova, e sim uma lembrança. Lembrou-se do elaborado sentido de cerimônia e etiqueta. Lembrou-se das louças finas, dos cristais, das toalhas e guardanapos, e da estranha falta de simetria de uma mesa posta apenas de um dos lados. E das centenas de rostos que nunca vira antes — os pares de vampiros e doadores conversando baixinho e saindo do banquete para ir às suas cabines, onde começariam a “compartilhar”. Connor ficara pasmo com a idéia de “compartilhar”. Seria de fato tão repulsiva? Os vampiros simplesmente tinham uma necessidade que precisava ser satisfeita, e o capitão, em sua infinita sabedoria, havia pensado num modo humano de isso acontecer.

Uma gargalhada atraiu sua atenção de volta aos garotos no terraço embaixo. Estavam conversando entre uma música e outra. Então, de novo, sua cabeça se encheu com a estranha música ritmada, e os pensamentos retornaram ao navio Vampirata. Seria possível, pensou, que estivesse acontecendo um Festim nesta mesma noite?

Sentiu um tremor súbito. Seu corpo saltou adiante, batendo na balaustrada. Usando o corrimão para se firmar, levantou-se de novo. Ao fazer isso percebeu que agora estava pairando no ar, acima do terraço, olhando para os músicos abaixo. Um deles olhou para cima e sorriu, mas não parecia tê-la notado. Ela se agarrou com força ao corrimão enquanto a varanda começava a voar, indo em direção ao porto e atravessando a noite.

Dessa vez teve mais um sentimento de empolgação que de movimento. Na verdade estava gostando da viagem. O vento corria por entre os cabelos e era como se estivesse disparando numa carruagem pelo espaço e o tempo. O céu estava no crepúsculo e ao redor havia tons laranja e rosa quentes da luz agonizante, como se a terra e o mar estivessem pegando fogo e ela viajasse entre as chamas — fazendo parte delas, mas ao mesmo tempo desconectada.

Por fim as chamas deram lugar a uma escuridão de veludo e ela perdeu o sentido

de movimento rápido enquanto era envolvida num cobertor de negrume. Então, de modo igualmente súbito, o céu se encheu de estrelas e a varanda continuou em frente, seus olhos ofuscados pela luz das estrelas e da lua. Era o jorro de adrenalina mais incrível que já tivera. Como tinha sorte, pensou, em poder experimentar o mundo desse modo. Quantas outras pessoas teriam uma chance assim?

Então as estrelas começaram a se desbotar enquanto a varanda entrava na névoa inevitável. Grace ficou um pouco triste ao deixar o céu noturno para trás, mas sabia que era apenas um posto intermediário na viagem. Por isso se submeteu à névoa, sabendo que era como a ante-sala do navio Vampirata. Em questão de segundos estaria lá outra vez. Suspirou, ansiosa por ver Lorcan. Dessa vez, decidiu, iria falar com o capitão. Dessa vez descobriria mais sobre o ferimento de Lorcan e o que poderia fazer para ajudar.

Enquanto a névoa se dissipava, descobriu-se de novo no convés do navio. Como antes, não podia sentir os pés nas tábuas — como se estivesse pairando logo acima. Era noite e Darcy havia acendido todas as lâmpadas. Havia música tocando. Música familiar, percussiva. Grace sentiu um *frisson*. Estava certa. Esta *era* a noite do Festim.

O convés estava apinhado de vampiros fazendo a *passaggiata* — um longo passeio pelo convés com suas melhores roupas — antes do início do Festim. Um grupo deles vinha em sua direção, como se não a vissem. Ela saltou de lado bem a tempo. Um instante a mais e eles a teriam derrubado. Virou-se e olhou-os passando. Eles pareciam não percebê-la de modo algum — sem dúvida possuídos apenas pela fome que viera crescendo por dentro e que, dentro de algumas horas, estaria saciada.

Olhou outro grupo caminhar pelo convés. Um dos integrantes a olhou de modo estranho enquanto passava, a cabeça quase girando no eixo. Grace estremeceu. Lembrou-se de tê-lo visto no Festim que havia testemunhado. Não sabia seu nome, mas o rosto dele a irritou na ocasião, assim como agora. Mas, felizmente, num instante ele se foi e outro grupo passou por ela, sem sequer olhar na sua direção.

Encostou-se do modo mais confortável possível junto à amurada, ainda sentindo que havia uma barreira invisível entre a amurada e seu corpo. Mas estava feliz por ter voltado. E dessa vez teria algumas respostas.

— Ora, veja só quem está aí!

Grace foi tirada do devaneio pelo familiar sotaque londrino.

— Darcy!

Ali, diante dela, estava Darcy Flotsam, resplandecente num vestido de chiffon azul-celeste com acabamento de lantejoulas douradas.

— Figura de proa de dia, figura divertida à noite! — exclamou Darcy, estendendo os braços para envolver Grace. Eles passaram direto por ela.

— Ah! — suspirou Darcy. — Esperava que dessa vez você tivesse voltado de verdade!

Grace balançou a cabeça.

— Eu gostaria, Darcy. Mas não sei como fazer isso acontecer. Você sabe?

Darcy balançou a cabeça.

— Você teria de perguntar ao capitão. Só sei que, quando você está numa visita, como agora, como eu fui àquela seu navio pirata, bem, as únicas pessoas que podem vê-la e ouvi-la são aquelas com quem você tem alguma ligação. Isso o capitão me explicou.

Grace confirmou com a cabeça. Agora entendia por que alguns moradores do

navio pareciam olhar direto através dela, enquanto para outros — como Darcy e Lorcan — ela parecia tão real quanto as tábuas do convés.

— Ah, Darcy. Depois que vi você na última vez, fiz o que você disse. Fui ver Lorcan.

Darcy confirmou com tristeza.

— Ele está péssimo.

— Eu sei, Darcy, e a culpa é minha.

Darcy balançou a cabeça.

— Não, Grace. Ele sabe que você acha isso. Mas não é sua culpa.

— É, sim — insistiu Grace. — Tenho certeza. Mas vou ajudá-lo. Vou descobrir um modo de voltar aqui *de verdade* e encontrar um tratamento.

Darcy olhou para Grace com tristeza.

— O que é? Aconteceu mais alguma coisa?

— A visão dele não dá sinais de melhora. Mas é pior do que isso. Ele se recusa a tomar sangue. Está enfraquecendo. Foi levado para a cama. Ah, Grace, não sei quanto tempo sobreviverá. Esta noite é o Festim, mas Lorcan nem quer sair da cabine para tomar sangue. É como se tivesse desistido.

Grace ficou enregelada com essa última novidade. Tinha de fazer, algo para ajudar. Mas o quê? Não sabia quanto tempo conseguiria permanecer dessa vez, e não conseguir tocar nada nem ninguém estava se tornando cada vez mais frustrante.

— Preciso ir — disse Darcy. — Gostaria de ficar par conversar, mas tenho de ocupar meu lugar à mesa.

— Claro. Vá. Você precisa. Vou esperar aqui enquanto puder. Mais tarde venha me procurar.

Darcy confirmou com a cabeça. Seu rosto estava molhado de lágrimas.

— Vestido fabuloso! — gritou Grace para ela.

A estranha música do Festim foi crescendo e Grace viu o convés se esvaziar totalmente. Imaginou as duas filas, de vampiros e doadores, chegando ao salão de banquete e ocupando seus lugares. Sentiu-se tentada a ir olhar, mas algo a manteve no lugar ali em cima — algum poder que ela não conseguia explicar direito.

Sentiu os olhos baixando de cansaço. Não. Tentou lutar contra, não querendo ser levada para longe do navio — principalmente depois de uma visita tão breve. Mas as pálpebras estavam pesadas e não havia o que fazer. Seus olhos se fecharam e ela caiu num estado de relaxamento profundo, como se estivesse flutuando de novo nas águas escuras. Não lutou contra a sensação, sabendo que ela iria levá-la aonde quisesse.

A próxima coisa que ouviu foi um grito, ou melhor, um rugido. Seus olhos se abriram e ela descobriu, para sua surpresa, que ainda estava no convés do navio Vampirata. Não fora levada a outro lugar — simplesmente caíra no sono. Não sabia quanto tempo se teria passado, mas agora a música havia diminuído, por isso sentiu que o Festim terminara e os vampiros e doadores estariam em suas cabines, onde acontecia o compartilhamento.

— Pare!

Reconheceu a voz imediatamente. Como poderia não reconhecer? Era forte e firme, mas não se erguia acima do ruído de um sussurro.

— Eu mandei parar!

Ela se virou e viu que o capitão não se dirigia a um vampiro, e sim a três. Eles

viraram o rosto de volta para o capitão. Grace se encolheu. Os olhos dos vampiros estavam em chamas. Ela vira Sidório assim antes, mas testemunhar um grupo nesse estado de frenesi era ainda mais aterrorizante. Reconheceu dois deles. Ela os tinha visto conversando — conspirando, percebeu agora — em sua jornada anterior ao navio.

Quando falaram, suas palavras eram como chamas, lambendo o convés na direção do capitão.

— Precisamos de mais sangue. Precisamos de mais...

— Não — respondeu o capitão. — Vocês tomaram sua cota. Mais do que a cota.

— Precisamos de mais...

Agora, quando eles viraram em sua direção, Grace viu que o grupo de vampiros segurava três doadores com firmeza. Os doadores pareciam aterrorizados.

— Parem — disse o capitão outra vez. — Soltem os doadores. Retornem às suas cabines.

Em resposta, os vampiros soltaram um chiado conjunto, as palavras agora ininteligíveis. Grace estremeceu, feliz por estar oculta. Não achava que aqueles vampiros pudessem vê-la, mas mesmo assim não queria correr riscos.

— Vou dizer mais uma vez — alertou o capitão. Soltem os doadores.

— Ou então *o quê?* — veio a resposta esganiçada.

— Não há alternativa — respondeu o capitão friamente. — Vocês só têm uma opção. Soltem-nos.

— O caminho do capitão não é o único caminho — retornou o chiado.

— O capitão não é o *único* capitão — grasnou outro.

— O navio não é o *único* navio — acrescentou o terceiro.

— Chega! Soltem-nos! — disse o capitão. Diante dessas palavras o convés foi cercado por um súbito clarão de luz. Os vampiros saltaram fora do caminho da claridade, levantando os braços para se proteger. Ao mesmo tempo os doadores se lançaram na direção da luz.

— Entrem — disse-lhes o capitão, com calma porém insistente. Por mais fracos que estivessem, não precisaram que a ordem fosse repetida.

Os vampiros haviam se jogado juntos no convés e o capitão se aproximou deles outra vez. Com a escuridão restaurada, as criaturas se levantaram de novo, os olhos brilhantes, mas o fogo que havia ardido agora estava opaco.

— Eu tenho sido paciente — disse o capitão —, mas agora minha paciência se esgotou.

Os vampiros o espiaram com olhos que agora estavam cheios de medo e arrependimento. Em instantes, pensou Grace, haviam se transformado de monstros em crianças cheias de culpa. Mas era fácil demais lembrar o horror que vira antes.

Um deles se dirigiu ao capitão.

— Algumas vezes essa necessidade foge ao controle, capitão — gemeu ele.

— Não somos tão disciplinados quanto o senhor.

— Algumas vezes nossos desejos parecem se alimentar de si mesmos — falou o terceiro.

— Sei de tudo isso — respondeu o capitão, ainda em seu sussurro contido.

— Então nos ajude — sibilo o primeiro.

— Você rejeitou minha ajuda, Lumar — disse o capitão com tristeza. — Não há mais nada que eu possa fazer. Está na hora de deixar este navio.

— Não, capitão. Não diga isso. — Lumar se encolheu diante do capitão.

— Se Lumar for embora, teremos de ir também — disse um de seus companheiros. Parte da malignidade anterior dos vampiros estava retornando às vozes, as asas da ameaça se abrindo como as de uma mariposa.

— De fato — respondeu o capitão sem se abalar. — Não pode ser de outro modo.

— Mas para onde iremos? — perguntou o terceiro vampiro, que era uma garota.

— Encontrar Sidório — disse o companheiro, com a cobiça se derramando da voz. — Sidório vai nos ajudar a atender às nossas necessidades.

Grace estremeceu. Então eles sabiam — ou pelo menos suspeitavam — que Sidório estava em algum lugar lá fora, na noite, esperando-os. Seria sensato, da parte do capitão, deixar que outros se juntassem ao primeiro exilado? Não estaria simplesmente aumentando o risco de ver uma força inimiga crescer?

— Então vão embora — disse o capitão. — Vão encontrar outro caminho.

Sua voz estava pesada de desapontamento, pensou Grace. Ele se virou e foi em direção à sua cabine.

Os três vampiros exilados ainda se agarravam à amurada, como se fossem conspirar ainda mais.

— Eu *mandei* irem embora! — O capitão se virou de repente e correu na direção deles. Ao fazer isso, a capa que ele estava usando relampejou com veias de luz. Acima, as velas do navio luziram e começaram a balançar. Raios de fogo saltaram pelas tábuas do convés.

Grace teve de fechar os olhos para protegê-los da claridade. Quando finalmente os abriu, os vampiros haviam desaparecido.

O capitão ficou parado junto à amurada, a cabeça nas mãos.

Grace saiu de seu abrigo e foi até ele.

Ele pareceu não percebê-la até que ela estivesse ao seu lado, estendendo a mão para o estranho material de sua capa. Mesmo isso, pensou ela frustrada, estava fora do alcance de seu toque.

— Grace — sussurrou ele. — Grace. O que está fazendo aqui?

O capitão não pareceu satisfeito ao vê-la.

— Voltei para ajudar. Sei que as coisas estão erradas. Só queria ajudar.

— Você não pode ajudar. — Os sussurros encheram a cabeça de Grace. — Deve partir imediatamente e nem pensar em voltar.

— Mas, capitão...

— É como deve ser, Grace. — Ele não se virou para ela, com a máscara olhando direto para o oceano.

— Mas capitão — disse ela outra vez, com lágrimas nos olhos. — Lorcan está muito ferido. E é tudo minha culpa...

— Sim — disse o capitão, virando-se finalmente. — Sim, então agora você sabe qual foi o resultado de sua vinda ao navio. E é por isso que deve ficar longe.

Agora as lágrimas desciam pelo rosto de Grace, mas ela não queria desistir. Pelo menos por enquanto.

— Por favor, capitão. Se eu voltar de verdade, talvez possa ajudar.

— Acha que pode curar a cegueira de Lorcan? Como propõe fazer isso? Diga!

A voz dele continuava sendo um sussurro, mas mesmo assim ela podia escutar a raiva que existia dentro.

— Fale, criança!

— Não sei, capitão. Não sei como poderia ajudar. Nem mesmo se poderia.

— É muito simples, Grace. Só há um modo de ajudar. Vá embora. E fique longe.

Grace não podia acreditar em seus ouvidos. Era assim que tudo acabava? Aqui, neste convés? Lorcan estaria destinado a permanecer cego? E, agora que ele se recusava a tomar sangue, como seria? Não suportava deixar as coisas assim — sem saber o destino dele. Mas o capitão havia falado e não tinha mais palavras para ela. Virou-se e foi andando lentamente pelo convés.

Grace ficou parada, na beira do convés, lágrimas caindo de novo. Ainda estavam caindo quando a névoa a envolveu e ela foi levada para longe do navio Vampirata — *para jamais retornar.*



## CAPÍTULO 25

### *Zanshin*

— Grace! Grace, é o Connor!

— O que você quer?

— Posso entrar?

— Tudo bem.

Connor e Jacoby esperaram do lado de fora.

A porta se abriu e Grace enfiou a cabeça pela abertura.

— Bom-dia, dorminhoca! — disse Connor, estendendo a mão para desgrenhar o cabelo dela.

— Pare! — reagiu Grace. — Você sabe que eu *odeio* isso!

— Você está toda eriçada, mana. O que houve?

— Dormi mal, certo? Que horas são?

— Dez para as sete. Jacoby e eu vamos à aula de FEM. Hoje é Tai Chi com o capitão Solomos. Está a fim?

Grace balançou a cabeça.

— Encontro vocês depois — respondeu, fechando a porta.

Connor deu de ombros e sorriu para Jacoby.

— Eu disse que ela *realmente* não é boa de manhã!

Connor bateu de novo à porta de Grace. Esperou.

— O que é? — O grito soou fraco.

— Grace, sou eu!

Ele ouviu passos. A porta se abriu de novo.

— Eu já disse que não vou à FEM...

— Grace, nós já *fizemos* a FEM. São quase oito e meia. Em que planeta você está?

— Só estou cansada de verdade, certo?

— Você parece mal.

— Estou mal porque você me acordou às dez para as sete! E agora de novo! Só preciso descansar. É um problema tão grande assim?

— Mas está na hora do café-da-manhã. E depois o comodoro Kuo vai dar uma palestra maneira sobre uso de espadas. É para os alunos do último ano, mas ele convidou a gente.

— Acho que não vou assistir a nenhuma aula hoje. Pelo menos de manhã.

— Mas, Grace, é o diretor...

— Bom proveito! — disse ela, fechando a porta na cara de Connor.

Connor franziu a testa. Era uma verdadeira honra ser convidado àquela aula do comodoro Kuo. Mas sabia, por experiência própria, que, assim que decidia uma coisa, Grace era implacável. Bom, que fosse dormir! Ele não iria deixar que ela pusesse uma nuvem em cima do *sen* dia. Virou-se e foi procurar Jacoby.

Do outro lado da porta, Grace desmoronou no chão e pôs a cabeça entre as mãos. Não conseguia parar de pensar no navio Vampirata — na piora de Lorcan e nas palavras cruéis do capitão. Era como se ele tivesse cravado uma espada em seu peito.

O comodoro Kuo assentiu para Connor e Jacoby quando eles entraram no teatro de palestras.

— Ah, sr. Tormenta e sr. Blunt. Bom-dia, amigos. Sentem-se.

Connor se perguntou se deveria explicar a ausência de Grace, mas o diretor não pareceu abalado, de modo que talvez fosse melhor não dizer nada.

O comodoro Kuo estava parado junto a um pódio, sobre o qual pusera alguns papéis e um pequeno livro encadernado em couro. O teatro de palestras tinha lugares suficientes para acomodar todos os alunos da Academia, mas, para a palestra daquela manhã, um semicírculo de 16 cadeiras fora arrumado na frente, perto do pódio. Havia dois lugares vagos no centro, que Connor e Jacoby ocuparam. Mais adiante, Jasmine Pavão acenou para eles discretamente. Connor cumprimentou de volta, sorrindo.

O diretor foi para a frente do pódio e olhou a platéia. Os rostos de 16 adolescentes ansiosos o encararam de volta.

— Hoje — começou ele — vamos examinar o conceito de *zanshin*... Mas antes disso, para qualquer um de vocês que ainda não o conheça, deixe-me apresentar nosso convidado, Connor Tormenta.

Os alunos do décimo ano se viraram para Connor e o garoto ficou sem graça, como se um refletor tivesse sido aceso em cima dele.

— Connor e sua irmã Grace — continuou o comodoro Kuo, aparentemente sem perceber o incômodo dele — passaram três meses a bordo do *Diablo*, sob o comando do capitão Molucco Wrathe.

Pelas reações abafadas e pelos movimentos de cabeça, ficou claro que Connor havia subido subitamente no conceito dos outros. Ele riu para si mesmo. Evidentemente, qualquer dúvida que os professores tivessem sobre o tipo de pirataria de Molucco não havia passado para os estudantes. Para os colegas de Connor, Molucco Wrathe era simplesmente um pirata celebridade, cuja fama agora passava para o próprio Connor. Todos os outros alunos tinham dois anos ou mais do que ele — mas, num

aspecto significativo, Connor estava à frente, já tendo vivido a vida de pirata na realidade.

— E chego a afirmar que nesses três meses Connor teve motivos para aperfeiçoar sua habilidade com a espada. Estou certo em pensar isso, Connor?

Connor assentiu, esperando com toda a força de vontade que o diretor não pedisse uma demonstração.

— Posso pedir sua espada emprestada? — pediu o comodoro Kuo.

Connor ficou surpreso, mas confirmou com a cabeça. Levantou-se e tirou o sabre da bainha. Então, como Cate havia ensinado, segurou a espada na base do punho com a mão esquerda e a estendeu na direção do diretor, com a ponta da lâmina virada para longe dele.

O comodoro Kuo estendeu a mão direita e a deixou acima da de Connor, sobre o punho da arma. Quando Connor soltou a mão esquerda, o diretor assentiu e pôs sua mão no punho.

Connor se afastou e sentou-se.

— Seu treinamento foi bom — disse o comodoro Kuo com um sorriso. Connor assentiu. Cate lhe havia ensinado muitos rituais envolvendo espadas. Lembrava-se de ela ter explicado que, em algumas culturas, oferecer a espada com a mão direita era considerado algo grosseiro ou agressivo. Portanto era sempre melhor, nas raras ocasiões em que a espada era oferecida a outra pessoa, fazer isso com a mão esquerda.

E o comodoro Kuo tirou a própria mão esquerda do sabre e enfiou no bolso, pegando um quadrado de seda. Pousou a lâmina na palma esquerda, com o pequeno tecido de seda impedindo sua pele de tocar o metal. Isso ia além dos ensinamentos de Cate, mas Connor imaginou que era outra parte do infinito — e interminavelmente fascinante — ritual das espadas.

— Há uma diferença entre o sr. Tormenta e o resto de vocês — disse o comodoro Kuo, erguendo o olhar da lâmina. — E a diferença é a seguinte. Estamos ensinando técnicas de luta com espadas a vocês desde que chegaram à Academia, quando pusemos aqueles pedaços de bambu em suas mãos.

Connor notou os alunos sorrindo da lembrança.

— E então os fizemos progredir de Combate Básico até o dia em que tiveram uma espada de verdade nas mãos pela primeira vez, um dia que espero que todos recordem pelo resto da vida.

De novo Connor viu o rápido reconhecimento dos alunos. Lembrou-se dos rostos empolgados da turma de iniciantes no dia anterior, quando seguraram as *daisho* pela primeira vez.

— Vocês são a nata — continuou o diretor. — Estão no último ano aqui e temos grandes expectativas. Criamos esta Academia para educar os capitães piratas de amanhã, os melhores dos melhores, e aqui estão vocês. Dentro de alguns meses partirão para assumir seus cargos de aprendizado em verdadeiros navios piratas.

— Pode apostar! — exclamou Jacoby, incapaz de conter a empolgação diante da perspectiva.

— Isso mesmo, sr. Blunt — disse o comodoro Kuo, virando-se para encará-lo. — Sem dúvida o senhor será um ótimo subcapitão e, em não muito tempo, também será capitão.

Connor pensou de novo na visão que tivera — daquela cena curiosamente familiar

num convés, quando ele era capitão e sua tripulação o chamava porque alguém estava ferido.

— Vocês aprenderam muito desde que chegaram aqui à Academia — prosseguiu o comodoro Kuo —, mas as maiores lições ainda estão no futuro. E uma dessas lições virá no dia em que usarem sua espada, não em treinamentos, não na Oficina de Combate, e sim de verdade, para defender a vida.

A luz do sol penetrou na sala e ricocheteou na lâmina do sabre de Connor, batendo no rosto do capitão.

Quando a luz entrou nos olhos de Connor, a voz do comodoro Kuo recuou para longe e Connor se viu de novo naquele convés, como antes.

Ali estava, no centro da batalha. As espadas se chocavam umas contra as outras. Via cordames sendo cortados e ouvia tiros de canhão e gritos de piratas entrando e saindo da refrega. Então vieram os gritos.

— Capitão — ouviu ele. — Capitão Tormenta.

Connor sorriu ao ser chamado de novo de “capitão”. Parecia fantástico. Parecia certo. Mas então a visão mudou.

— Venha. — Ouviu uma voz perturbada. — Capitão Tormenta... Venha... Capitão Tormenta. Ele está ferido... ele precisa...

Eram exatamente as mesmas palavras que havia escutado antes, mas dessa vez a visão era mais clara. Na primeira vez havia pensado que se referiam a um tripulante ferido. Agora viu que era ele que estava ferido.

Escutou a voz de novo, entrecortada de soluços.

— O capitão Tormenta foi ferido. Por favor, venha... por favor venha... é sangue demais... não sei quanto tempo ele poderá suportar...

Connor sentiu um frio o inundando. A visão era clara demais, exata demais. Seria um presságio de sua própria morte? Não podia acreditar.

— Senhor Tormenta. Connor... Connor!

Connor voltou à realidade e viu que o diretor falava com ele.

— Desculpe, senhor diretor.

— Tem alguém perdido por aí? — O comodoro Kuo sorriu para ele.

— Desculpe — repetiu Connor. — A luz bateu nos meus olhos e...

— Eu só estava perguntando — a voz do comodoro Kuo interrompeu a sua — se nesses três meses você teve de usar a espada para defender sua vida.

Enquanto falava, ele ofereceu a espada de volta a Connor, revertendo os gestos anteriores dos dois, de modo que agora o diretor segurava o sabre na mão esquerda e o estendia pelo punho.

— Sim — respondeu Connor, enquanto sua mão segurava o punho acima da do comodoro Kuo. — Tive, sim. — Sua mão tremia, talvez reagindo à visão. Fez o melhor possível para firmá-la. Podia ver que o comodoro Kuo havia notado seu braço trêmulo. Firmou-o com a outra mão e enfiou o sabre na bainha. O comodoro Kuo pôs a mão no ombro de Connor. A solidez do toque ajudou Connor a se acalmar.

— Antes de se sentar de novo, poderia nos contar como é a sensação de usar seu sabre desse modo?

Connor pensou em seu primeiro ataque com os piratas do *Diablo* e nos outros, até a aventura malfadada no *Albatroz*.

— É uma mistura de sentimentos — respondeu.

— Continue — encorajou o comodoro Kuo.

— É empolgante. Depois do treinamento a gente quer usar a espada do melhor modo possível. É um desafio, como qualquer esporte.

— Pode crer! — exclamou Jacoby de novo, com as mãos imitando um golpe de espada.

— Mas — prosseguiu Connor, a mão tocando o punho do sabre —, na primeira vez em que você segura uma espada, percebe que não é um esporte como qualquer outro. Isso aqui não é um brinquedo. A gente tem um poder e uma responsabilidade incríveis na mão. É preciso respeitar a espada e honrar os oponentes.

— Certo — disse o comodoro Kuo. — E você teve todas essas preocupações no meio do ataque?

— Não. — Connor balançou a cabeça. — Antes. Essas são as preocupações que passam pela minha mente antes. Cate Alfanje, a treinadora de armas do *Diablo*, ensina a gente a esvaziar a mente antes do ataque propriamente dito.

— Excelente — disse o comodoro Kuo. — Certo, Connor, por favor sente-se de novo.

Connor obedeceu sem precisar de mais ordens, feliz por sair da berlinda. Ainda estava abalado pela premonição, se é que era isso. Mas talvez não fosse nada do tipo. Talvez aquilo não significasse nada.

Quando ele se sentou, Jacoby se inclinou e deu um sussurro:

— Você pareceu meio pirado ali. O que aconteceu? Jasmine sorriu para você?

Connor balançou a cabeça.

— Não foi nada. — Era nisso que tinha de acreditar. Mas suas mãos ainda tremiam um pouco.

Quando ergueu os olhos de novo, Connor percebeu que o comodoro Kuo havia escrito uma palavra no quadro azul à frente da turma. Era a palavra estranha que ele havia falado algumas vezes antes.

### *Zanshin*

O comodoro Kuo examinou a turma através dos óculos.

— Connor nos disse que foi treinado para esvaziar a mente antes de entrar num ataque. Este é um dos modos de se ver o conceito de *zanshin*. Bom, como vocês sabem, aqui na Academia aproveitamos algumas tradições guerreiras muito antigas, e essa noção de *zanshin* remonta ao antigo florescimento das artes marciais japonesas, ou *bujutsu*. — Ele escreveu *bujutsu*, no quadro com sua letra imaculada. — Bom, alguém se lembra, a partir de nossas antigas discussões, da palavra japonesa que significa entrar em combate?

Seus olhos examinaram a turma, assim como os de Connor. Ele notou que várias mãos estavam levantadas.

O diretor assentiu.

— Sim, Aamir?

— *Kamae* — respondeu o garoto, confiante.

— Isso mesmo — disse o comodoro Kuo, acrescentando *kamae* à lista de palavras no quadro.

— Bom, *zanshin* é o estado mental que cada combatente bem-sucedido deve empregar antes de entrar no *kamae*, ou combate. Significa um estado excepcionalmente

alto de alerta em que vocês estarão prontos para se defender e atacar em todas as direções, 360 graus ao redor do corpo. Vocês não terão nenhuma área de fragilidade. — Ele deu um sorriso tranquilo. — Então o *zanshin* vai se combinar com sua técnica de combate indubitavelmente impecável para resultar em ação perfeita e conseqüências bem-sucedidas. — Ele se virou para escrever mais algumas palavras no quadro.

— Agora — disse ele, ficando de lado e batendo no quadro —, quem pode falar sobre o conceito de “vitória em um só golpe”?

Connor sentiu vontade de poder responder à pergunta, mas, ainda que as sensações descritas pelo diretor lhe fossem absolutamente familiares, a linguagem era nova. Ficou olhando enquanto os bem-formados alunos do último ano levantavam as mãos.

— Sim, Jasmine — disse o comodoro Kuo.

— A vitória em um só golpe é outro conceito que data do florescimento do *bujutsu* — respondeu Jasmine. — E, mais especificamente, da técnica do *iai-jutsu* ou — ela sorriu para Connor — o desembainhar imediato da espada. — Virando-se de novo para o comodoro Kuo, ela continuou: — A verdadeira arte do *iai-jutsu* está em derrubar o adversário com um único golpe da espada. A necessidade de qualquer golpe adicional constitui uma falha na arte verdadeira.

Diante das palavras de Jasmine, Connor pensou no modo como vira Cheng Li atuar em batalha. Havia notado de imediato como os atos dela eram mínimos. Enquanto outros piratas, inclusive Bart, dançavam pelo convés, golpeando com as espadas de um lado e do outro, numa piscada a gente poderia perder a ação de Cheng Li com suas duas *katanas*. No entanto, quando ela as usava, segundo a visão de Cate, era a espadachim mais eficiente. Sem dúvida, isso era um legado do rigoroso treinamento de Cheng Li na Academia. Connor sentia-se como uma esponja, ansioso para aprender mais daquelas técnicas. Mas só ficaria na Academia poucos dias. Como poderia ter esperanças de juntar o conhecimento que Cheng Li acumulara em dez anos? De repente, apesar do conhecimento prático da pirataria, sentia-se em falta. Se ao menos pudesse ficar mais tempo!

— Muito bem, Jasmine — disse o comodoro Kuo. — Sim, a vitória num só golpe foi muito importante para nossos ancestrais e, se você olhá-la em termos de *zanshin*, pode entender o motivo. O *zanshin* nos põe num estado de alerta completo. Nesse estado, com a percepção de 360 graus de que falei antes, vocês devem ser totalmente capazes de executar a vitória num só golpe. A incapacidade de fazer isso significa que desperdiçaram esse *zanshin*. Bom, cada golpe a mais que vocês derem será um desperdício ainda maior de *zanshin*. E, a cada golpe, estarão se expondo a mais riscos e reduzirão a chance de sobrevivência.

De novo Connor reconheceu as sensações que o comodoro Kuo estava descrevendo. A luta de espadas não era totalmente como um esporte. Por mais energia que a gente desenvolvesse — e Connor sabia que tinha mais energia do que a maior parte dos seres humanos —, lutar consumia muito mais profundamente as reservas do que qualquer outro esporte. E, frequentemente, depois do longo processo de preparação mental, a batalha terminava muito depressa. Podia durar apenas alguns segundos. Era o modo como a gente capitalizava a energia — ou o *zanshin* — naqueles segundos que determinava nosso destino.

— Bom, não pensem que o conceito de *zanshin* está reservado apenas para aquele momento no convés de batalha — disse o comodoro Kuo. — O pirata bem-sucedido

precisa manter o *zanshin* mesmo longe da arena óbvia de combate, 24 horas por dia, sete dias por semana...

Enquanto o comodoro Kuo prosseguia com o discurso, Connor ouvia atentamente; percebendo, mais do que nunca, que tinha muito a aprender.



Connor mal podia acreditar na rapidez com que o período duplo de palestra sobre uso de espadas havia passado. Quando o comodoro Kuo terminou a discussão, Connor olhou o relógio e viu que havia se passado uma hora e vinte minutos. Balançou a cabeça. Na escola da Baía Quarto Crescente seu cérebro ficaria totalmente entorpecido depois de uma dose dupla de física ou geografia. Mas, por mais que a lição do comodoro Kuo fosse desafiadora, ele poderia ter ouvido por mais uma hora, ou mais ainda.

— Você pareceu meio em choque quando o chamei — disse o comodoro Kuo, aparecendo à sua frente. — Esperto que eu não o tenha deixado sem graça.

Alguns outros garotos estavam começando a sair do teatro de palestras, sem dúvida indo para a próxima aula. Jacoby esperou ao lado de Connor.

— Não — respondeu Connor. — É muita coisa para absorver, só isso.

— Mas você sabia do que eu estava falando. Dava para sentir. Venha, vamos caminhar e conversar.

Connor assentiu e começou a andar com o comodoro Kuo de um lado e Jacoby do outro.

— É, muita coisa que o senhor disse parecia familiar. Mas todas aquelas palavras eram novas para mim. Não somente *zanshin*, mas *kamae*, *bujutsu* e *iai-jutsu*...

— Bem, é claro — disse o comodoro Kuo enquanto saíam ao jardim ensolarado. — Você não teve o treinamento da Academia, como esses garotos. Esses garotos têm... o quê, dois anos mais do que você? Além disso, tiveram quase dez anos de estudos aqui na Academia. Mas você sabe mais do que pensa — veja o modo como ofereceu a espada para eu inspecionar. Aquele modo também remonta aos guerreiros japoneses clássicos.

Connor ficou surpreso.

— Sua treinadora, Cate Alfanje, instilou um notável nível de conhecimento em você, durante seu tempo a bordo do *Diablo*. De fato, tem muito do que se orgulhar, sr. Tormenta.

Connor ficou vermelho de prazer.

— Como está sua irmã hoje?

A pergunta pegou Connor de surpresa.

— Está bem... quero dizer, acho que está. Ela não andou se sentindo muito bem hoje cedo, mas...

O comodoro Kuo sorriu.

— Bem, está fazendo um dia lindo. Tenho certeza de que Grace vai se animar. Certo, tenho de dar uma aula sobre capacidade de comando à turma do sexto ano. Aproveite o resto do dia.

Ele começou a subir a colina. Depois se virou e olhou para Connor com curiosidade. O que estaria pensando?, imaginou Connor. Era desconcertante.

— Eu estava pensando — disse o diretor —, estava só *imaginando*, se poderíamos convencê-lo a ficar um pouquinho mais na Academia. Acho que poderíamos lhe ensinar

muito mais sobre pirataria. E você também poderia nos ensinar. Você tem muito para ensinar, Connor Tormenta.

— Obrigado — respondeu Connor, sem saber exatamente o que mais dizer.

— Bem, olhe. Sei que é uma idéia meio louca. E sei que Molucco deve estar ansioso para tê-lo de volta. Mas você... você poderia ao menos pensar um pouco nisso?

Connor assentiu. Nesse momento não havia nada que ele mais quisesse do que ficar. Mas será que poderia? Depois de tudo que havia acontecido, será que poderia deixar o capitão Wrathe e o *Diablo* para trás?

Pensou de novo em sua visão. Ela o arrepiava até o âmagô. Mas iria lutar contra ela. Se a morte o estivesse espreitando, ele lhe daria um duelo para ser lembrado. Ele se prepararia para ser o melhor pirata que poderia ser. Não somente um pirata, mas um guerreiro. Não somente um guerreiro, mas um capitão. Mesmo que um dia, pensou, num futuro muito distante, eu seja morto no convés de meu navio... morrerei como uma lenda da pirataria.



## CAPÍTULO 26

### *A semente*

— Grace!

— Connor! De novo, não!

— Não. Não é o Connor.

— Cheng Li!

Grace pulou da cama e abriu a porta do quarto. Cheng Li estava parada, vestida para o combate e segurando uma espada de reserva. Sorriu para Grace e passou por ela, entrando no quarto.

— Achei que faríamos um pouco de treinamento de combate hoje, Grace, mas não vi você o dia inteiro. Ora, você ainda nem se vestiu. É quase hora do jantar, Grace! Há alguma coisa errada?

— Há — respondeu Grace, incapaz de conter a emoção. — Alguma coisa está muito errada.

Imediatamente Cheng Li largou a espada na cama e envolveu Grace num abraço. Era um gesto pouco característico, mas exatamente o que Grace necessitava.

— Qual é o problema? — perguntou Cheng Li, abraçando Grace. — Diga. Você sabe que podemos dividir *tudo*.

Grace contou toda a triste história de sua última — a *última* — jornada ao navio Vampirata. Mais uma vez Cheng Li escutou com atenção até as últimas palavras.

— Não sei o que fazer — disse Grace. — Tudo mudou.

Cheng Li balançou a cabeça.

— Nada mudou.

Grace não conseguia acreditar nos próprios ouvidos.

— Mudou! O capitão disse que não quer que eu volte. Que devo ficar longe.

— Concordo. Mas você tem amigos a bordo daquele navio. Em suas próprias palavras, você tem “assuntos pendentes”. Não importa mais o que o capitão pensa. O

que importa é como você vai encontrar a paz de espírito.

Grace balançou a cabeça.

— Não posso ir contra a vontade do capitão. Não posso.

— E Lorcan? Ele precisa de você. O capitão praticamente desistiu dele. Você, não!

— Mas, se o próprio capitão não pode salvá-lo, o que posso fazer?

— Bem, não sabemos, Grace, até que a levemos de volta ao navio.

Grace espiou os olhos nevoentos de Cheng Li. Seu coração estava disparando. Será que ela de fato poderia fazer isso?

— Olhe — disse Cheng Li. — Darcy Flotsam veio encontrá-la, pedir sua ajuda, não foi?

Grace confirmou com a cabeça.

— E Lorcan lhe deu o anel Claddagh e mandou visões dele...

— É — assentiu Grace. — É, ele fez isso!

— Visões que podem muito bem ser pedidos de ajuda. Grace, você tem assuntos pendentes com aquele navio. Acho que o capitão está preocupado com aqueles Vampiratas rebeldes, Sidório e os outros. Suas idéias não estão muito claras. Certamente não está pensando no pobre Lorcan. Como você diz, se Lorcan não está tomando sangue, quem sabe quanto tempo lhe resta? Quando o capitão voltar a atenção para o sofrimento dele, pode ser tarde demais.

Como sempre, Cheng Li havia lançado um salva-vidas a Grace.

— Certo — disse Grace, cheia de um novo sentimento objetivo. — Certo. Vamos fazer isso. Mas *como* vou retornar ao navio?



— Diga de novo, Grace, como você acha que encontrou o navio Vampirata na primeira vez?

Grace suspirou. Já haviam falado sobre isso um monte de vezes.

— Eu estava na água, lutando pela vida. E perdendo a batalha. O Connor também. Vocês o encontraram. E, do mesmo modo, Lorcan deve ter me encontrado.

— Eu encontrei Connor de dia — disse Cheng Li. — A luz já ia morrendo, mas ainda era dia. Nunca poderia tê-lo visto no escuro.

— Então Lorcan também deve ter me encontrado de dia.

— Mas não pode, não é? Por tudo que sabemos agora, Lorcan não poderia ter saído para a luz.

— É, você está certa. Mas havia a névoa...

— É, a névoa em que você se viu quando chegou ao navio...

— A mesma névoa que baixou quando Connor e eu nos juntamos no convés.

— É como se os Vampiratas gerassem a névoa — disse Cheng Li, pensativamente.

— Será possível?

— É possível — respondeu Grace, sentando-se, empolgada. — Agora me lembro de uma coisa. Lembro que, quando cheguei ao navio, o capitão disse algo a Lorcan sobre me levar para dentro antes que a névoa se dissipasse.

— Não é uma prova conclusiva — disse Cheng Li —, mas não estamos lidando com fatos. Acredito que os Vampiratas, bem, pelo menos o capitão, podem criar uma névoa para servir como proteção para os que normalmente não podem sair durante o

dia. Mas eles não conseguem controlar o tempo que ela dura. Espere...

— O que é? — perguntou Grace, cheia de empolgação.

Cheng Li ficou deitada com os olhos fechados.

— Está perto, Grace. Estamos perto de alguma coisa, mas ela logo fica fora do alcance. — E abri os olhos de novo. — Será possível que *voce* tenha encontrado o navio, em vez de *ele* a resgatar? Talvez *voce* estivesse destinada a salvá-lo.

— Mas ele me encontrou. Eu estava me afogando no oceano. Não há como negar isso.

— Há, sim — respondeu Cheng Li, sentando-se de repente, ereta. — Tudo depende de como a gente organize a história, não é? Ponha-se do lado de fora, Grace.

Grace nunca tinha visto Cheng Li falar com tanta intensidade.

— Imagine-se de volta à Baía Quarto Crescente, antes da tempestade. Imagine-se de volta à sala no topo do farol.

Enquanto ouvia as palavras de Cheng Li, Grace fechou os olhos e se visualizou de novo na sala da lâmpada, examinando a baía embaixo.

— E agora? — perguntou.

— Imagine-se de volta. Seu pai morreu. O farol foi retomado pelo banco. Você está ficando sem opções naquela cidade terrível. E então...

— E então?

— E então você olha para o oceano e manda um sinal para a noite, para virem resgatá-la.

— Que tipo de sinal?

— Não sabemos. Mas um sinal que, de algum modo, você sabia fazer e que os Vampiratas reconheceram.

Grace ofegou.

— O que foi? — perguntou Cheng Li. — O que foi?

— Acho que estamos perto de alguma coisa — disse Grace, empolgada. — Acabo de me lembrar de uma coisa que o capitão me disse. Foi na primeira vez em que me encontrei com ele.

— O que ele disse?

— Eu perguntei o que ele esperava de mim. E ele disse... ele disse...

Ela pôde escutar o sussurro outra vez...

— *O que eu quero de você? Grace, foi você que me procurou, não foi?*

Grace abriu os olhos de novo e encontrou Cheng Li os encarando intensamente.

— Achei que ele só estava falando daquela noite, Cheng Li. Pensei que ele queria dizer que eu tinha ido encontrá-lo no navio. Mas, e se ele quis dizer *mais* do que isso? E se ele quis dizer que eu procurei o próprio navio?

Cheng Li assentiu, tão empolgada com a descoberta quanto Grace.

— Você esteve fazendo a pergunta errada, Grace. É um erro muito fácil de se cometer. A pergunta não é como você pode *voltar* ao navio, é o que você quer daquele navio. O que liga você aos Vampiratas?

— Mas não posso descobrir isso enquanto não voltar lá. E parece que não estamos mais perto de deduzir isso do que estávamos há *bons*.

— Estamos, sim — disse Cheng Li, rindo de orelha a orelha. Em seguida saiu da cama, foi andando pelo quarto e abriu os postigos. A brisa soprou nas duas garotas, trazendo um cheiro de jasmim.

— É só uma idéia — disse Cheng Li, sorrindo para Grace —, mas por que você simplesmente não espera outra tempestade? Talvez, quando as condições forem as mesmas, a história se repita.



## CAPÍTULO 27

### *A tripulação*

Stukeley está ficando bom em surfar. Bom mesmo. Bem, reflete enquanto rema com os braços, certamente teve tempo para treinar. Na maioria das noites, ele e o capitão vão parar em alguma praia ao longo do litoral. Ali se abrigam durante um ou dois dias e vão para algum lugar novo. Sempre ficam perto do litoral. O capitão afirma que tem um plano, mas Stukeley não tem mais certeza disso. A cada dia o capitão fala menos — e na verdade ele nunca foi de bater papo. Sidório só se torna de fato vivo quando está caçando. Então ele é um homem diferente — uma *criatura* totalmente diferente. Depois fica cheio de brincadeiras sombrias e histórias estranhas. Mas em pouco tempo a energia se esvai, como a maré recuando pela areia ondulada.

Algumas vezes Stukeley fica solitário e pensa em Bart, Connor e seus outros velhos companheiros. Mas não pode permanecer naquelas lembranças — é doloroso demais. Além disso, a cada dia, sua memória vai ficando mais fraca. Ele deixando de ser uma coisa mas ainda não se tornou outra. Apanhado nesse limbo, pega a prancha e corre para a água, olhando as ondas e esperando. Quando está lá fora, surfando, pode se esquecer de tudo, menos das ondas se quebrando e da energia intrincada da água em si. Assim como agora sente a maré mudando e senta-se na prancha, guiando-a com as mãos para otimizar a posição.

Ele está mudando — de uma maneira sutil e profunda ao mesmo tempo. A cada noite sua capacidade de enxergar na escuridão fica mais nítida. Agora consegue surfar com ou sem lua, vendo com clareza a forma das ondas distantes, a despeito da luz.

As águas escuras começam a subir, e de novo ele comprime o corpo contra a prancha, esperando que a onda chegue.

Quando isso acontece, num movimento perfeito, ele salta de pé sobre a prancha e começa a jornada de volta à costa. Esta é boa. Ele a apanhou do modo exato. Pode sentir a força da onda o empurrando para a praia. Que está deserta, a não ser por uma figura solitária no centro, fazendo uma fogueira.

As ondas o levam até a parte rasa. Ele pula, empolgado, e tira a prancha da água. Coloca-a sob o braço e corre para a fogueira, ainda perplexo ao ver a rapidez com que o ar seca sua pele e as roupas.

— Você me viu lá, capitão? Viu quando peguei aquela onda perfeita?

Sidório não ergue o olhar da fogueira que está fazendo na areia.

— Não.

O capitão põe no centro da fogueira outro galho de madeira trazido pela água. Stukeley crava a prancha na areia e se agacha, ajudando a atizar o fogo.

— Não — repete Sidório, empurrando a mão de Stukeley bruscamente.

— O que há de errado, capitão?

— Nada.

— Não quer pegar uma onda? Elas estão incríveis hoje.

Sidório não diz nada e continua pondo gravetos na fogueira.

Stukeley olha de volta para a água, pensando em retornar para pegar outra onda. Fica olhando o movimento tentador da água. Enquanto faz isso, de repente enxerga um pequeno barco erguido pelas ondas.

— Olhe, capitão!

— O que é, agora? — dessa vez Sidório levanta os olhos. Parece furioso pela nova interrupção, mas Stukeley não se incomoda. Isso é importante.

— Olhe aquele barco. Está vindo para a terra.

— Onde?

De repente a fogueira se acende. Sidório fica de pé e acompanha o olhar de Stukeley. Lá está o barco e um número indeterminado de figuras agarradas enquanto ele rola por cima de uma onda que se quebra e é impelido na direção do barco.

Stukeley se vira para o capitão, esperando alguma ordem. Uma decisão terá de ser tomada, e é prerrogativa do capitão tomá-la. Quando o barco e seus ocupantes chegarem à terra, haverá apenas dois modos de a coisa acontecer. Ou eles vão dar um jeito de se livrar dos viajantes ou farão uma nova matança. O que será?

Os dois já se refestelaram esta noite, mas Stukeley sabe que isso nem sempre é decisivo.

— O apetite jamais se sacia — dissera Sidório. — Pegue o quanto quiser.

Stukeley olha de novo para o capitão, esperando algum sinal. Mas o capitão está grudado no mesmo lugar, os olhos vazios enquanto observa as figuras descendo do barquinho e empurrando-o pela água rasa até a praia de cascalho. Então as figuras olham e uma delas acena. Agora não há como escapar. Sem dúvida eles foram notados.

— O que faremos, capitão?

Ainda não há resposta.

Com o barco encalhado em segurança, três figuras vêm pela praia na direção deles. As formas começam a se definir — dois homens e uma mulher, um dos homens é alto e quase tão largo quanto o capitão. Caminha com o mesmo sentimento de objetividade e agora acena de novo e abre a boca.

— Sidório! Ei, Sidório!

Stukeley se vira. Seus ouvidos devem estar enganados. O capitão está sorrindo. Stukeley se vira de novo e vê o homem alto avançando, começando a correr.

— Sidório! É você, mesmo!

— Lumar.

Agora o capitão caminha para encontrar o estranho. Stukeley vai atrás, a pouca distância. Está intrigado, mas nervoso. Vê o capitão e o primeiro estranho se abraçarem. Será que tudo isso faz parte do plano do capitão?

Enquanto vê o capitão cumprimentar os outros dois viajantes, Stukeley fica menos nervoso. Sidório não disse sempre que haveria outros? Além disso, agora ele não estaria mais tão sozinho com o capitão e seus humores sombrios, silenciosos. No todo, devia ser uma coisa boa, não é?

— Stukeley! — O capitão o está chamando. O ansioso tenente corre para perto do capitão.

— Este é Stukeley — diz o capitão, numa voz que faz Stukeley inflar de orgulho. — Meu tenente.

Ele chega mais perto.

— Este é Lumar — diz Sidório. — Um velho amigo.

O primeiro estranho se adianta e estende a mão. O homem tem um corpo parecido com o de Sidório, mas sua pele é negra e os cabelos cortados curtos, brancos e brilhantes como pele de tubarão ao luar. Além disso, veste-se de modo um tanto parecido com Sidório, usando roupas que lembrem exército e mar.

— É um prazer, Stukeley — diz Lumar, com algo que se parece com um sorriso. Sua voz é intensa e sinistra como um velho sino de igreja.

O aperto de mão é firme, mas, como as de Stukeley, as mãos são geladas.

— Este é Olin. — O segundo homem se adianta e olha não tanto para Stukeley quanto através dele. As mãos dos dois se encontram brevemente. Olin é alto e magro, veste uma capa comprida com um capuz cobrindo a cabeça. O rosto é fino e anguloso dentro do capuz, os ossos quase atravessam a pele pálida. Quando sua mão toca a de Stukeley é como ter um peixe molhado passando pelos dedos. Stukeley fica satisfeito quando Olin recua e permite que o terceiro viajante se apresente.

— E esta é Mistral — diz Sidório.

Uma mulher se adianta. Como Olin, está usando um capuz, mas o tira e ele vê um belo cabelo louro se desenrolar. Stukeley congela. Mistral é a mulher mais linda que ele já viu — tão linda que a visão apaga as lembranças de todas as garotas de seu passado. Ela sorri suavemente para Stukeley e ele sente o coração dar uma cambalhota enquanto Mistral estende a mão pálida e macia na sua direção. Ele a segura como se fosse uma flor frágil e se curva para beijar os dedos. Mistral está usando vários pequenos anéis e os lábios dele roçam o metal frio.

Stukeley ergue os olhos e a vê sorrindo.

— Que charmoso! — diz ela, antes de recuar outra vez, enfileirada com os dois companheiros de viagem.

Sidório se vira para Stukeley.

— Eu disse que eles viriam. Não disse? — Os olhos dele têm um brilho enlouquecido.

Lumar se dirige ao capitão:

— Tivemos de ir embora. Não restava nada para nós naquele navio.

— As regras — chia a voz de Olin —, as regras não faziam mais sentido para nós.

— O método do capitão está ultrapassado — diz Mistral, passando as mãos pelo peito, talvez por causa do frio. — Temos de encontrar novos caminhos.

— Nós sabíamos — entou Lumar. — Sabíamos que você nos levaria por novos

caminhos, Sidório.

Sidório confirma com a cabeça. Parece possuído por uma nova energia, pensa Stukeley. Talvez a espera tenha se mostrado um fardo muito grande para ele. Agora que mais tripulantes chegaram, talvez seu trabalho de verdade — seja qual for — possa começar.

— Tenho planos fantásticos — anuncia Sidório ao grupo. Os outros sorriem e assentem. — Mas venham, viajantes. Venham se esquentar na minha fogueira.

Ele estende a mão e todos começam a andar para a fogueira, que agora está tão luminosa como se Sidório tivesse prendido a própria lua e colocado no meio da praia.

Stukeley observa atentamente enquanto Lumar põe a mão no ombro de Sidório.

— É bom ver você de novo — diz ele.

— É mesmo — concorda Sidório. — Mas como me encontraram?

— Os semelhantes se encontram — diz Lumar com um sorriso sombrio. — Haverá outros. É só o início.



## CAPÍTULO 28

### *Um futuro glorioso*

— Então, o que está incomodando nosso prodígio da pirataria? — perguntou Jacoby enquanto eles partiam para o café-da-manhã no terraço ensolarado.

Connor suspirou.

— É *tão* óbvio assim?

— Acho que é — respondeu Jacoby. — Você estava bem feliz durante o Krav Magá, mas praticamente não disse uma palavra desde então. E fica balançando os joelhos embaixo da mesa. Ó criatura tensa! O que está acontecendo?

— Andei pensando um bocado.

— Epa! — disse Jacoby fisingando uma tira de bacon. — Pensando. Isso é um negócio perigoso! — E mastigou o bacon.

Connor empurrou o prato para longe, mesmo ainda estando pela metade.

— Agora estou *realmente* preocupado — disse Jacoby. — Em geral você deixa seu prato tão limpo como se nem tivesse sido usado. É melhor começar a falar, Connor Tormenta. O que o está incomodando?

— Você sabe que só vou ficar aqui uma semana, certo?

— Claro, sei.

— Bem, já se passaram cinco dias. Só tenho mais dois.

— É verdade, o tempo voou — sorriu Jacoby. — Mas algumas vezes parece que você está aqui há uma eternidade. — Connor ficou sombrio. — ...no bom sentido acrescentou Jacoby.

Connor assentiu.

— O negócio é que... acho que não estarei pronto para ir embora no domingo.

Jacoby mastigou outra tira de bacon.

— Então fique.

— Não é tão simples assim. Você está esquecendo que assinei contrato com o capitão Wrathe. Meu dever é retornar ao *Diablo*.

— Bem, claro, *algum dia*. Mas tenho certeza de que o capitão Wrathe pode

sobreviver mais uma semana sem seu Garoto Prodígio. E tenho certeza de que o comodoro Kuo ficará satisfeito em prolongar sua estadia.

— É, acho que o comodoro Kuo ficaria bastante feliz, mas não sei com relação ao capitão Wrathe. Ele não é um grande fã da Academia.

— Não! — disse Jacoby, despedaçando um bolinho de fruta. — Por quê?

— Um monte de motivos. Para começar, ele não acha possível estudar para ser pirata. Acha que ou você tem isso nas veias ou não tem.

Jacoby deu de ombros.

— Talvez haja alguma verdade nisso.

— Talvez, mas aprendi muita coisa desde que vim para cá. E, se ficasse, poderia aprender muito mais. — Ele estava surpreso com a maré de desejo em sua própria voz.

— Então vá falar com Kuo e deixe que ele resolva a situação com Wrathe.

Connor franziu a testa. Não conseguia imaginar os dois capitães sentando para discutir isso amigavelmente. De repente Jacoby riu.

— Tenho uma idéia. Que tal você ficar aqui e eu voltar ao *Diablo* como seu substituto? Eu adoraria ir para o mar de verdade.

— É mesmo incrível — disse Connor, lembrando-se do sentimento de liberdade que sempre havia experimentado quando o *Diablo* navegava pelo mar aberto. De repente ficou cheio de lembranças calorosas do navio e de seus colegas tripulantes.

— Eu quero muito voltar — disse —, só que não agora.

— Então beba seu suco de romã e vá falar com o comodoro Kuo.

— Falar o quê com o comodoro Kuo?

Jacoby e Connor levantaram a cabeça e viram Cheng Li inclinada sobre a mesa. Ela havia chegado em silêncio. Nenhum dos dois sabia havia quanto tempo ela estava ali.

— Eu estava dizendo... — disse Connor —, isto é... eu só estava imaginando...

Cheng Li deu-lhe um olhar de lado, com uma sobranceira erguida com ar divertido.

— Ele quer saber se pode prolongar a estada — disse Jacoby com um sorriso largo.

— Sei — respondeu Cheng Li.

— Ele está preocupado com a reação do capitão Wrathe mas acho que o comodoro Kuo pode cuidar disso.

— Ah, acha mesmo? — disse Cheng Li, olhando o relógio da academia. — Jacoby, não está na hora de sua aula de biologia marinha?

Jacoby acompanhou o olhar dela até o mostrador do relógio pendurado sobre o terraço, cercado de buganvílias.

— Ah, é. Connor, é melhor a gente ir andando, para não perder a aula.

— Tudo bem — disse Cheng Li. — Vá você e diga ao capitão Solomos que eu peguei o sr. Tormenta emprestado para um negócio importante da Academia.

— É muito cruel de sua parte me cortar da conversa exatamente quando as coisas estão ficando interessantes — riu Jacoby. — Mas tudo bem, srta. Li. Se isso ajudar a causa do Garoto Prodígio, quem sou eu para reclamar?

Ele pulou da cadeira e piscou para Connor.

— Até mais tarde, companheiro. — Os dois bateram os punhos enquanto Cheng Li ocupava a cadeira deixada por Jacoby.

— Bem — disse Cheng Li, enquanto Jacoby descia correndo a colina até o

laboratório de biologia. — Devo dizer, Connor, que você se estabeleceu aqui na Academia mais rápido ainda do que eu havia previsto.

Connor deu de ombros.

— Eu só queria não me sentir tão dividido. Sei que meu dever é para com o capitão Wrathe e meus colegas tripulantes do *Diablo*. Mas realmente gosto daqui. E estou aprendendo muito.

Cheng Li riu de orelha a orelha.

— Eu sabia que você iria gostar. Nós dois somos feitos da mesma matéria. Por mais que sejamos talentosos naturalmente, ainda sentimos fome de mais conhecimento.

Connor estava tão acostumado à arrogância de Cheng Li que ela mal se registrou agora, mas talvez a jovem estivesse correndo o perigo de superestimá-lo. Ele jamais sentira fome de conhecimento antes. Pelo menos do tipo de conhecimento que era empurrado em sua direção na escola de Baía Quarto Crescente. Mas certamente era verdade que, no quesito pirataria, queria saber tudo. Suas ambições cresciam a cada dia.

— O que está pensando? — perguntou ela.

— Ah, não adianta. Só queria que o comodoro Kuo deixasse eu ficar mais uma semana, mais ou menos. Mas que diferença isso faria? Você passou dez anos aqui. Jacoby está há quase esse tempo. Nunca vou poder alcançar os outros.

— Bem, não em uma semana. Claro que não. Mas, com o risco de fazer essa sua cabeça inflar, você tem um talento prodigioso, Connor. Não há nenhum aluno da Academia, além de Jacoby, que se rivalize com sua habilidade no uso da espada. E sei que falo pelo resto dos professores quando digo como ficamos impressionados com sua capacidade de acompanhar as aulas aqui. E frequentemente com garotos mais velhos.

Connor ficou vermelho. Ser elogiado por um professor era uma experiência totalmente nova.

— É estranho, não é? — disse ele. — Há alguns meses eu estava lá, preso numa cidade de fim de mundo, durante todos aqueles anos. Então meu pai morreu e quase o acompanhei à sepultura. Mas sobrevivi, você me resgatou e... bem, é como se todo aquele tempo eu estivesse esperando. Todos aqueles anos. Esperando que a pirataria me chamasse. Como se fosse o meu destino, como se isso estivesse no meu sangue o tempo todo.

Cheng Li assentia furiosamente.

— É exatamente o que eu penso. Você pode ser filho de um faroleiro, Connor, mas nasceu para ser pirata.

— Nasci para ser capitão? — perguntou Connor, pensando de novo em sua visão do futuro.

— Capitão, e mais ainda. Talvez, um dia, comodoro, o capitão dos capitães. Há um futuro glorioso para você — disse Cheng Li, sorrindo. Então sua expressão mudou, como se um vento gélido tivesse soprado no terraço. — Mas temos de resolver algumas circunstâncias infelizes que surgiram.

Connor a olhou com curiosidade.

— Temos de liberá-lo do contrato com o capitão Wrathe — explicou ela.

— Mas o contrato vale... por toda a vida. Eu assinei com meu próprio sangue.

Cheng Li sorriu de novo.

— Que bobagem! Sempre há um jeito. Em especial com um homem como Wrathe. É só uma questão do que ele exigir em troca. Você sabe como ele é. Agora, não se

ofenda, garoto, mas você provavelmente poderia comprar sua liberdade de volta com um medalhão de safira.

Connor se frustrou de novo. Será que Molucco de fato o trocaria com tanta facilidade? E, mesmo que fosse o caso, como ele conseguiria pôr as mãos numa safira? Não tinha nada de seu, além de uma pequena quantidade de butim que adquirira depois dos ataques. Certamente não havia nada em seu poder que pudesse tentar um homem com as vastas riquezas de Molucco.

— Ah, coitadinho — disse Cheng Li, recostando-se na cadeira. — Acha que eu quis dizer que você teria de *comprar* a liberdade? Claro que não! Você não está mais sozinho, Connor. Você tem apoiadores com poder e influência consideráveis. John Kuo não é simplesmente diretor da Academia. É um dos agentes mais poderosos da Federação dos Piratas.

— O que, exatamente, é a Federação dos Piratas?

— Acho que você deveria fazer esta pergunta ao comodoro Kuo. Vou marcar uma reunião para vocês mais tarde. Por que não continua com suas aulas enquanto eu falo com o diretor?

Connor se levantou da mesa e pendurou a mochila no ombro.

— Obrigado por tudo — disse ele.

— Não agradeça, ainda, só se lembre de que você me deve... e que um dia vou cobrar a dívida. — Ela estava sorrindo, mas Connor sentiu um estranho arrepio. Não tinha dúvida de que Cheng Li falava absolutamente a sério.

Começou a se afastar, a cabeça pesada com todos os pensamentos sombrios que borbulhavam por dentro. De repente se virou. Cheng Li estava de pé e caminhava pelo terraço. Ele precisou correr para alcançá-la. Ela se virou, ao ouvir seus passos.

— O que foi?

— Não quero traír o capitão Wrathe. Ele fez muito por mim.

Cheng Li assentiu e pousou a mão em seu ombro.

— Entendo, Connor — suspirou ela. — Mas foi um gesto apressado você se ligar à tripulação dele perpetuamente. Há oportunidades maiores e melhores para você. Não pense que ele não sabe disso. Não pense nem por um momento que ele não sabia o que estava fazendo quando o levou a assinar aquele contrato.

Ao passar pela porta, ela deixou Connor do lado de fora, avaliando suas palavras. Seria verdade? Será que Molucco havia se aproveitado da sua ingenuidade para prendê-lo no serviço antes que ele descobrisse a existência de outras opções? Era uma acusação dura. Mas, se Cheng Li estivesse certa e Molucco tivesse agido rápido, talvez fosse hora de se afastar. A despeito do custo.

Enquanto zigzagueava morro abaixo, Connor olhou por cima do ombro, na direção da janela de Grace. Os postigos continuavam fechados. Era mais de dez horas e não havia sinal de vida lá em cima. Teve vontade de perguntar sobre Grace a Cheng Li, mas estava preocupado demais com seu próprio dilema. Bem, poderia dar uma olhada em Grace durante o recreio — ou, se não pudesse, na hora do almoço. Não era como se ela tivesse ido a algum outro lugar, pensou.



## CAPÍTULO 29

### *A tempestade que se aproxima*

Por acaso Connor não conseguiu ver Grace durante o recreio. Em vez disso, se deixou levar pela preguiça sob um pé de romã com Jacoby e Jasmine — abrigando-se do sol, comendo a fruta madura e falando de bobagens agradáveis até a hora da aula de espadas do capitão Larsen. Eram dois tempos de aula, conduzidos em ritmo rápido pelo formidável capitão dinamarquês.

Em seguida veio uma aula de comando e montagem de tripulação. Segundo o horário, Cheng Li deveria dar a aula, mas na verdade foi o comodoro Kuo que entrou na sala de seminários, para surpresa dos alunos que esperavam.

— Sei que estavam esperando a srta. Li, mas hoje vocês deram azar — disse ele com um sorriso.

Ninguém foi contra. O diretor era um dos professores mais populares da Academia e os alunos consideravam cada tempo extra com ele como sendo um bônus, e não uma tarefa. Comando e montagem de tripulação havia se tornado rapidamente uma das aulas prediletas de Connor, e o modo como o comodoro Kuo ensinava era muito menos didático que o de Cheng Li. Em vez de dizer como fazer as coisas, o comodoro Kuo era mais inclinado a montar uma situação e depois pedir sugestões diferentes.

— Lembrem-se de que, quando cada um de vocês tiver o posto de capitão, na maioria das situações não haverá um sentido claro de certo ou errado. Haverá centenas de soluções possíveis, e será sua responsabilidade escolher a correta para vocês e suas tripulações — disse ele.

A aula de quarenta minutos passou rapidamente, com Jacoby e Jasmine discordando violentamente sobre como enfrentar uma disputa entre membros da tripulação e Connor e Amir oferecendo idéias sobre como enfrentar a falta de suprimentos a bordo. Em cada caso o diretor atraía habilmente os alunos a defender as opções que eles haviam escolhido e depois se recusava a julgar uma das soluções como sendo melhor que as outras — em vez disso pedia aos outros alunos para apresentar

seus pontos de vista. A turma endossou amplamente a abordagem mais refletida de Jasmine para resolver o conflito, e pareceu impressionada com as idéias pragmáticas de Connor sobre a imposição de raciocínio em situações extremas.

Quando o sino do almoço tocou, os alunos ainda estavam profundamente envolvidos na discussão. Por fim, o comodoro Kuo teve de expulsá-los para a luz do sol.

— Sr. Tormenta — chamou ele baixinho enquanto Connor recolhia seus papéis.  
— Podemos trocar uma palavrinha?

Connor se virou. Estava com o coração disparado. Sem dúvida o comodoro Kuo sabia sobre seu pedido. O que se passasse nos próximos minutos decidiria todo o seu futuro.

— Vamos andar e conversar — disse o diretor, indicando para Connor ir na frente. Os dois começaram a subir para o terraço, a uma distância segura de ouvidos curiosos.

— A srta. Li me contou sobre a conversa de vocês — disse o diretor. — E, bem, claro, acho ótimo você estar querendo prolongar a estada aqui. — Ele parou antes de ir em frente. — Quanto tempo, exatamente, você estava pensando que gostaria de ficar?

Connor pigarreou enquanto juntava coragem.

— Talvez... talvez mais uma semana?

— Só uma semana? — O comodoro Kuo achou divertido. — E acha que em mais uma semana irá sugar até a última gota dos conhecimentos que temos para oferecer?

— Não, não. Claro que não — respondeu Connor, sentindo-se idiota. — Mas tenho minhas obrigações.

— Sei, sei. Você tem suas obrigações com o capitão Wrathe e a tripulação. É muito elogiável que pense assim, Connor. Mas vamos supor, só por um instante, que eu tivesse uma varinha mágica e pudesse resolver para que você ficasse aqui por quanto tempo quisesse, a despeito dos compromissos atuais. Nesse caso você gostaria de ficar somente mais uma semana?

— Não, eu...

— Um mês, quem sabe?

— Bem, talvez...

— Até o fim do ano?

Connor sentiu um jorro de empolgação com aquelas palavras. O caminho diante deles começava a subir a íngreme colina. À direita as águas brilhavam no porto.

Os olhos escuros do comodoro Kuo refletiam o sol sobre o oceano.

— Suponha que eu pudesse dar um jeito para você se tornar um aluno em tempo integral aqui — disse ele. — Que mexesse no currículo de modo que você tivesse aulas particulares além das aulas em grupo, para acelerá-lo, por assim dizer. O que acharia?

Connor suspirou.

— Seria ótimo. Ótimo mesmo.

— É disso que você gostaria? Bem, nesse caso é melhor tentarmos pensar nas possibilidades. Deixe por minha conta, Connor. — Ele bateu de leve na cabeça. — Dê a essas velhas células cinzentas a chance de pensar na situação. — E sorriu. — Falo com você mais tarde. Enquanto isso, aproveite o almoço.

Com um tapinha no ombro, ele deixou Connor no terraço. Enquanto o diretor se afastava, Connor viu Jacoby acenando para ele. Estava sentado a uma mesa com Jasmine,

Amir e alguns outros da turma. Tinham guardado um lugar para ele. Sorrindo, Connor foi encontrá-los.

Durante a aula de três tempos sobre estratégia de ataque náutico, depois do almoço, o céu se abriu. Numa sala de aula no fim de um dos corredores sinuosos que partiam da Rotunda, o capitão Solomos e seus alunos pararam com os estudos para olhar o céu escurecendo e as nuvens densas expelindo jatos de chuva sobre o terreno da Academia. Depois retomaram o debate, só sendo interrompidos por um chicote de raio.

— Uma tempestade — disse o capitão Solomos, os olhos se iluminando com dramaticidade característica. — Faz um tempo que não tínhamos uma tempestade tão violenta. — Ele fechou o livro didático. — Turma, vamos interromper a discussão. Em vez disso, vamos pensar em como poderíamos usar um tempo como esse para montar um ataque inspirado.

Enquanto Connor juntava os livros no fim da aula de EAN, o capitão Solomos o chamou.

— O comodoro Kuo pediu para você ir ao escritório dele — disse a Connor com um sorriso —, para continuar a conversa de antes.

Connor entrou na sala forrada de lambris, encontrando o diretor atrás de sua mesa imaculada, lendo alguns papéis.

— Ah, sr. Tormenta. Por favor, sente-se. Quer um pouco de chá?

Connor aceitou a pequena xícara de chá perfumado.

— Estive pensando em nossas conversas anteriores — disse o diretor. — E tenho uma proposta.

Connor assentiu. Tomou um gole do chá.

— O que você sabe sobre a Federação dos Piratas? — perguntou o comodoro Kuo.

— Quase nada — admitiu Connor.

— Excelente. — O diretor piscou um olho. — Gostamos de manter a coisa assim, com relação a quem está do lado de fora. Mas é uma coisa muito diferente com os de dentro.

Connor se inclinou adiante. Agora o diretor tinha toda a sua atenção.

— Deve ser claro para você — continuou o comodoro Kuo — que a pirataria está num processo de mudança significativa e rápida neste momento. Isso se deve ao trabalho da Federação em todo o planeta. — Ele se levantou da mesa e indicou um globo de vidro ao lado de Connor. — Dê um giro nele.

Connor estendeu a mão e girou o globo. Enquanto o vidro rodava, sua superfície ficou preta e centenas de luzes começaram a piscar para ele, como estrelas no céu noturno.

— Está vendo estas luzes? Cada uma representa uma célula da Federação dos Piratas. Em todo o mundo. Outras estão surgindo o tempo todo.

Connor ficou impressionado.

— Há um enorme abismo, que cresce cada vez mais, entre os piratas que atuam dentro da Federação — explicou o comodoro Kuo — e os que, como Molucco Wrathe,

estão de fora. Os que sabem das coisas estão formando alianças, não somente nos oceanos, mas também em terra. Em pouco tempo nossa influência será impossível de ser impedida. E, em vez de trabalhar como tripulações dispersas, frequentemente entrando em conflito umas com as outras, você verá a formação de vastas frotas de navios piratas unidos numa causa única.

Era uma conversa inebriante. O comodoro Kuo chegou à frente da mesa e sentou-se nela, virado para Connor.

— Uma organização assim precisa de líderes, e um dos meus trabalhos na Federação é recrutar os líderes do futuro.

Seu olhar se cravou em Connor, que pensou de novo na visão que tivera, de se tornar um capitão pirata. Mas será que ele iria — será que *poderia* — se tornar um capitão dentro da Federação?

— Vou lhe dizer uma coisa agora, Connor, algo que deve permanecer dentro das paredes desta sala. Entende?

— Sim, senhor.

— Excelente. Primeiro... mais chá?

Connor balançou a cabeça. Estava intrigado demais para se distrair, de qualquer modo. O diretor juntou as mãos.

— Fui eu que recrutei a srta. Li para a Federação. Soube, desde o tempo dela na Academia, que seria muito valiosa. E estava certo.

Lá fora houve o estalo de um trovão. O diretor olhou por cima do ombro.

— Adoro tempestades. Você não?

— Na verdade, não muito — respondeu Connor, já que o trovão era uma lembrança do pior momento de sua vida.

— Ah, claro que não. Desculpe. Que insensibilidade, a minha.

— Tenho uma pergunta — disse Connor, recusando-se a deixar que a tempestade o distraísse.

— Vá em frente.

— A srta. Li estava espionando o capitão Wrathe? O capitão Drakoulis disse que esse era o motivo para ela estar no *Diablo*. Que havia sido mandada pela Federação.

O rosto do comodoro Kuo era uma máscara. Ele se inclinou para trás e calmamente se serviu de um pouco de chá. Tomou um gole e em seguida aninhou a xícara nas mãos.

— Tenho certeza de que você entenderá que alguns assuntos da Federação devem permanecer confidenciais. Mas o principal motivo para a srta. Li entrar para o *Diablo* foi terminar seu aprendizado como subcapitã. Nossa política é acelerar o processo para nossos recrutas se tornarem capitães.

O diretor encarou Connor de novo e o garoto achou que, apesar de toda a diplomacia, Kuo estava respondendo afirmativamente. Cheng Li *foi* mandada para espionar Molucco. Ele não tinha certeza do que achava disso.

— Mas, se o capitão Wrathe atua fora da Federação, por que a srta. Li deveria servir ao lado dele?

— Boa pergunta, Connor, mas a verdade é a seguinte: nenhum navio fica realmente fora do domínio da Federação. Só que alguns capitães ficam cegos para esse fato.

Então será que o capitão Wrathe representava um risco tão grande para a

Federação? O comodoro Kuo falava do *poder* que a Federação buscava. Mas quais seriam exatamente seus objetivos? E será que eram tão diferentes dos de Molucco?

— Há uma grande diferença entre os ganhos imediatos — disse o diretor, como se lesse os pensamentos de Connor — e as recompensas mais frutíferas da gratificação prolongada. Um saquezinho rápido aqui e ali não se compara ao verdadeiro tesouro do poder, um poder *conservado* a longo prazo. Esse é um objetivo pelo qual vale a pena esperar, planejar. Não acha?

Connor não tinha certeza. Tinha outra pergunta; uma das grandes.

— O capitão Narcisos Drakoulis faz parte da Federação? — E respirou fundo. — O ataque dele contra o *Diablo* foi planejado pela Federação? — Havia uma terceira pergunta que ele queria, mas não ousava, fazer. Será que a Federação era responsável pela morte de Jez Stukeley? Enquanto esperava a resposta de Kuo, tomou uma decisão. Se a resposta fosse sim, Connor jamais trabalharia para a Federação, de modo nenhum.

— Como falei antes — disse Kuo —, alguns assuntos da Federação precisam ser mantidos como confidenciais...

O sangue de Connor gelou nas veias. Não conseguia acreditar nos próprios ouvidos. Era como se o comodoro tivesse confessado sua responsabilidade direta.

— ...mas direi que Drakoulis é tão louco e destrambelhado em suas ações quanto Wrathe. Talvez mais ainda. Não se pode confiar a resposta de dois para executar uma missão da Federação.

Então agora ele negava. Mas estava longe de ser uma negativa clara. Connor ficou imaginando para que lado deveria se virar. Sentia-se à deriva no oceano, sem saber quem era seu amigo e quem era inimigo. Imagens do capitão Wrathe e de Narcisos Drakoulis nadavam em sua mente. Então os dois sumiram e ele se viu de novo olhando diretamente os olhos do comodoro Kuo. Eram olhos gentis, Olhos dignos de confiança. Não o tipo de olhos que mandavam um jovem pirata como Jez Stukeley para a morte.

— Você pode pensar — prosseguiu o comodoro Kuo com um sorriso — que é incomum recrutar alguém tão jovem como você, mas entenda que estou querendo reforçar a Federação até o mais longe possível, no futuro. — Ele fez uma pausa. — De fato há outros jovens colegas seus, aqui na Academia, que já estão trabalhando para nós.

Connor pensou nisso por um momento. Jacoby! Ele era um aluno brilhante. O diretor devia estar falando de Jacoby. Teria de perguntar isso ao amigo quando o visse da próxima vez.

— Lembre-se do que falei sobre essa conversa permanecer dentro das paredes deste escritório — disse o diretor. — Lembre-se também de que todos os membros da Federação fazem juramento de segredo... sob pena de morte.

*Certo*, pensou Connor. Talvez não fosse fazer essa pergunta ao Jacoby por enquanto.

— Chega de preâmbulos — disse o comodoro Kuo. — O fato é que estivemos observando você atentamente, Connor; os outros professores e eu. Durante esta semana que você passou conosco na Academia e, confesso, já há um tempo, antes. E chegamos à conclusão unânime de que gostaríamos que você entrasse para a Federação. Achemos que você seria um dos nossos recrutados mais brilhantes. E, sem querer extrapolar meu argumento, acho que poderíamos lhe oferecer um mundo de oportunidades que você nem imagina.

Connor se sentiu empolgado e intrigado com a oferta. Era lisonjeiro perceber que tinham tanta consideração por ele, ainda que fosse um tanto desconcertante saber que tinha sido observado. Estava ficando claro para ele que a Federação tinha olhos em toda parte.

— Você não precisa decidir imediatamente, claro — disse o comodoro Kuo —, mas seria bom se tivéssemos uma resposta antes do retorno do capitão Wrathe no fim de semana. Preciso preparar o terreno, por assim dizer. E não preciso falar que, para ingressar na Federação, você deve primeiro se comprometer com os estudos aqui na Academia.

Connor assentiu. Sua cabeça estava disparando com as novas informações.

— Diga — pediu o diretor —, qual a sua intenção inicial?

Connor pigarreou.

— Minha intenção é... — ele respirou fundo, sentindo que estava para mergulhar de uma grande altura — ...sim, quero entrar para a Federação...

— É uma notícia maravilhosa.

— ... mas não sei como posso fazer isso sem chatear o capitão Wrathe. E ele tem sido bom para mim.

— Entendo sua preocupação — disse o diretor, levantando-se e indo até um retrato seu, de quando era mais jovem — e isso conta totalmente a seu favor. — Ele empurrou a pintura para o lado. Atrás dela havia o botão de um cofre, que Kuo começou a girar para um lado e para outro. Por fim a porta do cofre se abriu e o comodoro Kuo enfiou a mão e pegou uma sacola de veludo. Em seguida voltou à cadeira e começou a desamarrar o cordão da sacola.

— Só precisamos falar com Molucco em sua linguagem predileta — disse o diretor, sorrindo. Em seguida abriu a sacola e sacudiu-a. Um monte de safiras perfeitas se derramou sobre a mesa.

Connor ofegou. O diretor sorriu, estendendo a mão para as jóias.

— Agora, quantas você acha que bastariam para adoçar o Molucco? Uma pedra ou duas?

Grace estava na varanda, olhando a tempestade. Não ouviu a batida na porta.

Virou-se e viu Cheng Li entrando no quarto com uma bandeja de comida.

— Trouxe seu jantar — disse Cheng Li, arrumando a mesa. — Achei que você ia preferir comer sozinha.

Grace confirmou com a cabeça, relutando em se afastar da tempestade. Virou-se de novo para o jardim. Cheng Li veio se juntar a ela na varanda.

— Está virando uma tremenda tempestade — disse Cheng Li.

— É. Traz lembranças de volta.

Cheng Li ia falar, mas hesitou.

Grace assentiu.

— Acho que está na hora.

— Tem certeza? Quero dizer, podemos estar erradas. Podemos estar loucas.

Grace deu de ombros.

— Uma tempestade dessas só acontece raramente. Seria uma pena desperdiçar.

— Se for assim, então venha e vamos comer alguma coisa. Esta noite você vai

passar por uma tremenda dificuldade. É melhor ganhar forças.



## CAPÍTULO 30

### *Agora somos cinco*

Desde a chegada dos “outros”, Sidório perdeu todo o interesse em surfar. Agora apenas Stukeley surfa enquanto o capitão passa o tempo em conversas intensas com a tripulação. A cada noite eles armam uma fogueira e os quatro sentam em círculo, como velhos amigos — falando em voz baixa, tramando. Stukeley surfa sozinho. Sou jovem demais para passar todo o tempo sentado e tramando, pensa. Em verdade, não sabe mais se é jovem ou velho. A idade perdeu todo o significado para ele.

Desde a chegada do resto da tripulação, Sidório mal disse duas palavras com Stukeley — com *seu tenentê*. É desorientador. Por mais que seja uma criatura estranha, Sidório se tornou o centro do mundo de Stukeley. Foi ele que o trouxe de volta. Isso Stukeley jamais esquecerá. Sidório é seu capitão e seu pai. É um laço inquebrável. Mas agora Sidório o ignora.

Por um tempo ele se perde no surfe. Uma tempestade está se formando e as ondas são fortes — ele gosta da força delas. A chuva cai e os raios estouram ao redor, o que só aumenta a diversão. Agora ele é um surfista incrível. Está feliz como uma criança, enquanto os “adultos” conversam na areia. Sente-se feliz longe deles. O que se chama Lumar arenga incessantemente, como se *ele* fosse o capitão. Stukeley não entende por que Sidório não o põe no devido lugar. O que se chama Olin fala pouco, mas o modo como observa a gente é irritante. Seus olhos se fixam e não se afastam. Se você os encara, seus olhos começam a queimar sob a intensidade do olhar dele.

A única de quem Stukeley gosta é a garota — Mistral. Ela sempre sorri para ele e abre espaço para ele junto à fogueira. Stukeley gostaria que Mistral tivesse aparecido sem os outros dois. *Ela* é um bom acréscimo à tripulação. Seria bom se os outros fossem embora! Mas ficam grudados como cracas ao capitão.

Por fim Stukeley se cansa de surfar e cavalga a última onda em direção à praia. Seus pés batem na areia e, como sempre, as roupas e a pele ficam secas — mesmo sob a chuva forte. Ele corre pela tempestade em direção à fogueira. A princípio imagina como eles a mantêm acesa no meio da tempestade e como se ouvem conversando acima do

rugido dos trovões e da batida do mar nos penhascos. Mas, ao chegar à fogueira, percebe que o ruído da tempestade diminui. Além disso, a areia está perfeitamente seca ali. É como se estivessem protegidos da tempestade por um globo invisível.

Mistral se vira e sorri para ele. A luz de seu olhar é mais brilhante do que a própria fogueira.

Ele joga a prancha no chão e se junta ao círculo.

— E então — diz, decidindo que tentará ser amistoso —, o que vocês estão falando?

— Ah, tenente Stukeley — diz Lumar, levantando os olhos e sorrindo sem nenhum traço de cordialidade. — Falamos de muitas coisas.

— Muitas coisas, tenente Stukeley — repete Sidório.

Stukeley sente os olhos famintos de Olin sobre ele. Recusa-se a retornar o olhar, em vez disso espia as chamas. E sente uma mão macia no ombro.

— Estamos planejando o próximo estágio — diz Mistral.

Stukeley se vira para ela. Mistral estende os dedos para sua testa e empurra para trás uma mecha de cabelos revoltos. Ele estremece ao toque. Ela sorri de novo.

— O barco em que viemos é pequeno demais para todos nós — diz Lumar. Algumas vezes a voz dele é suave demais. Stukeley mal consegue ouvir as palavras. Mas Lumar sempre senta ao lado de Sidório e o capitão sempre ouve suas palavras, como se elas derramassem mel em seus ouvidos.

— O nosso bote também é pequeno demais — anuncia Sidório.

Cinco pares de olhos se viraram para os dois pequenos cascos amarrados ali perto. Eles balançam na água agitada — o oceano é como um cavalo tentando derrubar os cavaleiros, mas os barquinhos aguentam. Stukeley olha com carinho para o bote. Ele serviu muito bem aos objetivos quando eram apenas o capitão, Stukeley e as pranchas de surfe. Há quanto tempo foi isso? Parece uma eternidade.

— Precisamos de um navio — diz Lumar baixinho.

— Precisamos de um navio — estrondeia Sidório.

— É — diz Lumar, assentindo, como se a idéia fosse nova. — É, precisamos de um navio.

— Um navio. — São as primeiras palavras que Olin falou na presença de Stukeley durante toda a noite.

— O nosso plano é o seguinte — diz Mistral, sorrindo para Stukeley. Ele está preparado para concordar com *qualquer* plano que ela sugira.

Sidório se levanta. Sem dizer nada, afasta-se do círculo, indo para os barquinhos.

— Venham — diz Lumar aos outros. — Esta noite vamos viajar ao longo do litoral. Veremos que navios estão nestas águas e vamos pensar mais sobre isso.

— É uma boa idéia? — pergunta Stukeley, esquecendo, por um momento, seu ódio por Lumar. — Não vamos ter problema nesta tempestade?

Lumar sorri, dessa vez um sorriso inteiro, de verdade. É o sorriso mais maligno que Stukeley já viu.

— O tempo não precisa mais incomodar você, tenente. Não há mais tempestade para nós.

As palavras de Lumar se mostram verdadeiras. Por mais que o tempo fique violento ao redor, de algum modo o pequeno bote se move com firmeza pelas águas, como se elas estivessem calmas. E a chuva não encharca os cinco passageiros. De novo Stukeley imagina que eles estão protegidos por um pequeno globo.

Mesmo assim, pensa ele, o bote, ainda que maior do que o barco em que os outros chegaram, é realmente pequeno demais. Um navio seria melhor. Num navio ele poderia ficar longe de Lumar e Olin sempre que quisesse. Um tenente teria seu próprio alojamento. E, num navio, ele poderia ficar a sós com Mistral. Quanto mais pensa nisso, mais vê as possibilidades. Quer um navio. Quer agora. É assim que seu apetite funciona ultimamente.

Mas, enquanto o bote se mantém junto à costa, eles não passam por nenhum navio. O mar está abandonado — porque nenhum navio acha bom enfrentar aquelas águas.

— Paciência! — diz Lumar, sorrindo de novo. — Precisamos ter paciência. Todos os nossos desejos se realizarão. Se não esta noite, logo.

Stukeley detesta o modo como Lumar fala. Palavras grandiosas. Que não dizem nada. Ele parece ter necessidade de ocupar todo o espaço. Melhor ficar quieto. Quietos como o capitão. O capitão, que o trouxe de volta do outro lugar.

Continuam navegando, rodeando a ponta do litoral. Stukeley vê a chuva golpear os penhascos escuros — gotas d'água iluminadas pelo luar suave. Arbustos esparsos parecem esticar-se da borda do penhasco. Alguns são arrancados pelo vento e caem nas águas negras. O bote continua, imperturbável. Eles viram a ponta do penhasco e, ao fazer isso, vêem luzes à distância. Luzes num morro.

— O que é isso? — pergunta Lumar.

Todos levantam os olhos quando um grande arco aparece.

As luzes e o arco provocam um leve reconhecimento em Stukeley.

— É um porto? — pergunta Mistral.

— Atrás desse arco? — diz Lumar. — É, acredito que sim!

— Vamos olhar mais de perto? — pergunta ela.

Lumar se vira.

— O que acha, capitão?

Todos olham para Sidório.

Ele está de pé, olhando na direção do grande arco e através dele. Há uma expressão estranha em seu rosto.

— O senhor parece perturbado, capitão — diz Lumar. — O que o está perturbando?

Sidório não responde imediatamente. Seus olhos espiam através do arco, por sobre a água, até o cais, e depois o morro acima.

— A garota — diz ele finalmente.

— A garota? — repete Lumar.

— Que garota? — pergunta Mistral.

Sidório balança a cabeça devagar.

— A garota do livro. — Fala ao mesmo tempo para si mesmo e para os outros.

— Acho que não estou acompanhando, capitão — diz Lumar. Dessa vez a frustração em sua voz é evidente.

O bote chegou ao arco. Agora o arco está protegido, como o barco, da chuva e dos raios. Sidório continua de pé, olhando à distância. Stukeley levanta-se, juntando-se a ele.

— Cuidado, idiota! — diz Lumar. — Vai desequilibrar o barco.

— Certamente nada pode desequilibrar *este* barco, não é? — diz Stukeley com um sorriso.

Lumar o encara irritado.

— Olhem — diz Mistral, apontando para as letras gravadas. — É uma academia.

*Academia.* A palavra provoca um eco em algum lugar da mente de Stukeley. Assim como o arco e as luzes no morro. Ele sabe o bastante para perceber que já esteve aqui antes.

— Devemos passar pelo arco? — pergunta ele a Sidório.

— A garota e o livro — repete Sidório. — Ela conhece a minha história.

Stukeley assente, encorajando.

— Gostaria que a gente passasse pelo arco, capitão?

Mas não há resposta. Agora os olhos de Sidório estão vazios. Todos vêm isso. No lugar dos seus olhos há poços de fogo. A fome o está dominando. E é contagiosa. Cada um começa a sentir a mesma fome premente, subindo por dentro. Até que cinco pares de olhos estão em chamas, como faróis na noite escura.



## CAPÍTULO 31

### *Entrando no fogo*

Grace empurrou os postigos do quarto e saiu à varanda. Mesmo úmida, a noite escura estava quente e abafada, e a chuva não diminuía o calor. Se fosse possível enchente e fogo ao mesmo tempo, a sensação seria essa.

A tempestade se apoderara da Academia e agora assolava os jardins como uma matilha de feras selvagens. As árvores estavam sendo sacudidas por mãos invisíveis que as curvavam como ossinhos da sorte, prontos para se partir. Os canais de água, geralmente plácidos, borbulhavam como corredeiras, descendo do terraço para o cais. E lá embaixo, lá no porto, os barcos da Academia eram sacudidos violentamente pelas águas escuras e turbulentas que esta noite viam ser negado seu sono pacífico.

Grace olhava tudo aquilo, enquanto a chuva quente encharcava sua pele, o cabelo e as roupas. Olhava tudo e pensava na noite, havia cerca de três meses, em que testemunhara pela última vez uma tempestade assim — não do abrigo relativo de uma varanda, e sim nas próprias águas escuras. Olhava tudo aquilo e pensava nos Vampiratas. Era o tempo perfeito para se reunir a eles.

Sentiu um ombro roçar no seu e se virou, vendo que Cheng Li havia se juntado a ela na varanda. Grace sorriu, cheia de objetividade.

— Tem certeza absoluta disso? — perguntou Cheng Li.

Grace confirmou com a cabeça.

— Tenho.

Cheng Li pousou a mão no ombro de Grace por um instante. Juntas, olharam o tumulto da tempestade.

— Você sabe o risco que está correndo?

As palavras quase se perderam no súbito rugido do trovão. Grace esperou que ele passasse, antes de responder.

— Vale o risco. — Pensou em Lorcan e sentiu a adrenalina jorrar no corpo. — Venha, vamos fazer isso agora, antes que eu perca a coragem.

Retornou ao quarto. Cheng Li foi atrás, fechando os postigos.

— Você deveria deixar um bilhete para Connor.

— Achei que você poderia contar a ele.

Cheng Li pensou por um momento.

— Um bilhete seria melhor.

— Certo — disse Grace, não querendo perder mais tempo. Não querendo desperdiçar essa tempestade. Mas o tempo ruim duraria a noite toda. Mais alguns minutos não seriam decisivos.

Grace abriu cuidadosamente a caixinha que Darcy lhe dera e pegou uma caneta e um dos cadernos. Relutante em estragar os cadernos, que haviam assumido um significado especial, tirou uma página dupla do centro. Alisou a folha e pensou no que escreveria. A inspiração veio rapidamente. Rabiscou as palavras, depois soprou a tinta para secar mais depressa. Ao fazer isso, algumas gotas de água da chuva caíram de seu cabelo molhado sobre a folha. A água encontrou a tinta não totalmente seca e borrou a escrita. Estava uma sujeira, mas ainda era legível, e ela não queria perder mais tempo começando.

Depois de esperar um momento, dobrou o papel e então — com cuidado para manter o cabelo molhado longe — acrescentou um “C” do lado de fora, e o deixou sobre a mesinha-de-cabeceira.

Guardou a caneta e o caderno de volta na caixa e a trancou de novo. Incomodava-a deixá-la para trás, mas pelo menos poderia levar a chave, e ninguém a abriria. Era uma bobagem, pensou, toda essa confusão por causa de alguns cadernos secretos. Mas, afinal, ela possuía muito pouca coisa ultimamente, além daqueles segredos.

— Pronta? — perguntou Cheng Li, que estava de costas para Grace, olhando a tempestade.

Grace confirmou com a cabeça.

— Vamos.

Cheng Li manteve a porta aberta para ela e as duas saíram para o corredor escuro, andando rapidamente e em silêncio ao longo da fileira de portas fechadas, descendo a escada e indo para o jardim da Academia.

— Tenha cuidado — disse Cheng Li, gritando acima do vento uivante, enquanto chegavam à grama golpeada pela chuva. — Você não vai querer escorregar.

Grace assentiu. De jeito nenhum iria escorregar agora. Estava mais convencida do que nunca. Esse *era* o único caminho.

As duas estavam encharcadas pela tempestade enquanto desciam o morro. Nenhuma outra alma havia se aventurado ao ar livre e, ao olhar para trás, Grace viu que todos os postigos da Academia estavam muito bem fechados. Ninguém testemunhava os movimentos das duas.

Por fim chegaram ao cais. Grace parou para recuperar o fôlego. As águas do porto pareciam uma sopa que tivesse fervido demais, o líquido grosso pulando e espirrando sobre as bordas de pedra. Felizmente a lua — e os clarões intermitentes dos raios — traziam luz à escuridão quente.

Cheng Li disse alguma coisa, mas suas palavras foram abafadas pelo trovão. Grace notou que o pé de jacarandá fora tão sacudido que o banco e o caminho do porto estavam cobertos de flores azuis. Depois da tempestade, a árvore que um dia fora linda estaria quase nua. Era uma visão triste, mas Grace não podia se dar ao luxo de ficar

pensando nisso.

Cheng Li veio para mais perto.

— Vamos até o fim da muralha do porto.

Grace ergueu os olhos. À sua frente, o quebra-mar serpenteava, entrando na água. De cada lado as ondas subiam contra ele, deixando uma trilha de espuma nas pedras lisas. Ir de uma ponta à outra seria um desafio. Mas Cheng Li estava certa. Quanto mais longe ela entrasse na água, maior a chance de que o navio Vampirata chegasse depressa para pegá-la, antes que as águas negras a arrastassem para além até mesmo do alcance de um vampiro.

As roupas molhadas já a puxavam como uma correnteza submarina. Grace subiu os degraus até o topo da muralha. Cheng Li foi atrás. Seguravam-se uma à outra para apoio enquanto avançavam. De cada lado as águas eram agitadas e imprevisíveis. As duas foram obrigadas a parar um momento quando uma onda desgarrada saltou sobre as laterais do quebra-mar. Assim que a água se afastou, elas foram em frente. Grace estava gelada até os ossos, apesar do calor da chuva.

O fim do quebra-mar mergulhava em direção às águas escuras e agitadas. As duas ficaram lado a lado à beira d'água — aliadas contra a tempestade. Então Grace avançou e Cheng Li recuou. Tinham chegado o mais longe que podiam juntas. Agora a situação estava por conta de Grace. Ela olhou para o arco da Academia, mais adiante na água, marcando a separação entre a muralha e o oceano adiante. Através dele, uma turva névoa obscurecia o horizonte. Será que o navio já poderia estar lá — pairando do outro lado do arco, envolto em névoa — esperando por ela? Seu coração quase se partiu de tanta saudade. Tomara que ele estivesse lá. Tomara que fosse verdade.

Grace se virou e Cheng Li estava tremendo.

— Vá para dentro — disse. — Vai dar tudo certo.

— Mas e se eles não vierem? — perguntou Cheng Li. As duas estavam gritando acima do barulho da tempestade.

— Eles virão — gritou Grace.

— Mesmo assim... — disse Cheng Li, enraizada no mesmo lugar.

Grace balançou a cabeça.

— Isso não é um jogo, Cheng Li. Eles precisam achar que estou correndo perigo de verdade. Preciso *estar* correndo perigo de verdade. Foi por isso que me procuraram da última vez. Se souberem que você está aqui, talvez não venham. Tenho de fazer isso sozinha. — Agora tudo era claro demais para ela.

Cheng Li olhou para Grace com uma intensidade que a atravessava. Adiantou-se como se fosse abraçá-la, mas então se conteve.

— Eu sempre soube que você era extraordinária — disse ela. — Boa sorte, Grace.

Com isso ela se virou e voltou cambaleando pelo quebra-mar. Grace ficou olhando, pensando em como a srta. Li parecia subitamente pequena e frágil, emoldurada pelo poder da tempestade. Até as duas *katanas* às costas pareciam inúteis agora — pouco mais do que agulhas de tricô diante das forças da natureza. Pensou de repente no jogo infantil — *pedra, papel ou tesoura*. Era estranho como cada opção se tornava inútil, dependendo do que a gente enfrentava.

Enquanto Cheng Li sumia na noite, Grace se virou de novo para a água. Para além do arco, a névoa estava ficando mais densa. Porém, acima dela, a lua escorregou para fora da cobertura de nuvens e um raio de luz brilhou no rosto de Grace. Ela teve uma

súbita sensação de calma. Esse era o seu momento. Foi até a borda, como se estivesse no trampolim da piscina municipal de Baía Quarto Crescente. Como se essa fosse apenas outra aula de natação na tarde de sexta-feira.

— Saindo da frigideira para o fogo — gritou. Em seguida pulou da beira do quebra-mar para a água.

Foi um choque gelado. Mergulhou abaixo da superfície. De repente ficou isolada do barulho da furiosa tempestade acima. Aqui era uma escuridão de breu e totalmente calmo. Prendeu o fôlego, estendendo os membros e flutuando abaixo do furor por um momento. Enquanto o fôlego começava a se esgotar, empurrou os braços para baixo e nadou de volta à superfície. Empurrando a cabeça para cima e para fora da água, ficou chocada com o ar gelado da noite e o ruído da tempestade. Agora ela parecia mais barulhenta — mas não dava para saber se era por causa do contraste com a calma embaixo ou porque o tempo havia piorado.

Olhou ao redor, esperando algum sinal do navio. Não existia. Era cedo demais. Olhou de novo para o porto. Cheng Li desaparecera, como ela havia mandado. Grace foi tomada por um pânico momentâneo. O que, afinal, tinha pensado — jogar-se nas ondas violentas no meio da tempestade? Era loucura! Nesse momento teve uma visão súbita do pai, de pé no quebra-mar, olhando para ela com um sorriso.

— *Algumas vezes loucura é sabedoria, Grace.*

Sorriu de volta para ele. Então uma onda golpeou o quebra-mar e ele desapareceu. As águas subiam ao redor e ela soube que estava sozinha — absolutamente, definitivamente sozinha.

Lutou contra as ondas com coragem, sentindo-se carregada cada vez mais para longe da borda do quebra-mar, em direção ao arco. O mar era mais frio aqui e sua energia estava se esgotando. Certamente já era hora de o navio aparecer através do arco, não? Sem dúvida eles não esperariam que ela lutasse mais ainda, não é?

Perdeu toda a noção de tempo. Talvez tivesse se passado uma hora ou apenas alguns segundos. Imagens relampejavam em sua cabeça como um filme repassando as cenas de sua vida. Estava de volta a Baía Quarto Crescente, durante o enterro do pai; partindo com Connor no barco; acordando no navio Vampirata; esgueirando-se para a cabine do capitão; encarando Sidório; comparecendo ao Festim... as cenas passavam cada vez mais devagar, como se o rolo de filme tivesse embolado e se partido. E então as imagens pararam totalmente. E havia apenas a escuridão de breu, penetrando através de sua cabeça, das mãos e dos pés. Estava chegando ao fim de alguma coisa. Se eles não viessem agora, seria o fim.

Mergulhou de novo e sentiu as ondas a engolirem inteira. Estava começando a afundar, como uma pedra, através das camadas de água. Mesmo assim se sentia estranhamente calma. Havia arriscado tudo. Estava errada. Agora, o que lhe restaria?

Houve um momento de vazio absoluto. Talvez o primeiro de muitos momentos assim.

E então sentiu o choque de duas mãos envolvendo seus ombros e a puxando. Puxando-a de volta para cima, através da água. Lorcan. Tinha de ser Lorcan! Ele havia demorado. Mas tinha vindo pegá-la, como ela sabia que iria acontecer. Não pôde evitar um sorriso quando seu corpo ficou frouxo.





## CAPÍTULO 32

### *Alma perturbada*

— Lorcan, Lorcan, você veio. Eu sabia.

De novo estava encarando os olhos azuis. O ferimento estava totalmente limpo, como se o ato de salvá-la o tivesse salvado também, de algum modo. Claro. Como se ela precisasse de mais algum sinal de que o destino dos dois estava ligado.

— Grace!

Ela sorriu para ele, em êxtase — perdendo-se de novo no azul.

— Grace!

Agora sua visão estava turva. Ela o estava perdendo. Teve uma súbita sensação de pânico.

— Grace!

Não era a voz dele. Era...

— Connor!

Seus olhos se abriram e ela se viu olhando os olhos do irmão. Não conseguiu se situar. Era como se alguém tivesse simplesmente puxado a cabeça de Lorcan para longe e revelado a do irmão por trás. Connor deu um suspiro de alívio mas havia uma raiva e uma dor terríveis em seus olhos verdes.

— Onde está Lorcan? — perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

A cabeça de Grace estava apoiada num travesseiro. Ela olhou para além de Connor. Estava numa cama. Num quarto enorme, mal iluminado e cheio de outras camas — vazias. O que era este lugar? Nunca estivera ali antes.

— Onde estou?

— Na enfermaria, Grace.

Os lábios de Connor não tinham se mexido.

Grace virou a cabeça para o lado.

Um rosto de mulher olhava para ela. O olhar era mais interrogativo do que solidário.

— Sou a enfermeira Carmichael — disse ela. — Cuido da enfermagem aqui da Academia, senhorita. Você está sob *meus* cuidados agora.

Grace sentiu um súbito tremor. Sua missão havia fracassado. O navio Vampirata não viera pegá-la. Lorcan não a havia resgatado. Então quem fizera isso?

Uma gota d'água caiu em sua testa. Olhou para cima. O cabelo de Connor estava molhado. Assim como o rosto, o pescoço e, pelo que dava para ver, as roupas.

— É um milagre você ter chegado até ela a tempo — ouviu a enfermeira Carmichael dizer. Seu sotaque, ironicamente, não era muito diferente do de Lorcan.

— Eu a vi da janela do quarto dela — explicou Connor, com a respiração curta. — A lua saiu de trás das nuvens e eu a vi parada no quebra-mar. E pulando. Corri até lá... nunca corri tanto na vida.

Grace olhou para Connor de novo. Ele estava chorando, lutava para continuar falando.

— Por que fez isso, Grace?

— Para encontrar os Vampiratas de novo. — Não era óbvio?

— Mas... se matando?

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Claro que não.

Suas palavras foram interrompidas pela enfermeira Carmichael.

— Sua irmã é uma alma muito perturbada, acho.

*Alma perturbada?* O que ela estava falando?

— Encontrei seu bilhete — disse Connor.

Grace ergueu os olhos. Nas mãos dele, desdobrado, estava o bilhete que ela havia rabiscado às pressas. Suas palavras eram claras, apesar das manchas.

*Connor,*

*Por favor não fique com raiva de mim.*

*Precisei fazer isso.*

*Você tem sua viagem e eu tenho a minha.*

*Estaremos juntos de novo em breve.*

*Até lá, com amor, Grace.*

— Que bilhete terrível para um irmão encontrar — disse a enfermeira Carmichael. — Que modo terrível de dizer adeus.

O que ela estava falando? Não era um bilhete de despedida. Bem, não era esse tipo de bilhete de despedida. Eles estavam entendendo tudo errado. Grace ficou cheia de frustração, e não só porque, apesar de todos os pensamentos que corriam por dentro, sua capacidade de falar estava muito prejudicada. Como se ainda estivesse flutuando sob a superfície da água. Lutou para romper a dificuldade enquanto ouvia um jorro de palavras passar de Connor para a enfermeira Carmichael e de volta.

— Pergunte a Cheng Li — conseguiu empurrar as palavras para fora.

— O quê? — perguntou Connor.

— Pergunte a Cheng Li. Ela vai contar. Ela sabia do plano. — Grace inspirou e expirou de novo. — Ela me ajudou.

— Que absurdo! — disse a enfermeira Carmichael. — Que calúnia! A srta. Li está dormindo. Isso é mais loucura dela, eu acho.

*Loucura.* A palavra serpenteou pela cabeça de Grace. De novo viu seu pai parado à

beira do quebra-mar.

*Algumas vezes loucura é sabedoria, Grace.*

— É melhor ir dormir um pouco, meu rapaz — disse a enfermeira Carmichael.

— Eu não deveria ficar com ela? — Grace pôde ouvir a tristeza na voz de Connor. Como poderia tranquilizá-lo garantindo que estava bem? Seu plano podia ter fracassado, mas não era o plano que ele imaginava.

— Não há sentido nisso — disse a enfermeira. — Vou fazê-la dormir num instante. Ela vai apagar rapidinho. É o melhor para ela.

*Fazê-la dormir? Como?* Grace levantou a mão para a de Connor, com uma súbita premonição.

Tarde demais. A picada da agulha não foi mais funda do que uma picada de mosquito, mas num segundo a deixou atordoada e ela afundou ainda mais no vazio.

A última coisa que ouviu foi a enfermeira, cujo sotaque era uma distorção maligna do de Lorcan, dizendo:

— Pronto. Agora está em segurança.



### CAPÍTULO 33

#### *Um plano simples*

É um plano simples: tomar um navio. Não importa *que* navio. E, com relação a *quando*, bem, quanto antes, melhor. Mas, se não for esta noite, amanhã ou depois de amanhã estará bem. Essas coisas valem ser pensadas por um instante ou dois, dependendo do quanto os acontecimentos desta noite forem decisivos.

Tomar um navio marcará o início da segunda fase. Há cinco deles agora, e logo, se desse para acreditar em Sidório e Lumar, haveria mais, muito mais. Eles não podem simplesmente ir de baía em baía numa confusão de botes a remo, como ciganos da água. Claro que não! Precisam de um navio *para começar* — e planejar mais. Isso não apenas faz sentido prático como passa uma mensagem clara. Eles terão de ser vistos como uma força!

Não haverá mais perambulações sem objetivo, percebe Stukeley com uma leve tristeza — nada de entrar numa nova baía a cada noite e montar acampamento. As coisas começaram a mudar no momento em que os três estranhos chegaram. Sidório despertou para um novo propósito. Lumar, especificamente, parece ter o efeito de impeli-lo adiante em pensamento e ação. Sua presença funciona como uma espécie de alquimia em Sidório — transformando o metal básico de suas idéias primais e confusas em aço limpo e resoluto. A princípio Stukeley suspeitou que Lumar simplesmente fosse tomar o controle, mas ele parece bastante contente com a permanência de Sidório como capitão. Pelo menos por enquanto. Há em Lumar algo de que Stukeley não gosta, ou em que não confia.

O plano, em si, os levou a vigiar navios nas últimas noites a partir de um farol deserto onde montaram uma base improvisada. Como muitas outras coisas na construção meio em ruínas, a lâmpada estava quebrada, mas Lumar e Olin decidem consertá-la. Agora o farol voltou a funcionar, lançando uma luz nas águas escuras da baía cheia de pedras. Os observadores na sala da lâmpada não precisam da luz para ver qualquer navio que entre na baía. Esse não é o objetivo — o objetivo é atrair o navio até

eles, atraí-lo para perto do litoral rochoso, uma mosca apanhada em sua teia coberta de mel.

Na noite da tempestade, os cinco estão reunidos na sala da lâmpada. Stukeley odeia ficar lá em cima. Não há espaço para os cinco e a intimidade forçada apenas o deixa mais consciente de que é um estranho em meio a antigos aliados. Num lugar tão confinado, o calor da lâmpada é insuportável. A brilhante bola de luz o amedronta, o faz lembrar o sol, e ele tem consciência demais do dano que o sol pode lhe causar agora — em parte por instinto, em parte pelas lições que Sidório inculcou nele. Lumar vê seu medo e ri.

— Não se preocupe, Stukeley, ainda vamos transformar você num vampiro! Você vai ver!

E Stukeley fica quieto, mas quer dizer: “Já sou um. Estávamos indo muito bem antes de vocês saírem da noite. E ainda sou tenente.” Mas não diz nada e se preocupa com o fato de que Sidório já não o chama de tenente há vários dias. Agora todos o chamam de Stukeley, o velho e simples Stukeley. Como se o tivessem rebaixado sem nem mesmo se incomodar em lhe dizer. Ele precisa fazer algo para lembrar ao capitão o seu valor. Mas o quê?

Não precisa esperar muito pela resposta. A tempestade traz um navio na direção deles. Houve outros navios em outras noites, mas, com o tempo ameno, não precisaram de abrigo dentro da baía. Prosseguiram velejando e passavam, sem sequer um aceno de agradecimento, para a sala da lâmpada.

Este navio, esta noite, é diferente. A tempestade é elétrica. Stukeley adora olhá-la desse poleiro. É como se estivesse sentado acima da tempestade. Como se lançasse dardos de trovão e lanças de raio contra a lamentável embarcação lá embaixo.

— Capitão, olhe só!

Lumar gira a lâmpada por sobre a água. Sidório e os outros vão rapidamente até as janelas, localizando o navio. Este batalha bravamente contra as forças da natureza que atacam de todos os lados.

— Então está certo, vamos — diz Lumar.

Sidório tosse. *Só ele* pode dar ordens.

— Isto é, devemos ir, não é, capitão? Essa é a oportunidade que estávamos esperando, não é?

— É — estrondeia Sidório. — Venham, venham todos. O navio será nosso.

Ele sai ao parapeito. Stukeley o acompanha para a tempestade, olhando para cima enquanto uma torrente de água vem em sua direção. Stukeley volta rapidamente para dentro, mas Sidório gargalha. Fica ali parado, na mureta, examinando a paisagem de terra e mar como se fosse o imperador daquilo tudo. Então, com um grito, mergulha na escuridão, dando um salto mortal no ar.

— O capitão está animado — diz Lumar aos outros, com os olhos luminosos. — Venha, Mistral; venha, Olin, vamos nos juntar a ele. Stukeley, fique aqui e mantenha a lâmpada acesa até darmos o sinal.

Quando isso foi decidido? Isso é algum ardil do Lumar.

Os três começam a descer enquanto Stukeley fica sozinho — preso com a bola de luz que passou a detestar. Direciona o facho para as velas do navio, transformando aquilo num jogo. Observa o navio achar o caminho para fora das piores correntezas entrando no abrigo mais calmo da baía, até perto da rocha ao pé do farol.

Stukeley sobe com a luz pelas velas do navio, até o cesto de gávea. Faz com que ela

brinque na bandeira — o crânio com as tibias cruzadas. É um navio pirata, percebe. Ele próprio já não foi pirata? Ou teria imaginado isso? Está ficando muito confuso — incapaz de separar os sonhos das lembranças. É tudo uma confusão na cabeça. Algumas vezes é mais fácil não pensar com muita intensidade — só fazer o que mandam e viver o momento.

Volta com a luz por sobre o navio. Algo se registra em sua memória — como uma pedra jogada na água, lançando pequenas ondulações. Mas a ondulação basta para fazê-lo parar, obriga-o a pensar, ainda que pensar seja difícil. Há de fato algo familiar neste navio.

Embaixo, o capitão e os três cúmplices estão partindo para o navio em seu pequeno bote. Stukeley vê o bote entrar na água. Quando saem da costa, são rapidamente impelidos para o navio. Stukeley direciona a luz para eles até que, para sua perplexidade, vê Lumar sinalizando freneticamente em sua direção, os braços se cruzando para trás e para a frente com velocidade cada vez maior. Stukeley entende o que ele está dizendo — não é idiota —, mas mesmo assim espera um momento antes de mover a claridade da luz para longe, para o convés do navio.

O convés. Olha para baixo. Piratas, do tamanho de formigas, estão correndo de um lado para o outro, escorregando na superfície molhada. De novo uma leve lembrança se agita. Ele já esteve naquele convés.

O pequeno bote chegou ao lado do navio e agora os quatro colegas começam a subir. Essa será a parte mais desafiadora. Sidório é mais ágil do que os outros. Vai primeiro. Depois Olin, em seguida Mistral, levando um cesto coberto. Lumar é o quarto. Stukeley olha enquanto eles chegam ao convés. Vê um dos piratas parar subitamente e notar os recém-chegados. E é então que vê um rosto familiar. Fascinado, pasmo, olha para baixo. Sente um frio se espalhando como se um buraco tivesse sido aberto em sua pele. Abre a boca e grita.

— Naaooooooooo!

— Leve-nos ao seu capitão — grita Sidório ao pirata.

— Viemos do farol — acrescenta Lumar — com informações sobre esse trecho de litoral e — ele aponta para Mistral — com suprimentos.

O pirata os olha de cima a baixo e grita para um dos colegas. Mas não há tempo para deliberar. Há uma calma na tempestade que talvez não dure muito. O pirata sinaliza para eles avançarem.

— Venham atrás de mim! — diz ele.

E eles vão: Sidório na frente, seguido de perto por Lumar, depois Mistral e finalmente Olin. Seguem, pela estreita passagem, para dentro do navio.

— O capitão está em sua cabine, com o subcapitão — anuncia o pirata. Em seguida bate na porta.

— Quem é? Entre! — grita alguém lá dentro.

A porta é aberta.

— Capitão Wrathe, estes são quatro visitantes do farol. Vieram com informações e suprimentos.

Há uma pausa e em seguida a voz estrondeia de novo.

— Entrem, então. Entrem. Não é hora para se ficar aí nas sombras.

— De fato — diz Lumar, avançando. — Capitão *W'natbe*, é? É um prazer conhecê-lo. Meu nome é Lumar.

Os quatro entram na cabine do capitão. Olin fecha porta.

Lá em cima no farol, Stukeley examina o convés freneticamente. Onde estão eles? Para onde foram? Mas sua lâmpada já sabe a resposta. Conseguiram entrar. O plano simples está dando certo. Eles não podem ser impedidos.

Mas conclui que pelo menos vale a pena tentar. Solta a lâmpada e desce correndo a escada em espiral. Voá — dois, três, quatro degraus de cada vez. Parece uma eternidade de degraus. Quem sabe que maldade terá sido feita enquanto ele demora para descer?

Sai correndo da construção para a umidade da noite. As ondas fazem um barulho maligno. Vê o bote, vazio, preso à lateral do navio. Vê o outro barquinho amarrado às pedras. Poderia levá-lo até o navio, mas, no fundo, sabe que é tarde demais. Pode sentir.

E, como se precisasse de confirmação, ouve o primeiro grito. Não demora muito até que soem outros. Mesmo acima do rugido da tempestade, os gritos de homens e mulheres são fáceis de discernir e distinguir.

Vê piratas correndo de um lado para o outro no convés. Vê-os caídos — os que não conseguiram escapar ao contato com os quatro estranhos. Vê os outros — que tiveram mais sorte, mas que agora se jogam do navio para ficar livres. Eles pulam nas águas revoltas que — mesmo não muito longe de terra — são fundas e imprevisíveis. Deveriam economizar os gritos — não podem se dar ao luxo de perder o fôlego.

Devia haver mais de 150 tripulantes no navio. Mas finalmente não há mais gritos. E, por mais que o som de sua agonia fosse alarmante, a ausência o arrepia ainda mais. Os quatro estranhos puseram o navio em silêncio. Stukeley testemunha tudo. Vê os corpos caídos escorregando de um lado para o outro no convés, agora escorregadios de sangue, além de espuma. Vê os outros corpos lutando para sobreviver nas águas ao redor. Sobrevivem corajosamente, mas não por muito tempo. Talvez um ou dois — no máximo um punhado — cheguem à terra. Resta saber se seu medo lhes permitirá sobreviver à noite.

Por fim vê uma figura familiar subir ao convés. É Sidório. Seu peito está estufado. Sorri.

Quando os piratas saíram correndo, pareciam formigas, rigorosamente diminuídos pelo sofrimento. Em contraste, Sidório parece um gigante. Caminha até o centro do convés, equilibrando-se com habilidade — como se houvesse apenas trocado a prancha de surfe comum por esta de tamanho gigante.

Sem parar um momento, ele olha para cima e encara Stukeley através da distância e da escuridão.

— Tenente Stukeley! — estrondeia Sidório. — Junte-se a nós! Há sangue para você aqui. Muito sangue. — Ele ri. — Temos nosso navio! Temos nosso navio!

Suas palavras voam pelo ar e trazem um sorriso ao rosto de Stukeley. Pronto, pensa, tendo esquecido as preocupações com a tripulação de piratas. Ele me chamou de tenente. Ainda sou seu tenente!

— Estou indo, capitão! — grita de volta, já correndo para se juntar a ele.

— Temos nosso navio! — grita Sidório outra vez.

Stukeley desamarra o barquinho. Mal consegue esperar para chegar lá.

Acima deles, a lâmpada do farol gira loucamente, iluminando o caos. O plano simples deu certo.



## CAPÍTULO 34

### *Depois da tempestade*

Connor dormiu um sono agitado e, quando Jacoby bateu à sua porta de manhã, ainda estava de pijama, com a cabeça pesada como chumbo.

— Uau! Você está péssimo! — disse Jacoby, entrando no quarto, cheio de energia e com a roupa de corrida da Academia. — É melhor ir andando, cara. Já são 6h45.

— Acho que não posso fazer FEM hoje — disse Connor.

— Por quê? Está se sentindo mal?

Connor balançou a cabeça.

— É a Grace. Ela tentou tirar a própria vida ontem.

O queixo de Jacoby caiu.

— Não! Por quê? Como?

— É uma longa história. Mas acabou com ela se jogando da muralha do porto.

Jacoby balançou a cabeça. Não podia acreditar naquilo.

— Eu vi. Estava no quarto dela. Eu... eu vi quando ela pulou. E corri...

Ele estava tremendo diante da lembrança. Jacoby pôs a mão no ombro de Connor.

— Você fez bem, companheiro. Fez muito bem.

Demorou um momento até Connor controlar a respiração. Estava decidido a não chorar na frente de Jacoby.

— Ela deixou isto — disse, entregando o bilhete de Grace ao amigo.

Jacoby examinou as palavras.

— Uau, isso é pesado, cara. E olhe como a escrita está toda manchada. Parece que ela estava chorando quando escreveu.

Connor assentiu. Também havia notado isso, claro.

— Não entendo — disse Jacoby. — Sei que Grace não estava passando uma temporada fenomenal aqui. E sei que ela andou meio doente. Mas por que iria querer uma coisa dessas?

— Como eu disse, é uma longa história. E é hora de você sair para correr.

Jacoby balançou a cabeça.

— Não vou a lugar nenhum, moço. Não vou deixar você assim. Então agora você tem tempo suficiente para contar *exatamente* o que está acontecendo.

Connor olhou o rosto do amigo. Seria um alívio contar sobre a obsessão de Grace com os Vampiratas. Mesmo que fosse uma traição à confiança dela. Afinal, ela o havia traído do pior modo possível na noite anterior. Agora era cada um por si.

Jacoby foi com Connor até a enfermaria. Empurraram a pesada porta e entraram na sala comprida, cheia de camas de ferro rudimentares. Só uma, no centro da fileira, estava ocupada. Enquanto começavam a ir para lá, uma figura saiu rapidamente das sombras.

— Ah, olá — disse Connor.

— Bom-dia — respondeu a enfermeira Carmichael, sem sorrir. — Como dormiu?

— Não muito bem.

— Não fico surpresa. — A enfermeira balançou a cabeça. — Que noite!

— Como ela está?

— Ainda dormindo. — A enfermeira alisou o uniforme impecável. — É o melhor para ela.

— Vamos vê-la — disse Jacoby.

— Não há muito que ver — respondeu a enfermeira.

— Mesmo assim. — Jacoby cutucou Connor. Passaram pela enfermeira e foram à cama onde Grace estava enfiada sob as colchas brancas.

— Ela está pálida — disse Jacoby.

Estava mesmo. Connor olhou para a irmã. Pelo menos agora ela estava serena, com o cabelo espalhado sobre o travesseiro, as mãos cruzadas no peito como uma antiga estátua de cemitério. Connor não conseguiu se conter e verificou a respiração da irmã. Saía como uma brisa distante.

— Como eu disse, não há muito que ver. — A enfermeira Carmichael apareceu junto à cama.

— Quando ela vai acordar? — perguntou Jacoby. — Tem *certeza* de que ela está bem?

A enfermeira o encarou com olhos irados.

— Está questionando minha capacidade, Jacoby Blunt?

Ele balançou a cabeça.

— Eu só...

— Porque não faz muito tempo que eu esfregava hamamélis em seus joelhos ralados, rapazinho. Acho que sou um pouco mais bem qualificada para avaliar a situação, não concorda?

Jacoby levantou as mãos, derrotado, e se afastou da cama.

— Vai me avisar quando ela acordar? — perguntou Connor.

— Claro — respondeu a enfermeira, num tom mais gentil. — Mando avisar imediatamente. Mas pode demorar um tempo, ainda. É melhor você cuidar de suas tarefas. Mente ocupada não pensa bobagem.

Connor assentiu. Deu uma última olhada para o rosto enganosamente plácido da irmã, depois se virou.

— É melhor irmos para as aulas — disse a Jacoby.

Os dois voltaram à porta.

— Bem, pelo menos isso resolve uma coisa — disse Jacoby.

Connor se virou para ele, interrogativamente.

— Você não pode deixar a Academia enquanto ela não estiver melhor, não é? Não importa o que o capitão Wrathe pense a respeito.

Connor não havia pensado nisso.

— Acho que não.

Jacoby sorriu.

— Não vou dizer que há males que vêm para bem. Mas pelo menos ela está sendo cuidada. E isso vai lhe dar mais tempo para pensar.

Connor assentiu. Enquanto saíam ao sol, ele sentiu o coração mais leve.

Atrás dele as pesadas portas da enfermaria se fecharam.

Nesse momento os saltos dos sapatos de dois outros visitantes — que haviam entrado pela porta do lado oposto — estalaram no piso de mármore, indo em direção à cama de Grace.

— Diretor, srta. Li — disse a enfermeira Carmichael, assentindo.

— Como vai nossa paciente? — perguntou o comodoro Kuo.

— Como era de se esperar. O corpo continua em choque. Eu lhe dei algo para acabar com a dor.

— Muito bom — respondeu o comodoro. Ele e Cheng Li olharam para Grace. A enfermeira Carmichael se inclinou mais para perto. Por algum tempo os três não disseram nada, observando a respiração da garota.

Então a enfermeira Carmichael lançou um olhar de lado Para Cheng Li.

— A garota falou algo antes de dormir — disse ela.

— É mesmo? — Cheng Li encarou o olhar da enfermeira Carmichael. Não seria intimidadada pela enfermeira.

— Disse que a senhorita sabia tudo sobre isso, sobre o *plano* dela.

— Ela disse isso à senhora? — perguntou Cheng Li.

A enfermeira Carmichael se certificou de ter toda atenção dos visitantes.

— Não a mim, especificamente. Estava falando com o irmão.

— Sei — assentiu Cheng Li. A enfermeira Carmichael pensou ter visto um olhar inquieto ser trocado entre a srta. Li e o diretor. Fez com que seu rosto se tornasse uma máscara

— Eu disse a eles, claro, que isso era um absurdo. Que a senhorita estava dormindo...

O diretor e Cheng Li ainda estavam com os olhares travados um no outro.

— Eu estava certa, não é? A senhorita *estava* dormindo, não é?

Cheng Li abriu a boca para responder, mas foi a voz suave do comodoro Kuo que encheu o ar.

— Não creio que a srta. Li e eu tenhamos necessidade de nos explicar à senhora ou a qualquer pessoa — disse ele. — Esse foi um incidente perturbador, mas agora Grace está em segurança. — Ele virou todo o facho de seu olhar para a enfermeira Carmichael. — O melhor seria que todos cuidássemos dela e criássemos o mínimo de confusão.

— Ah, sim — respondeu a enfermeira, com o olhar se afastando rapidamente. — Concordo. Nada de confusão.

— Então todos nos entendemos — disse o comodoro Kuo. — E agora, se nos der licença, temos de dar aula. Vamos deixá-la com seu... gentil tratamento.

Ele lhe fez uma reverência formal e levou Cheng Li rapidamente até a porta.

A enfermeira Carmichael olhou-os se afastar. Pensamentos saltavam em sua mente como fogos de artifício. Olhou para a garota adormecida. Que segredos ela poderia contar?, imaginou. Que segredos haveria sob aquela máscara lisa e inconsciente?

*Mente ocupada não pensa bobagem.* As palavras da enfermeira se mostraram verdadeiras. Assim que as aulas do dia começaram, Connor sentiu que começava a recuperar a sensação de normalidade. O tempo retornou a um calmo brilho do sol e, para a aula de pirataria prática e navegação, do capitão Grammont, os alunos foram até os barcos no porto praticar manobras. Connor sentiu um aperto no coração ao ver o quebra-mar à luz do dia. Jacoby apertou o ombro do amigo. E, quando Connor levantou os olhos, a muralha do cais estava totalmente seca e as águas permaneciam baixas dos dois lados, como espelhos refletindo o sol luminoso. Era como se a noite anterior não tivesse acontecido — como se tudo tivesse sido apenas um pesadelo.

— Venha — disse Jacoby. — Grammont está dividindo a turma em grupos de três... Jasmine! Jasmine, espere!



A manhã passou correndo e, agora que o tempo bom havia retornado, eles puderam almoçar de novo no terraço.

— Alguma notícia de Grace? — perguntou Jacoby a Connor.

Connor balançou a cabeça.

— Mas vou dar uma olhada antes das aulas da tarde.

— Legal. Vou com você — disse Jacoby.

— Eu também — completou Jasmine.

Connor assentiu e sorriu. Era bom saber que tinha amigos por perto numa hora assim.

Enquanto terminava a sobremesa, Connor viu o comodoro Kuo se aproximar, vindo do fim do terraço. Olhou para cima, esperando que o diretor parasse e falasse com ele. Os dois não se viam desde a tarde anterior. Kuo devia saber sobre Grace, e Connor tinha certeza de que ele teria algo a dizer a respeito.

Mas o diretor não pareceu notá-lo, passando pela mesa a passo rápido e entrando em seu escritório pela porta do terraço. A porta bateu forte atrás dele.

Connor levantou os olhos e viu que Jacoby e Jasmine também tinham observado.

— O que está incomodando Kuo? — perguntou Jacoby.

Connor deu de ombros.

— Não faço a menor idéia — disse Jasmine, terminando o último bocado de pudim de chocolate. — Humm, estava delicioso. Vou passar a tarde inteira na energia desse açúcar!

— Eu também — concordou Jacoby. — A oficina de combate vai ser divertida hoje! — Em seguida se virou para Connor. — Vamos dar uma olhada na sua irmã?

Connor estava perdido em pensamentos.

— Chamando o sr. Tormenta! Terra para o sr. Tormenta!

— O que foi?

— Eu disse: que tal a gente dar um pulo até a enfermaria para ver como Grace está? A gente pode até levar um bolo para ela. Tenho certeza de que a enfermeira Carmichael só vai estar dando líquidos nojentos.

— Parece bom — respondeu Connor. — Mas primeiro acho que vou trocar uma rápida palavrinha com o comodoro Kuo.

— Tem certeza de que é uma boa idéia? — perguntou Jasmine. — Ele não parece com humor para bater papo.

— É exatamente isso. Acho que o humor dele pode ter alguma coisa a ver comigo e Grace. Se eu falar com ele, talvez possa resolver a situação.

Pela expressão dos dois, dava para ver que não achavam boa idéia. Mas Connor sabia. Além disso, os colegas não tinham idéia das conversas entre ele e o comodoro Kuo. Sabia que o diretor teria opiniões sobre o que acontecera com Grace, e queria ouvi-las. Levantou-se e empurrou a cadeira sob a mesa.

— Vão ser apenas cinco minutos — disse ele.

— Tudo bem — respondeu Jacoby. — Acho que vou ter de suportar cinco minutos sozinho com a srta. Pavão. — Ele fingiu tédio. Enquanto Jacoby bocejava, Jasmine jogou uma framboesa nele. Acertou no nariz, deixando uma mancha vermelho-sangue.

Connor riu e caminhou pelo terraço. Havia planejado ir até a porta do diretor passando pela Rotunda, mas, ao passar diante do escritório, viu que a porta de vidro que dava no terraço estava aberta. Devia ter voltado a se abrir depois de ser batida por Kuo. Enquanto se dirigia para lá, Connor escutou a voz do diretor.

— As coisas estão fugindo ao controle.

Nunca ouvira aquele aço na voz do comodoro. Isso o fez parar imediatamente.

— Achei que era isso que você queria.

Era Cheng Li. Agora Connor se imobilizou.

— É uma situação muito delicada — ouviu Kuo dizer. — Nós estávamos com ele exatamente onde queríamos mas é uma linha tênue.

Estariam falando sobre *ele*? Deviam estar. Ou seria apenas arrogância pensar isso?

— De fato não sei o que mudou — disse Cheng Li. — No mínimo estamos mais perto do resultado que queremos.

Connor sentiu a cabeça começar a latejar. Se estavam falando dele, o que isso significava? Será que tinha algo a ver com o que havia acontecido com Grace? Lembrou-se, num clarão, de Grace dizendo que Cheng Li conhecia seu plano. A enfermeira Carmichael havia descartado isso como loucura, mas Grace e Cheng Li vinham passando muito tempo juntas. Era como se estivesse montando um quebra-cabeça mas ainda não tivesse todas as peças.

— Connor...

Era a voz de Kuo. Então estavam *mesmo* falando sobre ele.

— Connor!

Não, não estavam falando *sobre* ele. Estavam falando *com* ele. A porta do escritório de Kuo se abriu, o diretor se inclinou para fora e o olhou com expressão curiosa.

Connor estava preso e exposto.

— Acho melhor você entrar — disse o comodoro Kuo, chamando-o do terraço luminoso para a escuridão.





## CAPÍTULO 35

### *Deixando ir*

O coração de Connor batia loucamente enquanto o comodoro Kuo fechava a porta depois que ele entrou. Seus amigos estavam a apenas alguns metros de distância, no terraço — dava para ver as costas deles através da porta de vidro —, no entanto sentia um perigo extremo, como se estivesse entrando voluntariamente numa jaula do zoológico.

— Sente-se — disse Kuo.

Connor sentou-se na cadeira diante da mesa do comodoro Kuo. Kuo sentou-se, mas Cheng Li permaneceu de pé, a mão pousada no globo.

— Não preciso dizer — começou Kuo — que estamos extremamente chocados e perturbados com o que aconteceu ontem à noite. E não posso nem imaginar como você está se sentindo.

Connor ouviu as palavras e esperou. O diretor não diria nada sobre o fato de tê-lo apanhado do lado de fora, ouvindo a conversa? Não tentaria explicar as palavras que devia saber que Connor havia escutado?

— Lamento terrivelmente por não ter ido falar com você antes — disse Kuo —, mas estava envolvido com assuntos da Federação. Isso não serve como desculpa, mas acho que devo pedir, mesmo assim.

— Obrigado — respondeu Connor.

Cheng Li atravessou a sala, indo para o lado do diretor.

— Estamos vindo da enfermaria, Connor. Grace parece estável agora.

Connor assentiu.

O diretor deu um sorriso.

— Como *voce* está, Connor?

Connor deu de ombros.

— Bem, acho. Foi um choque enorme.

O comodoro assentiu.

— Quero dizer, em primeiro lugar, achar o bilhete.

— O bilhete?

Sem dúvida, o comodoro não tinha ouvido essa parte. Connor enfiou a mão no paletó e pegou o bilhete dobrado. O comodoro Kuo pôs os óculos e leu a letra manchada de Grace.

— Posso? — perguntou a Connor antes de oferecê-lo a Cheng Li. Connor assentiu. O que importava? Que todos lessem. Que todos vissem o frágil estado mental de sua irmã.

— Então você encontrou esse bilhete e... — O comodoro Kuo levantou as sobranceiras, convidando Connor a prosseguir.

— Eu tinha ido ao quarto dela, conversar. Os postigos tinham ficado fechados o dia inteiro. Acho que eu queria fazer com que ela recuperasse o bom senso. Tentar fazê-la participar da vida na Academia. Por isso fui ao quarto, mas ninguém atendeu. Sabia que Grace tinha de estar lá dentro, aonde mais teria ido? Como ela não respondeu, entrei em pânico. A porta não estava trancada, por isso entrei e vi o bilhete. A tempestade estava tão ruim que a tranca da janela havia se quebrado. Os postigos balançavam no vendaval. A lua estava clara no porto, os postigos se abriram e eu vi uma silhueta na muralha do porto. Soube que era ela. E soube o que ela ia fazer...

Ele estava tremendo de novo. O comodoro Kuo se levantou e foi rapidamente para o lado de Connor, pondo as mãos nos ombros dele para dar apoio.

— Tudo bem — disse ele —, não precisa falar mais.

Houve silêncio no escritório enquanto Connor lutava para recuperar a compostura.

— Mas — disse Cheng Li — por que você acha que ela fez isso?

Connor pôde sentir um olhar sendo trocado entre o diretor e Cheng Li, por cima de sua cabeça.

— Você tem mais possibilidade de saber isso do que eu — disse ele, as palavras jorrando antes que ele tivesse tempo de censurá-las. — Você passou muito mais tempo com ela do que eu desde que chegamos.

Cheng Li assentiu.

— É verdade. E, confesso, me sinto parcialmente culpada pelo que aconteceu.

Connor ficou surpreso. Uma admissão daquelas era pouco característica. Levantou a cabeça, ansioso para que Cheng Li continuasse.

— Como você sabe, Grace ficou profundamente afetada pelo que aconteceu no navio Vampirata — disse Cheng Li. — Ela sente um profundo elo com a tripulação dele.

Isso não era exatamente uma grande novidade.

— Não é bom para ela — disse Connor. — Veja aonde isso a levou.

Cheng Li assentiu.

— Concorde. Não é bom para ela, mas é bastante natural.

O comodoro Kuo saiu do lado de Connor e voltou ao seu lugar. Assim que sentou, dirigiu-se a Connor:

— Talvez você já tenha ouvido falar sobre a Síndrome de Estocolmo.

Connor balançou a cabeça. O diretor escorregou os óculos nariz abaixo e segurou as hastes.

— Em termos simples, a Síndrome de Estocolmo se refere à forte ligação emocional que podemos formar com pessoas que ameaçam nossa vida. É um

mecanismo de sobrevivência, um modo de suportar a terrível violência. São necessários apenas três ou quatro dias para que ela ocorra. E se precipita quando somos expostos, como aconteceu com Grace, a uma situação de ameaça de morte que é removida logo depois. Então a vítima se inunda com um sentimento de alívio e passa a ver os captores como os “mocinhos”, como pessoas que não a ameaçaram, mas que na verdade a salvaram. — Fez uma pausa. — Achamos que é disso que Grace está sofrendo.

— Desde a chegada aqui — disse Cheng Li —, deixei que ela falasse das experiências naquele navio. Encorajei-a a fazer isso. Sei que você se sentia constrangido ouvindo essas coisas, e quem poderia culpá-lo? Mas achei que era importante que Grace tivesse alguém a quem contar.

— Pôr para fora era o primeiro passo para curá-la — disse o comodoro Kuo.

— Mas — continuou Cheng Li — as coisas tiveram uma reviravolta ontem à noite. O estado mental de Grace era obviamente mais frágil do que eu percebia. E, como disse, acho que, ao encorajá-la a falar sobre os Vampiratas, posso involuntariamente tê-la levado a uma ação extrema.

Connor assentiu.

— Quer dizer, tentando se matar?

O diretor e Cheng Li ficaram obviamente surpresos com a dureza de suas palavras. Mas depois assentiram.

Ele balançou a cabeça.

— Não acho que ela estivesse de fato tentando se matar.

O comodoro Kuo se inclinou adiante, fascinado.

— A princípio achei que era a explicação óbvia — prosseguiu Connor. — Mas estive pensando. Não é uma coisa em que Grace sequer pensaria. Sei o quanto minha irmã queria retornar ao navio Vampirata. Estive tentando *não* pensar nisso, mas sei que é verdade. Talvez vocês estejam certos e seja a síndrome que o senhor mencionou. De qualquer modo, ela sente que tem alguma coisa inacabada por lá. Acho que, ontem à noite, estava simplesmente tentando voltar ao navio.

Cheng Li e o comodoro Kuo olharam-no com curiosidade.

— Pulando do porto no meio de uma tempestade? — perguntou o diretor depois de uma pausa.

Connor assentiu.

— Claro. Foi assim que ela foi parar no navio da primeira vez. Éramos náufragos no meio de uma tempestade e um dos Vampiratas, um sujeito chamado Lorcan, a pescou da água. Acho que Grace esperava que a história se repetisse.

— Isso me parece meio absurdo — disse o comodoro.

Connor sentiu que Cheng Li estava em silêncio. Ela havia passado um tempo com Grace. *Ela* sabia que isso não era absurdo, dava para sentir.

— Quando ela voltou a si, depois que a resgatei — prosseguiu Connor —, estava chamando por Lorcan. — Ele sorriu. — Grace não estava tentando acabar com a própria vida. Como escreveu neste bilhete, só tentava continuar sua viagem.

O comodoro Kuo balançou a cabeça devagar.

— Você é feito de matéria mais forte do que eu imaginava, Connor. Você está de fato bem, diante de tudo isso?

Connor assentiu, sorrindo. Era como se, enquanto falava, algo houvesse se encaixado em seu cérebro. Ele *não* estava satisfeito com aquilo, de jeito nenhum. Desde o

momento em que ele e Grace haviam se reunido no convés do navio Vampirata, tentava apagar todos os pensamentos sobre o que acontecera com ela. Tinha evitado ouvi-la falar a respeito, negado a chance de pôr para fora. E, durante todo o tempo em que ela ficara trancada com Cheng Li, ele simplesmente havia mantido a cabeça baixa e se ocupado com a estada na Academia. Mas agora, de repente, via a situação como era. Desde o naufrágio, os dois haviam embarcado em viagens. E, assim como ele não podia voltar o relógio e se afastar da pirataria, agora entendia que a viagem dela era igualmente impossível de ser parada. Não quisera deixar Grace ir embora. Mas agora, finalmente, podia fazer isso.

— Então onde isso nos deixa? — perguntou o comodoro Kuo. — Ainda quer que eu faça um acordo com o capitão Wrathe para livrá-lo do contrato e você poder ficar aqui? E começar seu treinamento na Academia e na Federação?

Connor assentiu.

— Nada mudou.

— Claro que ele deve ficar aqui — disse Cheng Li. — Ele não pode deixar Grace agora.

— Isso não tem nada a ver com Grace — disse Connor, surpreso com sua própria força. — Claro, vou fazer todo o possível para ajudá-la a se recuperar. Mas temos de começar a tomar nossas próprias decisões. Queremos coisas diferentes na vida. Estamos em caminhos diferentes. Ela pode ficar aqui comigo ou pode voltar ao *Diablo*. Pode até voltar ao navio Vampirata, se conseguir encontrá-lo. A decisão é dela.

Lá fora um sino começou a tocar. Através da janela Connor pôde ver Jacoby e Jasmine se preparando para retornar à aula.

— Aula da tarde — disse Cheng Li.

Connor se levantou, sentindo-se estranhamente poderoso.

— É melhor alcançar os outros.

O diretor assentiu, mastigando a haste dos óculos.

Connor pediu licença e saiu pela porta do terraço, fechando-a em seguida. Depois que ele foi embora, o diretor e Cheng Li se entreolharam.

— Devo confessar que ele me surpreendeu — disse Cheng Li.

O comodoro Kuo sorriu.

— Você tem de aprender a confiar na maré, srta. Li. Algumas vezes só é preciso sentar e esperar.

A última aula do dia para Connor foi oficina de combate. Às quatro horas ele e Jacoby chegaram ao ginásio vestidos com roupas de ginástica, junto com o resto da turma. O capitão Platonov esperava, mas não sozinho. Ao seu lado estava Cheng Li.

Enquanto os alunos se reuniam, Platonov bateu palmas.

— Atenção, todo mundo. Atenção. Em um instante retomaremos nossa prática usual. Mas hoje devemos nos virar sem o sr. Blunt e o sr. Tormenta.

Connor e Jacoby se viraram um para o outro, perplexos. Seus colegas ficaram igualmente surpresos.

— Sr. Blunt, sr. Tormenta, poderiam ir com a srta. Li?

Dando de ombros, Jacoby e Connor foram para a frente da turma. Cheng Li sorriu e levou-os pela porta do ginásio. Atrás deles, Connor ouviu Platonov rosnando

ordens para Jasmine e os outros.

— O que há? — perguntou Jacoby a Cheng Li. — Aonde está nos levando, srta. Li? Há alguma masmorra secreta na Academia, de que não temos notícia?

Havia um riso largo no rosto dele. Nada parecia abalá-lo, pensou Connor.

Cheng Li parecia achar igualmente divertido.

— Que imaginação febril, Jacoby! Talvez um dia você escreva um livro, não é? Não, não há masmorras, pelo menos que eu saiba.

Na verdade ela os estava levando para *cima*, não para baixo. Saíram em outro corredor e então Cheng Li empurrou uma porta, e eles se viram num segundo ginásio, menor.

Connor ficou perplexo. Ali dentro estava escuro. Então, quando Cheng Li acendeu as luzes, ele viu, no centro da sala, dois suportes de espadas e, em cada um, uma caixa de vidro.

Os três foram caminhando sobre os tatames, até os suportes. Enquanto faziam isso, Jacoby ofegou e Connor sentiu o coração começando a disparar.

— É a Lâmina de Toledo — disse ele. — A Lâmina de Toledo do comodoro Kuo. Cheng Li sorriu.

— E o Sabre Safira de Molucco Wrathe — disse Jacoby. — É ainda mais lindo de perto.

Connor ficou confuso

— Mas o diretor disse que essas espadas só saíam das caixas no Dia das Espadas.

Cheng Li assentiu, enquanto tirava duas chaves de um cordão pendurado ao pescoço e abria as duas caixas.

— Correto, normalmente. Mas estes dias não têm sido normais, não é? O diretor queria dar um presente a vocês

— A espada? — Connor mal podia falar enquanto Cheng Li abria a caixa, revelando a espada em toda a sua magnificência.

— Não, não a espada em si. Mas a chance de usá-la uma vez.

Jacoby e Connor se concentraram em cada movimento de Cheng Li enquanto ela tirava as duas espadas das caixas e as colocava num suporte coberto de veludo numa mesa próxima.

— Amanhã à noite haverá outro jantar em sua honra. Ele deveria marcar o fim de sua estada, mas agora marcará o início de sua temporada como aluno integral aqui.

Isso, claro, era novidade para Jacoby. Ele soltou um grito de alegria e deu um tapa nas costas de Connor. Mas Cheng Li não esperou para continuar.

— Todos os capitães vão comparecer. E, antes do jantar, todo o corpo discente irá se juntar para assistir a você e ao sr. Blunt realizarem uma exibição de luta usando estas espadas. Isso acontecerá no convés de treino... da “lagoa da perdição”.

— Sinistro! — gritou Jacoby. — Reivindico a Lâmina de Toledo!

Mas Connor e Cheng Li o encararam.

— Estou brincando, estou brincando! Fico com o sabre de Molucco.

— Já chega de palhaçadas — disse Cheng Li. — Temos menos de 24 horas para vocês se apresentarem diante de toda a Academia. Fui encarregada de coreografar a luta. E tenho de mostrar alguns movimentos bem complicados. — Ela calçou as luvas. — Connor, você optou por entrar para a Academia como aluno integral? Bom, é aqui que seu verdadeiro treinamento acadêmico se inicia!

— Acho que depois disso vou dormir durante uma semana — disse Connor, saindo do chuveiro depois de treinar com Jacoby durante duas horas seguidas.

— Não há descanso para os malignos — respondeu Jacoby, enxugando vigorosamente o cabelo. — Não ouviu a srta. Li? Ela quer que a gente volte ao ginásio às sete da manhã em ponto. Sabe o que isso significa?

— Nada de preguiça na manhã de sábado?

— Pior, companheiro. Nada de aula de natação: logo, sem chance de ver Jasmine de biquíni.

Connor riu. Jacoby Blunt era incorrigível.

Depois do longo exercício com espadas, Connor estava morto de cansado. Quando terminou de jantar, estava pronto para a cama. Incrivelmente, Jacoby ficou animado de novo depois de comer e sugeriu um torneio de sinuca. Connor não poderia aguentar aquilo, e ficou grato quando Aamir e dois outros colegas aceitaram o desafio. Todos lhe deram boa-noite e foram para a sala de jogos, deixando-o no terraço.

Connor olhou para o porto. O lugar estava totalmente tranquilo naquela noite — era incrível a diferença que 24 horas podiam fazer. Bocejou e esticou as pernas. Estavam pesadas como chumbo. Poderia cair no sono ali mesmo na hora — são que havia uma última coisa a fazer antes de ir para a cama. Levantando-se, caminhou pelo terraço e desceu a escada que atravessava o jardim.

A luz estava acesa na porta da enfermaria. Connor bateu, mas não houve resposta, por isso a empurrou.

Estava escuro l  dentro. O dormitório era tão grande que as luzes penduradas no teto eram insuficientes para ilumin -lo direito, mesmo se as lâmpadas fossem da potência adequada. Havia um único abajur aceso junto a uma cama, no centro do cômodo. Foi em direção   luz, consciente do barulho que fazia no chão frio de mármore.

Num instante estava ao lado de Grace. Ela continuava dormindo, mas parecia muito mais bem acomodada do que na última vez em que a vira. Antes, as mãos estavam cruzadas desajeitadamente, como uma estátua. Agora, uma estava enrolada sob a cabeça no travesseiro e a outra repousava sobre o lençol.

Connor sentou-se na beira da cama e olhou o rosto da irmã. Agora ela parecia contente. Ele ficou satisfeito por ter chegado ao ponto em que podia se sentir tranquilo simplesmente por estar com ela de novo. Por um tempo ficou apenas sentado, olhando os movimentos da respiração. Era profunda e regular. Parecia haver pouca chance de que ela acordasse, mas a cor tinha retornado a suas bochechas e lábios, e seu mergulho no oceano, cerca de 24 horas antes, parecia não ter deixado nenhum dano permanente. Ficou feliz. Ficou mais do que feliz.

— Você está certa — disse a ela. — Cada um de nós tem sua jornada a fazer. Lamento não ter percebido isso antes. Lamento ter tentado impedi-la. Nunca mais farei isso.

Estendeu a mão para a dela. Mas, por mais que tentasse tocá-la, sua mão a atravessava, encontrando as roupas de cama. Confuso, estendeu a mão de novo, mas de novo seus dedos passaram através dos dela, como se Grace fosse feita apenas de ar. Devia estar realmente cansado, pensou, firmando-se e, pela terceira vez, tentou pegar a mão dela. Juntou toda a capacidade de concentração. Mas, de novo, suas mãos passaram direto pelas dela.

Sentiu um pânico gelado espalhando-se no corpo. Recuou e olhou-a, vendo de novo sua respiração, vendo de novo a expressão do rosto. Ela não estava apenas contente. Parecia sorrir para ele, das profundezas do sono. Algo estalou na cabeça de Connor. Resolveu tentar outra coisa. O cabelo dela estava caído sobre os olhos. Estendeu a mão para afastá-lo, mas seus dedos atravessaram direto a cabeça de Grace. Na próxima vez, nem tentou fingir. Simplesmente passou a mão direto pelo ouvido dela e enterrou-a no travessiro. Grace sorriu, de olhos fechados, como se ele estivesse fazendo cócegas. Connor recuou, agora também sorrindo.

— Eles voltaram para pegar você — sussurrou. — Vieram pegar você, Grace, não foi? Não sei como fizeram isso, mas é para lá que você foi.

E nesse momento soube que era assim que deveria ser. Era isso que ela queria, era disso que precisava. O diretor e Cheng Li poderiam discursar para sempre falando de alguma síndrome que Grace poderia ter ou não. Tanto fazia; agora sua irmã pertencia ao navio Vampirata. Ele era seu lar.

— Que agitação é essa?

A enfermeira Carmichael veio marchando pelo centro da enfermaria. Connor riu. Seus sussurros dificilmente poderiam ser qualificados como agitação. Para a enfermeira, era tudo ou nada.

— Ah, é você — disse ela. — Veio ver sua irmã dormindo de novo?

Connor assentiu.

— Só vim dar boa-noite.

— Bem, já deu, então pode sair. Não queremos acordá-la no meio da noite, não é?

Connor balançou a cabeça.

— Não. Não queremos. Mas eu não me preocuparia, enfermeira Carmichael. Acho que Grace não vai acordar tão cedo.

A enfermeira encarou-o irritada. Connor olhou uma última vez para o fantasma da irmã, depois sorriu para a enfermeira e lhe deu um tapinha no ombro, antes de passar por ela e ir até a porta da enfermaria. A enfermeira Carmichael se encolheu. Espanou o uniforme como se um pássaro tivesse feito cocô em seus ombros e voltou em direção ao seu cubículo.



## CAPÍTULO 36

### *Combatentes*

O dia seguinte de Connor na Academia estava destinado a ser longo. Às sete horas ele e Jacoby retornaram ao ginásio, onde Cheng Li os esperava. Connor ainda se sentia cansado, mas logo seu corpo voltou à vida quando Cheng Li os orientou durante alguns exercícios preparatórios, depois os fez repassar com mais detalhes os movimentos para a exibição.

Passaram o resto da manhã os aperfeiçoando. Havia muita coisa em que se concentrar. A Lâmina de Toledo era mais pesada do que o sabre usual de Connor, mas era boa de segurar. O punho era enrolado num couro estranho, áspero. Pelo menos ele achou que era couro. Quando perguntou a Cheng Li, ela lembrou que, como as botas do comodoro Kuo, aquilo era feito de pele de arraia-lixo — muito mais dura e impermeável do que o couro comum. Ele olhou o punho da espada e viu que os minúsculos calombos eram, na verdade, escamas. Mesmo depois de tanto uso, as escamas ainda brilhavam, como se o cabo fosse incrustado com minúsculas jóias parecidas com estrelas.

Mas não havia nada que se comparasse à pesada safira incrustada no punho do antigo sabre de Molucco, que Jacoby passara a usar como se tivesse sido feito especialmente para ele. Enquanto a arma se movia de um lado para o outro à frente de Connor — Jacoby manobrando-a habilmente num golpe depois do outro —, Connor viu que a safira não servia apenas como decoração, mas tinha um objetivo prático. Era tão polida em suas múltiplas faces que, quando captava a luz num certo ângulo, ofuscava o oponente, como se o sol brilhasse diretamente nos olhos dele. Era preciso apertar as pálpebras, o que o fazia perder o foco e o núcleo da concentração.

A coisa mais difícil na luta, concordaram Connor e Jacoby — durante uma pausa de dez minutos nos degraus do ginásio encharcados pelo sol —, seria não machucar um ao outro. Apesar de terem sido retiradas do combate regular, as espadas eram mantidas afiadas e lubrificadas, prontas para o uso — e ambas eram como navalhas. Jacoby estava mais acostumado com as lutas de exibição do que Connor — que fora lançado mais

rapidamente em ataques da vida real —, mas ambos concordavam que era como se as duas espadas ansiassem por acertar um corpo. Como se tivessem mente própria e se ressentissem por estar fora de ação por tanto tempo. Era como se as próprias lâminas tivessem um desejo de batalha e sede de sangue.

Na hora do almoço os dois estavam com a luta totalmente ensaiada. Cheng Li pegou as espadas de volta e as trancou nas caixas. Os dois combatentes não iriam vê-las de novo até entrarem na “lagoa da perdição” naquela noite, diante da platéia: todos os alunos e professores da Academia dos Piratas.

— Está nervoso? — perguntou Connor a Jacoby quando se sentaram para almoçar.

— Nervoso? Está brincando? Estou petrificado. Posso machucar você.

— Engraçado — disse Connor. — Muito engraçado.

— É bom ver que o fato de estar petrificado não estragou seu apetite — observou Jasmine, sorrindo enquanto indicava o prato cheio de Jacoby.

Jacoby olhou para os dois.

— Ei, a treinadora Li disse para a gente se encher de carboidratos. É o que estou fazendo.

— Ah, é *isso* que você está fazendo, é? — gargalhou Connor. E continuou com sua refeição mais modesta. Sentia-se enjoado demais com o excesso de adrenalina para comer muito. Teria de compensar no festim pós-luta.

A luta deveria começar quando o relógio da Academia marcasse as seis horas, mas às cinco e meia a atmosfera no anfiteatro junto ao porto era elétrica. Os alunos começaram a ocupar seus lugares, dispostos segundo as turmas, com os professores se juntando a eles no final das fileiras. Tochas acesas iluminavam as íngremes escadas de pedra, a frente da lagoa e o pequeno píer que atravessava as águas turquesas até o navio de treinamento.

Na lagoa propriamente dita, o navio fora baixado e trazido para a frente, de modo que o convés virou um palco, visível a toda a platéia.

Nesse momento o convés estava ocupado por alguns garotos mais velhos, que formavam uma banda de rock. Eles tinham a função de esquentar o pessoal.

— Essa música está fazendo com que eu me sinta muito velho, de fato — disse o comodoro Kuo a Cheng Li, os dois sentados na primeira fila.

— Você é muito velho, John — respondeu ela com um sorriso. — Só que prefere esquecer esse fato durante boa parte do tempo.

Ele lhe lançou um olhar ferido, depois abriu um sorriso.

— Como estão nossos garotos?

— Muito bem — respondeu ela. — Finalmente a Lâmina de Toledo está nas mãos de um guerreiro de verdade.

— *Touché* — disse o comodoro Kuo. — Você sabe como acertar um golpe.

Connor e Jacoby esperavam em seus lugares, perto do píer. Connor olhou para a platéia, atrás, sentindo-se prestes a ser jogado aos leões.

— Ei — disse Jacoby —, não esquenta, Connor. É só um showzinho para pôr a

Academia no pique numa noite de sábado. Esse é um dos motivos para eles terem feito um palco aqui. Isso acontece o tempo todo.

Connor assentiu. Sabia disso. Havia competido vezes demais em eventos esportivos para deixar que os nervos o dominassem. Mas isso era meio diferente. Era mais uma apresentação do que uma competição. Ele precisava equilibrar a execução dos movimentos perfeitos; sem ferir Jacoby. A última coisa que desejava era magoar seu novo melhor amigo.

Por fim o rock foi diminuindo e seguiram-se os gritos e aplausos da platéia. Os garotos tiraram os instrumentos do palco e começaram a atravessar o píer na direção do comodoro Kuo, que havia subido para cumprimentá-los. Agora os recebia de volta em terra firme e se virava para a multidão.

— Obrigado aos... é... Vagabundos da... Morte — disse ele. — Em geral sou mais chegado a um jazz tradicional, mas na verdade isso foi muito... impressionante. Revigorante. — Ele olhou para Cheng Li que murmurou “velho” para ele.

Quando as palmas começaram a diminuir, o comodoro Kuo se virou para a platéia.

— Esta noite temos um espetáculo especial para vocês... para todos nós. Como sabem, é nosso costume na Academia dos Piratas ter um Dia Anual das Espadas. Nesse dia, o último dia do ano escolar, todas as espadas que ficam penduradas na Rotunda são trazidas para baixo, e nossos alunos mais hábeis podem usá-las em lutas de exibição, o que honra seus ilustres antepassados, os capitães que um dia usaram de verdade aquelas espadas.

Ele pousou o olhar na fila de professores e em seguida nos alunos.

— Algumas vezes penso nessas espadas como o tesouro da Academia. Não porque sejam feitas dos metais mais finos, frequentemente enriquecidas com jóias, pelos melhores artesãos do mundo. *Não*, penso nessas espadas como tesouro porque cada uma tem muitas histórias a contar. Cada uma dessas lâminas lutou uma centena de batalhas, ou mais. Ah, se pudessem falar, se pudessem dividir suas experiências conosco! Mas, sabem de uma coisa? De certa forma elas podem. Quando uma espada antiga chega às mãos de um jovem pirata, fico convencido de que ocorre uma carga elétrica entre a energia do jovem combatente e a energia existente na lâmina.

Ele parou, dando à platéia um momento para refletir sobre suas palavras.

— Mas o *verdadeiro* tesouro da Academia não são as espadas antigas que ficam penduradas acima de nós. O verdadeiro tesouro são *voçês*. Cada um de vocês. As espadas representam nosso passado, mas vocês... vocês são nosso futuro. Cada um de vocês está destinado à grandeza. Cada um continuará as belas e nobres tradições da pirataria. Alguns de vocês já se distinguiram como hábeis navegadores. Outros estão se mostrando ótimos líderes e estrategistas. E há aqueles de vocês que são combatentes fascinantes.

Houve alguns gritos da platéia. Sabiam que a luta estava para começar.

— Esta noite passei por cima da regra de que nossas antigas espadas são tiradas de suas caixas apenas no Dia das Espadas. Esta noite decidi comemorar o talento de luta aqui na Academia. Esta noite dois de nossos melhores combatentes subirão ao palco e mostrarão alguns movimentos incríveis, ensinados pelos professores e, em particular, pela srta. Li.

Isso foi recebido com aplausos e, assentindo, o comodoro Kuo estendeu a mão para Cheng Li. Ruborizando, ela finalmente se levantou e agradeceu a ovação.

— Sim — disse o diretor. — A srta. Li só está ensinando aqui há três meses, mas já causou um impacto enorme na vida da Academia. E, por falar nisso, temos alguém que está aqui há apenas uma semana mas que, tenho o prazer de dizer, agora entrará para a Academia como aluno em tempo integral. Sinto um enorme prazer porque esta noite ele estará lutando com minha Lâmina de Toledo... Batam palmas e dêem as estimulantes boas-vindas a Connor Tormental!

Connor e Jacoby trocaram um aperto de mão que haviam desenvolvido nos últimos dias. Em seguida Connor foi se juntar ao comodoro Kuo. Quando chegou ao lado do diretor, este estendeu a mão e a apertou de modo mais convencional.

— Connor demonstrou uma habilidade excepcional em situações de combate — disse o comodoro Kuo —, por isso tivemos de procurar o melhor aluno da Academia para enfrentá-lo. Vocês sabem, claro, de quem estou falando. — A platéia aplaudiu e alguns alunos gritaram seu nome. — Isso — continuou o diretor. — Todos sabem de quem estou falando. O que nem todos sabem é como este garoto se saiu em sua primeira aula de combate. Mas eu estava lá assim como o capitão Avery e o capitão Singh. Nós nos lembramos da habilidade que esse garoto, então com apenas 6 anos, demonstrou com aqueles pequenos pedaços de bambu. Bem, alguns anos se passaram desde então, e esta noite ele usará o Sabre Safira de Molucco Wrathé. Seu nome pode significar “ferramenta cega”, mas não existe ninguém mais afiado... vamos receber Jacoby Blunt!

Jacoby respirou fundo e foi correndo juntar-se a Connor e ao diretor. Ele também apertou a mão do diretor.

— Já falei muito — concluiu o comodoro Kuo. — Só resta dizer que, quer sejam lutadores bem-dotados ou não, quero que assistam a esta batalha e apreciem a pura habilidade que estes dois demonstram. E lembrem-se, a despeito de seu talento, lutem para ser o melhor que puderem. É só isso que pedimos aqui na Academia dos Piratas. E agora, senhores, deixem-me apresentar suas espadas.

As espadas em questão estavam sobre suportes erguidos na frente do púe. Connor e Jacoby se abaixaram sobre um dos joelhos diante do suporte onde estava sua espada. O diretor ergueu primeiro o Sabre Safira. Segurou-o com a mão esquerda, estendendo-o para Jacoby.

— Use esta espada com sabedoria e precisão — disse ao garoto. — Honre seus antepassados e deixe sua marca na história.

— Deixarei — disse Jacoby, recebendo a espada com a mão esquerda e permanecendo ajoelhado enquanto o diretor ia até o segundo suporte.

Kuo enxugou a mão cerimoniosamente com um pano de seda que estava ali para isso. Era uma limpeza simbólica, de modo que as mesmas mãos não tivessem tocado as duas espadas. Pousando o tecido, pegou a Lâmina de Toledo com a mão esquerda, parando um momento enquanto segurava a antiga aliada.

Houve uma explosão de aplausos espontâneos celebrando a carreira longa e ilustre do comodoro John Kuo. Ele esperou que os aplausos terminassem, sorrindo suavemente.

— Use esta espada com sabedoria e precisão — disse a Connor. — Honre seus antepassados e deixe sua marca na história.

— Deixarei — disse Connor. Em seguida segurou a espada com a mão esquerda, o punho cobrindo a atadura de pele de arraia-lixia do cabo. Pensou na longa história daquela espada.

A um sinal do diretor, quatro alunos avançaram e tiraram da arena os suportes das espadas.

— Senhores, tomem suas posições iniciais — disse o comodoro Kuo antes de retornar à sua cadeira.

Connor e Jacoby foram juntos pelo píer até o convés de treinamento. Tinham sido bem ensaiados. Assumiram posições no centro do convés, cada um de costas para o outro.

O relógio da Academia começou a marcar as seis horas. O sexto toque era o sinal para começar. Connor esperou, deixando a respiração entrar e sair junto com as batidas do relógio. Um... dois... três... quatro... cinco...



## CAPÍTULO 37

### *A lagoa da perdição*

*Sóis!*

Connor girou e se lançou contra Jacoby com a Lâmina de Toledo. Jacoby estendeu o Sabre Safira. As espadas fizeram o primeiro contato e cada combatente sentiu a conexão elétrica entre as lâminas. Agora os amigos não estavam mais sorrindo um para o outro. Havia muita coisa em que se concentrar, enquanto começavam a se mover através da primeira das sequências desafiadoras de Cheng Li.

Connor afastou rapidamente todo o nervosismo. Ainda que esta fosse uma luta de exibição, ele tinha aquele sentimento de percepção ampliada que o diretor havia chamado de *zanshin* durante a palestra. Quando sua espada bateu na de Jacoby, o barulho na cabeça foi mais alto do que o sino da escola. Quando Jacoby girou o sabre em sua direção, Connor viu a safira, mais azul do que as águas da lagoa. Cada ruído e cada cor, cada sentido, era intensificado. Concentrou um foco e uma energia mais profundos. Isso lhe permitiu saltar mais alto, girar a espada para trás e para a frente numa fração do tempo que geralmente seria necessário. Estava absoluta e completamente situado. Ao mesmo tempo que aproveitava o calmo poço de energia que havia em seu centro, tinha perfeita consciência de que aquilo estava indo bem. Percebeu os gritos da platéia quando a primeira sequência chegou ao fim, com sua aparente superioridade em relação a Jacoby. Mas era tudo coreografia — cada qual teria seus momentos de glória à medida que a apresentação continuasse.

— Trabalho espantoso — sussurrou o comodoro Kuo no ouvido de Cheng Li.  
— Connor tem uma tremenda habilidade natural.

Ela assentiu.

— Só espero que Jacoby se lembre de todas as instruções.

Kuo assentiu, depois recuou, concentrando-se de novo nos dois jovens lutadores que partiam para a segunda sequência. Esta era mais complexa do que a primeira — Cheng Li sabia trabalhar a platéia. A sequência começou com golpes sendo aparados

com deslocamentos para um lado e para o outro pelo convés. Então Jacoby levou a melhor, obrigando Connor a se abaixar e aparentemente ficar indefeso. Era nesse ponto que Connor precisava juntar todas as forças e seu atletismo para não somente empurrar Jacoby, mas assumir o domínio na luta.

Mais uma vez teve o sentimento de *zanshin* — aquela, percepção de 360 graus ao redor do corpo. Podia ver Jacoby e o sabre estendido. Podia ver a estreita faixa que tinha para manobrar. Podia ver a platéia, olhando com a respiração presa e, na frente dele, como os dois olhos de uma fera gigantesca — Cheng Li e Kuo, os rostos se cravando nele. Via tudo isso sem jamais perder o núcleo de foco nos olhos de Jacoby. Isso o levou de volta aos primeiros dias de treinamento, não aqui na Academia, mas no *Diablo*. Quando Bart lhe dissera: “Sempre olhe nos olhos do oponente. A espada pode mentir, mas os olhos, não”. Connor olhou os olhos de Jacoby. E viu algo errado ali — uma mentira, por trás dos olhos familiares do novo amigo. Registrou isso, mas lutou com força para não dar a entender. Por mais perturbado que estivesse, manteve o foco e executou a complexa virada, empurrando Jacoby de volta e assumindo o controle.

De novo a multidão rugiu, aprovando. Cheng Li e o comodoro Kuo se juntaram nos aplausos.

— De tirar o fôlego — disse Kuo.

Cheng Li inclinou a cabeça para ele.

— Você ainda não viu nada.

Quando começaram a terceira sequência de golpes, Connor jamais afastou a atenção dos olhos de Jacoby. Tinha certeza de que não estava enganado. Jacoby estava mentindo. Connor continuou fazendo os movimentos, usando a Lâmina de Toledo com mais habilidade e destreza do que jamais usara seu sabre. Decidiu prender-se a cada nuance dos movimentos que haviam coreografado, cada vez mais certo de que Jacoby começaria a se desviar deles. Não havia tempo para ficar chocado com a traição ou para pensar através das camadas dos outros que deviam tê-lo traído. Isso não salvaria sua vida. O *zanshin* salvaria.

Aconteceu no meio da sequência. Connor manteve as marcas com perfeição mas, enquanto Jacoby lançava o próximo ataque, a lâmina de seu sabre chegou muito mais perto do que os dois haviam ensaiado. Ele pôde sentir o aço quente junto à orelha. Então percebeu que não era a lâmina que estava quente. O aço havia cortado a pele da orelha. Ela estava sangrando.

Jacoby parecia em pânico. Olhou para a platéia, por cima do ombro de Connor. Talvez quisesse ferir Connor, mas não tão cedo. Connor não se distraiu nem por um instante. Manteve o estado de alerta, sem demonstrar pânico ou medo. Se a luta fosse interrompida agora, ele saberia que estivera equivocado — que nada estava errado e que aquilo havia sido um simples engano. Mas, se ninguém interviesse, ele teria uma resposta muito diferente.

Ninguém interveio.

Sem se abalar, Connor continuou concentrado em Jacoby, olho no olho. Nenhum dos dois falava. Não havia necessidade de falas convencionais. Connor deixou Jacoby saber que ele sabia. Jacoby reconheceu o fato. Mas Jacoby parecia muito mais abalado do que Connor. Havia outro segredo enterrado fundo nos olhos de Jacoby, que Connor ainda não conseguia escavar.

Agora Connor precisava tomar uma decisão rápida como um relâmpago. Será que

deveria se ater aos movimentos marcados e se defender apenas quando Jacoby atacasse ou deveria abandonar a rotina e simplesmente tratar aquela luta como qualquer outra? Decidiu optar pela primeira abordagem. Jacoby obviamente fora treinado em outra coreografia, mas estava tendo problema para lembrar ou era simplesmente incapaz de implementá-la. Em qualquer caso, ele parecia em desvantagem em seu papel de agressor. Connor decidiu deixá-lo fazer os ataques e cometer os erros. Tinha mais experiência de combate real do que Jacoby. Um pouco de sangue não iria enfraquecê-lo.

Passaram para a quarta sequência que haviam ensaiado. Esta deveria ser dominada no fim por Jacoby. Enquanto o oponente iniciava o novo ataque, Connor pôde ver que havia algo errado. Toda a segurança de Jacoby estava se esvaindo. Ainda que os movimentos físicos demonstrassem toda a força de sempre, para Connor ficou claro que o espírito de luta do oponente havia se esvaído.

De novo Connor teve de fazer uma avaliação rapidíssima da situação e decidir qual seria sua tática. Mas isso era complexo. Se fosse qualquer outro adversário, ele poderia tomar a vitória de modo decisivo. Mas, apesar da traição de Jacoby, ele não estava pronto para infligir um dano sério contra ele. Fora mais fácil se defender quando tinha apenas de enfrentar o ataque de Jacoby. Agora enfrentava a situação infinitamente mais complexa de um inimigo que parecia ter perdido a coragem. Claro, tudo poderia ser um blefe elaborado. Mas, olhos nos olhos de Jacoby, Connor sabia que não era.

Precisava manter-se alerta. E assim, nos próximos movimentos, se concentrou totalmente nisso, levando-se de volta ao completo estado de *zanshin*. Continuou concentrado nos olhos de Jacoby e na lâmina do sabre. Percebia a atenção fascinada da platéia, separada dele pela estreita faixa de água. Viu as expressões que pareciam máscaras no rosto de Cheng Li e do comodoro Kuo. Os dois também deviam saber que ele havia sentido a traição. Mas eram mestres. Não revelavam coisa alguma.

Connor mantinha todas essas visões e esses pensamentos na cabeça, então ouviu um som desgarrado vindo da direção do porto. Foi atraído de volta para o combate com Jacoby — uma sequência atlética e desafiadora que os levou de um lado do convés ao outro. Podia escutar mais sons vindos do cais, mas não poderia se dar ao luxo de perder um instante de concentração. Seria aquilo uma nova parte do plano se desdobrando? Precisava fazer alguma coisa, e depressa. Tomou uma decisão rápida.

Enquanto davam e aparavam golpes indo até a direita do palco, Connor conseguiu um golpe extra, que tirou o sabre do alinhamento. Jacoby cambaleou para continuar segurando-o e, quando fez isso, Connor avançou com a Lâmina de Toledo para o pescoço de Jacoby. No pânico, Jacoby largou o sabre. A platéia ficou boquiaberta. Connor manteve a lâmina junto ao pescoço de Jacoby, a apenas um centímetro da pele.

— Comece a falar — disse Connor. — E fale depressa!

Jacoby não perdeu tempo.

— Eu não queria fazer isso, Connor. Eles me obrigaram. Queriam abalar você, ver até que ponto você era realmente um bom lutador.

— Eles iam fazer você me matar.

— Não — respondeu Jacoby — Acredite, não era isso. Só abalar você. Eu não queria. Olha, você viu como eu estraguei tudo.

Connor hesitou. Um impulso incorreto agora poderia ser decisivo. Examinou os olhos de Jacoby. Viu uma verdadeira imagem de confusão e arrependimento. Não viu mais nada que sugerisse um assassino.

Afastou a ponta da Lâmina de Toledo, permanecendo alerta para algum ataque surpresa. Enquanto recuava, pegou o Sabre Safira na mão esquerda e em seguida estendeu as duas armas para a platéia — cansado, sangrando, mas vitorioso.

A platéia começou a aplaudir, mais alto do que antes.

O comodoro Kuo ficou de pé e chamou os dois para a frente do píer.

Mas nenhum dos combatentes se mexeu — ambos pasmos com os acontecimentos.

— Venham, piratas! — gritou o comodoro Kuo, com mais força.

Connor olhou-o com desdém. Eles poderiam simplesmente desafiar o diretor e continuar no convés de treinamento. Mas precisava confrontá-lo. Caminhou pelo píer, deixando o oponente para trás.

— Muito boa luta — disse Kuo a Connor, quando se encontraram.

Connor o encarou irritado e incrédulo.

— Não venha me embromar.

— O quê? — o comodoro Kuo estava perplexo.

— Vocês tramaram contra mim. O senhor e Cheng Li. Puseram-me contra meu melhor amigo.

Kuo balançou a cabeça, rindo para a platéia que rugia.

— Eu queria ver de que matéria você era realmente feito, Connor. As lutas de exibição são boas, mas eu precisava ver o que você poderia tirar do bolso numa verdadeira situação de conflito. E você foi aprovado. Com honras. Agora seu lugar na Federação dos Piratas está garantido.

— Sabe o que o senhor pode fazer com sua Federação? — disse Connor, estendendo com raiva as duas espadas na direção do diretor. Um novo rugido da multidão abafou suas palavras. O diretor saltou sobre o píer. Connor manteve as armas apontadas contra ele. O diretor olhou para Connor do outro lado das lâminas.

— Connor, acho melhor você olhar para trás.

Connor fez uma pausa. Seria isso o melhor que Kuo poderia fazer? Era pouco mais do que um truque de teatro.

— Connor, atrás de você!

Dessa vez não foi o diretor que falou. Era uma voz muito mais bem-vinda.

— Molucco!

Connor se virou. Nunca se sentira mais feliz em ver o velho aliado, que estava diante dele com todas as suas melhores vestes.

— Para você é *capitão* Wrathel!

— Capitão Wrathel! — Connor se adiantou. Estava tão feliz em ver Molucco que poderia abraçá-lo, se não fosse pelas duas espadas que estava segurando.

— Esse é... não pode ser! É o meu velho sabre? — perguntou Molucco.

— É. — Connor estendeu o punho da arma para ele. O capitão a pegou e a examinou. Pareceu triste por um momento.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Connor. — O senhor só deveria chegar amanhã. — E sorriu, acrescentando depressa: — Não que eu não esteja feliz em vê-lo.

— Aconteceu uma coisa terrível — disse Molucco. Em seguida tirou o chapéu e Scrimshaw surgiu, estendendo-se para cumprimentar Connor.

— O que foi? — perguntou Connor. — O que há de errado?

— Meu irmão — respondeu Molucco. — Meu querido irmão... O capitão Porfírio Wrathel. — Ele parou quando um grande diamante de lágrima rolou por sua

bochecha.

— O que aconteceu com o Porfírio? — perguntou o comodoro Kuo, chegando ao lado de Connor.

— Foi assassinado do modo mais selvagem — respondeu Molucco. — E com ele a tripulação... só restaram alguns.

Connor estremeceu.

— O que houve?

O capitão Wrathe balançou a cabeça.

— Há um momento para contar histórias e um momento para a ação, garoto. Agora vá pegar suas coisas. Preciso de você no *Diablo*. Cada pirata em sua luta. Não vou esperar que isso esfrie antes de me vingar.

Connor assentiu.

— Serei rápido.

— Acho que você está esquecendo uma coisa — disse o comodoro Kuo. — Acho que deveríamos ir ao meu escritório e conversar em particular.

Connor balançou a cabeça.

— Não será necessário. Não há nada para discutirmos.

— Mas Connor... — começou o comodoro.

Balançando a cabeça, Connor passou pelo homem que já lhe havia inspirado tanto respeito.

Cheng Li se levantou e foi para a passarela.

— Connor, controle-se.

— Não *venha* falar comigo.

A traição dela doía ainda mais fundo.

— Escute — disse ela. — Você pode não gostar muito de mim neste momento, mas há coisas que você não entende.

— Você sempre diz que há coisas que não entendo. Mas o fato é que há um monte de coisas que são perfeitamente claras para mim.

Ele passou por ela e subiu pela escada iluminada pelas tochas. Estava decidido a ir ao quarto pegar suas coisas. Os alunos da Academia — sem saber da verdade da luta — deram tapinhas nas costas de Connor, elogiando-o.

— Você não pode ir — disse Cheng Li. Suas palavras o fizeram parar. Ele se virou.

— Por quê?

— Porque não pode deixar Grace aqui — respondeu Cheng Li, sorrindo, segura no conhecimento de que estava um passo à frente dele.

Mas não desta vez.

— Grace não está aqui — disse Connor. — já foi embora.

Ver a expressão aparvalhada no rosto de Cheng Li foi muito satisfatório. Ele não perdeu mais tempo e começou a subir correndo até o topo do anfiteatro e o morro mais além.

Juntou rapidamente suas coisas e desceu pela última vez o morro da Academia. Sua cabeça estava quente e dolorida por causa de tudo que havia passado, e o ferimento na orelha precisava de algum tratamento — mas certamente não da enfermeira Carmichael.

Não queria mais nada daquele lugar e das pessoas dali.

Um churrasco fora preparado no terraço, e os alunos estavam ocupados enchendo os pratos e devorando a comida. Não foi fácil passar por eles sem ser percebido, mas felizmente a maioria estava preocupada demais com a comida para incomodá-lo. Connor esperava sinceramente que o comodoro Kuo e Cheng Li ficassem fora de seu caminho. A última coisa de que precisava era outro confronto com eles. Os dois o haviam magoado profundamente e nada havia de proveitoso em ouvir suas desculpas e racionalizações. Seus olhos examinaram o terraço. Uma mesa fora arrumada para os professores numa das extremidades. Claro! Connor deveria jantar com eles. Bom, esqueça. Haveria um lugar vazio esta noite.

Desceu até o cais. Uma figura se afastou das árvores na lateral do caminho. Connor recuou. Era a capitã Lisabeth Quivers. O que ela queria?

— Connor, eu só queria dizer que lamento muito.

Ele parou, olhando-a atentamente. Havia um sofrimento genuíno na voz da capitã.

— Lamento que sua visita à Academia tenha acabado assim. Algumas vezes o diretor leva as coisas um pouco longe demais.

Esse era o maior eufemismo do ano.

— Ele quase me fez ser morto.

— Não posso desculpar as ações dele e esta não é minha intenção. Não quero atrasar você, sei que tem assuntos urgentes com Molucco. Só queria dizer que nem todos somos iguais, na Academia ou na Federação. Se algum dia você mudar de idéia, eu ficaria honrada caso você achasse que poderia me contatar.

Era um pedido honesto de uma mulher decente. Ele apreciou o gesto.

— Obrigada — disse apertando a mão dela. — Agora preciso ir.

Ela assentiu e deu um sorriso. Em seguida cada um partiu numa direção.

O *Diablo* esperava no porto, e era uma visão capaz de aliviar olhos doloridos. Connor mal podia esperar para subir a bordo e ir embora da Academia. Mas, antes disso, outra pessoa atravessou seu caminho. Jacoby.

— Desculpe. Acho que não nos falamos mais — disse Connor, e continuou andando.

— Eu mereço — respondeu Jacoby, acompanhando-o — E você não precisa dizer nada. Mas realmente lamento muito, Connor. De verdade. Sou seu amigo...

Connor parou e se virou.

— Sua definição de “amigo” é meio deturpada.

— Eles me obrigaram, mas eu deveria ter recusado.

— É. Deveria.

Continuou andando. Agora estava junto ao cais.

— Não vou pedir perdão — disse Jacoby. — Seria bobagem e você só iria recusar, do modo como se sente agora. Mas *sou* seu amigo, Connor. Pelo menos quero ser. Errei, mas vou achar um jeito de me redimir com você. Pode demorar um tempo, mas vou fazer isso.

— Adeus — disse Connor, estendendo a mão para a escada que pendia na lateral do navio.

Sem se virar para trás, olhou para o topo da escada de corda. Lá no alto estava Bart, acenando e sorrindo para ele.

— Ei, companheiro — gritou Bart —, bem-vindo!

Connor sorriu e começou a subir a escada em direção ao seu amigo de verdade.



## CAPÍTULO 38

### *O retorno*

Grace estava de pé sob as velas do navio Vampirata. Seu coração batia forte. Estaria realmente de volta? Podia sentir as tábuas do tombadilho sob as solas dos pés. Não havia nenhuma barreira invisível a mantendo afastada. Estendeu a mão, que tocou no mastro. Ao fazer isso, uma veia de luz subiu da base das velas, iluminando-as de modo que, por um momento, pareceram vastas asas de bronze.

Ouviu uma porta se abrir com um rangido. Olhando pelo convés, viu que era a porta da cabine do capitão. Ficou ali, imobilizada. Pensou em sua falta de medo na primeira vez em que havia procurado o capitão do Vampirata. Agora estava tão cheia de temor quanto de outras emoções. Sabia muito mais do que na época, *sentia* muito mais.

— Venha, Grace. — O sussurro dele encheu sua cabeça. Como sempre, era desprovido de qualquer emoção.

Será que ainda estaria com raiva dela? Grace franziu a testa. A despeito do que ele pudesse sentir, *ela* ainda estava com raiva do capitão. Caminhou pelo convés em direção à cabine dele.

Enquanto transpunha a porta, seus olhos procuravam a familiar figura com capa e máscara. Não havia sinal. Adentrou ainda mais a cabine. A porta se fechou atrás dela. Continuou andando pela escuridão, vislumbrando luz à distância. Por fim viu a silhueta dele através dos postigos fechados. Ele estava junto ao timão do navio.

— Voltei mesmo desta vez? Voltei de *verdade*?

O capitão se virou para ela. Grace se pegou enfurecida com aquela máscara. Por que ele tinha tanto medo de revelar alguma emoção? Só ficou ali parado, como uma estátua, sem dizer nada durante um tempo. Agora ela estava totalmente cheia de raiva.

— É, você voltou. — Por fim o sussurro encheu sua cabeça. — E estou feliz.

A máscara se franziu ligeiramente. Ela reconheceu que ele estava sorrindo. Ficou satisfeita, mas ainda tinha negócios inacabados com *ele*.

— Está feliz? Mas você mandou que eu ficasse longe.

O capitão deu as costas para o timão. De novo. Grace ficou olhando enquanto o

tímão girava de um lado para o outro, livre do toque do comandante. O capitão foi até ela e estendeu as mãos enludadas.

— Sei que magoai você, Grace. E lamento. Havia muitas coisas na minha mente, muitos *desafios* que eu precisava enfrentar...

Grace sentiu lágrimas ardendo nos olhos.

— Mesmo assim — disse ela. — Não se deve afastar os amigos. Não se deve mandá-los embora. Deve-se deixar que eles fiquem e ajudem.

De novo ele não disse nada e ela se perguntou se teria passado do ponto com aquela explosão. Mas as mãos dele pousaram em seus ombros e ele baixou a cabeça.

— Peço desculpas, criança. Você está certa. Eu me perdi durante um tempo. Havia novas ameaças, novos perigos que eu precisava enfrentar. Mas isso não é desculpa para minha... crueldade com você.

Grace estava pasma. Não podia acreditar que o capitão do navio Vampirata estivesse lhe pedindo desculpas. Mas, por mais que isso fosse gratificante num determinado nível, ficou perturbada ao ouvir as palavras. De repente, era como se ele a estivesse procurando em busca de apoio. Queria ajudar, desejava que eles lhe permitissem ajudar durante muito tempo, mas sentiu um súbito fardo de responsabilidade.

O capitão levou Grace para a cabine e indicou que ela se sentasse à mesa com ele. Como sempre, a mesa estava coberta de mapas mas, dessa vez, também com numerosos livros antigos. Aquilo fez Grace recordar o momento em que estava no meio do dever de casa, procurando desesperadamente respostas onde quer que estivessem.

— Como você sabe, as coisas andaram difíceis por aqui desde que você foi embora — continuou o capitão. — Eu não queria envolvê-la nessas situações perigosas. Este navio não era um lugar seguro para você.

— A Academia dos Piratas também não era segura.

— Eu vi. Por isso fui pegá-la, no final.

— Não antes de eu quase me afogar!

Ele balançou a cabeça.

— Isso era desnecessário, Grace. E foi bobagem.

— Agora percebo — respondeu ela, sem graça. — Mas não sabia o que mais fazer. Estava tão desesperada para vir até aqui! Achei que se me pusesse no mesmo lugar...

— Sei por que você fez isso — sussurrou ele. — E admiro sua coragem. Mas às vezes você precisa aprender a esperar. Seu pai tinha um ditado: *confie na maré*. — Ele parou. Grace queria perguntar como ele sabia sobre seu pai e os ditados dele, mas, antes que pudesse dizer isso, o capitão prosseguiu:

— Na noite em que você se jogou no porto, eu também estava afundando em águas sombrias. Não pude ir até você. Mas sabia que Connor poderia ir. Seu irmão é corajoso. Corajoso e fiel.

— É. — De repente ela se sentiu muito idiota e ignorante. — *Eu* também lamento — disse baixando a cabeça. — Verdade.

— Não fique tão triste. Você é corajosa e sábia, Grace. Tem grandes poderes, mas acho que ainda não entende exatamente até que ponto eles vão. Ou o melhor modo de usá-los.

— Que tipo de poderes?

Seu ânimo estava renovado, e ela ansiava por ouvir mais. Porém o capitão não

podia ser apressado.

— Veja o modo como consegui se comunicar com seus amigos neste navio. E pôde viajar até aqui várias vezes...

Grace estava confusa.

— Eu achei que *elas* estavam me chamando. Primeiro, Darcy foi me ver. Então tive aquelas visões de Lorcan. Depois comeci a fazer viagens espirituais até aqui. Achei que *voês* estavam me chamando de volta.

— Darcy fez sua própria viagem espiritual até você — disse o capitão. — Na ocasião, fiquei com raiva dela, não queria que você fosse arrastada de volta para o perigo, mas não consegui permanecer com raiva. Você tocou Darcy, por isso pôde se comunicar tão intensamente com ela. Você tocou Lorcan... e outros também. — Ele baixou a cabeça outra vez. — Mas, quando você veio aqui, Grace, não foi devido a algo que tenhamos feito. Não. Foi você que optou por embarcar nessas viagens.

*Ela?* Seria verdade?

A vez embaixo do pé de jacarandá...

Depois em sua cama na Academia...

E finalmente na varanda...

Será que ela própria havia provocado aquelas viagens? Era difícil avaliar. E certamente não fora uma decisão consciente, por mais que ela quisesse ajudar.

— Sim, Grace. *Você* optou por vir até nós, como da primeira vez.

*Como da primeira vez?* Como assim?

— Na primeira vez, fui simplesmente apanhada numa tempestade — disse Grace. — Estava me afogando. Lorcan me salvou.

Por um momento o capitão não disse nada. Ela sabia que seu silêncio era apenas um véu sobre pensamentos que ele ainda não estava preparado para verbalizar.

— Como está Lorcan? — perguntou ela, ansiosa para saber das últimas novidades.

— Uma coisa de cada vez — respondeu o capitão. — Você deve aprender a ser paciente, criança.

Grace suspirou. Por mais que gostasse do capitão, ele podia ser muito irritante. Ela havia se esquecido dessa característica durante a ausência.

De repente ele se levantou de novo e foi em direção à lareira. Seu manto longo se arrastou atrás. A luz brilhava ao longo da rede de veias.

— Há alguém que eu gostaria que você conhecesse — disse ele.

— Quem? Por quê? — Ela esperava que ele não lhe desse uma bronca de novo por causa dessas perguntas.

— O nome dele é Mosh Zu Kamal. É um velho amigo meu. Você pode dizer que é o meu guru.

*Guru?* Grace sabia que a palavra significava líder ou professor. Ficou surpresa ao descobrir que havia alguém de posto superior ao do capitão. Mas então se lembrou de como o capitão parecera vulnerável antes. Era tranquilizador saber que ele tinha alguém a quem procurar nos momentos de crise.

— Foi ele que teve a idéia do navio — prosseguiu o capitão. — Foi ele que, no início, quando eu estava muito perdido, me mostrou o caminho.

Grace ficou intrigada demais ao pensar numa pessoa assim; não que o termo “pessoa” parecesse muito adequado para descrever o guru dos Vampiratas.

— Onde está ele? Ele viaja no navio? Por que ainda não o conheci?

O capitão sorriu. Dessa vez pareceu achar divertida sua torrente de perguntas.

— Ele não viaja neste navio, mas de vez em quando nos visita. Mas nesta ocasião *nós* vamos visitá-lo. Na verdade, vamos viajar para lá agora.

— Para onde?

— Ele mora num local chamado Santuário. Fica no topo de uma grande montanha. Grace olhou para o mapa aberto na mesa do capitão.

O capitão balançou a cabeça de novo.

— Acho que você não vai encontrar o santuário em nenhum mapa, criança.

Grace ficou perplexa, mas empolgada. Se não estava num mapa, como o capitão podia navegar até lá? Como iriam encontrá-lo? Agora ela *realmente* sabia que havia retornado ao navio Vampirata! Agora sabia por que precisara retornar. Este lugar tinha muitos mistérios — e ela só estava roçando a superfície de toda a sua magia.

— Estamos indo para lá agora? — perguntou, decidindo concentrar-se em coisas mais tangíveis. Seria longe?, pensou. E estariam viajando até lá só por causa *dela*?

O capitão sorriu de novo.

— Na verdade, há várias coisas sobre as quais devo consultar com Mosh Zu. Primeiro, acho que ele poderá ajudar Lorcan...

— Quer dizer, curar a cegueira?

— Só quero dizer o que digo, Grace. Mosh Zu vai ajudar Lorcan.

Grace franziu a testa. Será que o capitão estava dizendo que Lorcan permaneceria cego? Que esse seu guru só iria ajudá-lo a se adaptar ao estado atual? Não bastava! Lorcan *tinha* de recuperar a visão! Ela ainda se sentia muito responsável pelo que havia acontecido.

— Não é sua culpa — disse o capitão, de novo adivinhando seus pensamentos. — Eu estava errado, antes, ao dizer que era...

— Mas é minha culpa — respondeu ela, pesarosa. — Claro que é. Ele não teria ido para a luz se não estivesse tentando me ajudar.

— Essa parte pode ser verdadeira. Mas Lorcan não está ajudando a si mesmo a se curar.

Grace concordou com a cabeça. Lembrava-se muito nitidamente da última viagem espiritual ao navio. A noite do Festim. Lembrava-se de Darcy dizendo que Lorcan não queria tomar mais sangue de sua doadora.

— Não há nada que *eu* possa fazer para ajudar Lorcan? — perguntou, desanimado.

— Há — respondeu o capitão, para sua surpresa. — Há, claro. E você sabe o que é.

— Sei?

— Procure a resposta. Ela está dentro de você.

Ele pareceu subitamente perturbado de novo. Tinha aquela expressão que ela já vira, a que sinalizava que era hora de ficar sozinho.

— O senhor quer que eu vá agora, não é?

— Não é uma questão de querer. Há coisas que preciso fazer, questões em que preciso pensar.

— Sobre Lorcan?

Ele balançou a cabeça.

— Há outras questões urgentes para as quais preciso voltar minha atenção.

— Posso ajudar? O senhor sabe que eu faria tudo que estivesse ao meu alcance.  
O capitão pousou a mão enluvada em seu ombro.

— Você *já* está ajudando, Grace — sussurrou ele. — Mais do que imagina.



## CAPÍTULO 39

### *Um novo tipo de inimigo*

Foi a uma Taverna de Madame Chaleira muito diferente que Connor e seus colegas tripulantes chegaram naquela noite. A taverna não estava menos apinhada do que o normal, mas o estado de espírito era sombrio. Normalmente era preciso lutar para ouvir a própria voz acima do barulho de conversas e música, brincadeiras e brigas bobas. Mas nessa noite as vozes eram baixas e abafadas. Todo mundo tinha ouvido falar do que acontecera com Porfírio Wrathe e sua tripulação. Ninguém podia acreditar.

— Como vai, Sortudo? — disse madame Chaleira, apertando a mão de Molucco. Connor notou que ela se vestia de modo mais simples e conservador do que o normal. Docinho de Coco estava ao lado dela, segurando uma bandeja de bebidas. Também estava vestida e maquiada com mais simplicidade. Sem maquiagem ela parecia mais linda do que nunca, pensou Connor. Docinho deu um sorriso para ele. Connor desviou o olhar, sem graça.

— Todo mundo está esperando por você — disse madame Chaleira a Molucco. — Todos vieram. Eu sabia que viriam. Vai falar com eles agora ou gostaria de algo para reforçar, antes?

Molucco a olhou com tristeza e encolheu os ombros. A decisão mais simples parecia uma tortura, em seu sofrimento.

— Aqui — disse madame Chaleira, passando os copos da bandeja de Docinho de Coco. Cada copo continha uma dose de líquido vermelho translúcido. — Conhaque de coral — disse a madame. — O gosto é mais ou menos, mas o efeito é um soco! Dizem que deixa a gente forte como os recifes de coral. Um para você também, sr. Tormenta. E você, Bartholomew.

A Madame e Docinho ficaram com os dois últimos copos.

— Ao Porfírio — disse a Madame, levantando seu copo. Todos juntaram os copos e depois tomaram o conhaque. Connor se encolheu. Sem dúvida era a bebida mais horrível que já havia tomado na vida. Mas, assim que o gosto podre recuou, ele sentiu

um estranho calor se espalhando por todo o corpo.

— Vamos, então — disse a Madame, segurando de novo a mão de Molucco.

Guiou o capitão Wrathe até o palco no centro da taverna. Connor e Bart ficaram de lado, olhando os grupos de tripulações piratas que enchiam o bar.

— Eles vieram de todos os cantos — disse Bart —, demonstrar o apoio ao capitão Wrathe.

Connor olhou de novo para Molucco enquanto o capitão ia até a frente do palco.

— Ele está realmente abalado, não é? — perguntou.

— Cara, você precisa ver como ele fica quando está sozinho. Mal consegue se manter de pé.

— Não posso dizer que o culpo — disse Cate, chegando ao lado dos dois. — O que aconteceu com Porfirio foi horrendo.

Connor assentiu. Ainda tentava absorver tudo aquilo.

— Amigos — disse Molucco, o olhar percorrendo as fileiras irregulares. — Agradeço a todos por terem vindo aqui esta noite. Seu apoio significa muito para mim neste momento. — Fez uma pausa. — Perder um irmão querido deixa o ferimento mais profundo. Mas perdê-lo de modo tão monstruoso, bem, corta o coração da gente. — Outra pausa. — Esta notícia partiu meu velho coração grisalho. — Uma nova lágrima escorreu pelo rosto de Molucco. Madame Chaleira avançou e apertou um lenço na mão dele. Ele o segurou, mas deixou que a lágrima escorresse livremente. A multidão esperou com paciência que ele continuasse.

— Perdoem — disse Molucco. — Não estou aqui para implorar solidariedade.

— O senhor já tem nossa solidariedade! — gritou um dos piratas na platéia.

— Obrigado. O senhor é muito gentil mas, realmente, não estou aqui para pedir solidariedade. — Ele respirou fundo. — Estou aqui para exigir ação.

— É só dizer! — gritou um dos piratas na frente de Connor.

— É — acrescentou outro. — Estamos ao seu lado.

— Isso! — gritaram vários outros piratas. Os pêlos da nuca de Connor se eriçaram. Ele nunca vira tanta gente unida por uma causa.

Mas houve uma voz desgarrada. Veio das sombras.

— Deixe isso com a Federação. A Federação dos Piratas deveria cuidar desses assuntos. — A voz parecia familiar, pensou Connor, mas ele não podia ver quem falava.

Molucco balançou a cabeça.

— Que necessidade tenho da Federação, quando tenho amigos? Vamos nos juntar e derrotar o inimigo.

A multidão aplaudiu os sentimentos de Molucco.

— Acho que a maioria de vocês sabe do horror que aconteceu há duas noites — disse Molucco. — O navio de meu irmão estava navegando sob uma terrível tempestade e procurou abrigo numa baía não longe daqui, perto de um farol. Porfirio e sua corajosa tripulação estavam lutando contra as forças da natureza e perderam ajuda ao pessoal do farol. — Sua voz ficou mais forte à medida que ele continuava. — Mas a equipe do farol *não* trouxe ajuda. Trouxe *morte*.

Quando Molucco parou de novo, era possível escutar um alfinete caindo nas tábuas sujas da taverna.

— Não sabemos exatamente o que aconteceu — disse Molucco. — De uma tripulação de 150 pessoas, apenas 17 homens e mulheres sobreviveram naquela noite.

Conversei com eles, e só alguns ainda têm a mente no lugar. Disseram que a selvageria cometida pela equipe do farol estava além de qualquer coisa que já tivessem testemunhado em todo o tempo que passaram no mar. — Molucco foi até a frente do palco e estendeu a mão. — Amigos, vamos ser muito claros. Este é um novo tipo de inimigo. Um inimigo velado. Eles não buscam ouro. Não buscam vantagens sobre o oceano. Só querem sangue.

As palavras de Molucco fizeram Connor gelar. Assim como gelaram cada pirata — homem ou mulher, jovem ou velho — reunido na taverna de madame Chaleira naquela noite. Mas arrepiaram Connor mais profundamente quando ele pensou que Grace havia retornado ao navio Vampirata. Um retorno *permitido* por Connor. Não que ele tivesse muita chance de impedir a irmã, pensou, lamentando. Grace era inflexível ao dizer que, na maioria, os Vampiratas amavam a paz. Esperava de todo o coração que ela estivesse certa. Que apenas alguns renegados se ajustavam à descrição aterrorizante de Molucco.

— O navio de Porfírio não está longe daqui — continuou Molucco. — Esses monstros o levaram e estão navegando ao longo da costa. Mas não ficarão com ele. — O capitão ergueu a voz e gritou para a platéia: — Eles não velejarão no navio do meu irmão.

— Vamos alcançá-los! — gritou um capitão-pirata.

— É — disse Molucco. — Alcançar o navio pirata não será difícil. Mas, assim que o abordarmos, o que vamos fazer?

— Molucco! — gritou uma voz na lateral do palco.

— Sim, capitão Gresham.

— Molucco, pelo que sabemos, há apenas cinco desses... demônios.

— Sim — respondeu Molucco. — A bordo do navio, sim. Parece incrível, mas é verdade: os sobreviventes disseram que todas as mortes e a devastação foram causadas apenas por cinco.

— Então não podemos ser presunçosos — disse o outro capitão.

— Não — concordou Molucco, balançando a cabeça. — Cinco pode parecer nada diante de uma multidão como a nossa, mas esses cinco não são comuns. Não lutam com espadas. Nem são detidos por elas.

— Precisamos de uma arma diferente — disse o capitão.

Molucco assentiu.

— Um novo tipo de arma para um novo tipo de inimigo. Mas o quê?

A taverna estava silenciosa, então um barulho começou a crescer como uma onda se quebrando, enquanto os piratas reunidos debatiam que arma escolheriam. Connor ficou olhando a multidão. Em seu centro viu um estranho alto, vestido com uma capa escura, parecida com couro, e uma máscara. Apesar da máscara, Connor podia ver que o estranho olhava diretamente para ele — e só para ele. E, quando o estranho fez isso, uma voz dentro da cabeça de Connor sussurrou:

— Fogo.

Connor pensou que seus olhos e seus ouvidos o estariam enganando — um efeito retardado do conhaque de coral, talvez. Mas o estranho mascarado continuou a encará-lo e a cabeça de Connor se encheu mais uma vez com o sussurro curioso.

— Diga a eles, Connor. Fogo.

Instintivamente Connor abriu a boca e gritou:

— Fogo!

A multidão ficou subitamente em silêncio. Mil cabeças se viraram para ele.

— Não aqui — disse Connor. — A nossa arma. Vamos levar o fogo até eles.

— Isso! — gritou Molucco. — É isso! Simples, eficaz, brilhante. Sim, sr. Tormenta. Nossa arma será o fogo. — De repente ele estava totalmente objetivo outra vez. — Agora, será que posso pedir a todos os capitães e subcapitães aqui que se juntem comigo para estabelecermos as táticas...

Connor olhou de novo para a multidão, que começava a se dispersar. O estranho mascarado devolveu seu olhar e assentiu.

— Connor, vamos pegar uma cadeira, companheiro — disse Bart.

— Claro — respondeu Connor, virando-se para o amigo. — Claro, encontro você em um minuto. Preciso falar com alguém.

— Com quem?

— Aquele homem ali, o de máscara.

— Máscara? Não estou vendo ninguém com máscara.

— Bem ali no meio do bar.

— Acho que alguém andou tomando conhaque demais...

Mas Connor havia saído de perto dele e caminhava pelo bar em direção ao estranho mascarado. Ele chamou Connor para a lateral do salão e subiu a escada. Connor foi atrás, na direção da galeria de reservados.

O estranho entrou no primeiro reservado e Connor o seguiu, fechando a cortina de veludo. Seu coração estava disparado.

— Connor. — As palavras entraram na cabeça de Connor como gelo derretido. O estranho estendeu a mão enluvada. Connor a apertou.

— O senhor é o capitão, não é? — perguntou Connor. — O capitão do navio Vampirata.

O capitão assentiu.

— É bom conhecê-lo finalmente, Connor Tormenta.

De novo a cabeça de Connor se encheu com o sussurro.

— O senhor também.

— Achei que você talvez estivesse com raiva de mim.

— Com raiva, senhor? Por quê?

O capitão sentou-se.

— Porque Grace voltou ao meu navio. Porque ela não consegue ficar longe.

— A princípio fiquei com raiva, bem... fiquei frustrado — disse Connor, sentando-se. — Achei que, depois de tudo que havia acontecido, deveríamos ficar juntos. Mas agora sei que ela precisa estar lá. Eu fui egoísta, achei que poderia continuar sendo pirata e simplesmente esperar que ela me acompanhasse. Mas, no fim, percebi que tínhamos de seguir caminhos diferentes. Pelo menos por enquanto.

O capitão assentiu.

— Então você é sábio, Connor Tormenta. Sábio, além de forte.

— Ela está em segurança lá, não está? É um lugar seguro?

O capitão fez uma pausa.

— Existe algum lugar seguro?

Não era a resposta que Connor havia esperado.

— Não fique tão preocupado, Connor. Farei o máximo possível para proteger Grace, e ela tem outros amigos a bordo, que sentem o mesmo que eu. Além disso, Grace

é muito forte.

— Eu sei. Ela é a mais forte de nós dois. Sempre foi.

O capitão pareceu surpreso com essa declaração. E Connor havia surpreendido a si mesmo ao admitir o fato.

— Preciso retornar agora — disse o capitão.

— Tão cedo? — De repente, Connor tinha uma centena de perguntas para o capitão.

— Você sempre pode vir nos visitar, e sabe disso. Você é bem-vindo.

— Mas como vou encontrá-los? Até Grace teve dificuldade para encontrar o caminho de volta ao navio.

O capitão balançou a cabeça.

— Na verdade, não. Não é muito difícil encontrar.

Ele se levantou e começou a sair do reservado.

— Espere! — disse Connor.

O capitão se virou.

— O senhor me disse para mandar que eles usassem fogo.

— Sim.

— Mas... as pessoas que assassinaram Porfírio são... são Vampiratas também, não é?

Connor ficou surpreso ao ver quanta emoção o capitão podia exprimir através da estranha máscara. Ele pareceu triste e exausto.

— São exilados. Eu lhes dei abrigo por um tempo. Mas não mais.

— Então quer que eles morram, tanto quanto os piratas? Eles podem sofrer uma segunda morte?

O capitão pensou no assunto.

— Não desejo o sofrimento nem a morte para nenhuma criatura viva. Mas, nesse caso, temo a alternativa. — Ele fez uma pausa. — Mais uma coisa, Connor. Uma coisa importante.

— Sim? O que é?

— Dentre os exilados, talvez você veja alguém que pareça conhecido. Mas não se engane. Ele não é o que aparenta, é apenas um *av*. Você deve ser muito forte, Connor. Deve mostrar o caminho. Não deixe que ele impeça você e seus colegas de fazerem o que *devem*.

O que ele queria dizer? Connor franziu a testa. Por que o capitão falava em forma de charada?

Como se tivesse ouvido os pensamentos de Connor, o capitão sorriu.

— Porque você saberá, Connor. Quando chegar a hora, entenderá e agirá. Você não precisa de tanta ajuda quanto imagina. Seu destino não é seguir, e sim liderar. — Ele estendeu a mão de novo. — Até a próxima vez, Connor Tormenta.

Connor apertou a mão enluvada do capitão. Ao fazer isso, sentiu uma onda de força e determinação penetrar nele. Era uma sensação estranhíssima — como se viesse diretamente das veias do capitão para as dele. E havia mais um mistério. Enquanto Connor segurava com força a mão do capitão, teve uma sensação muito estranha. Não havia explicação lógica — mas tinha certeza de que era uma mão que ele já havia segurado.





## CAPÍTULO 40

### *Doadora*

Grace estava perturbada demais para dormir. Puxou a cortina de sua escotilha. Estava claro lá fora. No navio Vampirata aquelas horas de luz do dia eram as horas de descanso, mas ela ainda não havia ajustado seu ritmo circadiano.

Desceu da cama e, vestindo de novo o casaco de Darcy, saiu da cabine e foi pelo corredor. Abriu a porta para o convés e, sentindo o súbito sopro de ar frio, saiu.

Era um dia de tempo agitado, mas ela achou a brisa um tanto reconfortante. Desarrumava seu cabelo e ajudava a dor de cabeça a diminuir. O som do vento e as águas inquietas lá embaixo ajudavam a abafar o barulho constante dentro da cabeça. Desenrolou as mangas do casaco sobre as mãos para mantê-las quentes e foi até a amurada na beira do convés.

Ao redor, o mar estava cinzento e revolto. Até onde podia ver, não havia sinal de nenhum outro navio. E nenhum sinal de terra — de Santuário, fosse qual fosse sua aparência. Imaginou em que ponto da viagem estariam. Seria esse o oceano normal ou já teriam passado para águas não mapeadas?

Seus pensamentos foram interrompidos por um leve toque no pescoço. A princípio achou que seria a brisa levantando a gola do suéter. Mas então aquilo aconteceu de novo e ela percebeu que era a mão de outro viajante. Ninguém deveria estar aqui em cima nas horas de claridade. Ninguém a não ser o capitão — e as mãos dele estavam sempre enluvadas. Dava para perceber que era uma mão nua. Sentindo um medo súbito, Grace se virou lentamente.

— Olá — disse uma mulher pequena e delicada. Parecia familiar.

— Olá — respondeu Grace, tentando situá-la. Era pequenina e muito bonita, mas também muito pálida.

— Sou Shanti — disse a mulher. — A doadora de Lorcan.

Claro! Agora a reconhecia. Grace a vira com Lorcan na noite do primeiro Festim. Naquela noite Grace havia invejado Shanti — não somente por sua beleza mas pela fácil intimidade que ela demonstrava ter com Lorcan. Agora Shanti parecia mais velha e mais

frágil. Sua testa estava cheia de rugas de preocupação.

— Você é Grace — disse Shanti, adiantando-se e juntando-se a Grace junto à amurada. — Lorcan fala muito de você.

Grace ficou satisfeita com a informação. Mas sentiu-se sem jeito. Nunca havia falado com um doador antes e, ainda que o capitão tivesse explicado algo do relacionamento entre vampiro e doador, ela continuava com muitas perguntas sem resposta.

— Quando você voltou? — perguntou Shanti, voltando os olhos para o mar cinzento.

— Ontem.

— E dessa vez vai ficar? — Havia uma tensão na voz de Shanti. Será que estava com ciúme de Grace? Parecia que sim, mas sem dúvida ela não tinha motivos para sentir ciúme. Mesmo assim, concluiu Grace, era melhor pisar em ovos.

— Não sei quanto tempo poderei ficar — respondeu, sincera. — A decisão não é minha.

— Não entendo — disse Shanti, enquanto o vento brincava com seu cabelo comprido e escuro.

— Nem eu — respondeu Grace, sorrindo enquanto se virava para a companheira. — Tudo é um mistério para mim.

Shanti continuou olhando à distância.

— O quê é mistério?

— Este navio. Os Vampiratas. Os doadores. Realmente sei muito pouco. Nem sabia que os doadores podiam subir a este convés.

— Temos permissão de vir aqui durante o dia. Mas não depois do Toque do Anoitecer. — Ela estremeceu. — É para nossa própria proteção. Além disso, precisamos de uma boa noite de sono. O sono nos mantém fortes. O sono torna nosso sangue puro.

Grace assentiu. As coisas estavam começando a fazer sentido.

— Não que isso importe muito agora.

— Por quê? — perguntou Grace.

Shanti deu de ombros, ainda se recusando a encarar Grace.

— De que serve o sangue de um doador quando o vampiro se recusa a alimentar-se?

Agora ela parecia muito magoada. Claro, Lorcan havia parado de tomar sangue desde que se ferira. Isso poderia ter sido um alívio para a doadora, pensou Grace. Mas, olhando a garota, viu que nada poderia estar mais distante da verdade.

— Sinto muito — disse Grace.

— De que adianta sentir? — Havia lágrimas nos olhos de Shanti.

Grace estendeu a mão para o ombro dela, mas Shanti recusou o toque.

— Me deixe em paz! — disse ela. — Não preciso da *sua* solidariedade.

— É que eu me sinto responsável. Lorcan não estaria desse jeito se não fosse por minha causa.

Por fim Shanti se virou para ela, com lágrimas descendo pelo rosto.

— Sei perfeitamente desse fato — disse ela.

— Você gosta de Lorcan. — Claro que gostava. Como poderia não gostar dele?

Mas Shanti balançou a cabeça.

— Não estou chorando por ele. Sou eu. Eu tinha um bom motivo para estar neste navio. Se ele não quer mais tomar meu sangue, não resta nada para mim aqui. Terei de ir embora.

Grace ficou perplexa.

— Aonde você iria?

— Essa é a questão, não é? Não posso voltar para os lugares de onde vim. Eles não existem mais. Pelo menos desde as enchentes. Não tenho lar, não tenho família, nem... nem nada. Este navio era minha última chance.

— O apetite de Lorcan vai retornar — disse Grace. — Eu sei que vai. E, mesmo que não retorne, bem, sem dúvida o capitão vai deixar que você fique.

Shanti balançou a cabeça.

— Você não entende. Você mesma disse. Tudo é um mistério para você. Bem, para mim é óbvio como o dia e a noite. Eu fiz um trato, veja bem. Todo doador faz o mesmo trato. Enquanto a gente estiver fornecendo sangue, tudo bem. Mas, caso ocorra alguma coisa que impeça isso, bem, eles não terão necessidade de você. É adeus e boa sorte.

Grace ficou chocada com as palavras de Shanti. Não podia acreditar que o capitão fizesse as coisas desse modo. Ele sempre fora tão gentil, tão cuidadoso com ela!

— Você não pode entender — disse Shanti, cada palavra pingando dor e amargura. — O que você sabe sobre não ter nada neste mundo? Sobre não ter aonde ir?

Grace ia responder à pergunta, mas percebeu que a outra não queria resposta.

— Não, você não pode imaginar. Quando as enchentes vieram, perdi tudo que tinha no mundo, tudo menos meus ossos e meu sangue. E fiz um trato com o diabo para mantê-los. Era a última chance. A chance final. Mas tinha seu lado positivo. — Ela parou, as palavras haviam saído numa torrente tão grande que precisou recuperar o fôlego. — *Eles* todos são imortais, claro. Isso é fácil para eles, quando atravessam. Mas nós, bem, para nós não é a mesma coisa. Só somos imortais enquanto estivermos com eles, alimentando-os. Quando eles param de se alimentar, a idade nos alcança.

Então era por isso que ela parecia tão mais velha do que quando Grace a vira no Festim. Quantos anos teria?, Grace ficou pensando. Quanto tempo ainda teria Shanti? Não era de espantar que estivesse com tanta raiva de Lorcan. E de Grace.

— Shanti, lamento muito o que aconteceu. De verdade. Mas estou aqui para ajudar Lorcan a ficar melhor. Sei que ele vai melhorar.

Shanti fungou, afastando as mãos da amurada.

— Talvez ele melhore. E talvez não. Não me importa mais. Porque, mesmo que ele decida tomar sangue de novo, não é meu sangue que ele quer mais, não é?

A mulher encarou Grace, furiosa, depois começou a andar pelo convés. Grace se virou e foi atrás.

— Como assim? Se ele não quer seu sangue, quer o de quem?

— Ah, jura mesmo que não sabe! Eu achei que você era inteligente!

Com isso, ela se virou e apertou o corpo frágil e pequeno contra a porta. Num instante havia desaparecido de novo.

Suas palavras ressoaram na cabeça de Grace. O que ela estava dizendo? Que Lorcan queria o *seu* sangue? Será que o único modo de curar Lorcan era se tornar sua doadora?

Grace pensou no que o capitão havia dito quando ela perguntou como poderia ajudar.

*Procure a resposta. Ela está dentro de você.*

Começou a tremer, de repente ciente do sangue que bombeava em cada veia do corpo. Seria disso que Lorcan precisava? Se ela realmente quisesse salvá-lo, era esse o preço que teria de pagar?



## CAPÍTULO 41

### *Fogo*

Era um plano simples que Molucco e os 11 outros capitães piratas haviam estabelecido. Rodar o navio e começar a lançar fogo de todos os lados. Tanto fogo que seria preciso um oceano para aplacar o calor. Deixar os ocupantes assassinos sem chance possível de escapar. Molucco sabia que isso significava que o navio do irmão — junto com o corpo do irmão e dos tripulantes — seria transformado em cinzas. Mas, com Porfírio morto, concluiu que esse era o final certo.

— Como os piratas de antigamente — anunciou com solenidade —, seu navio será sua pira funerária.

E assim, naquela noite, 12 navios partiram pelo litoral. O *Diablo*, claro, ia à frente da flotilha. No convés de cada navio, uma fogueira controlada fora preparada — pronta para o momento em que cada força pirata acenderia suas tochas e se prepararia para o ataque simultâneo. Olhando os preparativos, Connor ficava pensando no que o capitão Vampirata lhe havia dito.

*“Dentre os exilados, talvez você veja alguém que parece ser conhecido. Mas não se engane. Ele não é o que aparenta, é apenas um eco.”*

O que ele quisera dizer com “um eco”? E de quem o capitão estaria falando?

*“Você deve ser muito forte, Connor. Deve mostrar o caminho. Não deixe que ele impeça você e seus companheiros de fazerem o que devem.”*

O capitão parecia muito confiante de que Connor podia controlar os outros, mas ele ainda era novo para a tripulação. Certo, Molucco o ouvia, mas ele não tinha nem um pouco de certeza de que pudesse comandar o resto dos companheiros no calor da batalha.

*“Quando chegar a hora, entenderá e agirá. Você não precisa de tanta ajuda quanto imagina. Seu destino não é seguir, e sim liderar.”*

Seria verdade? Connor pensou de novo em sua visão de se tornar um capitão-pirata. Talvez hoje fosse seu primeiro teste em direção a esse objetivo.

O canhão do navio rugiu. Era o sinal. O navio roubado fora avistado. O *Diablo* ajustou o rumo. Connor olhou para trás e teve a incrível visão de 11 navios se movendo em formação, cada um levando círculos perfeitos de fogo — como pequenos planetas — através da noite.



Os navios se viraram para o alvo, reunindo-se ao redor como abelhas numa colméia. O navio de Porfírio estava à deriva, as velas enroladas. Os piratas não conseguiam ver nenhum sinal de vida a bordo — mas o convés vazio tinha a terrível e sangrenta prova da chacina. Uma nova sirene soou. Em cada navio, os piratas se armaram com tochas acesas. Uma segunda sirene. E agora os piratas começaram a atirar tochas de todos os lados contra o convés do navio. Em pouco tempo o convés estava cercado de chamas.

— Isto é por Porfírio — gritou Molucco, atirando uma tocha flamejante em direção ao mastro.

Os piratas do *Diablo* gritaram em comemoração quando as velas começaram a pegar fogo. Os gritos foram acompanhados pelos homens dos outros navios até que havia uma parede de som ao redor do círculo de fogo.

De repente surgiram figuras no convés do navio. Connor olhou com mais atenção. Eram quatro — três homens e uma mulher —, e vinham encolhidos em meio ao fogo. Os olhos de Connor os examinaram — aqueles monstros! Havia um homem alto e negro, com o cabelo prateado refletindo as chamas. Depois um mais alto, mais magro e mais jovem. E uma garota, uma garota linda, mas mesmo assim um monstro. E então... e então surgiu o quarto vampiro. Connor se encolheu. Era Jez!

Connor olhou para Jez, lembrando-se da última vez em que o vira, deitado na cabine de Molucco depois de terem trazido seu corpo de volta através da desejo. Lembrou-se do momento, no convés do *Albatroz*, em que a vida de Jez finalmente o havia abandonado. Enquanto visse, Connor jamais esqueceria aquele momento. De súbito entendeu as palavras do capitão Vampirata. *“Dentre os excitados, talvez você veja alguém que pareça conhecido. Mas não se engane. Ele não é o que aparenta, é apenas um eco”*. Não era Jez.

Ao lado de Connor, Bart empalideceu de horror. Connor se virou para o amigo, que apontava perplexo para Jez — ou para a coisa em que Jez havia se transformado.

— Não é ele — disse Connor. — Parece, mas não é Jez.

O rosto de Bart era pura confusão agonizada.

— Não entendo. Olhe para ele...

— É complicado — disse Connor, subitamente compreendendo as palavras do capitão Vampirata. — Depois de Jez ter morrido, depois de fazermos o sepultamento, ele foi trazido de volta à vida. Bem, trazido de volta a *alguma coisa*...

Bart balançou a cabeça.

— Está dizendo que meu velho camarada é um vampiro?

— É um Vampirata — disse Connor.

— A tripulação que salvou Grace?

Bart estava — compreensivelmente — lutando para aceitar. Mas agora Connor viu que outros membros da tripulação haviam notado “Jez” e estavam contendo o fogo. Precisava fazer alguma coisa. Se interrompessem o ataque, quem sabia que perigo poderia brotar daquilo?

— Não é ele! — gritou. — Não é o Jez! — E subiu mais alto no convés. — Confiem em mim, não é o Jez!

Os piratas olharam de volta para Connor, todos em confusão desenfreada. Eles também tinham visto Jez morrer. Tinham visto seu caixão ser lançado ao mar.

No outro navio, Stukeley olhava inseguro para eles através das chamas que saltavam — os olhos traíndo uma mistura de medo, surpresa e confusão. E então viu Bart. E algo rompeu a confusão.

— Bart! — gritou ele. — Connor! *Os três bucaneiros!* — Era reconhecivelmente a voz de Jez.

— Sem dúvida *parece* com ele — disse Bart, o rosto retorcido de dor.

— Você o viu morrer — disse Connor, ansioso. — Lembre-se disso. Juntos nós jogamos o caixão no mar. — Connor se virou para o resto da tripulação. — É um truque! Todos vimos Jez morrer. Estávamos todos lá quando ele foi sepultado no mar. Isso é um truque, garanto, o tipo de truque mais cruel. Mas esta é a tripulação que assassinou Porfírio Wrathe e seus tripulantes. *Devemos* continuar o ataque!

Houve um momento em que Connor pensou que havia fracassado, mas então, de súbito, os tripulantes começaram a levantar as tochas de novo. Eles hesitaram, olhando para Bart. O significado era claro. Bart havia sido o melhor amigo de Jez. Que ele tomasse a decisão final.

— Sim — gritou Bart. — Connor está certo. É um truque. Eu abracei meu amigo quando ele morreu. Isto aí não é ele! Joguem as tochas!

Connor sabia que aquele era um momento terrível para Bart. Era o fim dos Três Bucaneiros. Enquanto os piratas ao redor renovavam o ataque com mais vigor, Connor e Bart fecharam os olhos. Quando os abriram de novo, instantes depois, não podiam mais ver nem ouvir Jez através das chamas.

Aos poucos, os gritos dos três companheiros de Jez também cessaram.

Era como olhar um navio totalmente feito de fogo — da proa à popa, do mastro às velas e ao cordame. Toda a estrutura estava começando a se desmontar, desfazendo-se e caindo nas águas escuras.

Uma sirene soou. O trabalho dos piratas fora feito. O navio estava destruído e, com ele, sua tripulação assassina. A vingança, pensou Connor, era uma coisa dolorosa. Não deixava satisfação real, em vez disso ficava um sentimento de repulsa, culpa e sujeira. Desejou que o *Diablo* pudesse ir para longe agora mesmo, considerando o serviço feito.

Mas, de repente, ouviu um rugido e viu uma enorme figura emergir do centro das chamas. Os olhos de Connor saltaram. Era César — o estranho que havia conhecido a tripulação do *Diablo* na taverna de madame Chaleira e os guiou ao navio Vampirata para resgatar Grace. César, que havia misteriosamente desaparecido do navio. Agora Connor pensou que entendia o motivo. Mas precisava de confirmação. Subiu no cordame para estar no mesmo nível dos olhos do monstro.

— César! — gritou. — César!

Os outros piratas olharam para Connor e depois para o navio em chamas. Os que haviam conhecido “César” começaram a assentir. Mas agora a compreensão começava a se espalhar. Havia algo seriamente deturpado naquele outro navio — sua tripulação não era o que parecia. Afinal de contas, eram demônios.

Agora, o último vampiro sobrevivente se virou para Connor. Era como olhar o

rosto do diabo — os olhos ardendo com o mesmo fogo que devorava, faminto, seu navio. Connor tentou desviar o olhar, mas a visão, ainda que medonha, era irresistível.

— Meu nome não é César, idiota! Meu nome é... Sidório!

Claro! Agora tudo fazia sentido. Este era o vampiro que havia tentado atacar Grace. Era o que o capitão Vampirata havia exilado. Ele levava os piratas até o navio Vampirata *não* para resgatar Grace, e sim para destruir os Vampiratas...

— Dêem-me uma tocha! — gritou Connor para um dos piratas abaixo. — Depressa, dêem-me uma tocha! — Uma tocha foi passada a ele. De repente Connor se sentia como um oficial superior.

— Isto é por Grace! — gritou, atirando a tocha diretamente contra Sidório. O fogo acertou o convés bem na frente dele.

— E outra! — gritou Connor para os piratas embaixo. Rapidamente outra tocha foi passada.

— Isto é por Jez! — gritou Connor, lançando a tocha pelo ar. Ela acertou na lateral do corpo de Sidório. Uma chama terrível subiu de sua carne, ou do que quer que ele fosse feito. Fumaça negra começou a subir acima dele.

— Fogo! — rugiu a voz de Sidório. — O fogo só me deixa mais forte.

— Outra! — gritou Connor. — Passem-me outra e juntem todas as tochas que restam. Vamos jogar juntos.

Os piratas passaram outra tocha para Connor, depois pegaram as suas. Connor olhou para os piratas do *Diablo*. Por um momento, era a *sua* tripulação. Bart, Cate... até Molucco estava olhando para ele.

— E isto — gritou Connor, olhando por cima da água e do fogo, para o gigante em chamas. — Isto é por Porfírio! — Em seguida atirou sua tocha pelo céu noturno. Ela voou num arco longo, encontrando as centenas de outras tochas lançadas pela tripulação. Elas fizeram chover fogo no convés do antigo navio de Porfírio. Nada, ninguém, era visível através das chamas. O único barulho eram os estalos devoradores. O único cheiro era da fedorenta fumaça enquanto o navio se incendiava até virar nada.

Então, acima dos estalos das chamas, veio um rugido mais alto.

— *O fogo só me deixa mais forte.* — Mas a voz havia mudado, de algum modo. Sidório era uma criatura vaidosa, pensou Connor. Afirmaria seu poder até o fim, mas não poderia sobreviver a esse último ataque.

Mas, para espanto de Connor, as chamas começaram a se moldar na forma do monstro, até ele estar com cinco, dez, vinte, quarenta metros de altura. O gigante pairou furioso acima deles.

— *A morte não pode me levar* — rugiu ele. — *A morte não pode levar os mortos de volta.*

Quando suas palavras terminaram, o fogo se apagou subitamente. A terrível imagem de Sidório desapareceu. E, de súbito, mesmo com o coração batendo violentamente, tudo que Connor enxergava era um navio se queimando. Uma pira funerária para Porfírio Wrathe e sua tripulação. E, de algum modo, pensou Connor, para Jez também.

Por longo tempo ficou ali pendurado no cordame, olhando o navio se queimar, tornando-se uno com as águas que o haviam sustentado. Será que agora os oceanos estavam de novo em segurança? Será que a maré de terror de Sidório havia terminado?

Por fim olhou para baixo e viu que Cate, Bart e Molucco haviam se reunido abaixo dele, no convés.

— Desça! — gritou Molucco. — Agora acabou!

Connor desceu do cordame, subitamente atordoado com tudo que havia acontecido, com frio e tremendo de emoção exaurida.

Quando chegou ao convés, Cate e Bart se adiantaram e o abraçaram. Era exatamente disso que ele precisava.

— Você é incrível — disse Bart.

— Um verdadeiro herói! — acrescentou Cate.

O capitão Wrathe assentiu, estendendo os braços para Connor.

— Você salvou a pátria, sr. Tormenta. Se não fosse você... se não fosse você...

Connor balançou a cabeça.

— Só fiz o que qualquer pirata teria feito por seu capitão, por seus amigos.

Quando Connor se viu abraçado pelo capitão, pensou na pergunta que o capitão Vampirata lhe havia feito.

*“Existe algum lugar realmente seguro?”*

Um tremor atravessou seu corpo inteiro. Uma batalha havia terminado, mas outra não estaria muito distante. Eles eram piratas. Era isso que *significava* ser pirata.

Por cima do ombro de Molucco, Connor viu a frota de navios partir para a noite. Sou parte de tudo isso, pensou, escolhi isso e escolheria de novo e de novo, sejam quais forem os perigos.



## CAPÍTULO 42

### *Um milhão de mistérios*

Grace estava esperando no convés enquanto a luz do dia se desbotava no crepúsculo. Tinham viajado pelo oceano e o céu cinzentos, entrando em águas mais escuras, mas ainda não fazia idéia se o Santuário estaria perto ou longe. Não vira o capitão para perguntar. Ele estava ocupado com seus planos — e agora ela também tinha planos.

Quando o sol caiu nas águas de obsidiana, Grace olhou para a figura de proa do navio, esperando que Darcy Flotsam acordasse. Isso aconteceu apenas alguns instantes depois de o sol finalmente ser engolido pelas ondas. Grace ouviu um estalo e viu o primeiro sinal de movimento abaixo. O pescoço de Darcy se levantou ligeiramente, causando outro pequeno estalo. Então seu cabelo bem arrumado balançou de um lado para o outro. *Crac-chhh. Crac-chhh.* Em seguida seus braços se movimentaram bruscamente — *crui-ac* — e logo as pernas também. Ela devia saber que estava sendo observada, porque virou o rosto na direção de Grace e piscou antes de se virar de novo e mergulhar na água.

Desapareceu embaixo d'água com um som delicado e surgiu de novo a alguns metros dali, empurrando o cabelo liso para trás e olhando ao redor com espanto, como se visse o mundo pela primeira vez. Boiou um pouquinho, depois nadou ao redor do navio para subir a escada e se juntar a Grace no convés.

— Boa-noite, Grace — disse ela, pingando nas tábuas vermelhas. — Voltou de vez?

— Voltei, Darcy. Pelo menos, espero que sim.

— Então o que há de errado? Posso ler você como se fosse um livro, Grace Tormenta. Na verdade, muito melhor do que um livro. E dá para ver que está num daqueles estados de espírito agitados.

Grace sorriu. De algum modo, não importa o que estivesse acontecendo no navio, Darcy — com seu jeito estranho e suas palavras estranhas — sempre a fazia sentir-se melhor.

— Darcy, preciso pedir um favor.

— Um favor, é? Bom, peça, e certamente vou pensar no seu pedido com muito cuidado e dar uma resposta *toute-sûte*.

Enquanto falava, ela foi em direção ao sino do navio.

— Espere! — gritou Grace.

Darcy parou e se virou.

— Por favor, seja paciente, Grace. Você sabe que é meu dever tocar o sino. É minha responsabilidade acordar a tripulação.

— É, eu sei. Esse é o favor que preciso pedir.

Darcy franziu o nariz e a testa.

— Estou meio confusa.

— Darcy, por favor, pode esperar um pouco para dar o Toque do Anoitecer? Quero trazer Lorcan aqui em cima, e achei que seria mais fácil se tivéssemos o convés só para nós.

— Ah, Grace. — O rosto de Darcy ficou frustrado. — Mas eu achava que você sabia. Lorcan não sobe mais ao convés. Está apavorado demais, depois do que aconteceu. Ele vive com medo da luz.

Grace confirmou com a cabeça.

— Eu sei, mas não vou desistir. Com sua ajuda, esta noite ele *vai* subir ao convés. Não vou aceitar um “não” como resposta.

Darcy deu um sorriso. Havia lágrimas em seus olhos. Ela entendia o que Grace queria fazer.

— Você é uma pessoa maravilhosa, Grace Tormenta. Uma amiga maravilhosa.

Uma amiga maravilhosa, pensou Grace. O que ela iria oferecer a Lorcan esta noite excedia até mesmo a oferta de um amigo. Olhou de novo e encontrou Darcy sorrindo.

— Claro que farei o que você pede. Só vou acender as lâmpadas, de modo que todas estejam prontas para mais tarde. Em seguida vou pôr um vestido bonito e seco, refazer o cabelo e a maquiagem. Meia hora seria tempo suficiente?

Grace assentiu.

— Seria. Obrigada, Darcy. Muito obrigada.

— De nada. Agora vá arrancar o tenente Furey da escuridão de sua cabine.

Grace confirmou com a cabeça, sorrindo, e voltou correndo pelo navio. Seguiu com objetividade mas em silêncio pelo corredor e desceu a escada até a cabine de Lorcan. Bateu à porta e, sem esperar resposta, empurrou-a.

Ele estava deitado nas sombras, com uma vela acesa debilmente ao lado da cama.

— Quem é? — perguntou Lorcan, a voz cansada, frágil e entrecortada.

— Sou eu, Grace.

— Ah — disse ele, a voz desprovida de emoção. — Veio fazer outra visita?

— Não — respondeu ela, aproximando-se da cama. — Não é uma visita. Dessa vez voltei mesmo.

As palavras atraíram a atenção dele e sua cabeça girou. O ferimento recebera um curativo novo e o tecido branco estava bem amarrado na nuca. A pele tinha uma palidez quase igual.

— Você disse que voltou de vez?

— Disse. — Ela estendeu a mão e tocou o braço dele. Lorcan tremeu ao toque, mas ela soube que a mensagem havia sido transmitida.

— Venha — disse. — É hora de levantar.

Ele balançou a cabeça.

— Estou cansado.

— Claro que está, Lorcan. Você não está se cuidando. Não quer sair da cabine. Parou de tomar sangue. Não é de espantar que não tenha energia. Venha, saia da cama! Vou levá-lo ao convés.

Ele se imobilizou.

— Não, Grace.

— Vai dar tudo certo. Sei que está com medo, mas vou ficar junto; em cada passo do caminho. A lua ainda nem saiu.

— Como pode estar escuro? Darcy não soou o Toque do Anoitecer. A não ser que eu tenha dormido na hora.

— Não. Ela ainda não tocou o sino porque eu pedi. Achei que seria mais fácil para você se o convés estivesse vazio.

Ele se ergueu um pouco, com algum esforço.

— Grace, você é muito gentil, mas não vou ao convés.

— Vai, sim — disse ela, parecendo muito mais decidida do que se sentia. E puxou as cobertas. — Venha! — disse com sua voz mais firme. Podia ver que agora ele estava pensando a respeito.

— Vai estar frio lá em cima — disse Lorcan.

— Por isso você vai usar sua capa. Agora ande, sente-se e vou ajudá-lo com os sapatos.

Sem se sentir abertamente otimista, ela deu as costas para ele por um momento e foi pegar as botas de Lorcan do outro lado da cabine. Quando encontrou as duas, virou-se de novo e o achou sentado, esperando. Seu coração disparou de felicidade. Queria chorar, mas precisava se manter forte e concentrada. Havia muita coisa a fazer em pouco tempo.

— Aí está — disse ela, pondo as botas no chão e se ajoelhando diante dele. Enfiou seu pé direito na bota e começou a apertar o cordão. Quando acabou, repetiu a operação com o esquerdo. Depois se levantou diante dele.

— Pronto. Agora você precisa se levantar.

Lorcan fez uma pausa, respirando fundo. Grace percebeu que ele estava mais fraco do que ela imaginava.

— Posso ajudar? — perguntou.

Ele assentiu lentamente. Grace ficou feliz em fazer aquilo, mas sentiu-se perturbada ao ver que ele estava muito mais fraco do que percebera. Fosse pela falta de sangue ou de exercício, Lorcan perderá toda a vitalidade anterior. Imaginou se ele conseguiria recuperá-la.

— Quando eu contar até três — disse, estendendo as mãos para ele. Segurou-as e sentiu seu toque mais gelado do que nunca.

— Um... dois... três!

Ele balançou para cima e se apoiou nos pés. Os dois cambalearam, inseguros, por um instante ou dois, e em seguida ele estava de pé. Devidamente de pé.

— Muito bem — disse ela, ajustando a camisa de Lorcan. — E agora vamos pôr sua capa.

Grace pegou a pesada capa na cadeira e pôs sobre os ombros dele. Começou a juntar os dois cordões para amarrá-los, mas ele balançou a cabeça.

— Deixe que eu faço.

— Está bem, claro. — Ela pôs os cordões nas mãos dele e recuou.

Os dedos de Lorcan lutaram com os cordões e, na primeira tentativa de dar um nó, falharam por completo. A capa escorregou dos ombros até o chão. Grace ficou de joelhos e pegou-a de novo, recolocando-a nos ombros dele.

— Obrigado — disse Lorcan, claramente embaraçado e frustrado.

Grace recuou de novo, morrendo de vontade de fazer o nó para ele, mas sabendo como era importante que ele fizesse sozinho aquela coisa pequena.

Foi uma tortura observá-lo com tanta dificuldade em amarrar os cordões pela quarta, quinta e sexta vez, mas Grace se recusou a desistir. A cada vez sussurrava palavras de encorajamento, puxava a capa para cima e devolvia os cordões. Ele não teria ganhado notas altas na aula de nós da capitã Quivers, pensou Grace, mas o laço acabou prendendo a capa no pescoço, e era isso que importava.

— Acho que você está pronto — disse Grace, abrindo a porta.

— Vamos devagar. Estou com os pés meio bambos ultimamente.

— Claro. — Grace passou o braço pelo dele. — É só se apoiar em mim.

E assim foram, muito devagar a princípio, pelo corredor e subindo a escada. A velocidade foi aumentando à medida que seguiam pelo segundo corredor, mas Lorcan se apoiou nela por todo o caminho, o corpo frágil e precisando de apoio.

— Estamos junto à porta do convés — disse ela, sentindo-o ficar tenso imediatamente. — Tudo bem, Lorcan. Verdade. Você vai ficar ótimo.

— Está mesmo escuro lá fora, não está?

— Está.

— Verifique de novo, para mim.

— Certo. — Ela abriu uma minúscula fresta na porta. Estava totalmente preto lá fora, a não ser pelas estrelas e a fina lua crescente.

— Está escuro — disse ela. — Ah, Lorcan, é uma linda noite escura. *Por favor*, venha para fora. — Grace manteve a porta aberta e esperou. — Se não quer fazer isso por você mesmo, faça por mim.

Ele assentiu e, estendendo a mão para se apoiar de novo, saiu para o ar noturno.

— Pronto — disse ela. — Você está do lado de fora. Qual é a sensação?

— É boa — respondeu ele, respirando fundo. — É boa.

Ela o levou até a amurada. Instintivamente Lorcan estendeu a mão para o metal. Segurou-se nele e se inclinou adiante, como fizera tantas vezes, erguendo o rosto para sentir a brisa do oceano.

— Senti falta disso.

— Eu voltei — disse Grace. — E agora você precisa voltar também.

— Como assim?

Ela suspirou. Era agora ou nunca.

— Você precisa começar a tomar sangue de novo. — Agora o coração de Grace estava martelando. Mas seu destino estava selado. Fora selado havia muito. Sem chance de retorno. — Estive com Shanti hoje cedo.

— Shanti — repetiu ele, como se o nome provocasse apenas uma lembrança remota.

— Sua doadora. Eu a vi e ela contou que você parou de compartilhar com ela.

Lorcan ficou quieto, o rosto com a atadura apertada levantado para o ar.

Ultimamente ele era mais difícil de ser decifrado do que o capitão e sua máscara.

— Você deve tomar sangue de novo. Se não for o de Shanti, então... então deve tomar o meu.

Lorcan se virou para ela. Ainda que boa parte de sua expressão estivesse bloqueada pela bandagem, Grace pôde ver que ele ficou chocado.

— Grace, eu nunca tomaria o seu sangue. Shanti é minha doadora...

Grace confirmou com a cabeça. Lágrimas desciam pelo seu rosto, mas não sabia se era de dor, júbilo ou alívio.

— Mas Shanti pensou que você não queria mais o sangue dela. Pensou que você talvez tomasse o meu. Que eu poderia me tornar sua nova doadora.

— E você teria feito isso por mim? — perguntou ele. Sua mão escorregou um pouco pela amurada. Encontrou a dela, as laterais dos dedos mindinhos pressionando um contra o outro.

— Você me salvou, Lorcan. Você me salvou, cuidou de mim e me protegeu. E, claro, eu faria o que fosse necessário para salvar você.

Ele baixou a cabeça.

— Fui tão idiota! — disse ele.

— Por quê? Como assim?

— Não achei que você fosse voltar. E senti sua falta. Senti muita falta.

As palavras a deixaram enregelada. Claro que sim. Mas ao mesmo tempo ela teve um enorme sentimento de responsabilidade. Será que ele de fato havia parado de tomar sangue não por desespero com a cegueira, e sim porque sentia falta dela? Grace jamais havia sido tão importante para alguém, além de Connor. Seus sentimentos eram uma mistura desconhecida de deleite e medo.

— Olhe para o oceano — disse ele. — O que você vê?

Ela olhou à distância.

— Vejo muito pouco, a não ser... a não ser as águas escuras continuando para sempre.

Ele assentiu.

— É assim, para mim. Mas não é apenas o oceano que se estende para sempre. É o tempo. Imagine se todo o oceano fosse uma colcha de retalhos de dias, noites, horas e minutos. Estendendo-se continuamente no tempo, sem fim. Imagine se você tivesse de enfrentar tudo isso sozinho.

— Mas você não está sozinho.

— Agora, não — respondeu ele, com a lateral do dedo pressionando o dela.

Ficaram ali por um tempo, sem falar nada. Lágrimas escorriam pelo rosto de Grace, mas ela deixou o vento secá-las.

— Estou com frio — disse, tremendo.

— Aqui. — Ele levantou os braços. — Venha para dentro da minha capa.

Ela chegou mais perto, encostando o corpo no dele enquanto Lorcan puxava a capa quente ao redor dos dois.

— Encoste-se em *mim* agora — disse ele, puxando-a mais para perto.

Ela sorriu.

— Vamos encontrar uma cura para você — disse Grace. — É para onde estamos viajando agora, você sabe. A um lugar chamado Santuário. Para encontrar um amigo do capitão, um homem chamado Mosh Zu Kamal.

Lorcan respirou fundo.

— É verdade? É verdade?

— O próprio capitão me disse. Ele não vai desistir de você, nem eu.

Lorcan sorriu.

— Bem-vinda de volta ao *Noturno*, Grace.

Ela girou a cabeça, perplexa.

— *Noturno*? O que é isso.

— Ora, o nome do navio, claro.

— Verdade? Eu nem sabia que ele tinha nome.

— Ah, bem, Grace. Há um milhão de mistérios a bordo deste navio, e você só começou a roçar a superfície deles. Acho melhor ficar mais um tempo, se quiser descobrir mais alguns.

Ela sorriu e se enfiou ainda mais no calor da capa.

— Sim, acho que vou fazer exatamente isso.

Fim

1 Piso tradicional japonês. O tatame tradicional é feito de palha de arroz prensada revestida com esteira de junco e faixa preta lateral. (N. da digitalizadora – by Say)

2 大小 Daisho: literalmente “grande e pequeno”, é o conjunto formado por duas espadas (katana e wakizashi) utilizado na Era Edo. Sendo a katana, cuja lâmina possui mais de 60,6 cm, utilizado no combate em lugares abertos, e o wakizashi, cuja lâmina possui de 30 a 60 cm, utilizado no combate em lugares fechados que restringem os movimentos. (N. da digitalizadora – by Say)

3 Zanshin é em resumo, um estado de atenção extrema a tudo que nos rodeia, relacionado não só à ação presente, mas no antes, durante e o depois das mesmas. (N. da digitalizadora – by Say)